

«Um livro carregado de um suspense psicológico sensacional.»

LEE CHILD



A
FILHA
do
PÂNTANO

Se tivesse crescido num isolamento total...
saberia distinguir o bem do mal?

KAREN DIONNE

HarperCollins

A
FILHA
PÂNTANO^{do}

KAREN DIONNE



Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

A filha do pântano

Título original: The Marsh King's Daughter

© 2017 by K Dionne Enterprises L.L.C.

Published by arrangement with Folio Literary Management, LLC and International Editors' Co.

© 2017, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.

Tradutora: Filipa Velosa

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: CalderónStudio

ISBN: 978-84-9139-141-8

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

Página de título
Créditos
Sumário
Dedicatória
Cita
Helena
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Agradecimentos

Para o Roger, por tudo.

Ser fecundo provoca a nossa queda; aquando da ascensão da geração seguinte, a anterior ultrapassou o seu apogeu. Os nossos descendentes tornam-se os nossos mais perigosos inimigos, para os quais não estamos preparados. Eles sobreviverão e arrebatam-nos o poder das mãos enfraquecidas.

CARL GUSTAV JUNG

Do seu ninho, no alto do telhado do castelo Viking, a cegonha conseguia ver um pequeno lago e um tronco de amieiro que jazia junto aos juncos e às margens verdes. Sobre a árvore, três cisnes batiam as asas e olhavam em redor.

Um deles desembarçou-se da plumagem e a cegonha reconheceu uma princesa do Egito. A cegonha ouviu-a dizer aos outros dois que cuidassem bem da plumagem de cisne enquanto ela mergulhava nas águas profundas para colher as flores que imaginou ter visto.

Os outros assentiram com a cabeça, pegaram no vestido de penas e voaram para longe com a plumagem de cisne.

— Mergulha agora! — gritaram. — Jamais voltarás a voar com a plumagem de cisne, jamais voltarás a ver o Egito; será aqui, no pântano, que permanecerás. — Dito isto, rasgaram a plumagem de cisne em mil pedaços. As plumas esvoaçaram quais flocos de neve e, então, as duas princesas traiçoeiras voaram para longe.

A princesa chorou e lamentou-se em voz alta; as suas lágrimas humedeceram o tronco do amieiro, que, na verdade, não era um tronco de amieiro, mas o Rei do Pântano em pessoa, aquele que vive e reina nos terrenos pantanosos. O tronco da árvore tornou-se redondo, e já não era uma árvore, enquanto ramos longos e pegajosos se esticavam a partir dele como braços.

A pobre criança ficou terrivelmente assustada e fez tenção de fugir. Correu para atravessar o terreno verde e lodoso, mas rapidamente se afundou, perseguida pelo tronco do amieiro. Grandes bolhas negras ergueram-se do lodo e, com elas se esfumaram quaisquer vestígios da princesa.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

Helena

Se vos dissesse o nome da minha mãe, reconhecê-lo-iam imediatamente. A minha mãe era famosa, embora nunca tivesse desejado sê-lo. A sua fama não era o género de fama que alguém quisesse ter. Jaycee Dugard, Amanda Berry, Elizabeth Smart: esse tipo de coisa, embora a minha mãe não fosse nenhuma delas.

Reconheceriam o nome da minha mãe se vo-lo dissesse e depois interrogar-se-iam (brevemente, porque os anos em que as pessoas se interessavam pela minha mãe foram-se há muito, tal como ela): onde estará agora? E não teve uma filha enquanto estava desaparecida? E o que foi feito da menina?

Podia contar-vos que tinha doze anos e a minha mãe vinte e oito quando nos resgataram do seu raptor, e que passei esses anos no que os jornais descrevem como uma quinta degradada, rodeada por um pântano, no meio da Península Superior do Michigan. Durante esse tempo, aprendi a ler graças a uma pilha de revistas da *National Geographic* dos anos cinquenta e a uma edição amarelecida da coletânea de poemas de Robert Frost, nunca fui à escola, nunca andei de bicicleta, nunca soube o que era eletricidade ou água canalizada. Que as únicas pessoas com quem falei durante esses doze anos foram a minha mãe e o meu pai. Que só soube que éramos prisioneiras quando deixámos de o ser.

Podia contar-vos que a minha mãe faleceu há dois anos e que, muito embora os meios de comunicação tenham difundido a sua morte, é provável que vos tenha passado ao lado, porque faleceu durante um ciclo noticioso repleto de histórias mais importantes. Posso dizer-vos o que os jornais não disseram: ela nunca se recuperou dos anos de cativeiro; não foi uma bonita, eloquente e expansiva representante da causa; a minha tímida e apagada ruína de mãe não assinou nenhum contrato para escrever um livro, não teve direito de ser capa da *Time*. A minha mãe encolheu-se para evitar a atenção da mesma forma que as folhas de araruta definham após uma geada.

Mas não vos direi o nome da minha mãe. Porque esta não é a história dela. É a minha.

— Espera aqui — digo à minha filha de três anos. Debruço-me através da janela aberta da carrinha para procurar, entre a cadeirinha de bebé e a porta do passageiro, o copo de plástico antifugas com sumo de laranja morno que ela arremessou num ataque de frustração. — A mamã já volta.

A Mari estica-se para pegar no copo como o cãozinho de Pavlov. Faz beicinho e as lágrimas caem-lhe. Eu apanho-o. Está cansada. Eu também estou.

— Uh, uh, uh — resmungo a Mari quando começo a afastar-me. Arqueia as costas e empurra o cinto de segurança como se fosse um colete de forças.

— Está quieta, eu volto já. — Semicerro os olhos e abano o dedo para que saiba que estou a falar a sério e dou a volta até à parte de trás da carrinha. Aceno ao rapaz que empilha caixas na plataforma de carga junto à entrada de serviço da *Markham's* (acho que se chama Jason), depois abro a parte traseira da carrinha para agarrar nas minhas primeiras duas caixas.

— Olá, Sra. Pelletier! — O Jason devolve o meu aceno com o dobro do entusiasmo que lhe mostrei. Levanto novamente a mão para ficarmos quites. Já desisti de lhe pedir que me trate por Helena.

Pum-pum-pum do interior da carrinha. A Mari está a bater com o copo de sumo contra o parapeito da janela. Calculo que esteja vazio. Bato com a palma da mão contra a caixa aberta da carrinha em resposta (*pum-pum-pum*) e a Mari sobressalta-se e vira-se para trás, com o cabelo fino de bebé a bater-lhe na cara como barbas de milho. Faço-lhe a minha melhor expressão carrancuda de «para com isso ou vais ver o que é bom para a tosse», depois levanto as caixas de cartão e coloco-as ao ombro. Eu e o Stephen temos, ambos, os olhos e o cabelo castanhos, tal como a nossa filha de cinco anos, a Iris, portanto ele ficou maravilhado com esta invulgar criança dourada que criámos, até eu lhe ter dito que a minha mãe era loura. É tudo o que sabe.

A *Markham's* é a penúltima entrega de quatro e o principal ponto de venda das minhas compotas e geleias, para além das encomendas que recebo *online*. Os turistas que fazem compras na *Markham's Grocery* apreciam a ideia de os meus produtos serem elaborados localmente. Disseram-me que muitos clientes compram vários frascos para levar para casa como prenda ou recordação. Prendo círculos de tecido axadrezado sobre as tampas com cordel de merceeiro e uso um código de cores de acordo com o conteúdo: vermelho para compota de framboesa, roxo para bagas de sabugueiro, azul para mirtilo, verde para geleia de tabua e mirtilo, amarelo para dente-de-leão, cor-de-rosa para maçã silvestre e cereja silvestre, estão a ver a ideia. Acho que as tampas têm um aspeto pateta, mas as pessoas parecem gostar delas. E, se quiser sobreviver numa zona tão deprimida economicamente como a Península Superior, tenho de dar às pessoas o que elas querem. Não é necessário ser um génio para chegar a essa conclusão.

Há muitos alimentos silvestres que poderia utilizar e muitas formas diferentes de os misturar, mas, por agora, fico-me pelas compotas e geleias. Qualquer negócio precisa de um foco. A minha imagem de marca é o desenho estilizado da planta de tabua que ponho em cada rótulo. Tenho praticamente a certeza de que sou a única pessoa que mistura raiz de tabua moída com mirtilos para fazer geleia. Não adiciono muito, apenas o suficiente para justificar a inclusão de *tabua* no nome. Quando era pequena, as espigas jovens de tabua eram o meu vegetal preferido. Ainda são. Todas as primaveras, atiro as botas altas de pesca e um cesto de vime para a caixa aberta da carrinha e dirijo-me para os pântanos que ficam a sul da nossa casa. O Stephen e as miúdas não lhes tocam, mas o Stephen não se importa de que as cozinhe,

desde que prepare apenas o suficiente para mim. Se se ferverem as espigas durante alguns minutos em água salgada, obtém-se um dos melhores vegetais que há. A textura é um pouco seca e farinhenta, portanto, agora como-as com manteiga, mas claro, quando era criança nunca tinha provado manteiga.

Apanho os mirtilos nas zonas onde as árvores foram abatidas, a sul da nossa casa. Nalguns anos a colheita de mirtilos é melhor do que noutros. Os mirtilos gostam de muito sol. Os índios costumavam incendiar a vegetação rasteira para melhorar a produção. Admito, já me senti tentada. Não sou a única pessoa que deambula pelas planícies durante a época do mirtilo, portanto, nas zonas mais próximas das antigas estradas dos madeireiros, a colheita esgota-se bastante depressa. Mas não me importo de me afastar dos caminhos mais utilizados e nunca me perco. Uma vez, estava tão longe, no meio do nada, que um helicóptero do Departamento de Recursos Naturais me viu e me fez sinal para que parasse. Depois de ter convencido os agentes de que sabia onde estava e o que estava a fazer, deixaram-me em paz.

— Está calor suficiente para si? — pergunta o Jason, enquanto se baixa para tirar a primeira caixa do meu ombro.

Faço um grunhido em jeito de resposta. Houve uma altura em que não faria a mínima ideia de como responder a uma pergunta assim. A minha opinião sobre o tempo não vai fazer com que ele mude, logo, porque é que alguém se há de importar com o que penso? Agora, sei que não tenho de responder, que isto é um exemplo daquilo a que o Stephen chama «conversa fiada», conversar por conversar, um preenchimento de espaço que não pretende comunicar nada importante ou com valor. Que é a forma como pessoas que não se conhecem bem falam umas com as outras. Ainda não percebo bem de que forma é que isto é melhor do que o silêncio.

O Jason ri-se como se lhe tivesse contado a melhor piada que ouviu em todo o dia, algo que o Stephen também insiste ser uma resposta apropriada, sendo irrelevante que eu não tenha dito nada de engraçado. Depois de ter deixado o pântano, tive muita dificuldade com as convenções sociais. Aperta a mão de uma pessoa quando a conheces. Não metas o dedo no nariz. Vai para o final da fila. Espera pela tua vez. Levanta a mão quando tiveres uma questão na aula e depois espera que o professor te dê autorização para a colocares. Não arroles nem soltes gases diante das outras pessoas. Quando fores convidada para casa de alguém, pede autorização antes de usares a casa de banho. Lembra-te de lavar as mãos e puxar o autoclismo quando o fizeres. Não consigo dizer-vos quantas vezes senti que toda a gente sabia a forma correta de fazer as coisas exceto eu. Em todo o caso, quem é que faz estas regras estúpidas? E por que motivo tenho de respeitá-las? E quais serão as consequências se não o fizer?

Deixo a segunda caixa no cais de carga e volto à carrinha para ir buscar a terceira. Três caixas, vinte e quatro frascos em cada, setenta e dois frascos no total, entregues de duas em duas semanas durante junho, julho e agosto. O meu lucro em cada caixa é de \$59,88, o que significa que, durante o verão, faço mais de mil dólares só com a *Markham's*. Não é de desprezar.

E sobre o facto de deixar a Mari sozinha na carrinha enquanto faço as entregas, sei o que as pessoas pensariam se soubessem. Especialmente sobre deixá-la sozinha com as janelas abertas. Mas não estou disposta a arriscar-me a deixar as janelas fechadas. Estou estacionada debaixo de um pinheiro e há uma brisa que sopra da baía, mas a temperatura tem estado quase nos trinta graus ao longo de todo o dia e sei como um carro se pode tornar rapidamente num forno.

Também tenho consciência de que alguém poderia facilmente debruçar-se através da janela aberta e levar a Mari, se quisesse. Mas decidi, há anos, que não vou criar as minhas filhas para temerem que o que aconteceu à minha mãe lhes possa acontecer a elas.

Uma última palavra sobre este assunto e depois termino. Garanto-vos que se alguém tem algum problema com a forma como crio as minhas filhas é porque nunca viveu na Península Superior do Michigan. Tenho dito.

De volta à carrinha, a Mari, uma verdadeira especialista na arte da fuga, desapareceu de vista. Vou até à janela do passageiro e olho lá para dentro. A Mari está sentada no chão a mascar, como se fosse pastilha elástica, o papel de celofane de um reбуçado que encontrou debaixo do banco. Abro a porta, tiro-lhe o papel da boca e enfio-o no bolso, depois seco os dedos nas calças de ganga e volto a prendê-la na cadeirinha. Uma borboleta esvoaça através da janela e aterra numa mancha de qualquer coisa pegajosa no tabliê. A Mari bate palmas e ri-se. Eu faço um sorriso rasgado. É impossível não o fazer. O riso da Mari é delicioso, uma gargalhada poderosa e natural que nunca me canso de ouvir. Como aqueles vídeos que as pessoas publicam no YouTube de bebés a rirem descontroladamente de coisas insignificantes, como um cão a saltar ou uma pessoa a rasgar tiras de papel: o riso da Mari é assim. A Mari é água com gás, sol dourado, o grasnar de patos-carolinos no céu.

Enxoto a borboleta e ponho a carrinha a trabalhar. O autocarro da Iris deixa-a na nossa casa a um quarto para as cinco. Normalmente, o Stephen toma conta das miúdas enquanto faço as minhas entregas, mas esta noite vai chegar tarde porque tem de mostrar um novo conjunto de provas fotográficas de faróis ao dono da galeria a quem vende as suas fotografias, no Soo. Sault Ste. Marie, que se pronuncia «Soo» e não «Salt», como diz muitas vezes quem não sabe, é a segunda maior cidade da Península Superior. Mas isso não quer dizer grande coisa. A cidade-irmã, no lado canadiano, é muito maior. Os habitantes de ambos os lados do rio de St. Mary chamam à sua cidade «O Soo». Vêm pessoas de todo o mundo visitar as Comportas do Soo e observar os gigantescos transportadores de minério de ferro a atravessá-las. São uma enorme atração turística.

Entrego a última caixa de compotas variadas na loja do *Gitche Gumee Agate and History Museum*, depois conduzo até ao lago e estaciono. Assim que a Mari vê a água, começa a agitar os braços:

— Águ-águ, águ-águ.

Sei que, com a sua idade, já devia dizer frases completas. Há um ano que a levamos, uma vez por mês, a um especialista em desenvolvimento infantil, em Marquette, mas até agora, isto é o melhor que consegue fazer.

Passamos a hora seguinte na praia. A Mari senta-se ao meu lado na gravilha quente da praia e livra-se do desconforto de um molar a nascer mascando um pedaço de madeira que limpei para ela na água. O ar está quente e parado, o lago calmo, com as ondas a rebentarem suavemente como água numa banheira. Depois de algum tempo, descalçamos as sandálias e caminhamos para dentro de água, salpicando-nos uma à outra para refrescar. O Lago Superior é o maior e mais profundo dos Grandes Lagos, portanto a água nunca fica quente. Mas, num dia como o de hoje, quem iria querer que ficasse?

Encosto-me para trás sobre os cotovelos. As pedras estão quentes. Com o calor que está hoje, é difícil acreditar que, quando eu e o Stephen trouxemos a Iris e a Mari a este mesmo local, há duas semanas, para ver a chuva de meteoros Perseidas, precisámos de sacos-cama e casacos. O Stephen achou um exagero quando os arrumei na parte de trás do *Cherokee*, mas, obviamente, ele não fazia ideia de como arrefece na praia depois do pôr do sol. Apertámo-nos os quatro dentro de um saco-cama duplo e deitámo-nos, com as costas na areia, a olhar para cima. A Iris contou vinte e três estrelas cadentes e pediu um desejo com cada uma, embora a Mari tenha dormitado ao longo da maior parte do espetáculo. Voltaremos daqui a duas semanas para ver a aurora boreal.

Endireito-me e olho para o relógio. Continua a ser difícil para mim estar nalgum sítio à hora certa. Quando uma pessoa é criada no campo como eu fui, o campo dita o que se faz e quando. Nunca tivemos relógio. Não havia motivo para tal. Estávamos tão sintonizados com o nosso ambiente quanto os pássaros, os insetos e os animais, guiados pelos mesmos ritmos circadianos. As minhas memórias estão

ligadas às estações. Nem sempre consigo recordar que idade tinha quando determinado acontecimento teve lugar, mas lembro-me da época do ano em que aconteceu.

Agora, sei que, para a maioria das pessoas, o ano civil começa a 1 de janeiro. Mas, no pântano, não havia nada no mês de janeiro que o distinguisse de dezembro, ou de fevereiro, ou de março. O nosso ano começava na primavera, no primeiro dia em que os malmequeres-dos-brejos desabrochavam. Os malmequeres-dos-brejos são plantas frondosas enormes, com uns sessenta centímetros ou mais de diâmetro, cobertas de centenas de flores de um amarelo vivo com alguns centímetros de largura. Há outras flores que desabrocham na primavera, como os lírios roxos e os rebentos das gramíneas, mas os malmequeres-dos-brejos são tão prolíferos que nada se compara àquele impressionante tapete amarelo. Todos os anos, o meu pai pegava nas botas altas de pesca, ia para o pântano e desenterrava uma planta. Colocava-a numa velha banheira de aço galvanizado semicheia de água e instalava-a no nosso alpendre das traseiras, onde brilhava como se ele nos tivesse trazido o sol.

Costumava desejar que o meu nome fosse Malmequer[1]. Mas tenho de me contentar com Helena, que explico muitas vezes pronunciar-se «Hel-LAI-na». Tal como muitas outras coisas, foi uma escolha do meu pai.

O céu reveste-se de um aspeto de final de tarde que avisa que chegou o momento de nos irmos embora. Olho para as horas e descubro, para meu horror, que o meu relógio interno não acompanhou o ritmo do relógio de pulso. Pego na Mari e nas nossas sandálias e corro para a carrinha. A Mari berra enquanto lhe aperto o cinto de segurança. Não discordo do seu protesto. Também gostaria de ter ficado mais tempo. Apresso-me a dar a volta até ao lado do condutor e giro a chave. O relógio do tabliê marca 4:37. Talvez consiga chegar a tempo. Por um triz.

Arranco velozmente do estacionamento e conduzo para sul pela M-77 tão depressa quanto me atrevo. Não há muitos carros da polícia na zona, mas, para os agentes que patrulham esta estrada, para além de multarem os condutores por excesso de velocidade, não têm muito que fazer. Apercebo-me da ironia da situação. Vou em excesso de velocidade porque estou atrasada. Ser parada por conduzir demasiado depressa vai fazer com que me atrase ainda mais.

A Mari desata numa birra completa enquanto conduzo. Bate com os pés, a areia voa por toda a carrinha, o copo antifugas faz ricochete no para-brisas e o ranho escorre-lhe pelo nariz. A Menina Malmequer Pelletier definitivamente não está feliz. Neste momento, eu também não.

Sintonizo o rádio na emissora pública da Universidade do Norte de Michigan, em Marquette, na esperança de que a música a distraia (ou a abafe). Não sou fã de música clássica, mas esta é a única estação que se ouve bem.

Em vez disso, apanho um alerta noticioso:... *fugitivo... raptor de crianças... Marquette...*

— Está calada — grito, e aumento o volume.

Refúgio Nacional da Vida Selvagem de Seney... armado e perigoso... não o aborde. Inicialmente, é só isso que consigo perceber.

Preciso de ouvir mais. O refúgio fica a menos de cinquenta quilómetros da nossa casa.

— Mari, para!

A Mari pestaneja até ficar em silêncio. O comunicado repete:

Uma vez mais, a polícia estatal informa que um presidiário condenado a prisão perpétua sem liberdade condicional por rapto de menores, violação e homicídio fugiu da prisão de segurança máxima de Marquette, no Michigan. O presidiário terá assassinado dois guardas quando estava a ser transferido para a prisão e fugido para o Refúgio Nacional da Vida Selvagem de Seney a sul da M-28.

NÃO o aborde, repetimos, NÃO o aborde. Se observar algo suspeito, entre imediatamente em contacto com as autoridades. O presidiário, Jacob Holbrook, foi condenado pelo rapto de uma jovem que manteve em cativeiro durante doze anos, num caso de grande notoriedade que mereceu a atenção de todo o país...

O meu coração para. Não consigo ver. Não consigo respirar. Não consigo ouvir nada sobre o som do sangue a fluir nos meus ouvidos. Diminuo a velocidade e encosto cuidadosamente na berma. A minha mão treme enquanto a estico para desligar o rádio.

O Jacob Holbrook fugiu da prisão. O Rei do Pântano. O meu pai.

E ainda por cima fui eu quem o pôs na prisão.

[1] «*Marigold*» no original. (N.T.)

Volto à estrada, deixando para trás uma nuvem de pó. Duvido que alguém esteja a patrulhar este troço da autoestrada, tendo em conta tudo o que está a acontecer cinquenta quilómetros a sul e, mesmo que esteja, ser parada por excesso de velocidade é agora a menor das minhas preocupações. Tenho de chegar a casa, tenho de ter as minhas duas filhas debaixo de olho, tenho de saber que estão comigo e que estão seguras. De acordo com o alerta noticioso, o meu pai está a dirigir-se para longe da minha casa e para o interior do refúgio da vida selvagem. Só que eu sei que não está. O Jacob Holbrook que eu conheço nunca seria tão óbvio. Aposto qualquer quantia de dinheiro que, depois de uns três quilómetros, a equipa de busca vai perder o seu rasto, se é que já não o perdeu. O meu pai é capaz de atravessar o pântano como um espírito. Não deixaria um rasto para que a equipa de busca o seguisse a não ser que quisesse ser seguido. Se o meu pai quer que as pessoas que andam à procura dele pensem que está no refúgio da vida selvagem, então não o vão procurar no pântano.

Aperto o volante. Imagino o meu pai à espreita entre as árvores, enquanto a Iris sai do autocarro e começa a subir o caminho até à nossa casa, e carrego com mais força no acelerador. Vejo-o a saltar de trás das árvores e a agarrá-la assim que o condutor arrancar, da mesma forma que costumava pular dos arbustos quando eu saía da casa de banho exterior para me assustar. O meu temor pela segurança da Iris não é lógico. De acordo com o alerta noticioso, o meu pai fugiu entre as quatro e as quatro e um quarto e são agora cinco menos um quarto; é impossível que tenha viajado cinquenta quilómetros a pé em meia hora. Mas isso não torna o meu medo menos real.

O meu pai e eu não falamos há quinze anos. O mais provável é que ele não saiba que mudei de apelido quando fiz dezoito anos porque não aguentava mais ser conhecida apenas pelas circunstâncias em que cresci. Ou que, quando os seus pais faleceram, há oito anos, me deixaram a sua propriedade em testamento. Ou que usei a maior parte da herança para arrasar a casa onde ele cresceu e que instalei no terreno uma casa móvel. Ou que agora vivo aqui com o meu marido e duas filhas pequenas. As netas do meu pai.

Mas talvez saiba. Depois de hoje, tudo é possível. Porque, hoje, o meu pai fugiu da prisão.

Estou um minuto atrasada. Decididamente não mais de dois. Estou encurralada atrás do autocarro escolar da Iris com a ainda guinchante Mari. A Mari está num estado tal que duvido que se lembre do que o originou. Não posso ultrapassar o autocarro, contornando-o e entrando no caminho para a nossa casa, porque o sinal de STOP está esticado e as luzes vermelhas estão a piscar. É irrelevante que o meu seja o único veículo na autoestrada para além do autocarro e que a criança que o condutor está a deixar seja a minha filha. Como se eu pudesse atropelar acidentalmente a minha própria filha.

A Iris sai do autocarro. Consigo ver pela forma desalentada como sobe penosamente o caminho vazio até à nossa casa que pensa que me esqueci novamente de chegar a casa a horas para a receber.

— Olha, Mari. — Aponto. — Olha a nossa casa. Olha a mana. Chiiiu. Estamos mesmo a chegar.

A Mari segue o meu dedo e, quando vê a irmã, cala-se imediatamente. Soluça. Sorri.

— Iris! — Nem «I-I», nem «I-Ma» nem «mana», nem mesmo «I-uis», mas «Iris», claro como a água. Vá-se lá entender.

Finalmente, o condutor decide que a Iris está suficientemente longe da autoestrada para desligar as luzes de prudência e a porta fecha-se com um assobio. No preciso segundo em que o autocarro começa a mover-se, viro rapidamente para o caminho de acesso à nossa casa e estaciono. Os ombros da Iris endireitam-se. Acena, sorri, radiante. A mamã está em casa e o mundo dela volta a encarrilar-se. Quem me dera poder dizer o mesmo do meu.

Desligo o motor e dou a volta até ao lado do passageiro para apertar as sandálias da Mari. Assim que os seus pés tocam no chão, sai disparada, atravessando a correr o jardim em frente da casa.

— Mamã! — A Iris corre para mim e abraça-me as pernas. — Pensava que não estavas cá. — Diz isto não como uma acusação, mas como a constatação de um facto. Esta não é a primeira vez que desiludo a minha filha. Quem me dera poder prometer-lhe que será a última.

— Está tudo bem. — Aperto-lhe o ombro e dou-lhe uma palmadinha no cocuruto. O Stephen está sempre a dizer-me que devia abraçar mais as nossas filhas, mas o contacto físico é difícil para mim. A psiquiatra que o tribunal me atribuiu depois de eu e a minha mãe termos sido resgatadas disse que eu tinha problemas de confiança e obrigou-me a fazer exercícios para recuperar a mesma, como fechar os olhos, cruzar os braços sobre o peito e deixar-me cair para trás, sem nada para me agarrar exceto a sua promessa. Quando resisti, ela disse que eu estava a ser beligerante. Mas eu não tinha problemas de confiança. Simplesmente, achava que os exercícios eram estúpidos.

A Iris solta-me e corre atrás da irmã para dentro de casa. A casa não está trancada. Nunca está. As pessoas do Sul do Estado que são proprietárias das grandes casas de verão na falésia, com vista para a baía, mantêm as casas trancadas e com as persianas fechadas, mas nós, os restantes, nunca nos damos a esse trabalho. Se um ladrão tivesse de escolher entre uma mansão isolada e sem ninguém, cheia de aparelhos eletrónicos caros, e uma casa móvel à vista da autoestrada, todos sabemos qual escolheria.

Mas, agora, tranco a porta de casa e dirijo-me para o jardim ao lado da casa para me assegurar de que o Rambo tem comida e água. O Rambo corre ao longo da corda que pendurámos entre dois pinheiros abana a cauda quando me vê. Não ladra porque o ensinei a não o fazer. O Rambo é um *Plott Hound* malhado, preto e castanho, com orelhas caídas e uma cauda como um chicote. Todos os outonos, costumava levar o Rambo comigo e com dois outros caçadores e respetivos cães para caçar ursos, mas tive de o reformar há dois invernos, depois de um urso se ter perdido e ter entrado no nosso quintal das traseiras, e ele ter decidido enfrentá-lo sozinho. Um combate entre um cão de vinte quilos e um urso-negro de duzentos e vinte e cinco não é um combate equilibrado, independentemente do que o cão achar. A maioria das pessoas não se apercebe imediatamente de que o Rambo tem apenas três pernas, mas, com um grau de incapacidade de vinte e cinco por cento, não estou disposta a levá-lo novamente para o campo. Depois de ter começado a perseguir veados no inverno passado por estar aborrecido, tivemos de começar a mantê-lo preso. Por aqui, um cão com a reputação de importunar veados pode ser imediatamente abatido a tiro.

— Temos bolachas? — grita a Iris da cozinha. Está à espera na mesa, pacientemente, com as costas direitas e as mãos unidas, enquanto a irmã procura migalhas no chão para comer. A professora da Iris deve adorá-la, mas esperem até ela conhecer a Mari. Não é a primeira vez que me interrogo como é que duas pessoas tão diferentes podem ter nascido dos mesmos pais. Se a Mari é fogo, a Iris é água. Uma seguidora e não uma líder; uma criança pacata e hipersensível, que prefere ler a correr, que adora os seus amigos imaginários tanto quanto eu, em tempos, adorei os meus e que leva a mais leve repreensão demasiado a peito. Detesto ter-lhe causado aquele momento de pânico. A Iris, *a Bondosa*, já me perdoou e esqueceu, mas eu não. Eu nunca esqueço.

Entro na despensa e tiro um pacote de bolachas da prateleira de cima. Sem dúvida que a minha pequena salteadora Viking, um dia, tentará trepá-la, mas a Iris, *a Obediente*, nunca pensaria em fazê-lo.

Coloco quatro bolachas num prato, sirvo dois copos de leite e dirijo-me à casa de banho. Abro a torneira e borriço a cara com uma mão cheia de água. Ao ver a minha expressão no espelho, apercebo-me de que tenho de me controlar. Assim que o Stephen chegar a casa, confesso-lhe tudo. Entretanto, não posso deixar que as minhas filhas percebam que há algo errado.

Depois de terminarem o leite e as bolachas, mando-as para o quarto para poder acompanhar as notícias sem que elas ouçam. A Mari é demasiado nova para entender o significado de termos como «fuga da prisão» ou «caça ao homem» ou «armado e perigoso», mas a Iris talvez entenda.

A CNN está a mostrar uma longa filmagem de um helicóptero a rasar as árvores. Estamos tão perto da área de busca que poderia praticamente ir lá para fora, colocar-me no alpendre na frente e ver o mesmo helicóptero. Um aviso da polícia estatal a passar no fundo do ecrã apela a que toda a gente permaneça dentro de casa. Fotografias dos guardas assassinados, fotografias da carrinha prisional vazia, entrevistas com as famílias enlutadas. Uma fotografia recente do meu pai. A vida na prisão não tem sido gentil. Fotografias da minha mãe quando era nova e já como uma mulher de rosto chupado. Fotografias da nossa cabana. Fotografias minhas com doze anos. Ainda não houve qualquer referência a Helena Pelletier, mas é uma questão de tempo.

A Iris e a Mari vêm a correr a passos miúdos pelo corredor. Tiro o som à televisão.

— Queremos ir brincar lá para fora — diz a Iris.

— Fora — ecoa a Mari. — Lá.

Pondero. Não há qualquer razão lógica para fazer as miúdas ficarem cá dentro. O espaço onde brincam está rodeado por uma cerca metálica com um metro e oitenta de altura e consigo ver toda a área da janela da cozinha. O Stephen instalou a cerca depois do incidente com o urso.

«Meninas dentro, animais fora», disse ele com satisfação quando os empreiteiros terminaram, limpando o pó das mãos na parte de trás das calças como se tivesse sido ele próprio a colocar os postes. Como se fosse assim tão simples manter os filhos em segurança.

— Está bem — digo eu. — Mas só durante uns minutos.

Abro a porta das traseiras e solto-as, depois pego numa embalagem de macarrão com queijo do armário e tiro uma alface e um pepino do frigorífico. O Stephen enviou uma mensagem há uma hora a dizer que está atrasado e que vai comer qualquer coisa pelo caminho, portanto é uma embalagem de macarrão com queijo para as miúdas e salada para mim. Não gosto *mesmo nada* de cozinhar. As pessoas podem achar isso estranho, tendo em conta como ganho a vida, mas uma pessoa tem de trabalhar com o que tem. Os mirtilos e os morangos cresciam na nossa cumeeira. Aprendi a fazer geleia e compota. Ponto final. Não há muitos trabalhos que exijam aptidões em pesca no gelo ou esfolamento de castores. Chegaria ao extremo de dizer que odeio cozinhar, mas ainda consigo ouvir a repreensão suave do meu pai: «Ódio é uma palavra muito forte, Helena».

Despejo a caixa de massa na panela de água a ferver com sal e espreito pela janela para ver como estão as miúdas. A quantidade de *Barbies*, *Pequenos Póneis* e princesas da *Disney* espalhados pela zona de brincar deixa-me doente. Como é que a Iris e a Mari poderão desenvolver qualidades como a paciência e o autocontrolo quando o Stephen lhes dá tudo o que querem? Quando era pequena, nem sequer tinha uma bola. Fazia os meus próprios brinquedos. Desfazer plantas de cavalinha e voltar a encaixar os pedaços era tão educativo como esses brinquedos em que os bebés têm de fazer corresponder formas a buracos. E, depois de uma refeição de espigas jovens de tabua, restava, no prato, um monte do que a minha mãe costumava dizer que pareciam agulhas de tricotar de plástico, mas, para mim, eram espadas. Espetava-as na areia em frente da porta das traseiras como se fossem as paliçadas de um forte onde os meus guerreiros feitos de pinhas travavam épicas batalhas.

Antes de os jornais de supermercado me terem feito cair no esquecimento, as pessoas costumavam

perguntar-me qual era a coisa mais incrível/espantosa/inesperada que tinha descoberto depois de me ter juntado à civilização. Como se o mundo delas fosse muito melhor do que o meu. Ou fosse sequer civilizado. Poderia facilmente argumentar contra o uso legítimo dessa palavra para descrever o mundo que descobri depois dos doze anos: guerra, poluição, ganância, crime, crianças famintas, ódio racial, violência étnica, e isso só para começar. Era a Internet? (Incompreensível). A comida de plástico? (Um gosto facilmente adquirido). Os aviões? (Por favor: o meu conhecimento sobre a tecnologia ao longo dos anos cinquenta era sólido, e será que as pessoas pensam mesmo que nunca passaram aviões sobre a nossa cabana?). As viagens espaciais? (Admito que ainda tenho dificuldade com este assunto. A ideia de doze homens terem caminhado na lua continua a ser inconcebível para mim, embora tenha visto as gravações).

Queria sempre dar a volta à questão. Sabes dizer-me a diferença entre a grama, o junco e o capim? Sabes que plantas silvestres se podem comer e como as preparar? Consegues atingir um veado naquele pedaço de couro castanho por baixo do ombro, para que caia no local onde se encontra e não tenhas de passar o resto do dia a seguir-lhe o rasto? Consegues montar uma armadilha para um coelho? Consegues esfolar e limpar um coelho depois de o caçares? Consegues assá-lo numa fogueira para que a carne fique cozinhada no meio, enquanto o exterior fica deliciosamente tostado e estaladiço? Já agora, para começar, consegues acender uma fogueira sem fósforos?

Porém, aprendo depressa. Não demorei muito a perceber que as minhas habilidades eram seriamente menosprezadas pela maioria das pessoas. E, muito francamente, o mundo delas proporcionou-me algumas maravilhas tecnológicas bastante espantosas. O sistema de canalização das casas aparece nos lugares de topo dessa lista. Mesmo agora, quando lavo a louça ou preparo um banho para as miúdas, gosto de ficar com as mãos debaixo da corrente, embora tenha o cuidado de o fazer apenas quando o Stephen não está por perto. Poucos homens estariam dispostos a aceitar o facto de eu passar a noite sozinha na floresta em expedições à cata de alimentos, ou de ir à caça de ursos, ou de comer tabua. Não quero abusar.

Aqui está a resposta sincera: a descoberta mais espantosa que fiz depois de eu e a minha mãe termos sido resgatadas foi a eletricidade. É difícil entender, agora, como conseguimos viver todos aqueles anos sem ela. Observo as pessoas a carregarem despreocupadamente os seus *tablets* e telemóveis e a verem televisão e lerem livros eletrónicos até tarde, e parte de mim ainda fica maravilhada. Ninguém que tenha crescido com eletricidade pensa duas vezes em como seria viver sem ela, exceto nas raras ocasiões em que uma tempestade provoca um corte de energia, obrigando as pessoas a procurarem apressadamente velas e lanternas.

Imaginem o que é nunca ter energia. Não ter pequenos eletrodomésticos. Não ter frigorífico. Não ter máquina de lavar nem de secar. Não ter ferramentas elétricas. Levantávamo-nos quando clareava e íamos para a cama quando escurecia. Dias de dezasseis horas no verão, dias de oito horas no inverno. Com eletricidade, poderíamos ter ouvido música, poderíamos ter-nos refrescado com ventoinhas, aquecido os recantos mais frios dos quartos. Bombeado água do pântano. Poderia facilmente viver sem televisão e sem computadores. Abdicaria até do telemóvel. Mas, se há coisa de que sentiria falta se tivesse de viver sem ela agora seria a eletricidade, sem dúvida.

Ouço um grito vindo do quintal. Estico o pescoço. Nem sempre consigo perceber pelo tom dos gritos das minhas filhas se as suas emergências são triviais ou reais. Uma verdadeira emergência envolveria baldes de sangue a jorrarem de uma ou de ambas as miúdas ou um urso-negro a bisbilhotar em redor da cerca. Trivial seria a Iris agitar as mãos e gritar como se tivesse comido veneno para ratos, enquanto a Mari bate palmas e se ri.

— Abelha! Abelha! — Outra palavra que diz sem qualquer dificuldade.

Eu sei. É difícil acreditar que uma mulher que foi criada sob o que foram, indiscutivelmente, condições extremas de sobrevivência em território selvagem tenha produzido uma filha que tem medo de insetos,

mas aí está. Desisti de levar a Iris comigo para o campo. A única coisa que faz é queixar-se do pó e dos cheiros. Até agora, estou a ter melhores resultados com a Mari. Não é suposto um progenitor preferir um filho em detrimento de outro, mas por vezes é difícil não o fazer.

Fico de pé junto à janela até que a abelha se retira sensatamente para um espaço aéreo mais calmo e as miúdas sossegam. Imagino o avô a observá-las do outro lado do jardim, por trás da fila de árvores. Uma menina loura, outra morena. Sei qual delas escolheria.

Abro a janela e chamo as miúdas para virem para dentro.

Assim que levanto os pratos da mesa, dou banho à Mari e à Iris e meto-as na cama, sobrepondo-me às suas objeções. Todas sabemos que é demasiado cedo. Evidentemente, irão rir-se e falar durante horas até adormecerem, mas, desde que fiquem na cama e fora da sala de estar, não me importo.

Regresso à sala a tempo de apanhar o noticiário das seis. Passaram duas horas desde que o meu pai fugiu e ainda não houve relatos de qualquer avistamento, o que, na verdade, não me surpreende. Continuo a achar que ele não está sequer perto do refúgio da vida selvagem. O mesmo terreno que torna difícil realizar buscas no refúgio torna difícil fugir para o seu interior. Dito isto, o meu pai nunca faz nada sem um objetivo. Existe uma razão para ter fugido onde fugiu. Tenho simplesmente de descobrir qual é.

Antes de mandar arrasar a casa dos meus avós, costumava vaguear pelas divisões à procura de informações sobre o meu pai. Queria saber como é que alguém passa de criança a pedófilo. As transcrições do julgamento oferecem alguns pormenores: o meu avô Holbrook era um Ojívua[2] de sangue puro a quem deram um nome não-nativo quando o mandaram para um colégio interno[3] para crianças indígenas. A minha avó pertencia a uma comunidade de finlandeses que viviam na região Noroeste da Península Superior e trabalhavam nas minas de cobre. Os meus avós conheceram-se e casaram quando tinham quase quarenta anos e o meu pai nasceu cinco anos depois. A defesa retratou os pais do meu pai como uns perfeccionistas demasiado velhos e rígidos para se adaptarem às necessidades do seu turbulento rapazinho, que castigavam à mínima infração. Encontrei um pau de cedro utilizado para castigos no casebre da lenha, com a parte da pega suavizada pelo desgaste do uso, portanto sei que esta parte é verdade. Num esconderijo debaixo de uma tábua solta no armário do seu quarto, encontrei uma caixa de sapatos com um par de algemas, um ninho de cabelos louros, que presumi serem da escova da sua mãe, com um batom e um brinco de pérola enfiados lá dentro como se fossem ovos de pássaro, e um par de cuecas brancas de algodão que presumi serem também dela. Posso imaginar o que a acusação teria feito com aquilo.

O resto das transcrições não revela muito. Os pais do meu pai expulsaram-no de casa depois de ele ter desistido da escola no décimo ano. Cortou madeira durante algum tempo, depois alistou-se no Exército, de onde foi dispensado desonrosamente, após pouco mais de um ano, porque não se entendia com os outros soldados e não dava ouvidos aos comandantes. A defesa alegou que nada disso era culpa do meu pai. Ele era um jovem inteligente cujas asneiras se justificavam pois só procurava o amor e a aceitação que os pais nunca lhe brindaram. Não tenho tanta certeza disso. O meu pai podia ser conhecedor em matéria de vida selvagem, mas, honestamente, não me lembro de uma única ocasião em que se tenha sentado e lido uma das *Geographics*. Por vezes pergunto-me se saberia fazê-lo. Nem sequer se dava ao trabalho de olhar para as imagens.

Nada apontava para o pai que eu conhecia, até ter encontrado o seu equipamento de pesca de trutas num saco de serapilheira pendurado nas vigas da cave. O meu pai costumava contar histórias sobre como pescava no rio Fox quando era miúdo. Conhecia os melhores locais para pescar. Uma vez, até fez de guia para uma equipa de televisão do *Michigan Out of Doors*. Desde que encontrei o seu equipamento, pesquei no East Branch e no afluente principal do rio Fox muitas vezes. A cana do meu pai tem uma ação boa, rápida. Com uma linha de pesca flutuante para um peso de um ou dois quilos, por vezes três se estiver a pescar com mosca ou com amostras, normalmente venho para casa com o cesto cheio. Não sei

se sou tão boa pescadora de trutas como o meu pai, mas gosto de pensar que sim.

Penso nas histórias de pesca do meu pai enquanto as notícias continuam a passar. Se eu assassinasse dois homens para sair da prisão sabendo que a minha fuga provocaria uma das maiores caças ao homem na história do Michigan, não andaria a chafurdar cegamente pelo pântano. Iria para um dos poucos lugares na Terra onde fui feliz.

Falta um quarto para as nove. Estou sentada no alpendre da frente da nossa casa à espera do Stephen e a esborrachar mosquitos. Não faço ideia de como irá reagir às notícias de que o presidiário fugitivo é o meu pai, mas sei que não será bonito. O meu marido moderado, fotógrafo de natureza, raramente perde a paciência (uma das coisas que me atraiu nele inicialmente), mas toda a gente tem os seus limites.

O Rambo está estendido nas tábuas do alpendre ao meu lado. Há oito anos, quando ele era cachorro, conduzi até aos criadores de *Plotts*, na Carolina do Norte, para o ir buscar. Isso foi muito antes de ter o Stephen e as miúdas. É, sem dúvida, cão de uma pessoa só. Não que não protegesse o Stephen ou as miúdas se a ocasião o exigisse. Os *Plott Hounds* são absolutamente destemidos, tanto que os fãs da raça dizem que são os guerreiros ninja do mundo canino, o cão mais resistente do mundo. Mas, se a situação chegasse a um extremo e toda a minha família estivesse em perigo, o Rambo iria proteger-me a mim primeiro. As pessoas que gostam de ver os animais de forma romântica chamar-lhe-iam amor, lealdade ou devoção, mas trata-se simplesmente da sua natureza. Os *Plotts* são criados para guardarem a caça durante dias seguidos, para se sacrificarem a si próprios antes de fugirem de uma luta. Ele não consegue evitar ser o que é.

O Rambo ladra e levanta as orelhas. Inclino a cabeça. Consigo discernir grilos, cigarras, o sopro do vento através dos pinheiros, um restolhar na caruma em baixo, provavelmente de um rato ou de um musarinho, o «hu-hu-hu-cuhu»^[4] de uma coruja-barrada a piar do outro lado do prado entre a nossa casa e a dos vizinhos, os cacarejos e grasnidos de duas garças-noturnas que nidificam no pântano atrás da nossa casa e o silvo *dopplerizado* de um carro na autoestrada a passar num zumbido pela nossa casa, mas para os supersentidos caninos do Rambo, a noite é rica em sons e cheiros. Gane sob a respiração e as patas da frente contraem-se, mas, fora isso, não se mexe. Não o fará a não ser que eu ordene. Treinei-o para que responda tanto a comandos de voz como a gestos. Coloco-lhe a mão na cabeça e ele torna a pousá-la sobre o meu joelho. Nem tudo o que vagueia pela escuridão precisa de ser investigado e perseguido.

Claro que estou a falar do meu pai. Sei que o que fez à minha mãe foi mau. E matar dois guardas para fugir da prisão é imperdoável. Mas uma parte de mim (uma parte que não é maior do que um único grão de pólen de uma única flor de um único caule de uma gramínea do pântano, a parte de mim que será sempre a menina de tranças que idolatrava o pai) está feliz pelo facto de o meu pai estar livre. Passou os últimos treze anos na prisão. Tinha trinta e cinco quando raptou a minha mãe, cinquenta quando saímos do pântano, cinquenta e dois quando foi capturado e condenado. Este novembro, fará sessenta e seis anos. O Michigan não é um Estado com pena de morte, mas, quando penso no meu pai a passar os próximos dez, vinte, possivelmente até trinta anos na prisão, se viver tanto quanto o seu pai, penso que talvez devesse ser.

Depois de termos deixado o pântano, toda a gente esperava que odiasse o meu pai pelo que fez à minha mãe, e odiei-o. Odeio-o. Mas também tive pena dele. Ele queria uma esposa. Nenhuma mulher no seu perfeito juízo se teria juntado a ele, voluntariamente, naquele ermo. Se olharmos para a situação do seu ponto de vista, o que poderia ter feito mais? Era doente mental, sumamente imperfeito, tão imerso na sua *persona* selvagem de nativo americano que não conseguiria ter resistido a raptar a minha mãe nem que

quisesse. Os psiquiatras, quer do lado da defesa, quer do lado da acusação, até concordaram no diagnóstico (transtorno de personalidade antissocial), embora a defesa tenha alegado fatores atenuantes, como a lesão traumática no cérebro que sofreu por ter sido repetidamente atingido na cabeça quando era novo.

Mas eu era uma criança. Eu amava o meu pai. O Jacob Holbrook que eu conheci era esperto, engraçado, paciente e bondoso. Cuidou de mim, alimentou-me e vestiu-me, ensinou-me tudo o que precisava de saber, não apenas para sobreviver no pântano, mas para prosperar. Para além disso, estamos a falar dos acontecimentos que redundaram na minha existência, portanto não posso exatamente dizer que os lamento, pois não?

A última vez que vi o meu pai, estava a sair do tribunal do Condado de Marquette a arrastar os pés, algemado de pés e mãos, a caminho de ser encarcerado com outros mil homens. Não assisti ao julgamento (o meu testemunho foi considerado pouco credível, devido à minha idade e à forma como fora criada, e desnecessário porque a minha mãe foi capaz de fornecer à acusação provas mais do que suficientes para meter o meu pai na prisão durante uma dúzia de vidas), mas os pais da minha mãe trouxeram-me de Newberry no dia em que foi proferida a sentença do meu pai. Acho que esperavam que, se eu visse o meu pai receber o que merecia pelo que fez à filha deles, viesse a odiá-lo tanto quanto eles. Foi também nesse dia que conheci os meus avós paternos. Imaginem a minha surpresa quando descobri que a mãe do homem que eu sempre vira como Ojívua era loura e branca.

Desde esse dia, passei de carro pela Prisão de Marquette pelo menos uma centena de vezes, cada vez que levo a Mari à consulta do especialista, ou que levo as miúdas às compras, ou quando vamos a Marquette ao cinema. A prisão não é visível da autoestrada. Os transeuntes veem apenas um caminho sinuoso delimitado por dois muros de pedra antigos; parece a entrada para uma propriedade pertencente a uma família abastada tradicional que conduz, através das árvores, a uma escarpa rochosa com vista para a baía. Os edifícios administrativos, feitos de grés, fazem parte do registo histórico do Estado e datam do mesmo ano da abertura da prisão, em 1889. O setor de segurança máxima, onde o meu pai foi encarcerado, é constituído por seis unidades de habitação com celas únicas de nível cinco, rodeadas por um muro de pedra com uma espessura de seis metros, coroado por uma cerca de arame farpado de três metros. O perímetro é monitorizado por oito torres de tiro, cinco delas equipadas com câmaras para observar também a atividade no interior das unidades de habitação. Ou, pelo menos, é que diz a Wikipédia. Nunca estive lá dentro. Vi a prisão uma vez, usando a vista de satélite do Google Earth. Não havia presidiários no pátio.

E, agora, a população da prisão tem menos uma pessoa. O que significa que, daqui a poucos minutos, terei de contar a verdade ao meu marido, toda a verdade e nada mais do que a verdade, acerca de quem sou e das circunstâncias em redor do meu nascimento, com a ajuda de Deus.

Como se fosse um sinal, o Rambo ladra um aviso. Segundos mais tarde, luzes de faróis varrem o quintal. As luzes exteriores acendem-se, enquanto um jipe entra no caminho de acesso à nossa casa e estaciona. Não é o *Cherokee* do Stephen; este veículo tem uma barra de luz em cima e o logotipo da polícia estatal de lado. Por uma fração de segundos, permito-me acreditar que posso responder às questões dos agentes e livrar-me deles antes de o Stephen chegar a casa. Mas eis que o *Cherokee* aparece imediatamente a seguir. As luzes interiores de ambos os veículos se acendem em simultâneo. Vejo a perplexidade do Stephen transformar-se em pânico quando vê os uniformes dos agentes. Corre na minha direção, atravessando o jardim.

— Helena! Estás bem? As miúdas? O que é que se passa? Vocês estão bem?

— Estamos todas bem. — Faço um sinal ao Rambo para que fique onde está e desço os degraus do alpendre para me encontrar com ele enquanto os agentes se aproximam.

— Helena Pelletier? — pergunta o agente responsável pelo caso. É jovem, aproximadamente da minha idade. O parceiro parece ainda mais novo. Indago-me sobre quantas pessoas terão interrogado. Quantas vidas as suas questões terão arruinado. Assinto com a cabeça e procuro a mão do Stephen. — Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas sobre o seu pai, Jacob Holbrook.

A cabeça do Stephen vira-se bruscamente para o lado:

— O teu pa... Helena, o que é que se passa? Não estou a perceber. O presidiário fugitivo é *teu pai*?

Assinto novamente com a cabeça. Um gesto que espero que o Stephen considere como uma desculpa e como uma confissão. *Sim, o Jacob Holbrook é o meu pai. Sim, menti-te desde o dia em que nos conhecemos. Sim, o sangue desse homem malévolo corre nas minhas veias e nas das tuas filhas. Desculpa. Desculpa teres descoberto desta forma. Desculpa não te ter contado antes. Desculpa. Desculpa. Desculpa.*

Está escuro. O rosto do Stephen está à sombra. Não consigo perceber em que é que está a pensar enquanto desvia lentamente o olhar de mim para os agentes, para mim e novamente para os agentes.

— Vamos para dentro — diz ele, finalmente. Não para mim, mas para eles. Solta a minha mão e conduz os agentes através do alpendre para o interior da nossa casa. E, de um momento para o outro, os muros da minha segunda vida cuidadosamente construída desmoronam-se.



[2] Povo indígena da América do Norte. (N.T.)

[3] Escolas criadas nos EUA, no final do século XIX e início do século XX, para educar as crianças indígenas segundo os costumes euroamericanos, forçando-as, frequentemente com extrema violência, a abandonarem a sua identidade e cultura indígenas. (N.T.)

[4] «*Who cooks for you*» no original, que significa «Quem cozinha para ti?» (N.T.)

Os agentes da Polícia do Estado do Michigan estão sentados no sofá da nossa sala de estar, um em cada ponta, como um par de suportes azuis para livros: farda igual, altura igual, cabelo igual, chapéus respeitosa­mente colocados na almofada do meio e joelhos afastados porque o Stephen não é um homem alto e o sofá é baixo. Parecem maiores do que pareciam no jardim, mais intimidantes, como se a autoridade que a farda lhes confere os tornasse também fisicamente maiores, de alguma forma. Ou talvez a sala pareça mais pequena com eles dentro só porque é tão raro termos visitas. O Stephen ofereceu-se para fazer café quando os convidou para entrar. Os agentes recusaram, o que me deixou contente. Não queria, certamente, que demorassem.

O Stephen está empoleirado no cadeirão ao lado do sofá, um passarinho prestes a levantar voo. Está a agitar nervosamente a perna direita e a expressão diz, claramente, que preferia estar em qualquer lugar que não este. Estou sentada na única cadeira que resta, do lado oposto da sala. O facto de a distância física entre mim e o meu marido ser tão grande quanto a sala não me passa despercebido. Nem o facto de o Stephen, desde que convidou os agentes para dentro da nossa casa, estar a tentar fazer um esforço óbvio e concertado para olhar para qualquer lado exceto para mim.

— Quando foi a última vez que viu o seu pai? — pergunta o agente responsável pelo caso assim que nos instalamos.

— Não falo com o meu pai desde que saí do pântano.

O agente ergue uma sobrancelha. Consigo imaginar em que é que está a pensar. Vivo a oitenta quilómetros da prisão onde o meu pai esteve encarcerado durante treze anos e nunca o fui visitar?

— Portanto, treze anos. — Tira uma caneta e um bloco de notas do bolso da camisa e faz o gesto de quem vai apontar o número.

— Quinze — corrijo. Depois de eu e a minha mãe termos deixado o pântano, o meu pai deambulou pelo território selvagem da Península Superior durante dois anos até ser capturado. O agente sabe disto tão bem quanto eu. Está a estabelecer uma referência, colocando uma questão para a qual já sabe a resposta de forma a perceber, daqui em diante, quando é que estou a mentir e quando é que estou a dizer a verdade. Não que eu tenha qualquer razão para mentir, mas ele ainda não sabe disso. Geralmente, um presidiário não foge de uma prisão de segurança máxima a não ser que tenha ajuda, seja de alguém no interior, seja no exterior. Como eu.

— Certo. Então não fala com o seu pai há quinze anos.

— Pode verificar no registo de visitantes, se não acredita em mim — digo eu, embora não tenha dúvidas de que já o fizeram. — Registos telefónicos. Seja o que for. Estou a dizer a verdade.

Isto não significa que não pensei, muitas vezes, em ir visitar o meu pai à prisão. A primeira vez que a polícia apanhou o meu pai, quis desesperadamente ir vê-lo. Newberry é uma cidade pequena e a cadeia onde o detiveram até à formalização da acusação ficava a apenas alguns quarteirões da minha escola; poderia ter ido a pé depois das aulas ou de bicicleta em qualquer altura que quisesse. Ninguém me teria negado alguns minutos com o meu pai. Mas tive medo. Tinha catorze anos. Tinham passado dois anos. Eu mudara e talvez ele também tivesse mudado. Preocupou-me que o meu pai se recusasse a ver-me. Que estivesse zangado comigo, já que que fora apanhado por minha causa.

Depois da condenação, ninguém estaria disposto a conduzir cento e sessenta quilómetros, de Newberry

até Marquette, e outros cento e sessenta de volta, para eu visitar o meu pai na prisão, mesmo que tivesse tido coragem de pedir. Mais tarde, depois de ter mudado de apelido e ter o meu próprio veículo, continuava a não poder visitá-lo, porque teria sido necessário mostrar a minha identificação e deixar o meu nome no registo de visitantes, e eu não podia deixar que a minha nova vida se cruzasse com a antiga. De qualquer forma, não sentia uma ânsia constante de o visitar. A ideia de ir vê-lo emergia apenas ocasionalmente, normalmente quando o Stephen estava a brincar com as miúdas e alguma coisa nessa interação me recordava aqueles dias longínquos, em que estávamos juntos.

A última vez que ponderei seriamente estabelecer contacto com ele foi há dois anos, quando a minha mãe morreu. Foram tempos difíceis. Não podia admitir a morte da minha mãe sem correr o risco de alguém juntar as peças e descobrir quem eu era. Estava num programa de proteção de testemunhas que eu própria criara; se queria que a minha nova vida vingasse, tinha de cortar quaisquer laços com a antiga. Ainda assim, era a única filha da minha mãe e não ir ao funeral pareceu-me uma traição. A ideia de que nunca mais poderia vê-la nem falar com ela também me fustigou. Não queria que acontecesse o mesmo com o meu pai. Talvez pudesse ter-me feito passar por uma fã de prisões ou por uma jornalista, se alguém se interrogasse sobre o motivo pelo qual, subitamente, aparecera para o visitar. Mas o meu pai teria tido de alinhar no meu plano para que este funcionasse e não havia forma de saber antecipadamente se estaria disposto a fazê-lo ou se recusaria.

— Tem alguma ideia do local para onde poderá estar a dirigir-se? — pergunta o agente. — Do que estará a planear?

— Nenhuma. — *Para além do desejo óbvio de criar a máxima distância possível entre si e as pessoas que andam à procura dele*, estou tentada a dizer, mas sei que não é sensato ser hostil para com homens armados. Pondero brevemente pedir informações atualizadas sobre a busca, mas o facto de estarem a pedir a minha ajuda diz-me tudo o que preciso de saber.

— Achem que vai tentar contactar a Helena? — pergunta o Stephen. — A minha família corre perigo?

— Se houver algum lugar para onde possam ir durante alguns dias, provavelmente seria uma boa ideia. O rosto do Stephen empalidece.

— Acho que ele não virá aqui — digo rapidamente. — O meu pai odiava os pais. Não tem qualquer razão para voltar à casa onde cresceu. Quer simplesmente fugir.

— Espera. Estás a dizer que o teu pai *vivia* aqui? Na nossa casa?

— Não, não. Não nesta casa. Esta era a propriedade dos pais dele, mas depois de a ter herdado, mandei demolir a casa original.

— A propriedade dos pais dele... — O Stephen abana a cabeça. Os agentes olham para ele compassivamente, como se vissem constantemente este tipo de coisas. *Mulheres*, pareciam dizer as suas expressões. *Não se pode confiar nelas*. Também tenho pena do Stephen. É muita coisa para assimilar. Gostava de poder ter-lhe dado a notícia em privado, da forma e no momento que eu escolhesse, em vez de ser obrigada a fazer um espetáculo da sua ignorância e confusão.

O Stephen observa-me atentamente enquanto as questões prosseguem, sem dúvida à espera de mais más notícias: onde é que eu estava quando o meu pai fugiu? Estava alguém comigo? Alguma vez enviei alguma coisa para o meu pai enquanto ele estava na prisão? Nem sequer um frasco de geleia ou um postal de aniversário?

Os olhos do Stephen perfuram os meus enquanto o interrogatório prossegue. Olhos que me acusam. Que me julgam. Tenho as mãos suadas. A minha boca forma as respostas apropriadas para as questões dos agentes, mas só consigo pensar em como isto está a afetar o Stephen, em como o meu silêncio o colocou a ele e às nossas filhas em perigo. Em como todos os sacrifícios que fiz para manter o meu segredo não valem nada, agora que o segredo foi revelado.

Finalmente, passos pelo *hall*. A cabeça da Iris espreita na esquina. Arregala os olhos quando vê os agentes de polícia na sua sala de estar.

— Papá? — diz ela de modo inseguro. — Vens dar-me um beijo de boa noite?

— Claro, fofinha — diz o Stephen sem um resquício da tensão que ambos estamos a sentir. — Volta para a cama. Já lá vou. — Vira-se para os agentes. — Já acabámos?

— Por agora. — O agente responsável pelo caso lança-me um olhar de quem acha que sei mais do que estou a revelar, depois faz o gesto de me entregar o seu cartão. — Se se lembrar de alguma coisa que nos possa ajudar a encontrar o seu pai, seja o que for, ligue-me.

— Queria contar-te — digo, assim que a porta se fecha atrás deles.

O Stephen olha para mim durante muito tempo, depois abana lentamente a cabeça:

— Então, porque é que não contaste?

Não poderia haver pergunta mais razoável. Quem me dera saber como responder. Claro que não decidira mentir-lhe deliberadamente. Quando nos conhecemos, há sete anos, no festival do mirtilo de Paradise, e o Stephen me convidou para ir comer um hambúrguer depois de ter comprado todo o meu *stock*, não podia propriamente dizer: «Adorava ir contigo. Chamo-me Helena Eriksson e, já agora, lembras-te daquele tipo que raptou uma rapariga de Newberry nos anos noventa e a manteve prisioneira no pântano durante uma dúzia de anos? Aquele a quem chamavam O Rei do Pântano? Sim, é o meu pai.». Tinha vinte e um anos. Nessa altura, já tinha gozado de três anos felizes de anonimato. Sem sussurros atrás das costas, sem mexericos ou dedos apontados, apenas eu e o meu cão, na nossa vida, a caçar e pescar e procurar alimentos. Não ia romper o silêncio por um estranho de cabelo e olhos escuros com um apreço suspeito por geleia de tabua-mirtilo.

Mas houve outras alturas em que poderia ter falado no assunto. Talvez não no nosso primeiro encontro, nem no segundo, nem no terceiro, mas algures depois do comboio do «conhecer-te melhor» ter começado a mover-se e antes de estarmos de pé junto do corrimão do barco que faz os passeios turísticos em Pictured Rocks, sabendo, sem termos de o dizer, que agora éramos um casal. Sem dúvida antes de o Stephen se ter ajoelhado numa praia rochosa do Lago Superior para me pedir em casamento. Mas, nessa altura, já tinha muito a perder e não conseguia ver o que tinha a ganhar.

O Stephen abana a cabeça novamente:

— Dou-te todo o espaço do mundo e é assim que tu... Digo-te alguma coisa quando vais à caça de ursos? Quando passas a noite sozinha na floresta? Quando desapareceste durante duas semanas quando a Mari era bebé porque precisavas de estar sozinha? Quer dizer, conheces alguém cuja mulher vá *caçar ursos*? Teria *lidado* com isto contigo, Helena. Porque é que não conseguiste confiar em mim?

Necessitaria de mil palavras para começar a responder-lhe cabalmente, mas apenas me ocorre uma:

— Desculpa. — E até mesmo para os meus ouvidos, a palavra soa fraca. Mas é *verdade*. *Estou* arrependida. Pediria desculpa todos os dias ao longo do resto da minha vida, se isso ajudasse.

— Mentiste-me. E agora puseste a nossa família em perigo. — O Stephen passa por mim velozmente e entra na cozinha. A porta lateral bate. Consigo ouvi-lo a mudar coisas de sítio na garagem. Volta com uma mala em cada mão.

— Faz a mala com o que precisares para ti e para as miúdas. Vamos para os meus pais.

— Agora?

Os pais do Stephen vivem em Green Bay. É uma viagem de quatro horas de carro, sem contar com as múltiplas paragens para ir à casa de banho que é necessário fazer quando se viaja com duas crianças pequenas. Se sairmos agora, só chegaremos a casa dos pais dele, no mínimo, às três da manhã.

— O que é que podemos fazer mais? Não podemos ficar aqui. Não com um psicopata assassino à solta. — Não diz *um psicopata assassino que, por acaso, também é o teu pai*, mas é como se dissesse.

— Ele não vem para aqui — digo novamente, não tanto porque acredito nisso, mas porque o Stephen tem de acreditar. Não consigo suportar a ideia de que ele pense que eu faria, voluntária e conscientemente, alguma coisa que pusesse a minha família em perigo.

— *Sabes* disso? Consegues prometer-me que o teu pai não vai vir atrás de ti e das miúdas?

Abro a boca, depois fecho-a. Claro que não consigo prometer. Por mais que possa pensar que sei o que o meu pai fará ou não fará, a verdade é que não sei. Assassinou dois homens para fugir da prisão e eu nunca previ isso.

As mãos do Stephen apertam-se em punhos. Preparo-me. O Stephen nunca me bateu, mas há uma primeira vez para tudo. O meu pai, certamente, nunca hesitou em bater à minha mãe por menos do que isto. O peito do Stephen incha. Inspira profundamente. Expira. Inspira novamente, depois volta a expirar. Agarra na mala cor-de-rosa de princesa das miúdas, vira costas e sai disparado pelo corredor. As gavetas da cómoda abrem e fecham com estrondo.

— Papá? — diz uma Iris tristonha. — Estás zangado com a mamã?

Agarro na outra mala e dirijo-me ao quarto principal. Coloco na mala tudo aquilo de que o que Stephen irá precisar para ficar em casa dos pais durante o tempo em que tiver de o fazer, levo a mala até à sala de estar e pouso-a junto à porta da frente. Quero dizer-lhe que entendo como se sente. Que gostaria que as coisas pudessem ter sido diferentes. Que estou despedaçada por vê-lo afastar-se. No entanto, quando regressa com a mala das miúdas e passa por mim como um estranho para levar ambas as malas para o carro, não o faço.

Abotoamos as camisolas das miúdas por cima dos pijamas sem falar. O Stephen pendura a Mari sobre o ombro e leva-a até ao carro. Sigo-os, levando a Iris pela mão.

— Porta-te bem — digo-lhe enquanto a levanto para a meter na cadeirinha e aperto o cinto. — Obedece ao teu pai. Faz o que ele te disser. — A Iris pestaneja e esfrega os olhos, como se estivesse a tentar não chorar. Dou-lhe uma palmadinha na cabeça e aconchego ao seu lado o adorado animal de peluche a que chama Urso Roxo, depois dou a volta para me colocar de pé junto à porta do condutor.

As sobrancelhas do Stephen erguem-se quando me vê. Abre o vidro da janela.

— Não vais buscar o Rambo? — pergunta.

— Eu não vou — digo.

— Helena, não faças isto.

Sei em que é que está a pensar. Não é segredo nenhum que tenho horror em ir para casa dos seus pais na melhor das circunstâncias, quanto mais em aparecer com as miúdas a meio da noite porque o meu pai é um preso fugitivo. Não se trata apenas do esforço de ter de fingir estar interessada no que lhes interessa, embora não tenhamos absolutamente nada em comum; é a provação de regras e formas de comportamento pelas quais tenho de passar. Percorri um longo caminho desde que era uma criança de doze anos socialmente inapta, mas, sempre que estou com os pais do Stephen, eles fazem-me sentir que não o consegui fazer.

— Não é isso. Tenho de ficar aqui. A polícia precisa da minha ajuda.

Isto é apenas parcialmente verdade. O Stephen nunca aceitaria o verdadeiro motivo pelo qual tenho de ficar para trás. A verdade é que, algures entre a primeira pergunta dos agentes e o momento em que a porta se fechou atrás deles, percebi que, se alguém pode apanhar o meu pai e voltar a metê-lo na prisão, esse alguém sou eu. Ninguém se equipara ao meu pai no que se refere a orientar-se em território selvagem, mas eu estou próxima. Vivi com ele durante doze anos. Treinou-me, ensinou-me tudo o que sabe. Sei como pensa. O que irá fazer. Para onde irá.

Se o Stephen imaginasse aquilo que estou a planear, lembrar-me-ia de que o meu pai está armado e é perigoso. O meu pai assassinou dois guardas prisionais e a polícia está convencida de que está pronto para voltar a matar. Mas, se há pessoa que não corre perigo com o meu pai, essa pessoa sou eu.

Os olhos do Stephen semicerram-se. Não consigo perceber se sabe que não estou a ser inteiramente honesta. Não tenho a certeza se faria diferença se soubesse.

Finalmente, encolhe os ombros.

— Liga-me — diz, cansado. A janela fecha-se.

As luzes do quintal acendem-se enquanto o Stephen faz inversão de marcha e começa a descer o caminho que conduz à estrada. A Iris estica o pescoço para olhar pela janela de trás. Levanto a mão. A Iris retribui o meu aceno. O Stephen não.

Fico de pé no quintal até os faróis de trás do *Cherokee* se desvanecerem ao longe, depois caminho novamente até casa e sento-me nos degraus do alpendre. A noite parece-me vazia, fria e, subitamente, apercebo-me de que, nos seis anos decorridos desde que casámos, nunca passei a noite sozinha em casa. Sinto um nó a formar-se na minha garganta. Engulo-o. Não tenho direito à autocomiseração. Fiz isto a mim própria. Acabei de perder a minha família e a culpa é minha.

Sei como funciona. Já passei por isto antes, depois de a minha mãe ter mergulhado numa depressão tão profunda que não saía do quarto durante dias seguidos, por vezes semanas, e os meus avós a terem processado para obterem a minha custódia. Se o Stephen não voltar, se decidir que o meu pecado de omissão é demasiado grande para ser perdoado e quiser o divórcio, nunca mais voltarei a ver as minhas filhas. Comparando-me a mim e a minha infância disfuncional, idiossincrasias e peculiaridades com a educação de classe média cem por cento normal e os valores familiares convencionais do Stephen, não há forma de poder equiparar-me. Tenho tanto contra mim que mais vale nem ir a jogo. Nenhum juiz do mundo decidiria a meu favor. Nem mesmo eu própria me atribuiria a custódia.

O Rambo senta-se ao meu lado e pousa a cabeça no meu colo. Abraço-o e enterro o rosto no seu pelo. Penso em todos os anos e em todas as oportunidades que tive para ser honesta acerca de quem sou. Em retrospectiva, acho que me convenci a mim própria de que, se não dissesse o nome do meu pai, podia fingir que ele não existia. Mas existe. E agora, no meu coração, apercebo-me de que sempre soube que, um dia, chegaria o momento de acertar contas.

O Rambo gane e afasta-se. Deixo-o partir para a noite, levanto-me e entro em casa para me preparar. Só existe uma forma de consertar isto. Uma forma de recuperar a minha família. *Tenho* de capturar o meu pai. É a única forma de provar ao Stephen que nada nem ninguém é mais importante para mim do que a minha família.

A CABANA

Passou muito tempo depois de o Rei do Pântano ter arrastado a princesa aterrorizada para debaixo do lodo. Finalmente, a cegonha viu um caule verde a erguer-se das profundezas do terreno pantanoso. Ao atingir a superfície do pântano, uma folha estendeu-se e desdobrou-se, tornando-se cada vez mais larga, e próximo dela surgiu um botão.

Uma manhã, quando a cegonha sobrevoava o pântano, viu que a intensidade dos raios de sol levava o botão a desabrochar e, no cálice da flor, repousava uma encantadora criança: uma pequena donzela que parecia ter acabado de sair do banho.

— A esposa do Viking não tem filhos e quantas vezes desejou ter uma criança — pensou a cegonha. — As pessoas costumam dizer que a cegonha traz os bebês. Fá-lo-ei verdadeiramente, desta vez.

A cegonha levantou a menina do cálice da flor e voou para o castelo. Fez um buraco com o bico na pele de bexiga que cobria a janela e pousou a linda criança no peito da esposa do Viking.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

Quando era criança, não fazia ideia de que havia algo errado com a minha família. Normalmente, as crianças não têm essa noção. Independentemente da situação que vivem, encaram-na como algo normal. Filhas de abusadores conformam-se com homens abusivos quando são adultas porque é a isso que estão acostumadas. Parece-lhes familiar. Natural. Mesmo que não gostem das circunstâncias em que foram criadas.

Mas eu adorava a vida no pântano e fiquei devastada quando se desmoronou. Fui eu a razão pela qual tudo se desmoronou, claro, mas não entendi completamente o papel que desempenhei até muito mais tarde. E, se soubesse na altura o que sei agora, as coisas teriam sido muito diferentes. Não teria venerado o meu pai. Teria sido muito mais compreensiva para com a minha mãe. Suspeito, no entanto, que teria continuado a adorar caçar e pescar.

Os jornais chamaram ao meu pai O Rei do Pântano, como o ogre do conto de fadas. Entendo porque é que lhe deram esse nome, tal como também o entenderá qualquer pessoa que conhecer o conto de fadas. Mas o meu pai não era nenhum monstro. Quero deixar isso absolutamente claro. Tenho consciência de que muito do que fez e disse foi errado. Mas, no final de contas, estava apenas a fazer o melhor que sabia com o que tinha, tal como qualquer outro progenitor. E nunca abusou de mim, pelo menos não de forma sexual, que é o que muitas pessoas presumem.

Também entendo porque é que os jornais chamaram à nossa casa uma quinta. Parece uma antiga quinta nas fotografias: dois andares, revestimento exterior de tábuas desgastadas, janelas duplas de batente com tanta sujidade encardida que era impossível ver para dentro ou para fora, telhado de madeira. Os anexos contribuem para a ilusão: um barracão triangular feito de tábuas de madeira, um casebre para lenha, uma casa de banho exterior.

Chamávamos à nossa casa «a cabana». Não sei dizer quem construiu a nossa cabana, nem quando, nem porquê, mas posso garantir que não foram agricultores. A cabana fica numa cumeeira estreita e densamente arborizada com áceres, faias e amieiros que sobressai do pântano como uma mulher com excesso de peso deitada de lado: uma pequena elevação para a cabeça, uma elevação ligeiramente maior para os ombros, uma terceira para as suas enormes ancas e coxas. A nossa cumeeira fazia parte da bacia do rio Tahquamenon, 207 quilómetros quadrados de pântano que escorrem para o rio Tahquamenon, embora só tenha descoberto isso mais tarde. Os Obíjuas chamam ao rio *Adikamegong-ziibi*, «rio onde se encontram os peixes brancos», mas nós só apanhávamos lúcios-almiscarados, picões-verdes, percas e lúcios.

A nossa cumeeira ficava suficientemente longe do curso principal do Tahquamenon para não poder ser vista por pescadores ou canoístas. Os áceres-vermelhos que cresciam em redor da cabana tornavam-na quase invisível também a partir do ar. Poder-se-ia pensar que o fumo do nosso fogão a lenha revelaria a nossa localização, mas nunca o fez. Se alguém, casualmente, reparou nele durante os anos em que ali vivemos, deve ter presumido que o fumo vinha do jantar de um pescador ou de uma cabana de caça. Em todo o caso, o meu pai é um homem extremamente cauteloso. Tenho a certeza de que esperou meses depois de ter raptado a minha mãe até se arriscar a fazer lume.

A minha mãe disse-me que, durante os primeiros catorze meses do seu cativeiro, o meu pai a manteve acorrentada à pesada argola de ferro instalada no poste a um canto do casebre da lenha. Não tenho a certeza se acredito nela. Vi as algemas, claro, e eu própria as usei quando houve necessidade. Mas, porque é que o meu pai se daria ao trabalho de a manter acorrentada no casebre da lenha quando não havia nenhum sítio para onde ela pudesse ir? Nada a não ser erva até onde o olho alcançava, uma paisagem apenas quebrada pela ocasional toca de um castor ou de um rato-almiscarado ou por outra cumeeira solitária. Demasiado espesso para atravessar com uma canoa, demasiado instável para caminhar.

O pântano mantinha-nos a salvo durante a primavera, o verão e o outono. No inverno, ursos, lobos e coiotes atravessavam ocasionalmente o gelo. Num inverno, quando estava a calçar as botas para ir à casa de banho exterior antes de ir para a cama (porque, acreditem, *não iam querer* sair da cama para ir à casa de banho exterior a meio da noite no inverno), ouvi um barulho no alpendre. Calculei que fosse um guaxinim. A noite estava anormalmente quente, com a temperatura quase acima do congelamento, o tipo de noite clara e de lua cheia a meio do inverno que alonga as sombras e engana os animais em hibernação, levando-os a crer que é primavera. Entrei no alpendre e vi uma forma escura quase tão alta como eu. Ainda a pensar num guaxinim, gritei e bati-lhe por trás. Os guaxinins conseguem armar uma verdadeira confusão se os deixarem e adivinhem a quem teria pertencido a tarefa de limpar tudo.

Mas não era um guaxinim. Era um urso-negro, e, para além disso, não era jovem. O urso virou-se para trás, olhou para mim e resfolegou. Se fechar os olhos, ainda consigo cheirar o seu hálito quente a peixe, sentir a franja esvoaçar com a sua respiração na minha cara.

— Jacob! — gritei. O urso fitou-me, e eu devolvi-lhe o olhar fixo até o meu pai chegar com a espingarda e o matar.

Comemos urso durante o resto daquele inverno. A carcaça pendurada no barracão parecia uma pessoa sem pele. A minha mãe queixou-se de que a carne era gordurosa e sabia a peixe, mas o que é que se poderia esperar? «Somos o que comemos», como diz o meu pai. Estendemos a pele diante da lareira na sala de estar e pregámo-la ao chão para que se mantivesse plana. A sala cheirou a carne podre até o lado da pele secar, mas eu gostava de me sentar no meu tapete de pele de urso com os pés esticados na direção do lume e uma tigela de guisado de carne de urso no colo.

O meu pai tem uma história melhor. Há anos, muito antes de a minha mãe e eu entrarmos na sua vida,

quando ainda era adolescente, estava a fazer uma caminhada pela floresta a norte da casa dos pais, no Lago Nawakwa, perto de Grand Marais, para ver como estava a sua linha de armadilhas. A neve estava especialmente profunda nesse ano e, durante a noite, tinham caído mais quinze centímetros, pelo que o rasto e as marcas que usava para se orientar tinham ficado soterrados. Desviou-se do caminho sem se aperceber e, subitamente, o pé perfurou a neve e ele caiu num grande buraco. Com ele caíram neve, paus e folhas, mas não se aleijou, pois aterrou sobre alguma coisa quente e macia. Assim que se apercebeu de onde estava e do que acontecera, trepou a parede para sair do buraco, mas não sem antes ver que estava em cima de uma pequeníssima cria de urso que não era maior do que a sua mão. O pescoço da cria estava partido.

Sempre que o meu pai contava essa história, desejava que a sua história fosse minha.

Nasci volvidos dois anos e meio desde o início do cativeiro da minha mãe, a três semanas de fazer dezassete anos. Eu e ela não éramos minimamente parecidas, nem em aparência nem em temperamento, mas posso imaginar o que deve ter sido para ela estar grávida de mim.

Vais ter um bebé, teria anunciado o meu pai num dia do final do outono, enquanto batia com os pés no nosso alpendre da frente para tirar a lama das botas e entrava, com passadas largas, na cozinha excessivamente quente. Teve de dizer à minha mãe o que estava a acontecer porque ela era demasiado jovem e ingénua para entender o significado das mudanças no seu corpo. Ou, possivelmente, sabia, mas estava em negação. Muito depende da qualidade das aulas de educação para a saúde da Escola Básica de Newberry e do quão atenta esteve a elas.

A minha mãe teria virado o rosto para ele, do local onde estava a cozinhar, ao fogão. Estava sempre a cozinhar, ou a aquecer água, ou a lavar, ou a transportar a água que aquecia para cozinhar e lavar.

Na primeira versão da minha imaginação, a descrença espalha-se-lhe no rosto, enquanto as mãos voam para o ventre. *Um bebé?*, sussurra. Não sorri. Na minha experiência, raramente o fazia.

Na segunda, ergue a cabeça de forma desafiante e cospe: *eu sei*.

Por mais que prefira a segunda versão, fico-me pela primeira. Durante todos os anos em que vivemos juntos como família, nunca, nem uma única vez, vi a minha mãe responder ao meu pai. Por vezes, desejo que o tivesse feito. Pensem no que foi para mim. Era muito pequena, uma criança, uma menina em crescimento, e a única coisa que conhecia da maternidade, à parte das alegres donas de casa de avental dos anúncios da *National Geographic*, era uma jovem taciturna que se arrastava no cumprimento dos seus afazeres com a cabeça baixa e os olhos raiados a vermelho em secreto sofrimento. A minha mãe nunca se ria, mal falava, raramente me abraçava ou beijava.

Tenho a certeza de que ficou aterrorizada perante a ideia de ter um bebé naquela cabana. Sei que eu teria ficado. Talvez tenha tido esperança de que o meu pai percebesse que uma cabana no meio do pântano não era lugar para ela dar à luz e que a levasse para a cidade, deixando-a nos degraus do hospital como uma criança abandonada.

Não o fez. As calças de ganga e a *t-shirt* da *Hello Kitty* que a minha mãe vestia desde que ele a raptara tornaram-se um problema. Eventualmente, o meu pai deve ter reparado que a blusa já não lhe tapava a barriga e que ela não conseguia apertar as calças, portanto emprestou-lhe uma das suas camisas de flanela e um par de suspensórios.

Imagino a minha mãe a emagrecer, enquanto a barriga inchava. Durante os primeiros anos na cabana, perdeu muito peso. A primeira vez que vi a sua fotografia no jornal, fiquei chocada ao ver como era gorda antes de ser raptada.

E então, quando a minha mãe estava grávida de cinco meses e realmente se começava a notar a barriga,

aconteceu uma coisa extraordinária. O meu pai levou-a às compras. Parece que, no meio de todos os preparativos para o rapto da minha mãe e para a vida deles na cabana, o meu pai se esqueceu de comprar roupa para o meu futuro eu.

O seu problema ainda me faz sorrir. Imaginem, um engenhoso homem da vida selvagem capaz de raptar uma jovem e mantê-la escondida durante mais de uma dúzia de anos negligenciou a inevitável consequência de fazer dela sua esposa. Imagino o meu pai a examinar as suas opções com a cabeça inclinada para o lado, enquanto aflagava a barba naquele modo pensativo que ele tem, mas, no final, não havia muitas hipóteses. E portanto, fiel ao seu carácter, escolheu a opção mais prática e começou os preparativos para uma viagem ao Soo, a única cidade num raio de duzentos e cinquenta quilómetros da nossa cabana que tinha um *Kmart*[5].

Levar a minha mãe às compras não era tão perigoso quanto parece. Outros raptos o fizeram. As pessoas deixam de procurar. As memórias desvanecem-se. Desde que a vítima não estabeleça contacto visual nem se identifique, o risco é reduzido.

O meu pai cortou o cabelo da minha mãe tão curto como o de um rapaz e pintou-o de preto. O facto de ele ter tinta preta para o cabelo na cabana foi um ponto essencial que a acusação utilizou, mais tarde, para provar que o meu pai agiu com conhecimento e dolo premeditado. Como sabia que necessitaria de tinta para o cabelo? Ou que a minha mãe seria loura? Em todo o caso, qualquer pessoa que olhasse para eles teria visto um pai às compras com a filha. Se também reparassem, casualmente, que a minha mãe estava grávida, o que aconteceria? Certamente, uma pessoa comum não teria adivinhado que o homem que agarrava firmemente o cotovelo da rapariga não era pai dela, mas pai da criança. Perguntei mais tarde à minha mãe porque é que não disse a ninguém quem era nem pediu ajuda e ela disse que foi porque sentia que era invisível. Pensem nisto: tinha apenas dezasseis anos e, nessa altura, o meu pai já passara mais de um ano a convencê-la de que ninguém andava à procura dela. De que ninguém se importava. E, portanto, enquanto caminhavam para cima e para baixo nos corredores, a encher o carrinho de compras com produtos de bebé sem ninguém lhe prestar atenção, deve ter-lhe parecido que isso era verdade.

O meu pai trouxe duas peças de tudo o que eu necessitaria em todos os tamanhos, de criança a adulto. Uma para lavar e uma para vestir, disse-me a minha mãe mais tarde. Roupas de rapaz, porque podiam ser utilizadas independentemente do sexo que eu viesse a ter e, para além disso, qual seria a utilidade de ter um vestido na cabana? Muito mais tarde, depois de a polícia ter revistado o local do crime e os jornalistas terem invadido a nossa cumeeira, alguém tirou uma fotografia à fila de sapatos alinhados, em tamanhos graduais, ao longo da parede do meu quarto. Disseram-me que a fotografia se tornou viral no Twitter e no Facebook. As pessoas pareciam ver a fotografia como algo que ilustrava a natureza malévola do meu pai, uma prova fotográfica de que pretendia manter-nos, a mim e à minha mãe, prisioneiras durante toda a vida. Para mim, os sapatos marcavam simplesmente o meu crescimento, da mesma forma que outras pessoas medem os filhos contra a parede.

Adicionalmente, o meu pai comprou para a minha mãe duas camisas de manga comprida, duas *t-shirts*, dois pares de calções, seis pares de cuecas e um sutiã maior, uma camisa de noite de flanela e um chapéu, um lenço, umas luvas sem dedos, umas botas e um casaco de inverno. O meu pai raptou a minha mãe a dez de agosto; o único casaco que ela vestira no inverno anterior fora o dele. A minha mãe disse-me que ele não lhe perguntou de que cores gostava ou se queria um lenço de uma só cor ou às riscas; simplesmente escolheu tudo por ela. Consigo acreditar nisso, já que o meu pai gostava de controlar tudo.

Mesmo a preços do *Kmart*, a viagem deve ter custado uma fortuna. Não faço ideia de onde arranjou o dinheiro. É possível que tenha vendido algumas peles de castor. Possivelmente, matou um lobo. A caça ao lobo era ilegal na Península Superior quando eu era criança, mas há sempre um mercado próspero para peles, especialmente entre nativos americanos. Pode ter roubado o dinheiro, ou pode ter usado um

cartão de crédito. Havia muita coisa sobre o meu pai que eu não sabia.

Pensei muito sobre o dia em que nasci. Li relatos de raparigas que foram raptadas e mantidas em cativeiro que me ajudaram a entender, pelo menos em parte, aquilo pelo qual a minha mãe passou.

Ela devia ter estado na escola, a viver uma paixoneta com algum rapaz ou a passar tempo com as amigas. A ir a ensaios da banda e jogos de futebol e a fazer o que quer que os jovens da idade dela faziam na altura. Em vez disso, estava prestes a ter um bebé sem ninguém para a ajudar exceto o homem que a arrebatou da sua família e a violou mais vezes do que ela poderia contar.

A minha mãe entrou em trabalho de parto na velha cama com balaústres de madeira no quarto dos meus pais. A tapar a cama estavam os lençóis mais finos que o meu pai conseguiu encontrar; ele sabia que, quando eu chegasse, teria de deitar tudo fora. No momento mais difícil da minha mãe, o meu pai foi tão solícito quanto conseguia ser, o que significa que, ocasionalmente, lhe ofereceu alguma coisa para comer e lhe levou um copo de água. Fora isso, a minha mãe esteve entregue a si própria. Não foi crueldade por parte do meu pai, embora ele possa ser cruel. Simplesmente, até ao momento de dar à luz, não havia muita coisa que ele pudesse fazer.

Finalmente, a minha cabeça espreitou. Era uma bebé grande. Houve um rasgão na minha mãe, suficientemente grande para me deixar sair, e terminou. Só que não terminou. Passou um minuto. Cinco. Dez. O meu pai apercebeu-se de que tinham um problema. A placenta da minha mãe não se tinha soltado. Não sei como é que ele soube disso, mas soube. O meu pai disse-lhe que se agarrasse aos balaústres da cabeceira da cama e se preparasse, porque iria doer. A minha mãe disse-me que não conseguia imaginar nada que doesse mais do que aquilo pelo qual passara, mas o meu pai tinha razão. A minha mãe desmaiou.

Também me disse que o meu pai lhe causou lesões quando se enfiou dentro dela para soltar a placenta e que foi por isso que nunca teve mais filhos. Não saberia dizer se isto é verdade ou não. Não tenho irmãos nem irmãs, portanto talvez seja. Sei, realmente, que quando a placenta não se solta, é necessário agir rapidamente para conseguir salvar a mãe e não existem muitas opções. Especialmente quando médicos e hospitais estão fora de questão.

Durante os dias que se seguiram, a minha mãe esteve inconsciente devido à febre, enquanto a inevitável infeção se apoderava dela. O meu pai manteve-me sossegada dando-me um pano embebido em água com açúcar no intervalo dos momentos em que me deitava no peito da minha mãe. Por vezes, a minha mãe estava consciente. Na maioria das vezes, não estava. Sempre que acordava, o meu pai fazia-a beber chá de casca de salgueiro e isso fez com que a febre cedesse.

Consgo perceber, agora, que a indiferença da minha mãe em relação a mim se explicava pelo facto de nunca ter criado um laço comigo. Era demasiado nova, estava demasiado doente nos dias que se seguiram ao meu nascimento, demasiado assustada, solitária e abatida sobre si própria, devido à dor e ao sofrimento, para me conseguir ver. Por vezes, quando um bebé nasce em circunstâncias semelhantes, dá à mãe uma razão para continuar. Isso não aconteceu comigo. Graças a Deus que tive o meu pai.

[5] Cadeia norte-americana de grandes lojas, conhecida pelos seus preços baixos. (N.T.)

Vou buscar a minha mochila ao armário do *hall* e carrego-a com munições extra e duas barras energéticas de cereais e garrafas de águas, depois atiro o equipamento de pesca do meu pai para a parte de trás da minha carrinha de caixa aberta, juntamente com a tenda e o saco-cama. O equipamento de pesca e de campismo fornecerão um disfarce aceitável se alguém perguntar onde é que vou ou o que é que vou fazer. Não vou estar nas proximidades da área de busca, mas nunca se sabe. Há muitas pessoas à procura do meu pai.

Carrego a minha espingarda e coloco-a no compartimento por cima da janela da cabina. Teoricamente, não se deve conduzir com uma arma carregada no veículo, mas toda a gente o faz. Seja como for, não estou disposta a juntar-me à expedição de caça ao meu pai sem ela. A minha arma de eleição hoje em dia é uma *Ruger American*. Disparei pelo menos meia dúzia de *Rugers* ao longo dos anos; são ridiculamente precisas e muito mais baratas do que a concorrência. Para ursos, também trago comigo uma *44 Magnum*. Um urso-negro adulto é um animal resistente, com músculos e ossos densos, e não há muitos caçadores que consigam abater um urso com um único disparo. Um urso ferido também não se esvai em sangue como um veado. O urso sangra entre a camada de gordura e a pele, e, se o calibre for demasiado baixo, a gordura do urso pode tapar o buraco, enquanto a pele absorve o sangue como uma esponja, portanto o urso nem sequer deixará um rasto de sangue. Um urso atingido correrá até se sentir demasiado fraco para continuar, o que poderá acontecer apenas a vinte e cinco ou trinta quilómetros de distância. É mais uma razão pela qual só caço ursos com cães.

Carrego a *Magnum* e meto-a no porta-luvas. O meu coração bate intensamente e as palmas das minhas mãos estão húmidas. Fico nervosa antes de qualquer caçada, mas estamos a falar do meu pai. O homem que eu amava quando era criança. Que cuidou de mim durante doze anos da melhor forma que sabia. O pai com quem não falo há quinze anos. O homem de quem fugi há tanto tempo, mas cuja própria fuga acabou de destruir a minha família.

Estou demasiado excitada para dormir, portanto sirvo um copo de vinho e levo-o para a sala de estar. Coloco o copo na mesinha de apoio sem a necessária base e aninho-me num canto do sofá, com os pés em cima da mesa. O Stephen tem um ataque sempre que as miúdas põem os pés em cima da mesa. O meu pai, por sua vez, não se importaria com nada tão irrelevante como uns riscos numa mesa. Ouvei dizer que, no que se refere a escolher um marido, uma rapariga opta por um homem como o pai, mas, se esta é a regra, eu sou a exceção. O Stephen não é da Península Superior. Não pesca nem caça. Não conseguiria fugir da prisão tal como não conseguiria conduzir um automóvel de corrida ou realizar uma cirurgia ao cérebro. Quando casei com ele, achei que estava a escolher de forma sensata. Durante a maior parte do tempo, continuo a achar isso.

Esvazio o copo num longo gole. Da última vez que cometi um erro desta dimensão foi quando deixei o pântano. Soube, duas semanas depois de eu e a minha mãe termos sido resgatadas, que a nova vida que imaginara para mim não seria como eu esperara. Culpo os meios de comunicação. Acho que ninguém conseguiria entender a magnitude da avalanche noticiosa que quase me engoliu inteira, a não ser que se encontrasse no meio dela. O mundo ficou fascinado com o que acontecera à minha mãe, mas a pessoa de quem ninguém se fartava era de mim. A criança selvagem que cresceu em isolamento primitivo. A prole da inocente e do seu raptor. A filha do Rei do Pântano. Pessoas que eu não conhecia enviavam-me coisas

que eu não queria: bicicletas e animais de peluche e leitores de MP3 e computadores portáteis. Um doador anónimo ofereceu-se para pagar a minha formação universitária.

Os meus avós não demoraram muito a perceber que a tragédia familiar se transformara numa mina de ouro e eles estavam mais do que preparados para tirar proveito dela.

— Não falem com a comunicação social — admoestaram eles, referindo-se às hordas de jornalistas que deixavam mensagens no atendedor de chamadas dos meus avós e acampavam na carrinha de notícias do outro lado da rua. Se nos mantivéssemos em silêncio, depreendi, um dia poderíamos vender a nossa história por muito dinheiro. Não tinha a certeza de quanto tempo deveríamos estar caladas, ou de como as nossas histórias eram compradas e vendidas, nem sequer do motivo pelo qual quereríamos muito dinheiro, para começar. Mas, se era isto que os meus avós queriam, faria o que pedissem. Nessa altura, ainda estava ansiosa por agradar.

A revista *People* acabou por fazer a melhor oferta. Até hoje, não sei quanto pagou. Eu e a minha mãe, certamente, nunca vimos dinheiro nenhum dessa venda. Apenas sei que, mesmo antes de sairmos para a grande festa de boas-vindas que os meus avós organizaram para mim e para a minha mãe, o meu avô sentou-nos e disse-nos que uma jornalista da revista *People* ia entrevistar-nos na festa, enquanto um fotógrafo tirava fotografias, e que lhe devíamos dizer tudo o que ela quisesse saber.

A festa foi no Salão do Município de Pentland. A julgar pelo nome, imaginei algo na linha de uma torre Viking: tetos altos abobadados, paredes de pedra grossas, janelas longas e estreitas, chão coberto de palha. Imaginei galinhas e cães e cabras a deambularem por ali, uma vaca leiteira atada a uma argola fixa num canto, uma mesa de madeira a todo o comprimento da sala para os camponeses e quartos privados em cima para os senhores e para as damas. Mas este salão acabou por ser um grande edifício branco de madeira, com o nome numa placa pendurada na fachada para não passar despercebido a ninguém. No interior, havia uma pista de dança e um pequeno palco no andar principal e uma sala de jantar e uma cozinha na cave. Nem por sombras tão grandioso como eu sonhara, mas, facilmente, o maior edifício que alguma vez vira.

Fomos os últimos a chegar. Estávamos a meados de abril, portanto, por baixo do casaco fofo de penas de ganso que alguém me enviara, vestia uma camisola vermelha adornada com o que parecia pelo branco, mas não era, e umas calças de ganga azuis, juntamente com as botas de trabalho com biqueira de aço que trazia calçadas quando deixámos o pântano. Os meus avós queriam que usasse um vestido amarelo axadrezado que era da minha mãe e uns colãs para esconder as tatuagens nas minhas pernas. As linhas em ziguezague na barriga das pernas foram as primeiras tatuagens que o meu pai me fez. Para além destas e de uma fila dupla de pontos nas maçãs do rosto, o meu pai tatuou, no meu bíceps direito, um pequeno veado semelhante aos veados que se veem nas pinturas rupestres, para comemorar a minha primeira caçada importante, e, na parte superior das costas, a meio, um urso, para representar aquele que enfrentei no nosso alpendre quando era criança. O meu espírito animal é *mukwa*, o urso. Depois de o Stephen e eu termos começado a sentir-nos à vontade um com o outro, perguntou-me sobre as tatuagens. Disse-lhe que as fiz como parte de uma cerimónia de iniciação tribal quando era pequena, a filha de missionários batistas numa ilha remota do Sul do Pacífico. Reparei que, quanto mais bizarra é a história que contamos, mais inclinadas as pessoas se sentem a acreditar nela. Também lhe disse que os meus pais foram tragicamente assassinados na mesma ilha enquanto tentavam resolver uma disputa entre tribos nativas em guerra, para que não pensasse que um dia os conheceria. Suponho que, agora que o meu segredo foi revelado, poderia contar a verdade sobre as minhas tatuagens, mas a verdade é que me habituei a contar histórias.

O vestido que os meus avós queriam que vestisse para a festa lembrava-me as cortinas da cozinha da nossa cabana, mas mais claro e sem rasgões nem buracos. Gostei daquele material, tão solto e leve;

parecia que não tinha nada vestido. Mas, embora parecesse uma rapariga quando me pus de pé diante do espelho alto do quarto da minha avó, continuava a sentar-me como um rapaz, com os joelhos separados, portanto a minha avó decidiu que seria melhor ficar-me pelas calças de ganga. A minha mãe vestiu o vestido azul e o laço de cabelo a condizer dos seus cartazes de «Desaparecida», embora a minha avó tenha protestado que o vestido era demasiado apertado e demasiado curto. Olhando para trás, não tenho a certeza do que foi pior: que os meus avós esperassem que a minha mãe de vinte e oito anos desempenhasse o papel da filha de catorze anos que tinham perdido ou que a minha mãe estivesse disposta a alinhar nisso.

Enquanto subíamos uma rampa de madeira que parecia a ponte-levadiça de um castelo, os meus músculos estavam tão tensos da expectativa que praticamente zumbiam. Senti-me como se estivesse prestes a disparar sobre um peru selvagem raro que exibia as plumas da cauda para uma fêmea e que, perante o mínimo movimento da minha parte, se assustaria. Já tinha conhecido mais pessoas do que poderia ter imaginado, mas isto era família.

— Chegaram! — gritou alguém quando nos viu. A música parou. Houve um momento de silêncio e, depois, o quarto explodiu com o som de uma centena de pessoas a assobiar e a dar vivas e a aplaudir. A minha mãe foi arrastada para um rio de tias e tios e primos louros. Os parentes amontoavam-se sobre mim como formigas. Homens apertavam-me a mão. Mulheres puxavam-me para os seus peitos, depois afastavam-me e beliscavam-me as maçãs do rosto, como se não conseguissem acreditar que estivesse realmente ali. Rapazes e raparigas espreitavam por trás delas, tão cautelosos como raposas. Costumava estudar as cenas de rua nas *Geographics* e tentava imaginar como seria estar rodeada de pessoas. Agora já sabia. É ruidoso. Apinhado, quente e fedorento. Adorei cada segundo.

A jornalista da *People* furou um caminho para nós entre a multidão e escadas abaixo. Acho que pensou que eu estava assustada pela comoção e pelo ruído. Ainda não sabia que era aqui que eu queria estar. Que deixara o pântano por escolha própria.

— Tens fome? — perguntou a jornalista.

Tinha. A minha avó não me deixara comer antes de irmos porque disse que haveria muita comida mais tarde na festa, e tinha razão em relação a isso. A jornalista conduziu-me até uma mesa comprida junto da cozinha que tinha sido preparada com mais comida do que eu vira em toda a minha vida. Mais do que o meu pai, a minha mãe e eu poderíamos ter comido num ano, possivelmente em dois.

Deu-me um prato que era fino como papel.

— Ataca.

Não via nenhuma arma. Mais ainda, não via nada que precisasse de ser atacado. Mas, desde que deixara o pântano, aprendera que, sempre que não soubesse o que fazer, o melhor era imitar as outras pessoas. Portanto, quando a jornalista começou a andar ao longo do comprimento da mesa, colocando comida no prato, fiz o mesmo. Conseguia ler os nomes (*Lasanha sem carne, Macarrão com queijo, Batatas gratinadas, Salada de ambrósia, Estufado de feijão verde*), mas não fazia ideia do que significavam nem se gostaria do sabor. Pus uma colher de tudo no meu prato, de qualquer forma. A minha avó disse-me que tinha de comer um pouco de cada prato ou as mulheres que trouxeram a comida ficariam magoadas. Não tinha a certeza de como iria conseguir fazer caber tudo num prato. Indaguei-me se me autorizariam a tirar dois. Mas, então, vi uma mulher deixar cair um prato e a comida deste numa grande lata de metal e afastar-se, portanto calculei que, quando o meu prato estivesse cheio, poderia fazer o mesmo. Parecia-me um costume estranho. No pântano nunca deitávamos comida fora.

Quando chegámos ao final da mesa comprida, vi outra mesa, ao lado, cheia de tartes, bolachas e bolos. Em cima, havia um bolo com uma cobertura castanha espessa e açúcar granulado multicolor, e não era só um bocadinho. Doze pequenas velas debruçadas sobre as palavras *Bem-vinda a casa, Helena*, escritas

com *glacé* amarelo, indicavam que este bolo era para mim. Deixei cair o meu prato de macarrão-batata-ambrósia-guisado na lata de metal, peguei num prato vazio e fiz deslizar o bolo inteiro para cima dele. A jornalista da *People* sorriu enquanto o fotógrafo tirava fotografias, portanto soube que tinha feito o correto. Desde que deixara o pântano, fazia muitas coisas erradas. Consigo saborear aquela primeira dentada de boca cheia até hoje: tão leve e macia, foi como morder uma nuvem com sabor a chocolate.

Enquanto comia, a jornalista fez-me perguntas. Como aprendi a ler? O que gostava mais na minha vida no pântano? Doeu, quando fiz as tatuagens? O meu pai tocava-me de formas que eu não gostava? Agora sei que esta última pergunta queria dizer se o meu pai me tocava de forma sexual, o que nunca fez. Apenas respondi que sim porque o meu pai costumava bater-me na cabeça ou no rabo sempre que precisava de ser castigada, tal como fazia à minha mãe, e claro que eu não gostava disso.

Depois de acabar de comer, a jornalista, o fotógrafo e eu fomos à casa de banho, no andar de cima, para eu poder lavar a maquilhagem que os meus avós me colocaram no rosto para esconder as tatuagens. (Porque é que lhe chamam casa de banho, lembro-me de pensar, se não há nenhum sítio para tomar banho? E porque é que nas portas está escrito HOMENS e MULHERES, mas não há nenhuma porta para crianças? E porque é que os homens e as mulheres precisam das suas próprias casas de banho, para começar?) A jornalista disse que as pessoas gostariam de ver as minhas tatuagens, e eu acedi.

Quando terminei, consegui ver, através das portas abertas que davam para o parque de estacionamento, um grupo de rapazes a jogarem com uma bola. Sabia que era assim que se chamava porque a minha mãe lhe tinha chamado assim nas *Geographics*. Mas nunca vira uma bola na vida real. Fiquei particularmente fascinada pela forma como a bola saltava novamente para as mãos dos rapazes depois de eles baterem com ela contra o pavimento, como se estivesse viva, como se fosse habitada por uma entidade espiritual.

— Queres jogar? — perguntou um dos rapazes.

Queria. E tenho a certeza de que teria conseguido agarrar a bola, se soubesse que ele ia atirar. Mas não sabia, portanto a bola bateu-me no estômago com força suficiente para me fazer soltar um ai (embora não tenha realmente doído) e depois rebolou para longe. Os rapazes riram-se, e não de uma forma simpática.

O que aconteceu depois foi contado de forma manifestamente exagerada. Só tirei a camisola porque os meus avós me avisaram de que a camisola precisava de ser «lavada a seco» e isso custava muito dinheiro, e que, portanto, não a devia sujar. E só tirei a minha faca porque queria atirá-la de trás das costas e espetá-la no poste de madeira que tinha o cesto de basquetebol, para mostrar aos rapazes que era tão habilidosa com a minha faca como eles com a sua bola. Não tive culpa de que um dos rapazes tentasse agarrar a minha faca para a afastar de mim, nem que tenha feito um corte na palma da mão durante o processo. Em todo o caso, que espécie de idiota é que agarra numa faca pela lâmina?

O resto do «Incidente», como os meus avós se referiram para sempre ao momento, foi uma névoa de rapazes a gritar e adultos a berrar e a minha avó a chorar que acabou comigo sentada na parte de trás de um carro da polícia, algemada, sem fazer ideia do que tinha corrido mal. Mais tarde descobri que os rapazes pensaram que eu ia feri-los, o que era tão ridículo como soa. Se quisesse cortar a garganta a alguém, tê-lo-ia feito.

Naturalmente, a revista *People* publicou as fotografias mais sensacionalistas. A minha fotografia de peito nu, com as tatuagens faciais e a luz do sol refletida na lâmina da minha faca, como um guerreiro Yanomami[6], foi capa. Disseram-me que a minha edição foi uma das mais vendidas (em terceiro lugar, depois da edição sobre o *World Trade Center* e do tributo à Princesa Diana), portanto suponho que receberam aquilo pelo qual pagaram.

Em retrospectiva, consigo ver que fomos, todos, bastante ingénuos. Os meus avós, por pensarem que podiam tirar proveito do que acontecera à filha sem que isso tivesse repercussões; a minha mãe, por

pensar que podia retomar a sua antiga vida como se nunca a tivesse deixado; eu, por pensar que me podia integrar. Depois disso, as crianças com quem ia à escola dividiam-se em dois grupos: aquelas que me temiam e aquelas que me admiravam e temiam.

Levanto-me e espreguiço-me. Levo o meu copo para a cozinha e enxaguo-o no lava-louça, depois vou para o quarto, programo o despertador do meu telefone e deito-me completamente vestida em cima dos cobertores, para poder sair logo de manhã, assim que clarear.

Não será a primeira vez que caço o meu pai, mas farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que será a última.

[6] Tribo indígena da Amazônia. (N.T.)

O despertador toca às cinco. Rebolo para o lado, pego no telefone que está na mesa de cabeceira e vejo as mensagens. Nada do Stephen.

Enfio a minha faca no cinto e vou para a cozinha pôr o café ao lume na cafeteira. Quando era criança, a única bebida quente que tomávamos, para além dos chás medicinais de sabor horrível do meu pai, era chicória. Desenterrar as raízes, depois limpá-las, secá-las e moê-las dava muito trabalho para fazer aquilo que, sei agora, é, essencialmente, um substituto de segunda categoria do café. Reparei que é possível comprar chicória moída nas mercearias. Não consigo imaginar porque é que alguém quereria fazê-lo.

Lá fora, está a começar a clarear. Encho um termo e pego nas chaves da minha carrinha que estão no chaveiro junto à porta. Estou dividida quanto a deixar um bilhete ao Stephen. Normalmente deixaria. O Stephen gosta de saber onde estou e quanto tempo estarei fora, e eu não me importo, desde que ele também entenda que os meus planos podem mudar e posso não conseguir avisar quando isso acontece, já que a cobertura de rede de telemóvel oscila entre intermitente e inexistente em grande parte da Península Superior. Penso sempre que é irónico que, numa zona onde, teoricamente, é possível precisar verdadeiramente de usar um telemóvel, com tanta frequência não se consiga. Contudo, afinal decido não deixar nada. Estarei em casa muito antes de o Stephen voltar. Se voltar.

O Rambo fareja o exterior através da janela da carrinha, enquanto arranco e conduzo pelo caminho que desemboca na estrada. São 5:23. Estão seis graus e a temperatura continua a descer, o que, depois do tempo de verão indígena que tivemos ontem, se limita a provar o que toda a gente diz: se não gostares do tempo no Michigan, espera só uns minutinhos. Os ventos sopram de forma constante a partir do sudoeste a uma velocidade de vinte e quatro quilómetros por hora. Existe trinta por cento de probabilidade de chuva esta manhã, aumentando para cinquenta por cento durante a tarde, e é esta a parte da previsão que me preocupa. Nem mesmo o melhor rastreador consegue interpretar marcas depois de estas terem sido varridas pela chuva.

Ligo o rádio durante tempo suficiente para confirmar que a caça ao meu pai continua, depois desligo-o. Os áceres ao longo da autoestrada estão a ficar amarelos. Aqui e ali, um ácer-vermelho resplandece num encarnado de sangue. Em cima, as nuvens estão escuras como nódoas negras. O tráfego é ligeiro porque é terça-feira. Também porque o bloqueio da M-77 em Seney fez com que o tráfego vindo do norte para Grand Marais se tornasse um gotejar lento.

Calculo que, depois de ter deixado um rasto falso ontem, o meu pai tenha feito um grande círculo e voltado para o rio, caminhando durante toda a noite para se conseguir distanciar o mais possível do refúgio. Seguiu o rio Driggs para norte porque é mais fácil do que continuar em corta-mato e porque segui-lo para sul tê-lo-ia conduzido mais para o interior do refúgio. Para além disso, caminhar pelo aqueduto que passa por baixo da M-28 seria também uma forma conveniente de atravessar a autoestrada sem ser visto. Imagino-o a avançar cuidadosamente pela escuridão, ziguezagueando entre as árvores e caminhando pelos riachos, enquanto evita as velhas estradas dos madeireiros que tornariam a viagem mais fácil, mas o deixariam vulnerável perante o holofote do helicóptero.

Depois, assim que o dia começou a clarear, escondeu-se na cabana vazia de alguém para passar o dia. Eu própria arrombei cabanas mais do que uma vez quando era apanhada no exterior por uma alteração

meteorológica repentina. Desde que se deixe um bilhete a explicar porque é que se arrombou a cabana e alguns dólares para a comida que se comeu e para qualquer estrago que se tenha causado, ninguém se importa. O meu desafio, agora, é encontrar essa cabana. Mesmo que não chova, assim que escurecer, o meu pai irá pôr-se a caminho. Não consigo seguir o seu rasto se não o conseguir ver, portanto, se não o encontrar antes de a noite cair, de manhã terá um avanço tão grande que nunca o encontrarei.

Creio que o destino final do meu pai é o Canadá. Teoricamente, poderia deambular pelo território selvagem da Península Superior durante o resto da vida, em constante movimento, sem nunca acender uma fogueira, deslocando-se estritamente à noite, sem nunca fazer um telefonema nem gastar dinheiro, caçando e pescando e comendo e bebendo o que encontrasse nas cabanas arrombadas, como o Eremita do Lago Norte fez na floresta do Maine durante quase trinta anos. Mas será muitíssimo mais fácil simplesmente abandonar o país. Obviamente, não pode atravessar uma fronteira com guarda, mas há uma longa extensão de fronteira entre o Canadá e o Norte do Minnesota que é apenas ligeiramente monitorizada. A maioria das estradas e passagens de nível tem sensores enterrados que avisam as autoridades quando alguém está a tentar atravessar furtivamente, mas o meu pai só precisa de escolher um setor remoto e densamente arborizado e atravessar a pé por aí. Depois disso, pode continuar para norte até onde quiser, talvez instalar-se perto de uma comunidade nativa isolada, raptar outra esposa se lhe apetecer e terminar os seus dias em paz e na obscuridade. O meu pai consegue fazer-se passar por Primeiras Nações[7] quando quiser.

Oito quilómetros a sul da nossa casa, viro para oeste, entrando numa estrada arenosa de duas vias que, eventualmente, irá sair na zona de campismo do rio Fox. Toda a península é atravessada por velhos caminhos de madeiros como este. Alguns são tão largos como uma autoestrada de duas faixas. A maioria é estreita e coberta de vegetação. Se se conhecer tão bem as estradas secundárias como eu, pode-se conduzir de uma ponta à outra da península sem nunca pisar alcatrão. Se o meu pai se estiver a dirigir para o rio Fox, como suspeito que sim, há três estradas que terá de atravessar. Tendo em conta a hora a que fugiu e até onde poderia viajar até ter de se esconder, esta estrada do meio é o meu melhor palpite. Há duas cabanas no final da estrada que quero examinar. Sem dúvida que os membros da equipa de busca estariam igualmente a investigar essas cabanas, se o meu pai não os tivesse conduzido até ao refúgio da vida selvagem. Imagino que, eventualmente, se aperceberão. Ou talvez não. A minha mãe esteve desaparecida durante cerca de quinze anos.

A ironia do rapto da minha mãe é que aconteceu num local onde nunca houve raptos. As cidades que ficam no meio da Península Superior do Michigan quase não são dignas desse nome. Seney, McMillan, Shingleton, e Dollarville são pouco mais do que cruzamentos de autoestradas sinalizados com uma placa de boas-vindas, uma igreja, uma bomba de gasolina e um café ou dois. Seney tem também um restaurante com um motel e uma lavandaria automática. Seney marca o início do «Troço de Seney» se estivermos a viajar para oeste na M-28, ou o final, se estivermos a viajar para leste. Quarenta quilómetros, entre Seney e Shingleton, de uma autoestrada aborrecida e enfadonha, reta como uma flecha e plana como uma panqueca, que atravessa o que resta do Grande Pântano de Manistique. Os viajantes param nas cidades em qualquer uma das extremidades para atestar o depósito de gasolina, comer umas batatas fritas e beber uma Coca-Cola para quebrar a monotonia da viagem ou ir à casa de banho uma última vez antes de seguirem viagem, pois não verão mais civilização durante a meia hora seguinte. Algumas pessoas dizem que o Troço de Seney tem, na verdade, oitenta quilómetros, mas isso é apenas ilusão.

Até ao rapto da minha mãe, as crianças do Condado de Luce não ficavam trancadas a sete chaves. Possivelmente, nem sequer depois, porque os hábitos antigos costumam a desaparecer e porque, na verdade, ninguém pensa que as coisas más lhe possam acontecer a si. Especialmente depois de já terem acontecido a outra pessoa. O *The Newberry News* relatava todos os crimes, por mais pequenos que fossem. E eram

todos pequenos: um porta-CD roubado do banco da frente de um carro destrancado, uma caixa do correio vandalizada, uma bicicleta furtada. Ninguém poderia ter sonhado com o rapto de uma criança.

Também irónico é o facto de, durante os anos em que a minha avó e o meu avô estavam desesperados a tentar descobrir o que acontecera à filha, ela se encontrar a menos de oitenta quilómetros de distância. A Península Superior é grande. Vinte e nove por cento da superfície do Estado do Michigan, três por cento da população. Um terço da região é constituído por floresta estatal e nacional.

Os arquivos de microfilme do jornal mostram o progresso da busca.

Dia Um: Desaparecida. Presume-se que se terá perdido e espera-se que seja encontrada brevemente.

Dia Dois: Ainda desaparecida. São chamados a intervir a equipa de busca da polícia estatal e os cães de salvamento.

Dia Três: Equipa de busca alargada, incluindo um helicóptero da Guarda Costeira de St. Ignace, assistido pelos agentes do Departamento de Recursos Naturais no terreno e pequenas aeronaves variadas.

E por aí em diante.

Apenas uma semana inteira após o seu desaparecimento a melhor amiga da minha mãe admitiu que estavam a brincar nuns edifícios abandonados juntos à linha de comboio quando foram abordadas por um homem que disse estar à procura do seu cão. Esta é também a primeira vez que a palavra *raptada* aparece. Nessa altura, claro, já era demasiado tarde.

Pela fotografia de jornal da minha mãe, consigo perceber o que atraiu o olhar do meu pai: loura, rechonchuda, de trancinhas. Mesmo assim, devia haver bastantes raparigas de catorze anos louras e rechonchudas que o meu pai poderia ter raptado. Interroguei-me muitas vezes por que motivo a escolheu. Tê-la-á seguido durante os dias e semanas que precederam o rapto? Estaria secretamente apaixonado por ela? Ou seria o rapto da minha mãe apenas uma convergência infeliz de tempo e de lugar? Tendo a acreditar na última opção. Não me consigo certamente lembrar de alguma vez ter visto, entre a minha mãe e o meu pai, algo que se parecesse, embora remotamente, com afeto. Seria o facto de nos proporcionar água e roupa uma prova do amor do meu pai por nós? Nos meus momentos de maior fraqueza, gosto de pensar que sim.

Antes de termos sido resgatadas, ninguém sabia se a minha mãe estava viva ou morta. A reportagem que o *The Newberry News* publicava todos os anos no aniversário do seu rapto foi-se tornando progressivamente mais curta. Nos últimos quatro anos, o título e o único parágrafo de texto que o acompanhavam foram exatamente iguais: «Rapariga Local Ainda Desaparecida». Ninguém sabia nada sobre o meu pai para lá da descrição da amiga da minha mãe: um homem pequeno e esguio de pele «escurinha» e cabelo preto comprido que envergava botas de trabalho, calças de ganga e uma camisa vermelha axadrezada. Tendo em conta que a etnicidade da zona, naquela altura, estava sensivelmente dividida, de forma equitativa, entre nativos americanos e finlandeses e suecos e que muitos homens com mais de dezasseis anos usavam botas de trabalho e camisas de flanela, a sua descrição era praticamente inútil. À exceção daquela coluna anual de cinco centímetros e dos buracos gémeos nos corações dos meus avós, a minha mãe foi esquecida.

E então, um dia, catorze anos, sete meses e vinte e dois dias depois de o meu pai ter raptado a minha mãe, ela voltou, despoletando a mais extensa caça ao homem que os habitantes da Península Superior alguma vez tinham visto. Até hoje.

Estou a conduzir aproximadamente à velocidade máxima que um homem consegue caminhar. Não só porque, pelas características da estrada, se conduzir muito perto da berma e não prestar atenção, a areia profunda enterrará a minha carrinha até aos eixos antes de eu me aperceber do que está a acontecer, mas

também porque estou à procura de pegadas. Não consigo seguir verdadeiramente o rasto de uma pessoa a pé a partir de um veículo, claro, e a probabilidade de o meu pai ter deixado um rasto visível enquanto percorria esta estrada (*se é que percorreu esta estrada*) é extremamente reduzida, mas ainda assim há que tentar. No que diz respeito ao meu pai, todo o cuidado é pouco.

Conduzi por esta estrada muitas vezes. Há um lugar que fica cerca de meio quilómetro mais adiante, onde a estrada faz uma curva, em que a berma é suficientemente sólida para encostar e estacionar. Daí, se caminhar mais meio quilómetro para noroeste e descer um declive íngreme, chego ao maior lote de amoras que alguma vez vi. As amoras gostam muito de água e há um riacho que corre no fundo da ravina, portanto as bagas ficam especialmente grandes. Quando tenho sorte, com uma única colheita consigo juntar o suficiente para fazer compota para um ano.

Os morangos são outra história. O que as pessoas têm de perceber sobre os morangos silvestres é que os frutos não têm nada a ver com os colossos californianos que se compram nas mercearias. Em média, não são muito maiores do que a ponta do dedo mindinho de um adulto, mas têm um sabor que compensa o tamanho reduzido. Ocasionalmente, posso deparar-me com um fruto que é tão grande como a ponta do meu polegar (e quando assim é, esse fruto vai para a minha boca e não para o balde de fruta), mas esse é o tamanho máximo que os morangos silvestres algum dia alcançam. Obviamente, são necessários muitos morangos silvestres para fazer uma quantidade razoável de compota, e é por esse motivo que tenho de cobrar um valor adicional pela minha.

Seja como for, hoje não ando à procura de fruta.

O meu telefone vibra. Puxo-o para fora. Uma mensagem do Stephen:

*Em casa daqui a meia hora. Miúdas nos meus pais. Não te preocupes. Vamos ultrapassar isto.
Beijos S*

Paro no meio da estrada e fito o ecrã. O regresso do Stephen era, praticamente, a última coisa que eu esperava. Deve ter dado a volta para regressar a casa assim que deixou as miúdas. O meu casamento não acabou. O Stephen está a dar-me outra oportunidade. *Está a vir para casa.*

As repercussões são quase avassaladoras. O Stephen não vai desistir de mim. Sabe quem sou e não se importa. *Vamos ultrapassar isto. Beijos S.* Penso em todas as vezes que disse ou fiz alguma coisa estranha e tentei encobrir a minha ignorância, como se a minha gafe fosse uma piada. Agora, apercebo-me de que não tinha de fingir. Coloquei-me a mim própria dentro desta caixa. O Stephen ama-me por quem eu sou.

Em casa daqui a meia hora. Claro que não estarei lá quando chegar, mas isso provavelmente é bom. Agora, estou feliz por não ter deixado um bilhete. Se o Stephen fizesse a mínima ideia de onde estou ou do que estou a fazer, ficaria fora de si. É melhor pensar que saí para tomar o pequeno-almoço, ou que fui buscar qualquer coisa ao supermercado, ou que fui à esquadra da polícia para ajudar os agentes a seguirem uma pista, e volto já. O que, se tudo correr como planeado, acontecerá.

Leio a mensagem uma última vez e ponho o telefone no bolso. Toda a gente sabe como a cobertura de rede de telemóvel pode ser intermitente na Península Superior.

[7] No original, «*First Nations*», tribo indígena do Canadá. (N.T.)

A CABANA

A esposa do Viking ficou sobremaneira encantada quando encontrou a bela criança deitada no seu peito. Beijou-a e acariciou-a, mas ela estava num pranto terrível e agitava pernas e braços, não parecendo nada satisfeita. Finalmente, acabou por adormecer e, enquanto ali repousava, quieta e tranquila, era a mais bela visão que se poderia ter.

Quando a esposa do Viking acordou cedo na manhã seguinte, ficou terrivelmente alarmada ao descobrir que a criança desaparecera. Saltou do divã e procurou por todo o quarto. Finalmente, viu, naquela parte da cama onde tinham estado os seus pés, não a criança, mas um enorme e horrendo sapo.

Nesse preciso instante, o sol nasceu e lançou os seus raios através da janela, descansando-os finalmente no divã onde o enorme sapo estava pousado. Subitamente, a boca larga do sapo pareceu contrair-se e ficar pequena e vermelha. Os membros moveram-se e esticaram-se e alongaram-se até assumirem uma linda forma; e, pasme-se, diante dela estava a bela criança e o sapo horrendo desaparecera.

— Como é que isto aconteceu? — gritou. — Terei tido um pesadelo? Não será o meu próprio querubim adorado que ali repousa. — Então, beijou-a e afagou-a; mas a criança resistiu e lutou e mordeu como se fosse um gatinho selvagem.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

O meu pai gostava de contar a história de como encontrou a nossa cabana. Estava a caçar com arco e flecha a norte de Newberry quando o veado que atingiu saltou no último segundo, ficando apenas ferido. Seguiu o seu rasto até à orla do pântano, depois observou o aterrorizado veado nadar até águas profundas e afogar-se. Quando deu meia-volta para se ir embora, o sol reluziu no material isolante de metal que revestia a extremidade do telhado da nossa cabana. O meu pai costumava dizer que, se tivesse sido noutra altura do ano, ou noutra altura do dia, ou se o manto de nuvens no céu fosse diferente nesse dia, nunca a teria descoberto, e tenho a certeza de que isso é verdade.

Marcou o lugar e voltou mais tarde de canoa. Assim que viu a cabana, diz que soube que o Grande Espírito o conduzira até ali para que tivesse um lugar para viver com a sua família. Agora, sei que isto significa que estávamos a ocupar a casa. Na altura, isso não parecia interessar. Durante os anos em que ali vivemos, definitivamente ninguém se importou. Há muitas propriedades abandonadas como essa por toda a Península Superior. As pessoas pensam que gostariam de ter um lugar para se evadirem de tudo, portanto compram uma propriedade numa estrada no meio da floresta, rodeada de terrenos estatais, e constroem uma cabana. Talvez resulte durante algum tempo, e elas gostem de ter um lugar onde podem ir quando lhes apetece para experimentarem o lado selvagem da vida, até a vida se intrometer: filhos, trabalhos, pais envelhecidos. Passa um ano sem irem à cabana, depois outro, e, quando dão por isso,

pagar impostos por uma propriedade que não usam começa a parecer muito pouco atrativo. Ninguém vai comprar quinze hectares de pântano e uma cabana rústica a não ser outro pobre idiota que se quer evadir de tudo, portanto, na maioria dos casos, os donos deixam a propriedade passar para a mão do Estado devido ao não pagamento dos impostos.

Depois de a polícia ter revistado o local do crime e a atenção mediática ter esmorecido, o Estado tirou rapidamente a nossa cabana da lista de propriedades tributáveis. Algumas pessoas achavam que a cabana devia ser demolida, devido ao que ali aconteceu, mas, afinal, ninguém quis assumir esse custo.

É possível visitar a cabana, se o desejarem, embora possam ser necessárias algumas tentativas para conseguir encontrar o afluente que conduz à nossa cumeeira. Os caçadores de recordações esvaziaram o local há muito. Até hoje, podem comprar-se objetos no eBay que, supostamente, me pertenceram, embora possa dizer-vos, com cem por cento de certeza, que a maioria das coisas que as pessoas põem à venda não era minha. Mas, para além de um buraco na cozinha no local onde um porco-espinho roeu a parede de um lado ao outro, a cabana, o barracão, o casebre da lenha, a cabana de suor e a casa de banho exterior estão todos como me recordo.

A última vez que voltei lá foi há dois anos, depois da morte da minha mãe. Desde que tivera as minhas filhas, pensava muito na minha vida enquanto era criança e queria ver se a realidade correspondia às minhas memórias. O alpendre estava coberto de folhas e caruma de pinheiro, portanto parti um ramo de pinheiro para o varrer. Montei a minha tenda debaixo das macieiras e enchi duas canecas de leite com água do pântano, depois sentei-me num pedaço de lenha na vertical a mastigar uma barra energética de cereais e a ouvir o chilrear dos chapins. O pântano fica silencioso imediatamente antes do crepúsculo, depois de os insetos e animais diurnos se terem calado e as criaturas noturnas ainda não terem aparecido. Costumava sentar-me nos degraus do alpendre da cabana todas as noites, depois do jantar, a folhear as *Geographics* ou a praticar os nós quadrados e os nós simples que o meu pai me ensinava, enquanto esperava que as estrelas aparecessem: *Ningaabi-anang*, *Waaban-anang* e *Odjiig-anang*, Estrela Vespertina, Estrela-d'alva e Ursa Maior, as três principais estrelas para a comunidade Ojíbuá. Quando o vento sossegava e o lago ficava quieto, podiam ver-se as estrelas perfeitamente refletidas na água. Depois de deixar o pântano, passei muito tempo no alpendre dos meus avós a olhar para o céu.

Fiquei na cabana durante duas semanas. Pesquei, cacei, capturei animais com armadilhas. Cozinhei as minhas refeições numa fogueira no quintal porque alguém levava o nosso fogão a lenha. No décimo terceiro dia, quando encontrei uma poça de lama repleta de girinos e pensei em como gostaria de os mostrar à Mari e à Iris, soube que tinha chegado a hora de ir para casa. Carreguei as minhas coisas na canoa e remei de volta para a carrinha, lançando um último olhar demorado a tudo durante o trajeto, porque sabia que seria a última vez que ali voltaria.

Tenho consciência de que duas semanas provavelmente parecem muito tempo para uma jovem mãe ficar afastada da família. Na altura, teria tido dificuldades em explicar porque é que precisava de me afastar. Construía uma nova vida para mim. Amava a minha família. Não era infeliz. Acho que, simplesmente, escondera durante tanto tempo quem era e tentara tão arduamente integrar-me que precisava de me vincular à pessoa que era antes.

Foi uma vida boa, até deixar de o ser.

A minha mãe nunca falou muito dos anos anteriores às minhas próprias memórias. Imagino um círculo interminável de limpar e amamentar. «Uma para lavar e uma para vestir» soa bem, teoricamente, mas sei pelas minhas próprias filhas que os bebés podem vestir três ou quatro mudas de roupa por dia. Já para não falar das fraldas. Ouvi, por acaso, a minha mãe contar à minha avó, uma vez, como fora difícil conter

as irritações de pele que as fraldas me provocavam. Não me lembro de me sentir particularmente desconfortável quando era bebê, mas se a minha mãe disse que todo o meu rabo estava coberto de feridas vermelhas horríveis, a escorrer e a sangrar, tenho de acreditar nela. Não pode ter sido fácil. Raspar os sólidos das minhas fraldas na casa de banho exterior, depois lavar as fraldas à mão num balde. Aquecer água no fogão a lenha para as lavar. Pendurar cordas na cozinha para as secar quando estava a chover e pendurar as fraldas no quintal quando não estava. Os índios nunca se deram ao trabalho de pôr fraldas nos seus bebês e, se a minha mãe tivesse sido esperta, assim que o clima aquecesse o suficiente para me deixar andar por ali a correr com o rabo seminu, teria feito o mesmo.

Não havia água potável na nossa cumeeira. As pessoas que construíram a cabana, claramente, tinham tentado escavar um poço, pois havia um buraco fundo no nosso quintal que o meu pai mantinha coberto com uma pesada tampa de madeira e onde ocasionalmente me fechava de castigo, mas o poço estava seco. Talvez tenha sido por isso que abandonaram a cabana. Obtínhamos a nossa água do pântano, numa zona rochosa em semicírculo que mantínhamos limpa de vegetação. A piscina que formava era suficientemente profunda para mergulhar um balde lá dentro sem remexer o sedimento do fundo. O meu pai costumava gracejar que, quando carregava os baldes pela encosta acima, no final os seus braços estavam quinze centímetros mais compridos do que quando começara. Quando era pequena, acreditava nele. Quando tive idade suficiente para carregar a minha própria quota de baldes, percebi a piada.

Cortar, arrastar e rachar a lenha de que a minha mãe precisava para me manter limpa e seca era tarefa do meu pai. Adorava vê-lo a rachar madeira. Entrançava o cabelo comprido para que não o perturbasse e tirava a camisa, mesmo quando estava frio, e os músculos que ondulavam debaixo da sua pele eram como brisa de verão a estremecer entre as ervas selvagens. A minha função era ir colocando os cepos de pé para que o meu pai pudesse avançar pela fila sem parar: *tuak, tuak, tuak, tuak tuak, tuak*. Uma machadada por cepo, cada cepo perfeitamente rachado em dois quando ele fazia aquele movimento de torcer a ponta do machado no último segundo, fazendo as duas metades esvoaçarem. As pessoas que não sabem rachar madeira têm tendência para baixar a ponta do machado a direito, como se o peso e o impulso, por si só, pudessem dar conta do recado. Mas isso faz apenas com que a ponta se enterre na densa madeira verde, tão firmemente como um cinzel, e boa sorte para a tirar de lá. Houve um ano em que os organizadores do festival do mirtilo em Paradise, no Michigan, onde vendo as minhas compotas e geleias, trouxeram um parque de diversões itinerante com uma atração. Conhecem aquele jogo onde se bate com um maço numa plataforma, fazendo um peso subir por um poste e, ao fazer tocar a campainha no topo, se ganha um prémio? Ganhei muito dinheiro nesse jogo.

O nosso lote destinado à extração de lenha ficava na extremidade inferior da cumeeira. Depois de o meu pai cortar e desmembrar as árvores e cortar os troncos com o comprimento da lenha, arrastávamos a madeira para cima, para a nossa cabana. O meu pai preferia árvores com diâmetros de vinte a vinte e cinco centímetros: não eram demasiado grandes para manusear, mas eram suficientemente grandes para que os cepos que ele deixava por rachar mantivessem o fogo aceso durante a noite. Ele deixava os áceres próximos da nossa cabana crescerem e produzíamos xarope de ácer com eles. Um ácer ou faia daquele tamanho produz, em média, três metros cúbicos e meio de lenha, e todos os anos precisávamos de setenta a cento e dez metros cúbicos, dependendo da severidade do inverno, portanto cortar e armazenar lenha era um trabalho que fazíamos ao longo do ano inteiro. Um casebre cheio de lenha era como dinheiro no banco, dizia o meu pai, embora o nosso não estivesse sempre cheio. Durante o inverno, cortava as árvores de uma cumeeira próxima, para fazer o nosso lote durar. Fazia os troncos deslizarem pelo gelo usando um gancho para madeira ou dois suportes por baixo dos cepos e uma corda enrolada à volta do ombro. As gigantescas empresas de papel que extraem madeira por toda a Península Superior gostam de dizer que as árvores são um recurso renovável, mas, quando deixámos a cabana, as árvores na zona

inferior da nossa cumeeira tinham desaparecido quase na totalidade.

Tendo em conta todo o esforço que despendíamos para recolher lenha, poderão pensar que a vida na cabana durante o inverno era confortável. Não era. Rodeados de gelo e de neve com um metro e meio de profundidade, era mais parecido com viver num congelador. De novembro a abril, a nossa cabana nunca estava verdadeiramente quente. Por vezes, a temperatura exterior durante o dia não ultrapassava os dezassete graus negativos. Frequentemente, as temperaturas mínimas durante a noite atingiam os trinta e cinco ou quarenta graus negativos. Com essas temperaturas, não é possível inspirar sem ficar ofegante quando os vasos capilares se contraem com a chegada do ar frio aos pulmões, ao mesmo tempo que os pelos no interior do nariz se encolhem quando a humidade das vias nasais congela. Se nunca viveram no extremo norte, garanto-vos que não fazem a mínima ideia de como é incrivelmente difícil contrariar esse tipo de frio profundo e omnipresente. Imaginem o frio como um nevoeiro maligno, a cair sobre e dentro de vocês vindo de todos os lados, erguendo-se a partir do chão gelado, abrindo caminho por entre cada ínfima fenda e fissura no soalho e nas paredes da vossa cabana; *Kabibona'kan*, o Criador do Inverno, que chega para vos devorar, roubando-vos o calor dos ossos até o vosso sangue se transformar em gelo e o vosso coração congelar e vos restar apenas o lume no fogão a lenha para o combater.

Muitas vezes, acordava depois de uma tempestade e encontrava os meus cobertores cobertos de neve que entrara pelos espaços à volta das janelas onde as tábuas tinham encolhido. Sacudia a neve e embrulhava os cobertores à minha volta e apressava-me a descer as escadas para me sentar junto do fogão a lenha, com as mãos a envolverem uma caneca de chicória quente, até estar preparada para desafiar o frio. Não tomávamos banho durante o inverno (pura e simplesmente não conseguíamos), o que foi um dos motivos para o meu pai construir a cabana de suor, mais tarde. Sei que provavelmente isto soa muito mal para a maioria das pessoas, mas não fazia grande sentido lavar o corpo quando não podíamos lavar a nossa roupa. De qualquer forma, éramos só os três, portanto, se cheirávamos mal, não reparávamos, pois todos tínhamos o mesmo cheiro.

Não me lembro muito bem dos meus anos de bebé. Impressões. Sons. Cheiros. Mais sensações de *déjà vu* do que verdadeiras memórias. Evidentemente, não existem fotografias de bebé. Mas a vida no pântano seguia um padrão regular, portanto não é difícil preencher o que falta. De dezembro a março é gelo, frio e neve. Em abril, regressam os corvos e nascem as rãs. Em maio, o pântano é todo erva verde e flores, embora ainda se consigam encontrar pedaços de neve à sombra de uma rocha ou no lado norte de um tronco. Junho é o mês dos insetos. Mosquitos, borrachudos, moscardos, moscas-de-veado, mosquitos-pólvora: se um inseto voa e morde, nós temo-lo. Julho e agosto são tudo o que as pessoas que vivem em latitudes mais a sul associam com o verão, com um bónus: estamos tão a norte que a luz do dia dura até depois das dez da noite. Setembro traz a primeira geada e vemos frequentemente uma nevada em setembro (apenas uma queda leve porque as folhas não acabaram de se transformar, mas é um presságio do que virá depois). Esse é também o mês em que os corvos partem e os gansos do Canadá se reúnem. Em outubro e novembro o pântano para e, em meados de dezembro, estamos novamente encarcerados no frio profundo.

Agora imaginem uma criança a andar por ali às voltas, no meio disso tudo: a rebolar e a deslizar na neve, a salpicar-se na água, aos pulos pelo quintal a fingir que é um coelho ou a bater os braços como se fosse um pato ou um ganso, com os olhos, os ouvidos, o pescoço e as mãos inchados das picadas de insetos, apesar do repelente caseiro com que a mãe a besunta de acordo com a receita do pai (rizoma de hidraste moído misturado com gordura de urso), e isto basicamente cobre os meus primeiros anos.

A minha primeira verdadeira memória é do meu quinto aniversário. Aos cinco anos, era uma versão

rechonchuda de um metro e vinte da minha mãe, mas com as cores do meu pai. O meu pai gostava de cabelos compridos, pelo que o meu nunca fora cortado. Chegava-me quase à cintura. A maior parte do tempo, usava-o com duas trancinhas ou com uma única trança, como a do meu pai. A minha roupa preferida era um macacão e uma camisa axadrezada vermelha de flanela que era quase igual a uma das dele. A minha outra camisa desse ano era verde. As minhas botas de trabalho, de couro castanho, eram idênticas às que o meu pai usava, mas sem a biqueira de aço e mais pequenas. Quando vestia esta roupa tinha a sensação de que, um dia, poderia transformar-me num homem tão valente quanto o meu pai. Copiava os seus trejeitos, o seu modo de falar, a sua forma de andar. Não era adoração, mas quase. Estava descarada, absoluta e completamente apaixonada pelo meu pai.

Sabia que este era o dia em que fazia cinco anos, mas não esperava nada de especial. A minha mãe, contudo, surpreendeu-me ao fazer-me um bolo. Algures entre as pilhas de latas e sacos de arroz e farinha da arrecadação, a minha mãe encontrou uma mistura embalada para bolos. De chocolate e com açúcar granulado multicolor, ainda por cima, como se o meu pai soubesse que, um dia, teria uma filha. Não gostava de fazer nada na cozinha que não tivesse de fazer, mas a fotografia na parte da frente da caixa intrigou-me. Não conseguia imaginar como é que aquele saco de pó castanho se transformaria num bolo com pequenas velas de várias cores e cobertura em espiral castanha, mas a minha mãe prometeu que isso aconteceria.

— O que é que quer dizer «Preequeça o forno a 170°»? — perguntei, enquanto lia as instruções na parte de trás. Sabia ler desde os três anos. — E o que é que vamos fazer em relação ao forno? — Vira fotografias nos anúncios de eletrodomésticos de cozinha nas *Geographics* e sabia que não tínhamos nenhum.

— Não precisamos de forno — respondeu a minha mãe. — Fazemos o bolo da mesma forma que fazemos biscoitos.

Isso preocupou-me. Os biscoitos de fermento que a minha mãe fazia no fogão com a nossa frigideira de ferro fundido ficavam muitas vezes queimados e eram sempre rijos. Uma vez, perdi um dente de leite a trincar um. A sua falta de dotes culinários era sempre uma questão sensível entre ela e o meu pai, mas não me incomodava. Não se pode sentir falta do que nunca se conheceu. Em retrospectiva, é fácil ver como ele poderia ter prevenido o problema raptando alguém um pouco mais velho, mas quem sou eu para questionar as escolhas do meu pai? Fez a cama onde se deitou, como diz o ditado.

A minha mãe mergulhou um pano no balde de gordura de urso que guardávamos num armário à prova de ratos e esfregou-o no interior da frigideira, depois pô-la a aquecer sobre o fogão.

— «Misture dois ovos e um quarto de C. de óleo alimentar» — continuei. — Óleo alimentar?

— Gordura de urso — disse a minha mãe. — E o C. quer dizer chávena. Temos ovos?

— Um. — Os patos selvagens reproduzem-se na primavera. Felizmente nasci no final de março.

A minha mãe partiu o ovo para dentro da mistura em pó, acrescentou a gordura que derreteu num púcaro em cima do fogão e uma quantidade igual de água e juntou a manteiga, remexendo.

— «Bater três minutos com uma batedeira elétrica na velocidade máxima ou trezentas vezes à mão».

Quando o braço dela ficou cansado, substituí-a. Deixou-me acrescentar o açúcar granulado, mas, quando a massa ficou pronta, eu já comera metade. Era doce, o que era sempre bom, mas a textura enquanto empurrava com a língua o granulado que pusera na boca fazia-me pensar em excrementos de rato. Acrescentou outro pedaço de gordura à frigideira para que a massa não pegasse, verteu a massa para o interior e cobriu a frigideira com uma tampa de ferro fundido.

Dez minutos mais tarde, depois de me ter advertido duas vezes que não espreitasse, ou o bolo não cozeria, e de ela própria ter levantado a tampa para verificar o progresso, descobriu que as bordas do bolo estavam a ficar pretas enquanto o meio ainda estava pegajoso. Abriu a porta inferior do fogão,

remexeu as brasas para que o calor se distribuisse mais uniformemente e acrescentou outro cepo ao fogo, e isso resolveu o problema. O produto final não se parecia nada com a fotografia, mas devorámo-lo na mesma.

Talvez um bolo feito com ovos de pato e gordura de urso não vos pareça grande coisa, mas foi a primeira vez que provei chocolate e, para mim, foi o céu.

Só o bolo teria sido mais do que suficiente. Mas o dia ainda não terminara. Numa demonstração rara do que presumo, apenas em retrospectiva, ter sido afeto maternal, a minha mãe fez-me uma boneca. Encheu um dos meus velhos *babygros* com juncos secos de tabua, espetou cinco galhos em cada manga para fazer os dedos e apertou-os com um pedaço de corda e fez a cabeça desenhando uma cara sorridente assimétrica com um pedaço de carvão numa das meias velhas do meu pai. E sim, a boneca era tão feia como soa.

— O que é? — perguntei quando ela a pousou na mesa à minha frente, enquanto eu lambia as últimas migalhas de bolo do meu prato.

— É uma boneca — disse timidamente. — Fui eu que fiz. Para ti.

— Uma boneca. — Tinha quase a certeza de que era a primeira vez que ouvia a palavra. — Para que é que serve?

— Tu... brincas com ela. Dá-lhe um nome. Faz de conta que é um bebé e tu és mãe dele.

Não sabia o que responder a isto. Era muito boa a fazer de conta, mas imaginar-me como a mãe deste aglomerado sem vida ultrapassava as minhas capacidades. Felizmente o meu pai achou o conceito tão ridículo quanto eu. Irrompeu em gargalhadas e isso fez-me sentir melhor.

— Anda, Helena. — Afastou-se da mesa e estendeu-me a mão. — Também tenho um presente para ti.

O meu pai levou-me até ao quarto deles. Levantou-me e pôs-me em cima da sua cama alta. As minhas pernas ficaram a balançar na beira da cama. Normalmente, não estava autorizada a entrar no quarto deles, portanto abanei os pés com expectativa feliz, enquanto o meu pai se baixava com as mãos e joelhos no chão. Esticou as mãos para debaixo da cama e puxou um estojo de pele castanha com uma pega também castanha e adornos dourados reluzentes. Consegui perceber que o estojo era pesado porque grunhi ao levá-lo e, quando o deixou cair na cama ao meu lado, a cama saltou e abanou como quando eu pulava em cima dela, embora não devesse fazê-lo. O meu pai escolheu a chave mais pequena do seu porta-chaves e meteu-a na fechadura. O trinco abriu-se com um estalido: clique. Ele levantou a tampa e virou o estojo para que eu pudesse ver o interior.

Fiquei ofegante.

O estojo estava cheio de facas. Compridas. Curtas. Finas. Grossas. Facas com cabo de madeira. Facas com cabos de osso esculpido. Facas dobráveis. Facas curvas que pareciam espadas. Mais tarde, o meu pai ensinou-me os seus nomes e as diferenças entre elas e como usar cada uma delas para caçar, para combate ou para autodefesa, mas, naquele momento, sabia apenas que ansiava por lhes tocar. Queria passar os dedos sobre cada uma delas. Sentir a frieza do metal, a suavidade da madeira, o gume de cada lâmina.

— Vá — disse ele. — Escolhe uma. Agora já és uma menina crescida. Tens idade suficiente para andares com a tua própria faca.

Instantaneamente, as minhas entranhas arderam tão intensamente como o lume do nosso fogão a lenha. Queria ter uma faca desde que me lembrava de ser gente. Não fazia ideia de que tal tesouro repousava debaixo da cama dos meus pais. Ou que o meu pai um dia partilharia um pedaço do seu tesouro comigo. Olhei de relance para a soleira da porta. Os braços da minha mãe estavam cruzados sobre o peito e ela

estava a franzir o sobrolho, portanto percebi que não gostava da ideia. Quando a ajudava na cozinha, não estava autorizada a tocar em nada que fosse afiado. Olhei novamente para o meu pai e, subitamente, num acesso de clarividência, percebi que não tinha de ouvir a minha mãe. Já não. Não quando o meu pai dizia que tinha idade suficiente para ter a minha própria faca.

Virei-me novamente para o estojo. Examinei cuidadosamente cada faca duas vezes.

— Aquela. — Apontei para uma faca com uma guarda dourada e um cabo reluzente de madeira escura. Gostei, especialmente, do desenho em relevo de uma folha na bainha de couro da faca. Não era uma faca pequena porque, embora o meu pai tivesse dito que era uma menina crescida, sabia que ainda cresceria mais e queria uma faca que acompanhasse o meu crescimento, não uma que se tornasse demasiado pequena para mim, como a pilha de camisas e macacões descartados no canto do meu quarto.

— Excelente escolha. — O meu pai entregou-me o que agora sei ser uma faca *Bowie* de vinte centímetros com lâmina bilateral como um rei entrega uma espada a um cavaleiro. Comecei a esticar a mão para a agarrar, depois parei. Havia um jogo que o meu pai gostava de jogar em que fingia dar-me alguma coisa e, quando eu tentava agarrá-la, afastava-a. Achei que não conseguiria aguentar se ele estivesse a jogar o jogo agora. Ele sorriu e assentiu com a cabeça de forma encorajadora, enquanto eu hesitava. Por vezes, isso também fazia parte do jogo.

Mas eu queria aquela faca. *Precisava* daquela faca. Agarrei-a rapidamente, antes de ele poder reagir. Fechei o punho à sua volta e escondi a faca atrás das costas. Lutaria por ela, se tivesse de o fazer.

O meu pai riu-se.

— Está tudo bem, Helena. A sério. A faca é tua.

Lentamente, tirei a faca de trás de mim e, quando o seu sorriso se expandiu e as mãos se mantiveram ao lado do corpo, soube que essa linda faca era realmente minha. Fiz deslizar a faca para fora da bainha, virei-a de um lado para o outro nas mãos, levantei-a na direção da luz, pousei-a sobre os joelhos. O peso da faca, o seu tamanho e formato e a sensação ao toque disseram-me que fizera a escolha certa. Percorri a lâmina com o polegar para testar o gume, como vira o meu pai fazer. A faca fez-me sangrar. Não doeu. Enfiei o polegar na boca e olhei novamente na direção da soleira da porta. A minha mãe desaparecera.

O meu pai trancou o estojo e tornou a fazê-lo deslizar para debaixo da cama.

— Pega no teu casaco. Vamos ver como está a linha de armadilhas.

Como eu o amava, e o seu convite fazia-me amá-lo ainda mais. O meu pai verificava a linha de armadilhas todas as manhãs. Agora já era final de tarde. O facto de ele ir lá uma segunda vez só para eu poder experimentar a minha faca nova fez o meu coração explodir. Mataria por esse homem. Morreria por ele. E sabia que ele faria o mesmo por mim.

Vesti apressadamente o meu equipamento de inverno antes de ele mudar de ideias, depois enfiei a faca no bolso do casaco. A faca batia contra a minha perna enquanto caminhava. A nossa linha de armadilhas percorria todo o comprimento da nossa cumeeira. A neve de ambos os lados do caminho era quase tão alta quanto eu, portanto copieei atentamente os passos do meu pai. Não iríamos longe. O céu, as árvores e a neve estavam a ficar com uma tonalidade azul noturna. *Ningaabi-anang* brilhava baixa a Ocidente. Ofereci uma oração ao Grande Espírito para que *por favor, por favor, por favor* nos enviasse um coelho antes de termos de regressar.

Mas *Gitche Manitou* testou a minha paciência, como os deuses por vezes fazem. As duas primeiras armadilhas às quais fomos estavam vazias. Na terceira, o coelho já estava morto. O meu pai soltou o laço do pescoço do coelho, voltou a deixar a armadilha pronta e deixou cair o coelho retesado no saco. Apontou na direção do céu que escurecia:

— O que é que achas, Helena? Continuamos ou voltamos para trás?

Nesse momento, à Estrela Vespertina já se tinham juntado muitas outras. Estava frio, e a ficar cada vez

mais frio, e o vento soprava como se fosse nevar. As maçãs do meu rosto doíam-me e os dentes batiam e os olhos estavam húmidos e não conseguia sentir o nariz.

— Continuamos.

O meu pai virou-se sem dizer nada e continuou a descer o caminho. Cambaleei atrás dele. O meu macacão estava molhado e rígido e não conseguia sentir os pés. Porém, quando chegámos à armadilha seguinte, esqueci completamente os meus dedos dos pés gelados. Este coelho estava vivo.

— Depressa. — O meu pai tirou as luvas e soprou nas mãos para as aquecer.

Por vezes, quando um coelho era apanhado numa armadilha pela coxa, como este, o meu pai levantava-o e batia com a sua cabeça contra uma árvore. Outras vezes, cortava-lhe a garganta. Ajoelhei-me na neve. O coelho estava fraco do frio e do medo, mas sem dúvida que ainda respirava. Deslizei a faca para fora da bainha.

— Obrigada — sussurrei para o céu e para as estrelas, e passei rapidamente a lâmina da minha faca sobre o pescoço do coelho.

O sangue jorrou da ferida, salpicou-me a boca, o rosto, as mãos, o casaco. Gritei e pus-me de pé atabalhoadamente. Soube de imediato o que tinha feito mal. Na minha ânsia de executar a minha primeira morte, esquecera-me de me colocar de lado. Apanhei um punhado de neve, esfreguei-a sobre a parte da frente do meu casaco e ri-me.

O meu pai riu-se comigo:

— Deixa estar. A tua mãe trata disso quando voltarmos.

Ajoelhou-se junto do coelho e mergulhou dois dedos no seu sangue. Suavemente, puxou-me na sua direção.

— *Manajiwín* — disse ele. — Respeito. — Levantou-me o queixo e passou os dedos sobre cada uma das minhas maçãs do rosto.

O meu pai começou a descer o caminho. Peguei no meu coelho, pendurei-o ao ombro e segui-o de volta à cabana. Senti a pele a enrugar-se à medida que o vento secava as minhas riscas. Sorri. Era um caçador. Um guerreiro. Uma pessoa merecedora de respeito e honra. Um homem da vida selvagem como o meu pai.

A minha mãe quis lavar-me o rosto assim que me viu, mas o meu pai não deixou. Ela assou o meu coelho para o jantar, depois de ter limpado o sangue do meu casaco, e serviu-o com um acompanhamento de tubérculos de araruta cozidos e uma salada de folhas de dente-de-leão que enfiámos à força em caixas de madeira no nosso armazém subterrâneo. Foi a melhor refeição que alguma vez comera.

Anos mais tarde, o Estado vendeu a extensa coleção de facas do meu pai para ajudar a pagar as custas judiciais. Mas eu ainda tenho a minha.

A faca que o meu pai me deu no meu quinto aniversário é uma *Natchez Bowie* de aço que hoje em dia se pode encontrar à venda por cerca de setecentos dólares. É a faca de combate perfeita, com um equilíbrio impecável e um formato ideal para obter força, alcance e alavancagem, e com uma ponta afiada que corta como uma catana e perfura como um punhal.

A faca que usou para fugir da prisão era feita de papel higiênico. Fiquei surpreendida quando soube disso. Dada a sua propensão e competência, pensei que optaria por uma faca de metal. Decerto teve tempo de fazer uma. Acho que se decidiu pelo papel higiênico porque se apercebeu da ironia de construir uma arma mortífera a partir de materiais inocentes. Os presidiários conseguem ser incrivelmente criativos a fazer armas brancas, afiando colheres de plástico e escovas dos dentes partidas contra as paredes ou contra o chão de cimento das suas celas e aparando as pontas com lâminas de barbear descartáveis, ou serrando facas de metal a partir das estruturas metálicas das suas camas, ao longo de muitos meses, usando fio dental. Mas não fazia ideia de que se podia matar uma pessoa com papel higiênico.

No YouTube há um vídeo que mostra como fazer uma. Primeiro, enrola-se o papel bem apertado até que fique com uma forma cónica, usando pasta de dentes como um aglutinante semelhante à cola no papel *maché*. Depois, molda-se a faca até esta ter o formato desejado, acrescentando camadas de papel higiênico num dos lados e apertando para obter um cabo personalizado à medida do nosso punho. Quando se estiver satisfeito com o resultado, deixa-se secar e endurecer, afia-se da forma habitual, e obtém-se uma arma letal. Para além do mais, é biodegradável. Deixa-se cair dentro de uma sanita quando já não se precisar dela e, depois de amolecer, pode-se, simplesmente, puxar o autoclismo.

O meu pai deixou a dele no local do crime. A faca tinha cumprido o seu propósito e ele não precisava de criar um cenário de negação plausível. De acordo com as notícias, a arma branca do meu pai tem uma lâmina de quinze centímetros com fio bilateral e um cabo pintado de castanho com qualquer coisa que não quero saber o que é. Essa parte não me surpreende. As *Bowies* sempre estiveram entre as suas favoritas.

Tirando os pormenores que a polícia divulgou ontem sobre a faca, a única coisa de que se tem a certeza é que os dois guardas estão mortos, um esfaqueado e o outro baleado, e o meu pai e as armas de ambos os guardas desapareceram. Não há testemunhas. Ou ninguém viu a carrinha prisional cair para dentro de uma vala a meio do Troço de Seney, ou ninguém está disposto a admitir que viu alguma coisa enquanto o meu pai andar por aí à solta.

Conhecendo o meu pai como conheço, consigo preencher as lacunas. Sem dúvida que passou muito tempo a planear a fuga. Possivelmente anos, da mesma forma que planeou o rapto da minha mãe. Uma das primeiras coisas que faria seria afirmar-se como prisioneiro modelo para poder estabelecer uma boa relação com os guardas que o transportavam entre a prisão e os compromissos no tribunal. A maioria das fugas da prisão envolve, pelo menos, um elemento de erro humano: os guardas não se dão ao trabalho de trancar as duas fechaduras das algemas porque não veem o presidiário como uma ameaça, ou uma chave das algemas escondida no corpo ou nas roupas do presidiário escapa a uma revista pela mesma razão. Presidiários vistos como desordeiros exigem medidas adicionais de segurança, portanto o meu pai ter-se-ia assegurado de que não era um deles.

São cento e sessenta quilômetros da Prisão de Marquette até ao tribunal do Condado de Luce onde o meu pai foi julgado, portanto acumularam bastante tempo de viagens juntos. Psicopatas como o meu pai conseguem ser muito carismáticos. Imagino-o a conversar com os guardas, a descobrir os seus interesses, a envolvê-lo pouco a pouco. Exatamente como iludiu a minha mãe para que confiasse nele, dizendo-lhe que estava à procura do seu cão. Exatamente como usou os meus interesses quando era criança para me virar contra a minha mãe tão subtil e meticulosamente que foram necessários anos de terapia para eu poder aceitar a ideia de que ela se importava comigo.

Não sei como consegui tirar a faca da cela e levá-la para dentro da carrinha prisional. Talvez a tenha escondido na costura do macacão, em cima, junto à virilha, onde era menos provável que os agentes revistassem. Ou talvez a tenha ocultado na lombada de um livro. É neste aspeto que uma faca mais pequena seria consideravelmente mais prática. Mas uma coisa que as pessoas têm de perceber sobre o meu pai é que ele nunca deixa nada do que faz a meio. Outra coisa que têm de perceber é que é um homem paciente. Tenho a certeza de que deixou passar várias oportunidades para fugir até que estivessem reunidas as condições ideais. Talvez um dia o tempo estivesse mau, ou os guardas estivessem invulgarmente mal-humorados ou invulgarmente atentos, ou a faca não estivesse terminada de uma forma que o satisfizesse plenamente. Não tinha pressa.

Ontem, as estrelas alinharam-se. O meu pai conseguiu tirar sorrateiramente a faca da cela e escondeu-a na fenda do banco na parte de trás da carrinha prisional. Esperou até à viagem de regresso para agir, porque os guardas estariam cansados de um longo dia na estrada e porque seria mais difícil para a equipa de busca segui-lo se fugisse pouco antes do pôr do sol. Também porque, no caminho de regresso, estariam a viajar para oeste e toda a gente sabe como pode ser perturbador conduzir diretamente na direção de um pôr do sol.

O meu pai aninhou-se no banco de trás enquanto fingia dormir. Conhecia suficientemente bem a rota para a seguir de olhos fechados, mas o meu pai nunca deixa nada ao acaso, portanto, a cada dois minutos, abriu um olho para monitorizar o progresso. Passaram o desvio para Engadine, prosseguiram viagem para lá de Four Corners, subindo a colina e atravessando a minúscula cidade de McMillan, passaram por um punhado de casas e pela velha quinta dos McGinnis e desceram a encosta até King's Creek. Subiram outra colina e passaram pela cabana e ateliê de cerâmica abandonados que foram construídos por um casal *hippie* nos anos setenta, passaram a Danaher Road, desceram mais uma pequena encosta e subiram outra e depois, finalmente, desceram para a zona pantanosa da ponte do rio Fox. Ver o pântano fez a pulsação do meu pai acelerar, mas teve o cuidado de o ocultar.

Atravessaram Seney sem parar. Talvez o condutor tenha perguntado ao outro guarda se precisava de ir à casa de banho; talvez tenha continuado a andar, pressupondo que o parceiro diria alguma coisa se precisasse. Ao meu pai não era concedido esse luxo. Desta vez, não se importou. Moveu-se no banco de trás, escorregou ligeiramente para a frente, fingindo um ronco para encobrir o movimento. Meteu a mão na fenda do banco e fez deslizar a faca para fora do seu esconderijo. Agarrou-a entre as mãos algemadas com a lâmina virada na sua direção, para poder atacar de cima, e escorregou ainda mais para a frente.

Dezasseis quilômetros a oeste de Seney, imediatamente depois de terem passado a Driggs River Road que é paralela ao rio e conduz ao coração do refúgio da vida selvagem, o meu pai atirou-se para a frente. É possível que tenha rugido como um soldado ao ataque, é possível que tenha sido silencioso como um assassino. Seja como for, enterrou a faca no peito do guarda que ia no lugar do passageiro, fazendo a lâmina entrar profundamente na sua carne, penetrando o ventrículo direito e cortando o septo, pelo que o guarda não morreu devido à perda de sangue, mas por acumulação de sangue em redor do coração que, pelo efeito da pressão, acabou por parar.

O guarda ficou demasiado surpreendido para gritar e, quando se apercebeu de que estava a morrer, o

meu pai já agarrara na sua arma e baleara o condutor. A carrinha guinou para a vala e já está. O meu pai confirmou que ambos os guardas estavam mortos, revistou-os para encontrar a chave das algemas, trepou para o banco da frente e saiu. Olhou para cima e para baixo da autoestrada para se assegurar de que não havia testemunhas antes de abandonar a cobertura da carrinha e encaminhou-se diretamente para sul, pisando o pedaço de relva entre a estrada e as árvores para que a equipa de busca soubesse para onde se estava a dirigir.

Depois de cerca de um quilómetro e meio, caminhou para o interior do rio Driggs. Andou uma distância curta, descendo o rio, e voltou a sair do mesmo lado, porque o rio era demasiado fundo para atravessar sem nadar e porque não queria dificultar demasiado a perseguição da equipa de busca até os convencer de que o refúgio da vida selvagem era o seu destino. Deixou um feto dobrado aqui, um ramo partido acolá, uma pegada parcial, deixando para trás um rasto que era apenas suficientemente desafiante para convencer os membros da equipa de busca de que eram mais espertos do que ele e o apanhariam antes do cair da noite. Então, no momento por ele escolhido, evaporou-se para dentro do pântano como a neblina matinal e desapareceu.

É assim que imagino que tenha feito. Ou, pelo menos, seria assim que eu faria.

Estamos a um quilómetro e meio da primeira cabana que quero investigar quando o Rambo gane da forma específica que me diz que precisa de ser solto. Não quero parar, mas quando ele começa a escavar no descanso de braço e a fazer círculos no banco, tenho de encostar. Reparei, ultimamente, que, quando tem de ir, tem mesmo de ir. Não sei se o problema é a idade ou a falta de exercício. Os *Plotts* vivem entre doze e dezasseis anos, portanto, aos oito, já está a chegar lá acima.

Estico-me para o interior do porta-luvas e meto a *Magnum* na parte da frente das calças de ganga. Assim que abro a porta do passageiro, o Rambo atravessa-a como um tiro. Caminho pela berma da estrada mais lentamente, procurando sinais da passagem de uma pessoa. Nada tão óbvio como um pedaço de tecido cor de laranja preso num ramo. Algo mais do género de sulcos de uma pegada de um ténis sem atacador. O meu pai costumava dizer à minha mãe e a mim que, se algum dia alguém aparecesse inesperadamente na nossa cumeeira, devíamos caminhar para o meio das ervas do pântano, rebolar na lama e ficar quietas até que ele nos dissesse que era seguro voltar. Tenho a certeza de que, por esta altura, o macacão da prisão do meu pai já está camuflado de forma semelhante.

A julgar pela falta de árvores e pela densidade da vegetação rasteira ao longo da estrada, diria que passaram dez anos desde que esta zona foi completamente desmatada. As únicas coisas que crescem agora são mirtilos e amieiros. As pilhas de galhos que os madeireiros deixaram para trás juntamente com a fonte de alimentação disponível fazem deste o território ideal para os ursos. Sem dúvida que o Rambo pensa que foi por isso que viemos.

Atravesso a estrada e caminho para trás pelo outro lado. O meu pai ensinou-me a rastrear quando era pequena. Deixava um rasto para mim enquanto eu andava a brincar ou a explorar e, depois, cabia-me encontrá-lo e segui-lo, enquanto o meu pai caminhava ao meu lado e me mostrava todas as marcas que me tinham escapado. Outras vezes, caminhávamos para onde quer que os nossos pés nos levassem e mostrava-me coisas interessantes enquanto avançávamos. Rastos de fezes. As marcas diferenciadas de um esquilo-vermelho. A entrada para a toca de um rato-da-madeira, coberta de penas e fezes de coruja. O meu pai apontava para um monte de excrementos e perguntava:

— Opossum ou porco-espinho? — Não é fácil diferenciar.

Eventualmente, apercebi-me de que rastrear é como ler. As marcas são palavras. Caso se liguem para formar frases, contam uma história sobre um incidente da vida do animal que passou por ali. Por

exemplo, posso deparar-me com uma depressão onde um veado se deitou. Poderá ser numa pequena ilha que se ergue do pântano ou num terreno elevado semelhante, para que o veado possa ficar de olho no que o rodeia. A primeira coisa que faço é ver quão desgastada está a depressão e isso diz-me com que frequência o leito é utilizado. Se o leito estiver desgastado até à terra, é um leito principal, o que significa que o veado provavelmente voltará. Depois, vejo a direção para onde está virado o leito. Na maioria das vezes, um cervo deitar-se-á com o vento nas suas costas. Saber que vento o cervo está a usar para aquele leito específico permite-me escolher um dia em que aquele vento específico está a soprar para poder voltar e matá-lo. Histórias assim.

Por vezes, o meu pai fingia ser uma presa. Esgueirava-se da cabana enquanto eu esperava vendada na cozinha, sentada numa cadeira, de costas para a janela, para não me sentir tentada a espreitar. Depois de contar até mil, a minha mãe tirava-me a venda e eu iniciava a perseguição. Com todas as pegadas que atravessavam a areia à saída da porta das traseiras, não era fácil descobrir quais eram as suas. Agachava-me nos calcanhares no último degrau e estudava todos os vestígios cuidadosamente até ter a certeza de quais eram os mais recentes, porque, se começasse a seguir o trilho errado, nunca o encontraria, e, dependendo da distância que ele percorrera e de quanto tempo tinha de permanecer escondido, bem como da disposição com que estava nesse dia, isso poderia conduzir a mais tempo de contemplação no poço do que eu desejava.

Ocasionalmente, o meu pai saltava do alpendre para uma pilha de folhas, ou para uma rocha, para tornar o jogo mais desafiante. Por vezes, tirava os sapatos e afastava-se em bicos de pés, de meias ou com os pés descalços. Uma vez, enganou-me usando um par de sapatos da minha mãe. Rimos os dois bastante com isso. Desde que deixei o pântano, reparei que muitos pais permitem que os filhos os vençam em jogos para reforçarem a sua autoestima. O meu pai nunca me facilitou o trabalho de rastrear as suas pistas e não queria que o tivesse feito. De que outra forma iria aprender? Quanto à minha autoestima, nas vezes em que conseguia caçar e matar o meu pai deixavam-me a sorrir durante dias. Não o matava realmente, claro, mas, dependendo do local onde estava escondido, o jogo terminava sempre com uma bala disparada para o chão perto dos seus pés, ou no tronco, ou no ramo de uma árvore perto da sua cabeça. Depois de eu ganhar três vezes seguidas, o meu pai parou de jogar. Muito mais tarde, o meu professor leu à turma um conto chamado «Zaroff» (O Jogo Mais Perigoso) e parecia-se muito com o jogo que o meu pai e eu costumávamos jogar. Indaguei-me se teria sido daí que ele tirara a ideia. Quis contar à turma que sabia como era ser tanto o caçador como o caçado, mas, nessa altura, já aprendera que, quanto menos contasse sobre a minha vida no pântano, melhor.

Há um carro da polícia estacionado na berma da estrada. Ou, mais precisamente, um carro de patrulha do Xerife do Condado de Alger, uma das viaturas novas que mostraram recentemente nas notícias: brancas com uma risca preta e um logotipo preto e cor de laranja de lado, barras de proteção de impacto à frente, barra de luz em cima. Um carro tão imaculado e reluzente que parece ser a primeira vez que o trazem à rua.

Abrando. Há duas formas de lidar com isto. Posso passar por eles como se não fizesse ideia do motivo pelo qual um carro da polícia poderia estar estacionado na berma da estrada no meio do nada. Deixar que o agente me faça sinal para parar, depois deixar que o equipamento de pesca na parte de trás da carrinha fale por mim. Talvez o agente reconheça o meu nome e estabeleça a ligação com o meu pai quando verificar a minha matrícula e identificação. Talvez não. De qualquer forma, o máximo que o agente pode fazer é mandar-me embora, aconselhando-me a ir para casa e manter-me em segurança.

Ou posso dizer ao agente que encurtei a minha viagem para pescar e que estou a caminho de casa

porque ouvi falar do presidiário fugitivo nas notícias. A opção número dois dá-me a hipótese de perguntar como está a correr a busca, o que pode ser útil. Ou talvez consiga manter o agente a falar durante tempo suficiente para conseguir ouvir alguma conversa útil no rádio da polícia.

Então, apercebo-me de que ambas as opções são irrelevantes. O carro de patrulha está vazio.

Encosto e paro. À exceção das ocasionais interferências no rádio do carro, a floresta está tranquila. Tiro a *Ruger* do compartimento por cima da janela e a *Magnum* do porta-luvas. Examino a área em busca de movimento, depois agacho-me sobre os calcanhares para estudar as pegadas na estrada. Duas. Masculinas, a julgar pelo tamanho do sapato. Oitenta a noventa quilos, a julgar pela profundidade. Procedendo com extrema cautela, a julgar pelo espaçamento.

Sigo as pegadas até onde desaparecem, na vegetação ao lado da estrada. Fetos partidos e ervas esmagadas dizem-me que o agente estava a correr. Estudo o rasto que deixou durante muito tempo e concluo que o agente estava a correr na direção de alguma coisa que considerou merecedora de investigação, não a fugir dela.

Penduro a *Ruger* ao ombro e agarro a *Magnum* com ambas as mãos à minha frente. Os meus passos são praticamente silenciosos, graças aos *mocassins* que uso quando ando no mato. Graças ao treino do meu pai.

O rasto atravessa um bosque de choupos e bétulas e conduz ao topo de uma ravina íngreme. Caminho até à extremidade e olho para baixo. No fundo da ravina há um corpo.

A CABANA

Rapidamente se tornou claro para a esposa do Viking o que se passava com a criança: estava sob influência de um poderoso feiticeiro. De dia, a sua aparência era encantadora como a de um anjo de luz, mas com uma índole malvada e selvagem; enquanto à noite, na forma do sapo horrendo, era silenciosa e triste, com os olhos repletos de dor.

Aqui estavam duas naturezas, mudando interior e exteriormente com a ausência e o regresso da luz do sol. E assim acontecia que, durante o dia, a criança, com a forma verdadeira da sua mãe, possuía a disposição feroz do seu pai; à noite, pelo contrário, a sua aparência exterior mostrava claramente a descendência do lado do pai, enquanto, interiormente, tinha o coração e a mente da mãe.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

As *National Geographics* foram os meus livros ilustrados, os meus primeiros livros de leitura, os meus livros de história e ciência e cultura mundial combinados num só. Mesmo depois de ter aprendido a ler, podia passar horas a folheá-las, observando as fotografias. A minha preferida era a de uma bebé aborígene nua, algures no interior da Austrália. Tinha cabelo castanho-avermelhado fino e seco, pele castanha-avermelhada, e estava sentada sobre terra quase da mesma cor que ela, a mascar um pedaço de casca e a sorrir como um Buda bebé. Parecia tão gorda e feliz que qualquer pessoa conseguia ver que, naquele momento e naquele lugar, tinha tudo o que poderia desejar ou precisar. Quando olhava para a fotografia, gostava de imaginar que a bebé era eu.

Depois da bebé aborígene, gostava das fotografias da tribo Yanomami na floresta tropical do Brasil. Mães com franjas cortadas a direito e rostos tatuados, despidas da cintura para cima, a amamentar bebés ou a transportar crianças nas ancas, com as maçãs do rosto e narizes perfurados com paus decorados com tufo de penas amarelas. Rapazes a envergar tangas de corda que não tapavam os órgãos masculinos e a transportar sobre os ombros macacos mortos e pássaros de cores vivas que tinham matado com os seus próprios arcos e flechas. Rapazes e raparigas a balouçar em trepadeiras tão grossas como os seus braços e a deixar-se cair num rio que o artigo dizia ser o lar do jacaré-negro, da anaconda-verde e da piranha-vermelha. Gostava de fingir que estes rapazes e raparigas selvagens e corajosos eram meus irmãos e irmãs. Em dias quentes, despia toda a minha roupa, pintava-me com lama do pântano e corria pela cumeeira com um pedaço de corda atado à cintura, agitando o arco e as flechas que fiz com salgueiros jovens (demasiado elásticos e verdes para abater sequer um coelho, mas suficientemente bons para fingir). Pendurei a boneca feita pela minha mãe nas algemas do casebre da lenha e usei-a para praticar tiro ao alvo. Na maioria das vezes, as setas apenas faziam ricochete, mas, uma vez por outra, conseguia que uma ficasse espetada. A minha mãe não gostava de me ver sem roupa, mas o meu pai não se importava.

Rasguei essas fotografias das revistas e escondi-as entre o meu colchão e a estrutura da cama. A minha mãe raramente subia até ao meu quarto e o meu pai nunca o fazia, mas não queria correr riscos. A outra revista que guardei debaixo da cama foi a que tinha o artigo sobre a primeira colónia Viking no Novo Mundo. Adorava tudo o que se relacionava com os Vikings. Os desenhos do artista a retratar como deveria ser a vida no povoado assemelhavam-se muito com a minha vida, só que com casas de turfa e mais pessoas. Nas noites em que o meu pai fazia uma fogueira, sentava-me tão perto da lareira quanto conseguia aguentar e examinava minuciosamente as fotografias dos artefactos que tinham sido encontrados, incluindo ossos humanos, até o meu pai decidir que era hora de os três irmos para a cama.

Adorava ler, mas apenas em dias chuvosos ou à noite junto à lareira. Adorava, especialmente, o meu livro de poemas. As descrições da neblina matinal e das folhas amarelas e dos pântanos congelados falavam-me realmente ao coração. Até o nome do poeta era apropriado: Frost[8]. Costumava interrogar-me se ele o teria inventado, tal como eu me autodenominava de «Helga, a Destemida» quando fazia de conta que era Viking. Lamentei genuinamente quando o meu pai recortou a capa do livro e colocou as suas páginas na casa de banho exterior. A minha mãe disse-me que, em tempos, tivemos papel higiénico verdadeiro, mas, se isto foi verdade, deve-se ter esgotado muito tempo antes do que estou a contar, porque não me recordo. As *Geographics* eram demasiado duras e lustrosas para agradar a quem quer que fosse, mas cumpriam o serviço.

Se me tivesse apercebido mais cedo de que o livro de poemas não estaria ali para sempre, ter-me-ia esforçado mais por memorizar mais coisas. Até hoje, consigo lembrar-me de excertos: *A floresta é maravilhosa, escura e profunda... Para o céu da meia-noite, um brilho de ocaso... Duas estradas divergiam num bosque amarelo, e eu escolhi a estrada menos usada. Ou seria percorrida?*

A Iris aprendeu a ler sozinha antes de ir para a escola. Acho que herdou isso de mim.

Tenho consciência de que algumas pessoas acharão certos aspetos da minha infância ofensivos. Por exemplo, pessoas que não caçam podem ficar transtornadas por saber que tinha seis anos quando o meu pai me ensinou a disparar. Mas a minha mãe, por sua vez, não tinha objeções quanto a isso. Na Península Superior, a caça é praticamente uma religião. As escolas fecham no primeiro dia da época de caça para que tanto professores como estudantes possam apanhar o seu cervo, enquanto o punhado de negócios que fica aberto funciona com os serviços mínimos. Toda a gente que tem idade suficiente para pegar numa espingarda se dirige para a Caçaria de Veados[9] onde caça e bebe e joga *euchre* ou *cribage*[10] numa celebração de «Quem leva o maior cervo este ano?» que dura duas semanas. Os funcionários das portagens da Ponte Mackinac publicam um registo contínuo do número de veados que atravessam da Península Superior para a Inferior em cima de carros ou na parte de trás de carrinhas de caixa aberta. A maioria é abatida com recurso a amontoados de iscos, constituídos por cenouras e maçãs que são vendidas pelas estações de combustível e mercearias aos caçadores em sacos de vinte quilos. Provavelmente, conseguem adivinhar o que penso disso.

Ouvíamos os tiros todos os anos, dia após dia, do nascer ao pôr do sol durante essas duas semanas frenéticas de novembro, tal como ouvíamos, ocasionalmente, o zumbir de uma motosserra que não era a do meu pai. O meu pai explicou-me que era a «época da caça» do homem branco e que os homens brancos só estavam autorizados a matar veados durante essas duas semanas. Senti pena dos homens brancos. Questionei-me sobre quem criaria uma regra assim e se as pessoas que a tinham feito castigariam quem a quebrasse fechando os infratores num poço, tal como o meu pai me fazia quando lhe desobedecia. Preocupei-me com o que nos aconteceria se os homens brancos descobrissem que matávamos veados sempre que queríamos. O meu pai disse que, como era nativo americano, as regras de

caça do homem branco não se aplicavam a ele, e isso fez-me sentir melhor.

O meu pai abatia a tiro dois veados cada inverno, um a meio de dezembro, depois de os veados sossegarem de toda a agitação, e outro no início da primavera. Podíamos perfeitamente viver de peixe e vegetais, mas o meu pai acreditava que era melhor ter uma alimentação variada. À parte do urso negro que apareceu na nossa casa e acabou como tapete da nossa sala de estar, os únicos animais de caça que abatíamos a tiro eram veados. Só tínhamos uma espingarda, e tínhamos de ser cuidadosos com as munições. Apanhávamos os coelhos com armadilhas. Também comíamos os quadris traseiros e os lombinhos dos ratos-almiscarados e dos castores que o meu pai apanhava. Eu matava esquilos e tãmiás[11] com a minha faca de arremesso. A primeira vez que apanhei uma tãmia, cozinhei-a numa fogueira no quintal e comi-a, porque não desperdiçar faz parte dos costumes indígenas. Contudo, havia tão pouca carne naqueles ossinhos minúsculos que, depois disso, não voltei a dar-me a esse trabalho.

O meu pai prometeu-me que, assim que conseguisse derrubar dez latas da fila que ele colocara na nossa cerca de madeira sem falhar nenhum tiro, me levaria à caça de veados. O facto de o meu pai usar algumas das nossas preciosas munições para me ensinar a disparar mostrava como isso era importante. Acho que ficou surpreendido com a rapidez com que aprendi, mas eu não. A primeira vez que peguei na espingarda do meu pai pareceu-me natural, como se fosse uma extensão dos meus olhos e braços. Com três quilos e meio, a *Remington 770* era pesada para uma criança de seis anos, mas eu era grande para minha idade e, graças ao transporte de baldes de água, era muito forte.

Passaram semanas depois de ter cumprido o requisito do meu pai e nada aconteceu. Pescámos, montámos armadilhas, enquanto a *Remington* do meu pai permanecia trancada em segurança na arrecadação. O meu pai trazia a chave num porta-chaves que tilintava constantemente no seu cinto. Não sei para que é que serviam as outras chaves. Certamente, nunca trancámos a cabana. Acho que ele gostava, simplesmente, do som e do peso e da sensação. Como se trazer muitas chaves consigo significasse que era importante.

A primeira vez que vi a arrecadação, pensei que tínhamos comida suficiente para um batalhão. Porém, o meu pai explicou-me que cada lata que usávamos nunca podia ser substituída, portanto tínhamos de fazer a nossa reserva durar. A minha mãe estava autorizada a abrir uma lata por dia. Por vezes, deixava-me escolher. Creme de milho num dia, feijão-verde noutra, creme de tomate da *Campbell* no seguinte, embora só mais tarde tivesse aprendido que a parte do «creme» no nome deriva do facto de se usar leite para diluir a sopa, em vez de água. Por vezes, quando estava aborrecida, contava as latas que nos restavam. Costumava pensar que, quando todas as latas acabassem, nos iríamos embora dali.

Cada vez que perguntava ao meu pai quando é que iríamos caçar veados, ele dizia-me que um bom caçador tinha de ser paciente. Também dizia que, sempre que perguntasse, atrasaria o dia uma semana. Só tinha seis anos, portanto demorei algum tempo a entender esse conceito. Quando o fiz, parei de perguntar.

Quando, na primavera seguinte, o meu pai destrancou a arrecadação logo de manhã e saiu de espingarda ao ombro e os bolsos a tilintarem de munições, soube que o dia tinha finalmente chegado. Vesti o meu equipamento de inverno sem que ninguém me dissesse e segui-o até ao exterior. A minha respiração formava nuvens brancas enquanto caminhávamos sobre o pântano gelado. A minha mãe odiava ir para o exterior quando estava frio, mas eu adorava explorar o pântano no inverno. Era como se a terra se tivesse expandido magicamente e eu pudesse caminhar para onde quisesse. Aqui e ali, pontas de tabua congeladas espreitavam na neve para me lembrar que estava a caminhar sobre água. Pensei nos sapos e peixes que dormiam por baixo. Fechei a boca e soprei dois jatos pelo nariz como um touro espanhol. Quando o meu nariz começava a pingar, inclinava-me para a frente e deitava o ranho para a neve.

A neve rangia enquanto caminhávamos. A neve faz sons diferentes a diferentes temperaturas e o ranger que chegava dos nossos passos significava que estava muito fria. Era um bom dia para caçar porque os

veados estariam aninhados em grupo para se aquecerem e não andariam a forragear nem a deambular de um lado para o outro. Era um mau dia porque os nossos passos ruidosos dificultariam a aproximação.

Um corvo crocitou. O meu pai disse o nome indígena do corvo, *aandeg*, e apontou para uma árvore distante. A minha visão era apurada, mas o corpo negro do corvo fundia-se tão astutamente nos ramos que, se o *aandeg* não tivesse revelado a sua localização ao crocitar, não sei se o teria visto. O meu coração ardeu de admiração pelo meu pai. O meu pai sabia tudo sobre os *Anishinaabe*, o Povo Original, e sobre o pântano: como encontrar os melhores lugares para fazer orifícios para pescar no gelo, a que hora do dia os peixes morderiam o isco, como testar a espessura do gelo para não cairmos através dele. Poderia ter sido um curandeiro ou um xamã.

Quando chegámos ao monte coberto de neve que reconheci como a toca de castor onde o meu pai montava as armadilhas, o meu pai agachou-se atrás dele para que o som da sua voz não se propagasse.

— Vamos disparar daqui — disse ele tranquilamente. — Usa a toca como cobertura.

Lentamente, levantei a cabeça. Conseguia ver os cedros que rodeavam a cumeeira, mas não via nenhum veado debaixo deles. A desilusão fez os meus olhos arderem. Comecei a levantar-me, mas o meu pai voltou a puxar-me para baixo. Pôs o dedo sobre os lábios e apontou. Semicerrei os olhos e olhei com mais atenção. Finalmente, vi as nuvens ténues de fumo branco provenientes da respiração dos veados. Veados cobertos de neve deitados num terreno nevado debaixo de ramos de cedro igualmente cobertos de neve não eram fáceis de ver, mas avistei-os. O meu pai entregou-me a sua espingarda e, quando olhei através da mira, consegui ver os veados claramente. Fiz uma panorâmica pela manada. Um animal deitado, separado dos outros, era maior do que os restantes. O macho.

Tirei as minhas luvas sem dedos e deixei-as cair na neve, depois carreguei na patilha de segurança para a desativar e deslizei o dedo através do gatilho. Conseguia sentir o meu pai a observar-me. Na minha cabeça, ouvi as suas instruções: *mantém os cotovelos para baixo. Coloca a mão de suporte mais para a frente na coronha; isso vai dar-te mais controlo. Observa atentamente. Acompanha sempre qualquer veado que atingires. Nunca presumas que falhaste completamente.* Sustive a respiração e apertei. A arma explodiu contra o meu ombro. Doeu, mas não mais do que quando o meu pai me batia. Mantive os olhos no meu veado, enquanto a manada dispersava. Um tiro no coração ou no pulmão farão o veado saltar e fugir a alta velocidade. Um veado alvejado no ventre baixa a cauda e curva as costas, enquanto se afasta a correr. O meu veado não fez nenhuma dessas coisas. O meu tiro foi certo.

— Vamos. — O meu pai pôs-se de pé e desviou-se para o lado para eu poder ir à frente. Abri caminho por entre neve mais alta do que os meus joelhos até chegarmos à carcaça. Os olhos do veado estavam abertos. O sangue escorria-lhe pelo pescoço. A língua pendia de lado na boca. O meu veado não tinha hastes, mas nesta altura do ano, não esperava que tivesse. A barriga dele era enorme e era isso que importava.

Então, a barriga do veado moveu-se. Não muito. Apenas uma oscilação ou um estremecimento, como quando o meu pai e mãe reboavam debaixo dos cobertores. Primeiro, pensei que o veado não estava morto. Depois, lembrei-me de que a anaconda engole a sua presa inteira enquanto esta ainda está viva e que, por vezes, é possível ver a presa a mover-se dentro dela. Mas os veados não comiam carne. Era um enigma.

— Agarra-lhe nas pernas. — O meu pai fez o meu veado rebolar, deitando-o de barriga para cima. Movi-me para a parte de trás e agarrei uma perna em cada mão para manter o veado firme. O meu pai fez deslizar a sua faca cuidadosamente através do pelo branco da barriga e abriu o estômago do veado. Enquanto o corte alargava, uma pequena pata apareceu, e depois outra, e então percebi que o veado que tinha abatido a tiro não era um macho, de todo. O meu pai levantou a cria da barriga da corça e pousou-a

na neve. A cria devia estar quase a nascer, porque, quando o meu pai cortou a bolsa amniótica, a cria debateu-se e esperneou como se se quisesse levantar.

O meu pai pressionou a cria contra a neve e expôs o seu pescoço. Saquei a minha faca, lembrando-me de me colocar de lado para que os salpicos do sangue se espargissem para longe de mim e não na minha direção. Enquanto o meu pai eviscerava a corça, segui as suas instruções com a cria:

— Procura o esterno. Apalpa o lugar onde termina o osso e começa a barriga. Isso, agora faz um corte na barriga, do esterno até à virilha. Faz isso devagar. Queres que a faca penetre o couro e a membrana que há por baixo, mas não que perfure os intestinos. Isso. Agora puxa os intestinos para fora assim, começando na virilha e continuando até cima, cortando as membranas que unem as vísceras à espinha enquanto avanças. Agora corta a pele em redor do ânus e puxa o cólon para fora da cavidade abdominal. Isso. Muito bem. É isso, já está.

Limpámos as mãos e as facas na neve. Sequei as mãos no casaco, calcei as luvas e olhei orgulhosamente para baixo, para a minha cria esventrada. A cria era demasiado pequena para mais do que uma ou duas refeições, mas o couro parecia suficientemente grande para a minha mãe me fazer um par de luvas sem dedos malhadas.

O meu pai empilhou as vísceras fumegantes enquanto o *aandeg* e os seus amigos aguardavam ruidosamente nas árvores pela nossa partida. Levantou a minha corça facilmente, colocando-a na horizontal sobre os ombros. Fiz o mesmo com a minha cria. Era tão pequena e leve, enquanto seguia o meu pai de volta para a cabana, que parecia que não estava a carregar absolutamente nada.

Nas várias semanas seguintes, a minha mãe trabalhou nas minhas luvas sem dedos. Envolvia muito esticar e esfregar e puxar. As mulheres nativas costumavam mastigar as peles para as amolecer, mas os dentes da minha mãe não eram muito bons. A minha mãe esfregou o couro da cria para trás e para a frente, para trás e para a frente, sobre o balaústre do encosto de uma das nossas cadeiras de madeira da cozinha, a passar muitas vezes uma pequena secção até a amolecer e a avançar depois para a seguinte.

O meu pai curtiu a pele com o pelo porque as manchas de uma cria não vão até abaixo. Para curtir a pele, usou os miolos da cria. Poderia ter curtido os nossos couros da maneira tradicional indígena, colocando-os num riacho frio com pedras por cima para os manter no fundo e deixando a força da água e o tempo soltarem o pelo. Mas, em todo o caso, não íamos comer os miolos e, dessa forma, não se desperdiçavam. Os miolos de cada animal são exatamente do tamanho necessário para curtir o seu couro, disse o meu pai, o que me levou a concluir que o Grande Espírito sabe realmente o que faz. Depois de raspar cada pedacinho de carne do couro, cozinhavam-se os miolos do veado com igual quantidade de água e esmagavam-se até se obter um líquido gorduroso. Depois, estendia-se o couro no chão com o lado da pele virado para cima e despejava-se metade da mistura sobre ele. O truque era garantir que o couro tinha a humidade ideal depois de absorver a mistura. Se o couro ficasse demasiado seco, os miolos não penetrariam a pele. Mas, se ficasse demasiado húmido, não haveria nenhum lugar para os miolos irem. Depois de terminar, enrolava-se o couro e deixava-se de um dia para o outro num local onde os animais não conseguissem aceder e, no dia seguinte, desenrolava-se e repetia-se a operação. Depois de os miolos acabarem de atuar e de se ter raspado todo o pelo e lavado o couro, o passo seguinte era amolecer a pele, que era onde a minha mãe entrava.

Tenho consciência de que não disse muito sobre a minha mãe até agora. É difícil saber o que devo dizer. Para além de me indagar sobre o que faria para jantar quando chegava a casa esfomeada dos meus passeios, quando era pequena, honestamente, não pensava muito nela. Estava simplesmente ali, a pairar em pano de fundo, a fazer o trabalho que a natureza lhe atribuíra através da procriação ao manter-me

alimentada e vestida. Sei que não teve a vida que merecia ou queria, mas não acho que viver no pântano tivesse sido assim tão mau como ela gostava de dizer. Devem ter havido momentos em que se sentiu feliz. Não estou a falar de momentos aleatórios e fugazes, como quando a família de doninhas bebês que atravessava o nosso quintal todas as noites durante a primavera a fazia sorrir. Estou a falar de momentos em que estava bem e verdadeiramente feliz. Quando conseguia sair de si própria e olhar objetivamente para baixo, como se se observasse a partir do céu, e pensar: *sim, gosto disto. Aqui mesmo, neste preciso momento. Isto é bom.*

Acho que se sentia assim quando trabalhava na sua horta. Mesmo quando era criança, conseguia ver que, sempre que a minha mãe estava a escavar com a enxada, ou a tirar ervas, ou a colher alguma coisa, os seus ombros pareciam menos abatidos. Por vezes, apanhava-a a cantar: *I'm gonna always love you girl... Please don't go girl*[12]. Pensava que a canção era sobre mim. Depois de termos deixado o pântano e de ter visto pôsteres dos quatro rapazes de cabelo escuro com *t-shirts* brancas e calças de ganga rasgadas a forrarem as paredes do seu quarto saído de uma cápsula do tempo, soube que a música era de um grupo a que chamavam uma «*boys band*» e que o grupo alegava ser formado pelos miúdos novos no quarteirão, embora, nessa altura, já não fossem nem miúdos, nem novos. Mais surpreendente do que saber a origem de algo em que sempre pensara como a minha canção foi a descoberta de que a minha mãe, em tempos, pendurara as suas fotografias preferidas nas paredes.

A obsessão da minha mãe com vegetais roçava o fanatismo. Nunca percebi como é que consegui descobrir uma paixão em ervilhas e batatas. Cada primavera, assim que o solo começava a descongelar e muito antes de a neve acabar de derreter, agasalhava-se com o seu chapéu, lenço e luvas sem dedos e encaminhava-se para o exterior, de pá na mão, para começar a revolver o solo. Como se expor o fundo congelado de cada pazada arduamente escavada à mão ao sol cada vez mais forte acelerasse o processo.

A horta da minha mãe era pequena (não tinha mais de quatro metros e meio em cada lado) e estava rodeada por uma cerca de rede de dois metros de altura, mas produzia de forma abundante graças aos restos de vegetais que deitávamos ao longo de todo o ano na sua pilha de composto. Não sei como é que a minha mãe sabia que decompor matéria vegetal eventualmente transformaria o solo arenoso da cumeeira em algo parecido com argila, tal como não tenho a certeza de como é que sabia que, a cada outono, devia deixar que algo de cada cultura produzisse sementes, para poder plantá-las novamente na primavera seguinte (nem, já agora, como é que descobriu que algumas das cenouras tinham de ser deixadas no solo durante o inverno para crescerem novamente no ano seguinte, pois as cenouras precisam de duas estações para completar o processo). Não me parece que o meu pai lhe tenha ensinado; ele era mais um caçador do que um respigador. Também não me parece que tenha aprendido com os pais. Durante os anos em que vivi com os meus avós, certamente nunca mostraram qualquer interesse por jardinagem, e porque é que haveriam de o fazer? Bastava-lhes conduzirem até ao *Supervalu* ou ao *IGA* para comprarem vegetais frescos com um carrinho de supermercado, se quisessem. Talvez tenha lido sobre isso nas *Geographics*.

A minha mãe cultivava alface, cenoura, ervilhas, abóbora, milho, couve e tomate. Não sei porque é que se dava ao trabalho de cultivar tomates. A nossa época de produção era tão curta que, quando os primeiros tomates começavam a ficar vermelhos, tínhamos de apanhar os frutos todos, por mais pequenos e verdes que fossem, para não serem transformados em papa pela primeira geada. A minha mãe embrulhava cada tomate individualmente em papel e espalhava-os pelo chão do nosso armazém subterrâneo para amadurecerem, onde nove em cada dez começavam imediatamente a apodrecer. O milho também era uma causa perdida. Os guaxinins têm uma capacidade quase sobrenatural para programarem as suas rugas noturnas para quando as espigas estão a um dia ou dois de estarem maduras, e não há nenhuma cerca no mundo que consiga mantê-los afastados.

Um verão, uma marmota escavou um túnel por baixo da rede e arrasou a plantação inteira de cenouras da minha mãe. Pela forma como se descontrolou, poder-se-ia pensar que alguém tinha morrido. Sabia que isto significava que nunca mais poderíamos comer cenouras, mas havia outras culturas de raízes que podíamos comer. Por exemplo, tubérculos de araruta. Os índios chamam à araruta *wapatoo*. O meu pai disse-me que o método indígena para colher *wapatoo* é caminhar de pés descalços pela lama e puxar os tubérculos das raízes a que estão unidos com os dedos dos pés. Nem sempre conseguia perceber quando é que o meu pai estava a falar a sério ou a brincar, portanto nunca tentei fazê-lo. Usávamos um velho ancinho de quatro dentes como o que os agricultores usam para fazer montes de feno. O meu pai apertava as botas altas de pesca, entrava na lama profunda perto da margem e arrastava o ancinho para trás e para a frente. A minha função era apanhar os tubérculos que flutuavam até à superfície. A água estava tão fria que quase não conseguia aguentar, mas o que não nos mata torna-nos mais fortes, costumava dizer o meu pai. O meu pai ensinou-me a nadar quando era criança atando-me uma corda à volta da cintura e atirando-me lá para dentro.

Depois de ter descoberto a verdade sobre o meu pai e a minha mãe, costumava interrogar-me sobre o motivo pelo qual a minha mãe não fugira. Se odiava tanto viver no pântano, como disse mais tarde, porque é que não se fora embora? Poderia ter atravessado o pântano a pé quando este estava gelado, enquanto o meu pai e eu percorríamos a linha de armadilhas. Ter pegado nas botas altas de pesca do meu pai e descoberto um caminho para sair dali enquanto nós pescávamos na canoa dele. Roubado a sua canoa e remado para longe enquanto caçávamos. Entendo que era uma criança quando o meu pai a levou para a cabana, portanto algumas dessas opções podem não lhe ter ocorrido imediatamente. Mas teve catorze anos para pensar em qualquer coisa.

Agora que li relatos de raparigas que foram raptadas e mantidas em cativeiro, percebo melhor os fatores psicológicos que estavam em jogo. Algo se quebra na mente e na vontade de uma pessoa que foi privada de autonomia. Por mais que gostemos de pensar que lutaríamos como lince se estivéssemos numa situação semelhante, o mais provável seria desistirmos. E, provavelmente, mais cedo do que imaginamos. Quando uma pessoa está numa posição em que, quanto mais luta, mais terrivelmente é castigada, não demora muito a aprender a fazer exatamente o que o raptor quer. Isto não é síndrome de Estocolmo; os psicólogos chamam-lhe impotência aprendida. Se uma pessoa raptada acreditar que o seu raptor não a irá castigar ou que irá mesmo recompensá-la com, por exemplo, um cobertor ou um pedaço de comida, se fizer o que ele quer, a pessoa fá-lo-á, independentemente de quão repugnante ou degradante possa ser. Se o raptor estiver disposto a infligir dor, o processo é muito mais rápido. Depois de algum tempo, por mais que queira, a pessoa que está cativa nem sequer tentará fugir.

É como quando apanhamos um rato ou um musaranho e o colocamos numa tina de metal para ver o que faz. Primeiro, abraça as extremidades da tina e anda às voltas, em círculos, à procura de uma saída. Depois de alguns dias, habitua-se a estar na tina e até vai ao meio para ir buscar comida e água, embora isso vá contra os seus instintos naturais. Depois de mais alguns dias, podemos construir uma saída para ele atando um pedaço de tecido ou uma corda a uma das pegas e pendurando ambas as pontas dos lados, mas o rato simplesmente continuará a correr em círculos porque não sabe fazer nada mais do que isso. Eventualmente, morre. Algumas criaturas simplesmente não se dão bem em cativeiro. Se não fosse por mim, eu e a minha mãe ainda estaríamos a viver naquela cumeeira.

Há outra coisa que sobressai na minha mãe: usava sempre calças compridas e mangas compridas quando trabalhava na horta. Nunca os calções e as *t-shirts* que o meu pai lhe comprou. Nem sequer nos dias mais quentes. Tão diferente das mães Yanomami.

[8] Alusão ao significado comum da palavra, que significa geada. (N.T.)

[9] No original «*Deer Camp*», uma espécie de retiro na natureza para caçar veados que é tradição na região. (N.T.)

[10] Jogos de cartas. (N.T.)

[11] Roedor nativo da América do Norte. (N.T.)

[12] Música dos *New Kids on the Block*. A letra significa: *Vou sempre amar-te miúda... Por favor não vás, miúda.* (N.T.)

Estou de pé no topo da ravina a olhar para baixo. As laterais são íngremes, a vegetação escassa. Consigo ver claramente o corpo no fundo. O agente morto (cabelo castanho rapado, maçãs do rosto rosadas, pescoço queimado pelo sol) parece ter cerca de quarenta anos. Razoavelmente em forma, talvez com oitenta quilos, exatamente a meio do intervalo de peso que previ com base nas suas pegadas. A cabeça está virada na minha direção, os olhos arregalados de surpresa, como se não conseguisse entender completamente a enormidade do orifício de bala nas suas costas.

Penso nos guardas prisionais mortos, nos seus familiares. Na dor que os consumirá muito depois de o meu pai estar novamente atrás das grades. Penso nos familiares deste homem. Em como continuam a viver o seu dia como se fosse normal. Em como não fazem ideia de que o seu marido e pai e irmão já não existe. Penso em como me sentiria se algo assim acontecesse ao Stephen.

Investigo a área movendo apenas os olhos, procurando atividade no campo periférico da minha visão que possa indicar que o meu pai está próximo. Mas, quando um gaio guincha do outro lado da ravina e um pica-pau começa o seu trabalho de perfuração, percebo que o meu pai não está aqui.

Encaminho-me para o fundo da colina. Não há dúvida de que o agente está morto, mas viro-o de qualquer forma, com a intenção de colocar os dedos no seu pescoço para confirmar. Quando cai pesadamente com as costas no chão, encolho a mão abruptamente como se me tivesse queimado. A sua camisa foi rasgada de cima a baixo. Escrito a sangue no seu peito destroçado está isto: *Para a H*.

Arrepio-me, forço a minha respiração a abrandar. Retrocedo na minha mente até à última vez que o meu pai me deixou uma mensagem semelhante. A ágata do Lago Superior que encontrei no parapeito da janela do meu quarto dois anos depois de ter deixado o pântano era grande, aproximadamente do tamanho do punho de um bebé: um vermelho forte, intenso, rodeado de faixas concêntricas cor de laranja e brancas, com um aglomerado de cristais de quartzo no centro. Do tipo que valeria muito dinheiro, depois de cortada e polida. Quando a virei ao contrário, vi quatro letras escritas a marcador preto no fundo: *Para a H*.

Inicialmente, presumi que a ágata era uma partida. Nessa altura, já vencera todos os rapazes da escola que se tinham sentido compelidos a desafiar-me depois do incidente com a faca na minha festa de boas-vindas, mas ainda havia alguns que não conseguiam deixar o assunto para trás e que tinham passado a fazer coisas estúpidas, como deixar animais mortos no meu cacifo. Uma vez, um espertinho qualquer também pintara com *spray* vermelho as palavras *A Filha do Pântano* na fachada da casa dos meus avós.

Limitei-me a colocar a ágata numa caixa de sapatos e a enfiar a caixa de sapatos debaixo da cama. Não disse nada à minha mãe nem aos meus avós porque não sabia o que pensar. Esperava que a ágata fosse do meu pai, mas não esperava. Não queria vê-lo, mas queria. Amava o meu pai, mas, ao mesmo tempo, culpava-o pela minha profunda infelicidade e pela dificuldade em integrar-me. Havia tanto sobre o mundo exterior que ele me deveria ter ensinado e que eu não sabia. O que interessava conseguir caçar e pescar tão bem como qualquer homem e melhor do que a maioria? Para os meus colegas, eu era uma aberração: uma ignorante que pensava que a televisão a cores só fora inventada recentemente, que nunca vira um computador nem um telemóvel, que não fazia ideia de que o Alasca e o Havai eram agora estados. Acho que as coisas teriam sido diferentes se eu fosse loura. Se fosse mais parecida com a minha mãe, os meus avós poderiam ter-me amado. Mas era uma cópia a papel químico do meu pai, uma

lembrança diária do que ele fizera à filha deles. Quando saí do pântano, pensava que os pais da minha mãe ficariam entusiasmados por recuperar a filha há muito perdida com um extra. Mas eu pertencia-lhe a ele.

Quando uma segunda ágata apareceu no meu parapeito, dentro de um cesto feito com feno-de-cheiro, soube que os presentes eram do meu pai. O meu pai conseguia fazer qualquer coisa com materiais naturais: cestos de vime, caixas de casca de bétula decoradas com espinhos de porco-espinho, raquetes de neve em miniatura feitas com galhos de salgueiro e couro cru, canoas minúsculas de casca de bétula com bancos e remos esculpados em madeira. A cornija da lareira da cabana exibia uma fila das suas criações. Costumava percorrer o seu comprimento admirando as coisas que o meu pai construía, de mãos apertadas atrás das costas, porque estava autorizada a olhar, mas não a tocar. O meu pai fazia a maior parte do artesanato durante o inverno, pois havia muitas horas vazias para preencher. Tentou ensinar-me mais do que uma vez, mas, por alguma razão, eu não tinha qualquer habilidade para as artes. Não se pode ser bom em tudo, disse o meu pai depois de eu ter deformado mais uma tentativa de trabalho com espinhos de porco-espinho. Mas, pelo que via, isso não se aplicava a ele.

Sabia porque é que o meu pai me estava a deixar presentes. Eram a sua forma de me dizer que andava por perto. Que estava a observar-me e que nunca me abandonaria, embora eu o tivesse abandonado. Sabia que não devia ficar com eles. Tinha visto na televisão programas de polícias suficientes para saber que ocultar provas me tornava cúmplice dos crimes do meu pai. Mas gostava que este fosse o nosso segredo. O meu pai confiava no meu silêncio. Manter-me em silêncio era algo que eu conseguia fazer.

Os presentes continuaram a chegar. Não todos os dias. Nem sequer todas as semanas. Por vezes, passava tanto tempo entre um presente e o seguinte que tinha a certeza de que o meu pai seguira em frente e se esquecera completamente de mim. Então, encontrava outro. Cada um deles ia para dentro da caixa que guardava debaixo da minha cama. Sempre que me sentia sozinha, puxava a caixa para fora e percorria com os dedos cada um dos presentes, e pensava no meu pai.

Então, certa manhã encontrei uma faca. Tirei-a rapidamente do parapeito antes que a minha mãe acordasse e escondi-a na caixa de sapatos. Mal conseguia acreditar que o meu pai me dera esta faca. O meu pai e eu costumávamos sentar-nos na cama dos meus pais na cabana, com o estojo das facas aberto entre nós, enquanto ele me contava a história de cada uma delas. Esta pequena faca de prata, em forma de punhal, com as iniciais GLM gravadas na base da lâmina, era a minha segunda preferida, depois da faca que escolhi no meu quinto aniversário. Sempre que perguntava ao meu pai quem era GLM, ele limitava-se a dizer que era um mistério. Costumava inventar as minhas próprias histórias. A faca pertencia ao homem que o meu pai assassinara. Ganhara-a numa luta num bar, ou numa competição de lançamento de facas. Roubara-a do bolso de alguém. Não fazia ideia se ser carteirista figurava entre as muitas competências do meu pai, mas servia o propósito da história.

Mais tarde, depois de a minha avó sair para levar a minha mãe à terapeuta e de o meu avô acabar de almoçar e regressar à sua loja, puxei a caixa para fora e espalhei os meus tesouros sobre a cama. Por vezes, quando brincava com a minha coleção, organizava os objetos em montinhos de acordo com o tipo. Outras vezes, colocava-os pela ordem em que os recebera, ou do que mais gostava ao que menos gostava, embora obviamente adorasse todos. As consultas da minha mãe normalmente duravam uma hora, e às vezes mais, portanto calculei que tinha quarenta e cinco minutos até ter de voltar a guardá-los. Ainda resistia à ideia de dividir o dia em horas e minutos, mas conseguia perceber que, em determinadas ocasiões, era útil saber exatamente quanto tempo uma pessoa estaria fora e quando regressaria.

Estava sentada na cama a imaginar que o meu pai por fim se sentava ao meu lado a contar a verdadeira história desta faca, quando a minha mãe e a minha avó entraram no quarto. Não devia ter sido apanhada de surpresa. A única explicação que encontro é que estava tão absorvida na história do meu pai que não

ouvi o carro chegar. Mais tarde, descobri que a sessão de terapia da minha mãe não tinha corrido bem e que, por esse motivo, tinham voltado mais cedo para casa. Essa parte não me surpreendeu. Era suposto eu frequentar a mesma terapeuta, mas deixara de ir seis meses antes porque ela estava continuamente a pressionar-me para terminar os estudos, por mais infeliz que me sentisse, para poder matricular-me na Universidade do Norte do Michigan, em Marquette, e fazer um curso de biologia ou botânica, ou arranjar um emprego algures, um dia, a fazer investigação no terreno. Não conseguia perceber como é que estar sentada numa sala de aula me poderia ensinar mais sobre o pântano do que eu já sabia. Não precisava que um livro me dissesse a diferença entre um pântano e uma floresta alagável e uma turfeira e um paul.

A primeira coisa que a minha avó viu quando entrou no quarto foi a faca. Aproximou-se da cama, olhou furiosamente para baixo, na minha direção, e esticou a mão.

— O que é que estás a fazer? Dá cá isso.

— É minha. — Atirei a faca para dentro da caixa de sapatos juntamente com o resto das coisas e empurrei a caixa para debaixo da cama.

— Roubaste-a?

Ambas sabíamos que não poderia ter comprado a faca sozinha. Os meus avós nunca me deixaram ter dinheiro, nem sequer aquele que as pessoas enviaram depois de eu ter deixado o pântano e que era suposto ser para mim. Diziam que o dinheiro fora guardado num sítio chamado um «fundo» e que isso queria dizer que não lhe podiam tocar. Depois de fazer dezoito anos, o advogado que contratei para recuperar esse dinheiro disse-me que não existia nenhum fundo e que nunca existira, o que, em grande medida, ajudava a explicar o *Ford F-350* que os meus avós conduziam, bem como o *Lincoln Town Car*. Não consigo evitar pensar que, se os meus avós tivessem estado menos preocupados em fazer dinheiro com o que acontecera à minha mãe e mais preocupados em ajudá-la a superar os acontecimentos, as coisas teriam corrido muito melhor para ela.

A minha avó agachou-se colocando as mãos e os joelhos no chão e puxou a caixa de debaixo da cama, o que não foi fácil porque era uma mulher grande e tinha problemas de joelhos. Despejou o conteúdo na minha cama, agarrou na faca e começou a agitá-la no ar, gritando como se eu não estivesse sentada a meio metro de distância dela e não a conseguisse ouvir perfeitamente mesmo que ela tivesse sussurrado. Ainda hoje, odeio quando as pessoas gritam. Podem dizer o que quiserem do meu pai, mas ele nunca levantou a voz.

A faca tinha umas características tão singulares que, assim que a viu, a minha mãe soube imediatamente que pertencia ao meu pai. Tapou a boca com a mão e começou a recuar para o exterior do quarto como se a faca fosse uma cobra-capelo prestes a atacá-la. Pelo menos não gritou. A minha mãe ainda tinha tendência para se descontrolar sempre que alguma coisa lhe lembrava o meu pai ou alguém dizia o seu nome, embora já tivessem passado dois anos. Talvez a terapeuta estivesse realmente a ajudar.

A minha avó levou a caixa de sapatos à polícia. A polícia encontrou as minhas impressões digitais na faca, juntamente com um conjunto que correspondia às que tinham recolhido na cabana. Ainda não sabiam o nome do meu pai, mas as impressões digitais provavam que estava naquela área. O detetive garantiu aos meus avós que era apenas uma questão de tempo até apanharem o meu pai, e tinha razão. As investigações sobre um índio com uma grande coleção de facas conduziram a um acampamento de madeireiros a norte das Cataratas de Tahquamenon, onde o meu pai estava a viver com dois homens dos Primeiras Nações. Naquela altura, não era invulgar os empreiteiros contratarem indígenas do Canadá para cortarem os restos da madeira que mais ninguém queria. Instalavam-nos no local de trabalho numa *roulotte* ou caravana, traziam-lhes gasolina para o gerador e mantimentos uma vez por semana e pagavam-lhes por debaixo da mesa.

Vi muitas vezes no YouTube as imagens da rusga do FBI recolhidas pelas câmaras corporais dos

agentes. É como ver um episódio do *Cops* ou do *Lei & Ordem* que tem como protagonista o nosso próprio pai, embora a versão não editada seja um pouco longa. Há muitos sussurros e ângulos de câmara estranhos enquanto a equipa se instala atrás de uma pilha de cepos e debaixo do trator florestal e atrás do atrelado das ferramentas e até mesmo dentro da casa de banho exterior, porque não iam correr riscos. Depois, há um longo trecho de nada, enquanto os agentes esperam que o meu pai e os homens com quem estava a viver regressem do trabalho de corte de madeira desse dia. A expressão no rosto do meu pai quando os membros da equipa saem dos seus postos em simultâneo, de armas em riste, gritando-lhe que se deite «No chão! No chão!» ainda me faz rir. Mas passa tão depressa que temos de estar preparados para carregar no *pause*, ou não conseguimos ver. Tenho a certeza de que o empreiteiro ficou bastante surpreendido quando descobriu que estava a dar abrigo ao homem que se encontrava no topo da lista dos Mais Procurados do FBI.

Teoricamente, a primeira vez que fugiu, o meu pai deveria ter permanecido um homem livre para sempre porque, nessa altura, ninguém sabia quem ele era. Eu e a minha mãe sempre presumimos que Jacob era o seu nome verdadeiro, pois porque é que pensaríamos de outra forma? Mas isso era tudo o que sabíamos. Sempre achei que o desenhador da polícia conseguiu captar razoavelmente bem os traços do meu pai, mas o seu rosto deveria assemelhar-se ao rosto de muitos outros homens, porque, embora não fosse possível acender a televisão ou ler o jornal ou conduzir pela autoestrada sem ver a sua fotografia, no final, isso não produziu quaisquer resultados. Talvez fosse expectável que os pais do meu pai o reconhecessem, mas deve ter-lhes parecido difícil darem a cara e admitirem que o filho era um raptor e um assassino.

As pessoas dizem que o meu pai se cansou de ser um foragido e que foi por isso que me contactou. Eu acho que se sentiu sozinho. Sentiu falta da nossa vida no pântano. Sentiu a minha falta. Ou, pelo menos, era assim que *gostava* de pensar.

Durante muito tempo, culpei-me pela captura do meu pai. O meu pai confiou em mim e eu desiludi-o. Deveria ter sido mais cuidadosa, ter escondido as coisas que ele me deu num local mais seguro, ter-me esforçado mais por manter a minha coleção longe das mãos das pessoas que a queriam usar para lhe fazer mal.

Mais tarde, depois de perceber a dimensão dos crimes do meu pai e o impacto que eles tiveram sobre a minha mãe, já não me incomodava tanto que ele fosse passar o resto da vida na prisão, embora tivesse sido eu a pô-lo lá. Lamentava genuinamente que ele nunca mais pudesse deambular pelo pântano ou caçar ou pescar. Mas ele tivera a sua oportunidade para fugir da área. Poderia ter ido para oeste, para Montana, ou para norte, para o Canadá, e jamais teria sido chamado a prestar contas perante a justiça. Deixar-me os presentes que conduziram à sua captura foi erro dele, não meu.

Puxo a ponta da camisa do agente e limpo as palavras que o meu pai lhe escreveu no peito, depois volto a pôr o corpo virado de barriga para baixo como o encontrei. Tenho consciência de que estou a adular o local de um crime, mas não estou disposta a deixar no peito do agente morto a mensagem que o meu pai deixou para mim, tendo em conta que a polícia já me vê como uma possível cúmplice. Enquanto subo a colina para regressar, sinto que vou vomitar. O meu pai matou este homem por minha causa. Deixou o corpo para eu o encontrar, exatamente como um gato deixa um rato morto para o dono no alpendre.

Para a H. As palavras desapareceram, mas a mensagem está gravada no meu cérebro. A capacidade do meu pai para manipular qualquer situação a seu favor está quase para lá da compreensão. Não só antecipou que eu viria atrás dele por esta estrada como, ao ver o carro da polícia e concluir corretamente

que o condutor era um investigador solitário com os instintos certos no momento errado, o atraiu para o exterior e o conduziu até à ravina com o único objetivo de montar esta cena para eu encontrar. Imagino-o a atravessar a estrada como uma seta à frente do carro-patrolha, deixando o agente obter um vislumbre do homem procurado por todos e levando-o a parar o carro e estacionar. Talvez tenha tropeçado para que o agente pensasse que estava ferido e, portanto, não era uma ameaça. Depois cambaleou, como se estivesse no limite da sua resistência, enquanto conduzia o agente para o mato, deixando que a mente do homem inchasse com visões da aclamação que receberia por capturar sozinho o fugitivo, antes de dar a volta por trás do agente e o baleiar pelas costas.

Interrogo-me sobre que outras coisas é que o meu pai terá reservado para mim.

De regresso à estrada, vou direta à carrinha. Abro a porta do passageiro, meto rapidamente a mão no interior e ponho a trela ao Rambo. Ele gane e puxa. Sente o cheiro do sangue no ar, a tensão que irradia de mim. Deixo que me conduza até ao fundo da ravina para que fareje bem o cheiro do meu pai e, depois, começo novamente a subir a colina. Deveria denunciar o homicídio. Deixar que as autoridades se encarregassem de procurar o meu pai e ir para casa, para junto do meu marido. Mas a mensagem que o meu pai deixou no homem que assassinou é para mim.

Penso na minha mãe, desaparecida e esquecida pela maioria. Penso nas minhas filhas. Penso no meu marido, sozinho e à minha espera. As mortes têm de parar. *Vou* encontrar o meu pai. *Vou* capturá-lo. *Vou* pô-lo novamente na prisão e fazê-lo pagar por tudo o que fez.

A CABANA

Ela era deveras selvagem e bravia, mesmo naqueles tempos duros e incultos. Tinham-lhe chamado Helga, um nome demasiado brando para uma criança com um temperamento como o seu, embora a sua forma continuasse a ser bela.

Era um prazer para ela chapinhar as mãos brancas no sangue quente do cavalo que fora sacrificado. Num dos seus humores selvagens, arrancou à dentada a cabeça do galo negro que o sacerdote estava prestes a matar.

Ao seu pai adotivo, disse um dia:

— Se o vosso inimigo quisesse derrubar a casa em redor dos vossos ouvidos, e vós estivésseis a dormir em inconsciente segurança, não vos despertaria; embora tivesse o poder de o fazer, nunca o faria, pois os meus ouvidos ainda estão dormentes do golpe que recebi de vós há anos. Nunca o esqueci.

Mas o Viking tratou as suas palavras como um gracejo; estava, como toda a gente, enfeitiçado pela sua beleza e nada sabia acerca da mudança de forma e de temperamento de Helga durante a noite.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

Tinha oito anos quando vi pela primeira vez o lado sádico do meu pai. Na altura, não percebi que o que me fez foi errado, ou que pais normais não tratam os filhos da forma como o meu pai por vezes me tratava. Não gosto de retratar o meu pai como alguém pior do que as pessoas já acham que ele é. Mas estou a tentar ser honesta na descrição de como foram as coisas para mim enquanto crescia, e isso tem de incluir tanto as partes boas como as más.

O meu pai dizia que tinha escolhido viver no pântano porque assassinara um homem. Nunca foi acusado e o seu envolvimento na morte de um deficiente mental cujo corpo foi encontrado em avançado estado de decomposição numa cabana vazia a norte de Hulbert, no Michigan, nunca foi provado. Por vezes, quando contava a história, dizia que espancara o homem até à morte. Outras vezes, dizia que lhe cortara a garganta porque não gostava da forma como ele se babava e gaguejava. Na maioria das vezes, estava sozinho aquando do homicídio, mas, numa das versões, o irmão mais novo ajudara-o a livrar-se do corpo (embora tenha sabido mais tarde que o meu pai era filho único). É difícil saber se alguma coisa do que o meu pai disse sobre o homicídio foi verdade ou se o conto foi apenas algo que inventou para passar o tempo numa longa noite de inverno. O meu pai contava muitas histórias.

O meu pai guardava as melhores histórias para a *madoodiswan*, a nossa cabana de suor. A minha mãe chamava à cabana de suor uma sauna. O meu pai derrubou o nosso alpendre da frente no verão em que eu tinha oito anos para a construir. Não precisávamos de um alpendre na frente e nas traseiras, disse o meu pai, e, embora a cabana parecesse estranha sem ele, tive de concordar.

O meu pai construiu a cabana de suor porque estava cansado de tomar banho de pé. Também porque,

embora eu ainda me conseguisse sentar na tina de esmalte azul que usava desde bebé, não tardaria muito até ter de fazer o mesmo. A minha mãe nunca tomava banho, portanto as suas necessidades não importavam. (A minha mãe nunca tirava a roupa diante de mim e do meu pai e só se limpava por baixo com um pano molhado quando precisava, embora a tenha visto a nadar em roupa interior no pântano quando pensava que não havia ninguém por perto.)

Isto aconteceu por volta do final de agosto ou início de setembro. Não consigo ser mais específica do que isso porque nem sempre tinha noção do tempo. O final do verão é uma boa altura para realizar um projeto de construção ao ar livre, porque ainda está calor, mas a maioria dos insetos desapareceu. A minha mãe era uma daquelas pessoas que pareciam atrair os insetos. Frequentemente, estava de tal forma coberta de picadas que chorava de frustração. Li sobre exploradores na Sibéria e no Alasca que foram levados à loucura por mosquitos, mas, de uma forma geral, os mosquitos comuns não me incomodam. Os borrachudos são muito piores. Gostam de atacar a parte de trás do pescoço ou das orelhas e as picadas provocam comichão e dor durante semanas. Uma única picada perto do canto do olho pode fazer a pálpebra fechar-se completamente devido ao inchaço. Podem imaginar o que acontece quando temos duas. Por vezes, quando estávamos a cortar lenha na reserva em junho, os borrachudos eram tantos que não conseguíamos respirar sem engolir alguns deles. O meu pai costumava gracejar alegando que estávamos simplesmente a ingerir proteínas extra, mas eu não gostava, embora isso significasse que havia menos um inseto para me picar. Os moscardos tiram-nos um pedaço. As moscas-do-veado picam se as deixarmos, mas são tão previsíveis ao zumbirem em redor da nossa cabeça que, se cronometrarmos bem o momento, podemos juntar as mãos numa palmada quando nos passam diante do rosto e já está. Os mosquitos-pólvora são tão minúsculos como o ponto no final de uma frase, mas com uma picada completamente desproporcional em relação ao tamanho. Se estiverem a dormir numa tenda e alguma coisa que parece um mosquito estiver constantemente a picar-vos mas não conseguirem ver nada, isso são mosquitos-pólvora. Não é possível fazerem nada contra eles exceto abrigarem-se no saco-cama, puxarem os cobertores para cima da cabeça e permanecerem assim até de manhã. As pessoas preocupam-se com o facto de os químicos dos repelentes poderem causar cancro, mas, se tivéssemos algum *spray* contra insetos quando vivíamos no pântano, podem apostar que o teríamos usado.

A nossa cabana de suor foi um projeto familiar. Imaginem um dia quente, com cada um de nós a dar o seu contributo e a fazer a sua parte. O suor escorria pelas costas do meu pai e pingava da ponta do meu nariz enquanto trabalhávamos. Quando lhe emprestei o lenço que guardava no bolso de trás para que limpasse a cara e o pescoço, o meu pai gracejou, dizendo que era uma cabana tão boa que já nos estava a fazer suar. A minha mãe organizou e empilhou a madeira: tábuas de soalho num monte, barrotes noutra, vigas de suporte num terceiro. Os barrotes e as vigas seriam as colunas dos cantos e os pilares da nossa cabana de suor, enquanto as tábuas revestiriam as partes laterais. O meu pai retirou o telhado do alpendre numa só peça. Só precisávamos de metade, mas o meu pai explicou que podíamos empilhar a lenha para a nossa cabana de suor debaixo das partes salientes para a proteger das intempéries. A nossa *maddodiswan* teria um banco ao longo da parede do fundo onde nos poderíamos sentar e um círculo de pedras retiradas dos alicerces do alpendre onde o meu pai acenderia a fogueira. Costumávamos queimar ácer e faia no fogão da cozinha, mas na cabana de suor queimaríamos cedro e pinheiro porque precisávamos de uma fogueira quente e rápida. Custava-me a perceber como é que estarmos sentados numa divisão quente e minúscula nos faria ficar limpos, mas, se o meu pai dizia que era assim que a cabana de suor funcionava, eu acreditava nele.

O meu trabalho era endireitar os pregos que ele arrancava. Gostava da forma como os pregos chiavam antes de se soltarem, como um animal apanhado numa armadilha. Equilibrava os pregos numa pedra plana com o lado torcido virado para cima, como o meu pai me mostrara, e batia-batia-batia com um

martelo até os deixar tão direitos quanto conseguia. Gostava especialmente dos pregos com os lados quadrados. O meu pai disse que esses pregos eram feitos à mão, o que significava que a nossa cabana era muito antiga. Questionei-me sobre como seriam feitos os outros pregos.

Interroguei-me acerca das pessoas que construíram a nossa cabana. O que pensariam se pudessem ver-nos a demolir parte dela? Porque é que tinham construído a cabana nesta cumeeira e não naquela onde os veados gostavam de se agrupar? Porque é que tinham construído a cabana com dois alpendres e não um? Achava que sabia algumas das respostas. Achava que tinham construído a cabana com dois alpendres para poderem sentar-se no alpendre da frente e ver o sol a nascer e depois sentar-se no alpendre das traseiras e ver o pôr do sol. E achava que tinham construído a cabana aqui, e não na cumeeira dos veados, para estes se sentirem seguros até estarem preparadas para irem até lá e matarem um.

Nos últimos tempos, interrogava-me sobre muitas coisas. Onde é que o meu pai arranjava o pé de cabra azul que usava para arrancar pregos? Tê-lo-ia trazido com ele ou já estaria na cabana? Porque é que eu não tinha irmãos e irmãs? Como cortaríamos a lenha quando a gasolina para a motosserra do meu pai acabasse? Porque é que a nossa cabana não tinha um fogão como os das fotografias das *Geographics*? A minha mãe dizia que, quando era pequena, a sua família tinha um grande fogão branco com quatro bicos e um forno para fazer bolos, portanto, porque é que nós não tínhamos? Na maior parte do tempo, guardava as minhas interrogações para mim. O meu pai não gostava que eu fizesse demasiadas perguntas.

O meu pai disse-me que martelasse os pregos com força, em vez de dar pancadas suaves, para acelerar o trabalho. Não que tivéssemos pressa, mas gostaria de usar a *maddodiswan* nesse inverno e de não ter de esperar pelo seguinte. Sorriu quando o disse, portanto percebi que estava a brincar. Também percebi que queria efetivamente que eu trabalhasse mais depressa, portanto martelei com mais força. Interroguei-me se poderia endireitar um prego com um único golpe. Examinei o monte à procura de um prego que estivesse apenas ligeiramente dobrado.

Mais tarde, questionei-me sobre o que me teria feito falhar completamente o prego. É possível que tenha desviado o olhar por um segundo, quando um esquilo deixou cair uma pinha. Ou posso ter-me distraído com o canto de um tordo-sargento. Possivelmente, pestanejei quando o vento me soprou um pouco de areia para o olho. Qualquer que tenha sido a razão, quando o martelo embateu violentamente contra o meu polegar, gritei tão alto que a minha mãe e o meu pai vieram a correr. Em poucos segundos, o polegar ficou inchado e roxo. O meu pai mexeu-lhe e virou-o de um lado para o outro, e disse que não estava partido. A minha mãe entrou na cabana e saiu com uma tira de pano que apertou à volta do meu polegar. Não percebi exatamente para que é que isso deveria servir.

Passei o resto da tarde na enorme rocha do nosso quintal das traseiras a folhear as *Geographics* com uma só mão. Quando o sol pousou como uma bola cor de laranja sobre as ervas do pântano, a minha mãe foi para dentro para servir o guisado de coelho que eu estava a cheirar há horas. Gritou para o exterior que o jantar estava pronto e o meu pai pousou as ferramentas e a calmária instalou-se no pântano de novo.

Havia três cadeiras na mesa da cozinha. Indaguei-me se as pessoas que tinham construído a nossa cabana também seriam uma família de três pessoas. Ninguém disse nada enquanto comíamos porque o meu pai não gostava que falássemos de boca cheia.

Quando o meu pai acabou de comer, empurrou a cadeira para trás e contornou a mesa para se colocar de pé ao meu lado.

— Deixa-me ver o teu polegar.

Pousei a mão sobre a mesa com os dedos esticados.

Ele desapertou a tira de pano.

— Dói?

Assenti com a cabeça. Na verdade, o polegar já não doía a não ser que lhe tocasse, mas gostava de ser

o centro das atenções do meu pai.

— Não está partido, mas podia estar. Percebes isso, não percebes, Helena?

Assenti novamente com a cabeça.

— Tens de ter mais cuidado. Sabes que, no pântano, não há lugar para erros.

Assenti com a cabeça uma terceira vez e tentei fazer uma expressão tão séria quanto a dele. O meu pai advertira-me muitas vezes que tivesse cuidado. Se me magoasse, teria simplesmente de lidar com as consequências, porque não íamos deixar o pântano, acontecesse o que acontecesse.

— Desculpa — disse eu em voz baixa, porque agora estava realmente arrependida. Odiava quando o meu pai ficava descontente comigo.

— Pedir desculpa não chega. Os acidentes têm sempre consequências. Não tenho a certeza de como te posso ensinar a não esqueceres isso.

O meu estômago ficou rígido quando ele disse isto, como se tivesse engolido uma pedra. Esperava não ter de passar outra noite no poço. Antes de poder dizer ao meu pai que estava verdadeiramente, *verdadeiramente* arrependida, e que me lembraria de ter mais cuidado, e que não iria atingir o polegar com o martelo nunca, *nunca* mais, ele cerrou o punho e precipitou-o violentamente sobre o meu polegar. Uma explosão de estrelas invadiu a cozinha. Uma dor ardente irradiou pelo meu braço.

Acordei no chão. O meu pai estava ajoelhado ao meu lado. Levantou-me, sentou-me na minha cadeira e entregou-me a minha colher. A minha mão tremeu ao agarrá-la. O meu polegar doía mais do que quando o golpeará com o martelo. Pestanejei para evitar as lágrimas. O meu pai não gostava que eu chorasse.

— Come.

Senti que ia vomitar. Mergulhei a colher na tigela e comi uma colherada. Consegui aguentar o guisado no estômago. O meu pai deu-me uma palmadinha na cabeça.

— Outra vez. — Outra colherada, e outra. O meu pai ficou de pé ao meu lado até todo o guisado ter desaparecido.

Percebo, agora, que o que o meu pai fez foi errado. Ainda assim, creio que o meu pai não me queria magoar. Fez apenas o que acreditava ter de fazer para me ensinar uma lição que eu tinha de aprender.

O que não percebi até muito mais tarde foi como é que a minha mãe conseguiu assistir a todo o episódio do outro lado da mesa, tão pequena e inútil como o coelho que servira para o jantar, sem mexer um dedo para me ajudar. Demorei muito tempo a conseguir perdoá-la por isso.

Nesse inverno, na nossa nova cabana de suor, o meu pai contou uma história. Estava sentada entre o meu pai e a minha mãe no banco estreito. A minha mãe estava de cuecas com a sua *t-shirt* da *Hello Kitty* vestida. À exceção da ágata polida do Lago Superior pendurada num fio de couro que o meu pai usava sempre ao pescoço, ele e eu estávamos apropriadamente nus. Gostava quando o meu pai se despia porque, dessa forma, conseguia ver todas as suas tatuagens. O meu pai tatuava-se a si próprio da maneira indígena, utilizando agulhas de espinhas de peixe e fuligem. Prometera-me que, quando fizesse nove anos, ele começaria a tatuar-me.

— Certo inverno, um jovem casal mudou-se, juntamente com toda a sua aldeia, para novos terrenos de caça. — Assim começava a história do meu pai. Aconcheguei-me mais perto dele. Sabia que iria ser uma história assustadora. Histórias assustadoras eram o único tipo de histórias que o meu pai contava. — Lá, tiveram um filho. Um dia, enquanto fitavam o filho deitado no porta-bebés[13], a criança falou. «Onde é que está esse *Manitou*?», perguntou o bebé.

O meu pai fez uma pausa na história e olhou para mim.

— *Manitou* é o Espírito do Céu — respondi.

— Muito bem — disse ele, e continuou: — «Dizem que é muito poderoso», disse o bebé. «Um dia irei visitá-lo». «Chiu», disse a mãe do bebé. «Não deves falar assim». Depois disso, o casal adormeceu com o bebé deitado no porta-bebés entre si. A meio da noite, a mãe descobriu que o bebé desaparecera. Acordou o marido. O marido acendeu uma fogueira e o casal procurou por todo o *wigwam*[14], mas não conseguiu encontrar o bebé. Procuraram também no *wigwam* do vizinho, depois acenderam tochas de casca de bétula e procuraram marcas na neve. Finalmente, encontraram uma fila de marcas minúsculas que conduziam ao lago. Seguiram as marcas até encontrarem o porta-bebés. As marcas que iam do porta-bebés até ao lago eram muito maiores do que as pegadas que uns pés humanos poderiam deixar. Os pais horrorizados perceberam que o filho se transformara num *wendigo*, o terrível monstro do gelo que come pessoas.

O meu pai mergulhou uma caneca no balde de água e salpicou lentamente o prato de estanho equilibrado sobre a fogueira. As gotas fervilharam e dançaram. O vapor encheu a tenda. A água escorria-me pelo rosto e pingava do meu queixo.

— Algum tempo depois, um *wendigo* atacou a aldeia — continuou a história do meu pai. — O *wendigo* era muito magro e terrível. Cheirava a morte e a putrefação. Os ossos pressionavam-lhe a pele e esta era pardacenta como a morte. Tinha os lábios lacerados e ensanguentados e os seus olhos assentavam profundamente nas órbitas. Este *wendigo* era enorme. Um *wendigo* nunca fica satisfeito depois de matar e comer. Procura constantemente novas vítimas. Cada vez que come outra pessoa, torna-se maior, por isso nunca consegue sentir-se cheio.

Do exterior, veio um ruído. *Crrrr-crrrr, crrrr-crrrr*. Parecia um ramo a roçar a parte lateral da cabana de suor, mas a nossa *madoodiswan* ficava no meio da clareira e não havia ramos suficientemente próximos para lhe tocarem. O meu pai inclinou a cabeça. Esperou. O som não se repetiu.

Inclinou-se para a frente. O clarão da fogueira ensombrou-lhe a parte de cima do rosto, ao mesmo tempo que lhe iluminava o queixo por baixo.

— Enquanto o *wendigo* se aproximava da aldeia, os duendes que protegem o *manitou* saíram ao seu encontro. Um deles atirou uma pedra ao *wendigo*. A pedra transformou-se num raio que atingiu o *wendigo* na testa. O *wendigo* caiu morto com um ruído como o de uma grande árvore a cair. Deitado na neve, o *wendigo* parecia um enorme índio. Porém, quando as pessoas começaram a cortá-lo aos pedaços, viram que era, na verdade, um gigantesco bloco de gelo. Derreteram os pedaços e encontraram no meio uma criança minúscula com um buraco na cabeça, no local onde a pedra o atingira. Era o bebé que se transformara num *wendigo*. Se os *manidog*[15] não o tivessem matado, o *wendigo* teria devorado toda a aldeia.

Arrepiei-me. À luz trémula da fogueira, vi o bebé com o buraco na testa, os pais a chorarem pelo terrível fado que se abatera sobre o filho excessivamente curioso. Pingas de água atravessaram as fendas do telhado e desenharam um caminho gelado no meu pescoço.

Do exterior, veio novamente o ruído. *Crrrr-crrrr, crrrr-crrrr*. Ouvi uma respiração (*uh, uh, uh*), como se o que quer que estivesse lá fora tivesse chegado à nossa cumeeira depois de uma longa corrida. O meu pai levantou-se. A sua cabeça quase tocava no teto. A sua sombra era ainda maior. Certamente o meu pai xamã era capaz de enfrentar o que quer que fosse que estava no exterior. Caminhou em redor da fogueira e abriu a porta. Fechei os olhos e encolhi-me para trás, contra a minha mãe, enquanto o frio irrompia pela cabana.

— Abre os olhos, Helena — ordenou o meu pai numa voz terrível. — Vê! Aqui está o teu *wendigo*!

Fechei os olhos com mais força e icei os pés para cima do banco. O *wendigo* estava ali, conseguia senti-lo. Ouvi o *wendigo* arfar. Senti o odor do seu hálito fétido e horrível. Alguma coisa fria e húmida tocou no meu pé. Guinchei.

O meu pai riu-se. Sentou-se ao meu lado e puxou-me para o seu colo.

— Abre os olhos, *Bangii-Agawaateyaa* — disse ele, usando a alcunha carinhosa que me pusera e que significava «Pequena Sombra». E eu assim fiz.

Maravilha das maravilhas, não era um *wendigo* que conseguira introduzir-se na nossa cabana de suor. Era um cão. Sabia que era um cão porque vira fotografias nas *Geographics*. Também o sabia porque tinha um pelo curto e malhado e não se assemelhava nada ao pelo de um coioote ou de um lobo. Tinha as orelhas caídas e a cauda dava chicotadas para um lado e para o outro, enquanto pressionava o nariz contra os meus dedos dos pés.

— Senta — ordenou o meu pai. Não entendi porquê, pois já estava sentada. Então percebi que o meu pai estava a falar com o cão. E não foi só isso: o cão percebeu o que ele disse e obedeceu-lhe. Sentou-se sobre os quadris e ergueu o olhar para o meu pai, com a cabeça inclinada para o lado, como se dissesse: *pronto. Fiz o que me mandaram. E agora?*

A minha mãe esticou a mão e coçou o cão atrás das orelhas. Foi a coisa mais corajosa que alguma vez a tinha visto fazer. O cão ganiu e aproximou-se mais da minha mãe. Ela levantou-se e pôs uma toalha à volta dos ombros.

— Anda — disse ela para o cão. O cão seguiu-a a trote. Nunca vira nada assim. Só conseguia pensar que a minha mãe, de alguma forma, roubara um pedaço da magia xamânica do meu pai.

A minha mãe queria que o cão passasse a noite connosco na cabana. O meu pai riu-se e disse que os animais pertenciam ao exterior. Atou uma corda à volta do pescoço do cão e levou-o para o casebre da lenha.

Muito tempo depois de as molas da cama da minha mãe e do meu pai pararem de ranger, pus-me de pé à janela do meu quarto, a olhar para o quintal. O reflexo da lua na neve fazia com que a noite estivesse tão clara como se fosse dia. Através das frinchas no casebre da lenha consegui ver o cão a mexer-se. Bati suavemente na janela com a unha do dedo. O cão deteve-se e ergueu o olhar na minha direção.

Enrolei um cobertor à volta dos ombros e desci as escadas em bicos de pés. Lá fora, a noite estava fria e calma. Sentei-me nos degraus e calcei as botas, depois atravessei o quintal até ao casebre da lenha. O cão estava preso na argola de ferro no fundo. Fiquei de pé à entrada da porta e sussurrei o nome indígena que o meu pai lhe dera. A cauda do cão bateu energicamente. Pensei na história do meu pai sobre como Cão chegara ao povo Ojúbua. Como o gigante que abrigara os caçadores que se tinham perdido na floresta lhes dera o seu Cão para os proteger do *wendigo* no regresso. Como Cão permitira que os homens lhe fizessem festas e aceitara comida das suas mãos e brincara com as suas crianças.

Entrei e sentei-me sobre os juncos secos de tabua que a minha mãe espalhara pelo chão para servirem de cama. Sussurrei o nome indígena que o meu pai dera ao cão uma segunda vez: «Rambo». Uma vez mais, a cauda do cão bateu energicamente. Aproximei-me mais e estiquei a mão. O cão também se esticou para a frente e farejou-me os dedos. Aproximei-me ainda mais e pus-lhe a mão na cabeça. Se a minha mãe era suficientemente corajosa para tocar no cão, então eu também era. O cão escapou-se de debaixo da minha mão. Antes de eu poder puxá-la para trás, a língua saiu-lhe da boca e lambeu-me os dedos. A língua era áspera e suave. Pus-lhe a mão na cabeça e o cão lambeu-me o rosto.

Quando acordei, a luz do dia jorrava através das ripas do casebre. Estava tanto frio que conseguia ver a minha respiração. O Rambo enroscou-se contra mim. Levantei um canto do meu cobertor e pousei-o sobre o cão adormecido. O Rambo suspirou.

Dói-me fisicamente pensar no quanto amava aquele cão. No resto daquele outono e até que o inverno se tornasse demasiado frio, dormi junto do Rambo no casebre da lenha. Os lados do casebre eram de ripa

e expostos às intempéries, portanto construí um abrigo com lenha e cobertores pendurados nos lados e em cima, como os fortes que o Stephen e as miúdas constroem com almofadas da cama e do sofá na nossa sala de estar.

O Rambo fora treinado para responder a comandos básicos como «anda» e «senta» e «fica», mas eu não sabia disso. Portanto, à medida que aprendia gradualmente o vocabulário do Rambo, pensava que ele estava a aprender o meu. Sempre que o Rambo parava de seguir o rasto de um coelho ou de roer uma haste de veado ou de atormentar uma tâmara e vinha até mim ou se sentava quando eu ordenava, sentia-me tão poderosa como um xamã.

O meu pai odiava o meu cão. Na altura, não conseguia perceber porquê. É suposto os índios e os cães serem amigos. Contudo, sempre que o Rambo tentava seguir o meu pai, ele enxotava-o com um pontapé ou batia-lhe com um pau. Quando não estava a bater-lhe, queixava-se constantemente de que o Rambo era mais uma boca para alimentar. Não conseguia perceber como é que isto podia ser um problema. O meu pai disse que o Rambo era um cão usado na caça de ursos que se perdera durante uma caçada. A época da caça ao urso é em agosto. Estávamos em meados de novembro, o que significava que o Rambo se alimentara perfeitamente sozinho durante meses. Eu só lhe dava os restos da comida que não queríamos. Porque é que o meu pai se haveria de importar com o facto de o Rambo comer os ossos e as vísceras que íamos simplesmente deitar fora?

Agora sei que o meu pai odiava o meu cão porque é um narcisista. Um narcisista só está feliz enquanto o mundo gira como ele quer. O plano do meu pai para a nossa vida no pântano não incluía um cão; por conseguinte, ele só conseguia ver o cão como um empecilho.

Creio, também, que via o Rambo como uma ameaça. Inicialmente, deixou-me ficar com o Rambo para demonstrar a sua generosidade, mas quando, com o tempo, comecei a amar o meu cão de uma forma tão pura como amava o meu pai, senti ciúmes porque pensou que os meus afetos estavam divididos. Mas os meus afetos *não estavam* divididos; estavam *multiplicados*. O amor pelo meu cão não diminuía o amor pelo meu pai. É possível amar mais do que uma pessoa. O Rambo ensinou-me isso.

Acho que o Rambo foi o motivo pelo qual, na primavera seguinte, o meu pai desapareceu. Um dia estava connosco na cabana e depois, subitamente, já não estava. A minha mãe e eu não fazíamos ideia de onde é que o meu pai fora ou porque é que partira, mas não tínhamos razões para pensar que desta vez seria diferente de todas as outras ocasiões em que desaparecera durante horas, ou até mesmo um dia ou, ocasionalmente, de um dia para o outro, portanto mantivemos a nossa rotina normal tanto quanto possível. A minha mãe transportava água e mantinha o lume aceso, enquanto eu cortava madeira e verificava a linha de armadilhas. Na maioria das vezes, encontrava as armadilhas vazias. Os coelhos procriam na primavera, portanto passam a maior parte do tempo nas tocas e são mais difíceis de apanhar. Teria tentado matar um veado, mas o meu pai tinha levado a espingarda. Comemos essencialmente os vegetais que restavam no armazém subterrâneo. Pensei muitas vezes em usar o machado do meu pai para derrubar a porta da arrecadação para que pudéssemos aceder aos mantimentos. Mas depois pensei no que me faria quando regressasse e visse isso, portanto não o fiz. Quando o Rambo desenterrou uma ninhada de coelhos para chegar aos bebés, também os comemos.

E então, duas semanas depois, tão abruptamente como desaparecera, o meu pai regressou, assobiando enquanto subia a passos largos a cumeeira com a espingarda ao ombro e um malmequer-dos-brejos a espreitar do seu saco de serapilheira como se nunca tivesse partido. Tinha um saco de sal para a minha mãe e uma ágata do Lago Superior que era quase idêntica à que ele usava: um presente para mim. Nunca disse onde estivera ou o que estivera a fazer, e nós não perguntámos. Estávamos simplesmente felizes por ter regressado.

Nas semanas que se seguiram, dedicámo-nos às nossas tarefas como se nada tivesse mudado. Mas algo

mudara. Porque, pela primeira vez na minha vida, conseguia imaginar um mundo sem o meu pai.

[13] No original «*cradleboard*», um porta-bebés com uma estrutura rígida que protege a coluna do bebé, usado tradicionalmente por várias comunidades indígenas norte-americanas. (N.T.)

[14] Um tipo de casa tradicional dos indígenas norte-americanos, com uma estrutura de madeira em forma de domo e coberta de peles, tecidos ou cascas de árvore. (N.T.)

[15] Espíritos. (N.T.)

Conduzo estrada abaixo com a cabeça a girar como a de uma coruja-das-torres em busca de sinais do meu pai. Não sei de que estou à procura. Não espero, certamente, sair de uma curva e ver o meu pai de pé, no meio da estrada, a acenar-me para parar. Suponho que saberei quando vir.

A trela do Rambo está presa na pega sobre a porta do passageiro. Normalmente, não o prendo quando anda comigo na carrinha, mas o Rambo está tão inquieto como eu, focinho franzido, músculos a tremer. Ocasionalmente, ergue a cabeça e gane como se tivesse detetado o cheiro do meu pai. Cada vez que faz isso, as minhas mãos contraem-se e o meu estômago fica apertado.

Tenho pensado muito no Stephen enquanto conduzo. Na nossa discussão ontem à noite. No regresso dele esta manhã. No facto de querer apoiar-me, apesar de tudo o que lhe fiz. Penso nos papéis que desempenhamos na nossa relação, eu o de protetora e o Stephen o de cuidador, e em como costumava achar que isto era um problema.

E, claro, penso no dia em que nos conhecemos no festival do mirtilo, um dia que, tenho a certeza, foi arquitetado pelos deuses. Depois de colocar os meus frascos em exposição e pendurar a minha placa à frente da mesa, observei o Stephen montar a tenda mesmo em frente da minha. Para ser sincera, fiquei mais impressionada com a forma como montou a exposição do que com as suas fotografias. Percebo que fotografias de faróis são populares entre os turistas porque, com mais de cinco mil quilómetros de costa, o Michigan tem mais faróis do que qualquer outro estado, mas, mesmo assim, tenho dificuldades em perceber porque é que alguém haveria de querer pendurar uma fotografia de um na parede.

Nunca teria entrado na sua tenda, mas, quando saí da minha mesa para ir a uma casa de banho portátil e passei em frente da tenda, olhei casualmente para o interior e vi a fotografia de um urso. Vejo muitas fotografias e postais de ursos nas lojas de *souvenirs* quando faço as minhas entregas, mas houve algo naquele urso que captou a minha atenção. Se foi a luz da fotografia ou o ângulo que ele selecionou, é difícil de dizer. Sei apenas que houve algo no brilho dos olhos do urso e na sua mandíbula cerrada que me prendeu o olhar.

Parei. O Stephen sorriu, e eu entrei. Do lado oposto à estrutura de arame onde pendurara as fotografias dos faróis estavam as fotografias que conquistaram o meu coração: garças e abetouros, águias e visons, lontras, castores e martas. Todos animais da minha infância, todos fotografados de uma forma que captava as suas características e personalidades únicas, como se o Stephen conseguisse ver-lhes a alma. Comprei a fotografia do urso, o Stephen comprou todas as compotas e geleias que eu ainda tinha e o resto, como se costuma dizer, é história.

Sei o que vi no Stephen. Ainda não tenho a certeza do que ele viu em mim, mas tento não pensar demasiado nisso. O Stephen é a única pessoa à face da Terra que me escolheu. Que me ama, não porque é obrigado, mas porque quer. O presente do Universo por ter sobrevivido ao meu passado.

Penso novamente em todos os anos e em todas as oportunidades que tive para lhe dizer a verdade sobre mim e não o fiz. Nos sacrifícios que fiz para guardar o meu segredo. Permanecer afastada do meu pai. Querer apresentar a Iris, recém-nascida, à minha mãe, mas não poder fazê-lo. Nas ocasiões em que disse ou fiz algo fora do normal e o Stephen olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido e eu não fui capaz de lhe dar uma explicação. As coisas teriam sido muito mais fáceis se lhe tivesse dito a verdade.

Dez minutos depois, encosto à berma da estrada e estaciono. O Rambo põe as patas no parapeito da janela e pressiona o nariz contra o vidro como se pensasse que o vou deixar sair, mas, desta vez, sou eu quem tem de ir à casa de banho. Percorro uma distância curta a pé até ao meio dos arbustos e desaperto as calças de ganga. Quase não há trânsito nesta estrada, mas nunca se sabe. Eu e o meu pai nunca nos preocupámos com a questão da privacidade quando andávamos a caçar ou a pescar e precisávamos de responder ao apelo da natureza, mas cá fora as pessoas são muito mais sensíveis.

Estou quase a terminar quando o Rambo late o aviso pronunciado e entrecortado que significa que viu qualquer coisa. Aperto as calças de ganga, agarro na *Magnum* e deito-me de barriga para baixo com ambas as mãos a agarrarem na arma à minha frente, enquanto espreito através da vegetação.

Nada. Usando o vento como camuflagem, rastejo com a barriga no chão até um lugar de onde consigo ver a carrinha de outro ângulo, pensando que haverá um par de pernas agachadas do outro lado, mas está tudo tranquilo. Conto lentamente até vinte e, quando nada se altera, levanto-me. O Rambo vê-me e começa a ladrar e a arranhar a porta para sair da carrinha. Caminho até lá e abro a porta do passageiro o suficiente para fazer deslizar a mão para o interior, depois agarro-o pela coleira e solto a trela da pega. Se soltar o Rambo e o deixar fazer o que quer neste estado, não voltarei a vê-lo durante dias. Talvez nunca mais. Há uma razão para o primeiro Rambo ter aparecido na nossa cumeeira.

Assim que toca no chão, o Rambo arrasta-me até um cepo que não está nem a seis metros de onde eu estivera antes, a ladrar e a correr em círculos à sua volta como se sobre ele houvesse um esquilo ou um guaxinim. Mas não é nenhum esquilo. Em vez disso, exatamente no meio do cepo, há uma ágata do Lago Superior.

A CABANA

A esposa do Viking vivia numa tristeza e dor constantes devido à situação da criança. O seu coração apegou-se à pequena criatura, mas não podia explicar ao marido as circunstâncias em que esta se encontrava. Se lhe dissesse, muito provavelmente, segundo os costumes daqueles tempos, ele exporia a pobre criança em praça pública e deixaria que fosse levada por qualquer pessoa que quisesse fazê-lo.

A boa esposa do Viking não podia deixar que tal sucedesse e, por conseguinte, resolveu que o Viking nunca deveria ver a criança senão à luz do dia. Após algum tempo, a mãe adotiva começou a amar o pobre sapo, com os seus olhos gentis e profundos suspiros, ainda mais do que a formosa pequena que mordida e lutava com tudo o que a rodeava.

Hans Christian Andersen
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

A minha infância terminou no dia em que o meu pai tentou afogar a minha mãe. A culpa foi minha. O incidente começou de forma bastante inocente e, embora o resultado não tivesse sido algo que eu pudesse ter previsto, não posso alterar os factos. Não é o tipo de coisa que se ultrapassa rapidamente. Até hoje, sempre que passa na rádio aquela música sobre o naufrágio do *Edmund Fitzgerald* ou que ouço uma notícia sobre um *ferry* acidentado, um navio-cruzeiro capotado ou uma mãe que empurrou um carro repleto de crianças para um lago, tenho vontade de vomitar.

— Vi um canteiro de morangos na cumeeira do lado — disse à minha mãe numa manhã do final de junho. Era o verão em que tinha onze anos, depois de ela se ter queixado de que as bagas que eu apanhara para ela na nossa cumeeira não seriam, de modo algum, suficientes para fazer a quantidade de compota que ela queria.

O que precisam de saber para perceber o que aconteceu depois é que, quando disse à minha mãe que vira um canteiro de morangos a crescer «na cumeeira do lado», ela sabia exatamente de que cumeeira estava a falar. Os homens brancos têm tendência para nomear as formações geográficas com o próprio nome, ou com o nome de outras pessoas importantes, mas nós seguíamos a tradição indígena e nomeávamos o que nos rodeava de acordo com o uso que lhe dávamos ou com a proximidade relativamente às nossas coisas. *A cumeeira do lado. Os cedros onde os veados gostam de se agrupar. O paul onde cresce a araruta. O sítio onde o Jacob matou a águia. A rocha onde a Helena rachou a cabeça.* Como a palavra Ojibua para o rio Tahquamenon, *Adikamegongziibi*, «rio onde se encontram os peixes brancos». Continuo a achar que a maneira indígena faz mais sentido.

— Podes ir apanhá-los? — perguntou a minha mãe. — Se parar de mexer agora, esta porção não vai solidificar.

E foi por este motivo que o quase afogamento da minha mãe foi culpa minha: queria dizer que sim. Não havia nada que adorasse mais do que sair com a canoa do meu pai, exceto, possivelmente, caçar veados

ou apanhar castores com armadilhas. Normalmente, teria agarrado prontamente a oportunidade. Em retrospectiva, gostaria de o ter feito. Mas, aos onze anos, estava a chegar àquela idade em que, grande parte do tempo, as minhas ações eram motivadas pela necessidade de me afirmar. Portanto abanei a cabeça:

— Vou pescar.

A minha mãe olhou para mim durante muito tempo, como se houvesse mais coisas que queria dizer mas não podia. Finalmente, suspirou e pôs a panela na parte de trás do fogão. Pegou num dos cestos de galhos de salgueiro que o meu pai entrançara no inverno anterior e saiu.

Assim que a porta de rede bateu atrás dela, salpiquei um pouco do doce de morango quente sobre um prato cheio dos biscoitos do dia anterior, servi uma caneca de chicória para mim e levei o meu pequeno-almoço para o alpendre das traseiras. O dia já estava quente. Na Península Superior, o inverno dura uma infinidade e a primavera arrasta-se indefinidamente até que, subitamente, acordamos no meio de junho e, de um momento para o outro, é verão. Desapertei o meu macacão e tirei a camisa, depois enrolei as calças para cima tanto quanto era possível. Ponderei seriamente usar a minha faca para cortar as pernas das calças e transformar o macacão nuns calções, mas este era o maior macacão que tinha e ia precisar das calças completas no inverno seguinte.

Quase terminara de comer e estava prestes a voltar a entrar na cozinha para surripiar uma segunda dose quando o meu pai chegou de um dos lados da colina com um balde de água em cada mão. Colocou os baldes no alpendre e sentou-se ao meu lado. Dei-lhe o último biscoito, despejei o que restava da minha chicória sobre a terra e mergulhei a minha caneca num dos baldes. A água estava fresca e limpa. Por vezes, ao recolher a água apanhávamos também larvas de mosquitos. Encontrávamo-las a nadar nos nossos baldes, a contorcerem-se sobre si próprias como peixes em terra seca. Quando isso acontecia, mergulhávamos as canecas à volta delas ou tirávamo-las com um dedo. Provavelmente, deveríamos ter fervido a água antes de a beber, mas tentem recusar um copo fresco e agradável de água do pântano num dia quente de verão. Seja como for, nunca adoecíamos. Depois de deixarmos o pântano, eu e a minha mãe passámos os dois anos seguintes a tossir e a espirrar. Esse foi um benefício do nosso isolamento no qual as pessoas nunca pensam: não havia micróbios. Acho sempre engraçado quando as pessoas dizem que apanharam uma constipação porque foram para a rua sem chapéu ou sem casaco. De acordo com essa lógica, deveríamos ficar com febre no verão quando apanhamos demasiado calor.

— Onde é que a tua mãe vai? — A voz do meu pai saiu pastosa com biscoito e doce enquanto mastigava. Quis perguntar-lhe porque é que ele podia falar com a boca cheia enquanto eu e a minha mãe não, mas não quis estragar o ambiente. Não havia muito contacto físico na minha família e eu gostava de estar sentada ao lado do meu pai no degrau superior, com as ancas e os joelhos juntos como se fôssemos gémeos siameses.

— Apanhar morangos — disse-lhe com orgulho, satisfeita porque, graças a mim, este ano teríamos muita compota de morango. — Encontrei um canteiro na cumeeira do lado.

Nesse momento, a minha mãe estava quase perto da nossa reserva de lenha, que ficava na parte inferior da cumeeira. No fundo da reserva, ficava a depressão em forma de V onde o meu pai guardava a canoa.

O meu pai semicerrou os olhos. Saltou do alpendre e desatou a correr colina abaixo. Nunca o vira mover-se tão depressa. Ainda não fazia ideia do que estava prestes a acontecer, de por que motivo o facto de a minha mãe levar a canoa podia ser um problema. Pensei honestamente que o meu pai queria apenas ir com ela para ajudar, embora ele dissesse sempre que apanhar bagas era um trabalho para mulheres e crianças.

Alcançou-a quando ela estava a desatracar e atirou-se para a água. Porém, em vez de entrar na canoa como eu esperava, agarrou na minha mãe pelos cabelos, puxou-a para fora da canoa e arrastou-a aos

gritos pela colina acima até ao alpendre das traseiras, onde enfiou a cabeça dela num dos baldes de água e a manteve ali enquanto ela esbracejava e o arranhava. Quando ficou flácida, pensei que estava morta. A expressão no seu rosto quando ele lhe puxou a cabeça para fora (cabelo a pingar, olhar delirante enquanto se engasgava e tossia e cuspiu) disse-me que ela pensara o mesmo.

O meu pai atirou-a para o lado e partiu a passos largos. Depois de algum tempo, a minha mãe ergueu-se com esforço sobre os joelhos, atravessou as tábuas do alpendre a rastejar e entrou na cabana. Sentei-me na enorme rocha do quintal e fitei o rasto de água que ela deixara para trás até este secar. Sempre sentira medo do meu pai, mas até esse momento fora mais um temor respeitoso. Um medo de lhe desagradar, não por temer que me castigasse, mas porque não o queria desiludir. Mas ver o meu pai quase afogar a minha mãe aterrorizou-me, principalmente porque não percebi porque é que a queria matar ou o que é que ela fizera de errado. Nessa altura, não sabia que a minha mãe era prisioneira dele, nem que poderia, de facto, estar a tentar fugir. Se estivesse no lugar dela, aquele quase afogamento ter-me-ia feito sentir mais determinada do que nunca a escapar ao meu raptor. Mas uma coisa que aprendi desde que deixei o pântano é que cada pessoa é diferente. Aquilo que uma pessoa *tem* de fazer, outra pessoa *não consegue*.

Seja como for, é por isso que tenho um problema com afogamentos.

Antes de o meu pai tentar afogar a minha mãe, eu gostava de apanhar castores com armadilhas. Havia um lago de castores próximo da nossa cabana, a subir o rio Tahquamenon cerca de oitocentos metros. O meu pai apanhava castores em dezembro e janeiro, quando as peles estavam em perfeitas condições. Caminhava pelas margens do lago à procura dos locais onde os castores tinham saído para apanhar sol e ar puro e instalava armadilhas de mandíbula e armadilhas de laço. Calculo que o lago ainda lá esteja, mas quem sabe? Por vezes, o Departamento de Recursos Naturais rebenta diques de castores se considerar que estão a interferir com o modo como o rio deveria fluir ou se, de alguma forma, estiverem a causar problemas às pessoas. Os danos patrimoniais causados por castores atingem milhões de dólares todos os anos, e o DRN encara com seriedade as suas responsabilidades de gestão. Perdas de madeira, perdas de colheitas, danos em estradas e esgotos devido a inundações, até mesmo a destruição de plantas ornamentais em jardins suburbanos são todos considerados motivos legítimos para destruir um dique de castores. Sem qualquer consideração pelas necessidades dos castores.

O nosso lago formava-se quando os castores construía um dique num dos anónimos afluentes menores do Tahquamenon. O maior dique de castores de que há registo tem mais de oitocentos metros de comprimento. É o dobro do comprimento da Barragem Hoover, se estiverem a tentar imaginá-lo, o que é bastante impressionante se se considerar que um castor macho adulto é sensivelmente do tamanho e peso de uma criança de dois anos. O nosso dique estava longe de ser tão comprido. Costumava caminhar pelo topo a atirar pedras e paus para o lago ou a pescar achigã, ou sentar-me com as pernas suspensas sobre o lado seco a roer uma maçã. Gostava da ideia de estar a explorar um *habitat* que fora criado pelos animais que nele viviam. Por vezes, destruía uma secção do dique para ver quanto tempo os castores demoravam a consertá-la.

Para além dos castores, no nosso lago habitavam numerosas espécies de peixes, insetos aquáticos e aves, incluindo patos, garças-azuis, guarda-rios, mergansos e águias-carecas. Se nunca viram uma águia-careca cair do céu como uma pedra, mergulhar na água parada do lago e afastar-se a esvoaçar com um lúcio ou um picão-verde nas garras, não sabem o que estão a perder.

Depois de o meu pai ter tentado afogar a minha mãe, tive de desistir da captura de castores. Não tinha qualquer problema em matar animais, desde que o fizesse por necessidade e com respeito, mas as

armadilhas de mandíbula matam arrastando os castores para debaixo de água e prendendo-os aí, e a morte por afogamento fazia o meu estômago revolver-se.

O que me incomodava mais do que afogar castores era não entender o motivo pelo qual o meu pai continuava a capturá-los. O nosso barracão estava atulhado de peles até ao teto. De vison, castor, lontra, raposa, coiote, lobo, rato-almiscarado, arminho. O meu pai sempre me ensinou que era importante mostrar respeito pelos animais que matávamos. Que devíamos pensar antes de premir o gatilho e que não devíamos desperdiçar nada. Que não devíamos matar o primeiro animal que víssemos porque poderia ser o único da sua espécie que veríamos o dia inteiro, e isso significaria que a população era reduzida e precisava de ser deixada em paz durante algum tempo. Contudo, todos os anos acrescentava mais peles às pilhas. Quando era muito pequena costumava pensar que, um dia, carregaria de peles a sua canoa, remaria rio acima e as comerciaria, como os franceses e os índios faziam antigamente. Esperava que me levasse com ele. Contudo, depois de o meu pai tentar afogar a minha mãe, comecei a questionar todo este assunto. Sabia que o que fizera à minha mãe fora errado. Talvez a sua captura excessiva de animais também fosse errada. Se o resultado final de todas aquelas armadilhas eram apenas pilhas de peles mais altas do que a minha cabeça, que sentido fazia?

Pensava em coisas como esta sentada no alpendre das traseiras depois do jantar enquanto o verão se transformava em outono, folheando as *Geographics* até estar demasiado escuro para ver, na esperança de encontrar um artigo que ainda não tivesse lido. Costumava gostar de observar o vento do entardecer a soprar pelas gramíneas enquanto as sombras se alastravam sobre o pântano e as estrelas apareciam gradualmente, mas, ultimamente, o movimento só me inquietava. Por vezes, o Rambo, deitado sobre as tábuas do alpendre ao meu lado, erguia a cabeça, farejava o ar e gania, como se também o sentisse. Uma sensação de querer, mas não ter; um pressentimento de que havia algo para lá das fronteiras do pântano que era maior, melhor, mais. Fitava a faixa escura de árvores ao longo do horizonte e tentava imaginar o que havia para lá delas. Quando os aviões voavam sobre a nossa cabana, fazia sombra sobre os olhos com a mão e ficava a olhar para o céu até muito depois de terem desaparecido. Interrogava-me sobre as pessoas no seu interior. Desejariam estar cá em baixo no pântano comigo tanto quanto eu desejava estar lá em cima no ar com elas?

O meu pai estava preocupado comigo, conseguia notá-lo. Tal como eu, também não entendia as mudanças que me afetavam. Por vezes, apanhava-o a estudar-me quando pensava que eu não estava a ver, afagando a barba fina daquele seu modo que era sinónimo de reflexão demorada e profunda. Normalmente, isso era o prelúdio de uma história. Uma lenda nativa americana, ou uma história de caça ou pesca, ou uma história sobre algo estranho ou engraçado ou dramático ou assustador ou maravilhoso que lhe acontecera. Sentava-me de pernas cruzadas com as mãos unidas respeitosamente no colo como ele me ensinara e fingia ouvir, enquanto os meus pensamentos divagavam. Já não estava interessada nas histórias do meu pai. O meu pai é um dos melhores contadores de histórias que algum dia conheci. Mas, agora, eu queria fazer a minha própria história.

Numa manhã triste e chuvosa daquele outono, o meu pai decidiu que estava na hora de eu aprender a fazer geleia. Não consegui perceber porque é que tinha de saber isso. Queria levar a canoa do meu pai para ir ver como estava a minha linha de armadilhas de laço. Havia uma família de raposas-vermelhas que vivia do outro lado da cumeeira onde os veados gostavam de se agrupar, e tinha esperança de apanhar uma para a minha mãe me poder fazer um chapéu de cauda de raposa, com abas para as orelhas, como aquele que o meu pai usava. Não me importava que estivesse a chover. Não me ia derreter e o que quer que se molhasse acabaria por se secar. Quando a minha mãe anunciou ao pequeno-almoço que, como

estava a chover, iria fazer geleia e disse que queria a minha ajuda, vesti o casaco na mesma, porque a minha mãe não podia dizer-me o que fazer. Mas o meu pai podia. Portanto, quando ele decretou que esse era o dia em que eu ia aprender a fazer geleia, fiquei encurralada.

Teria preferido ajudar o meu pai. Estava sentado à mesa da cozinha, a afiar e polir a sua coleção de facas com uma pedra de amolar e um pano de polimento, embora as facas já estivessem brilhantes e afiadas. A nossa lamparina a óleo estava no meio da mesa. Normalmente, não acendíamos a lamparina durante o dia porque estávamos a ficar sem gordura de urso, mas estava mais escuro na cabana nessa manhã devido à chuva.

A minha mãe estava a mexer, com uma colher de pau, uma panela de puré de maçã quente em cima do balcão, para que arrefecesse, enquanto outra panela fervia e espumava sobre o fogão. Os frascos vazios que ela lavara e secara aguardavam sobre panos de cozinha em cima da mesa. Havia uma lata de parafina derretida pousada na parte mais afastada do fogão. A minha mãe vertia uma camada de parafina quente por cima da geleia depois de esta ter solidificado para selar os frascos e impedir que a geleia ficasse bolorenta, embora o bolor se formasse de qualquer forma. Ela dizia que o bolor não nos faria mal, mas eu tinha reparado que ela o raspava antes de comer a geleia e deitava fora as partes bolorentas. A tina no chão estava cheia de cascas de maçã. Assim que parasse de chover, a minha mãe levaria a tina para o exterior e despejaria as cascas na sua pilha de composto.

As minhas mãos estavam vermelhas de espremer o puré de maçã quente através de um pedaço de gaze dobrada para separar o sumo da polpa. A cozinha estava abafada e quente. Sentia-me como um mineiro a lascas uma camada de carvão nas profundezas. Despi a *t-shirt*, tirando-a por cima da cabeça, e usei-a para limpar o rosto.

— Veste a *t-shirt* — disse a minha mãe.

— Não quero. Está demasiado calor.

A minha mãe disparou um olhar na direção do meu pai. O meu pai encolheu os ombros. Enrolei a *t-shirt*, atirei-a para um canto e subi as escadas ruidosamente até ao meu quarto, onde me deixei cair sobre a cama com os braços atrás da cabeça, a fitar o teto e a pensar coisas más sobre o meu pai e a minha mãe.

— Helena! Anda cá para baixo! — gritou a minha mãe do fundo das escadas.

Não me mexi. Consequia ouvir os meus pais a discutirem.

— Jacob, faz qualquer coisa.

— O que é que queres que eu faça?

— Obriga-a a descer. Obriga-a a ajudar. Não consigo fazer tudo sozinha.

Rebolei para fora da cama e vasculhei entre pilhas de roupa no chão até encontrar uma *t-shirt* seca, abotoei uma camisa de flanela sobre ela e voltei a descer as escadas ruidosamente.

— Não vais sair — disse a minha mãe quando atravessei a cozinha e agarrei no meu casaco que estava no cabide junto à porta. — Ainda não acabámos.

— Tu não acabaste. Eu já.

— Jacob.

— Ouve a tua mãe, Helena — disse o meu pai sem levantar o olhar da faca que estava a afiar. Consequi ver o reflexo na lâmina. O meu pai estava a sorrir.

Atirei o casaco para o chão, corri para a sala de estar e atirei-me para cima do tapete de pele de urso, enterrando o rosto no seu pelo. Não queria aprender a fazer geleia. Não percebia porque é que o meu pai não ficara do meu lado contra a minha mãe, o que é que estava a acontecer, a mim e à minha família. Porque é que tinha vontade de chorar, embora não quisesse fazê-lo.

Sentei-me direita, enrolei os braços à volta dos joelhos e afundei os dentes no braço até sentir o sabor a sangue. Se não conseguia evitar chorar, daria a mim própria uma razão para o fazer. O meu pai seguiu-

me até à sala de estar e pôs-se de pé por cima de mim de braços cruzados. A faca que estivera a afiar estava na sua mão.

— Levanta-te.

Levantei-me. Tentei não olhar para a faca enquanto me punha tão direita e alta quanto conseguia. Cruzei os braços sobre o peito, espetei o queixo para fora e fitei-o de volta. Não o estava a desafiar. Ainda não. Estava apenas a informá-lo de que independentemente do que estivesse a planear para me castigar pela rebeldia teria um preço. Se pudesse voltar atrás no tempo e perguntar ao meu eu de onze anos o que é que planeava fazer ao meu pai como retaliação, não conseguiria ter respondido. Sabia apenas que não havia nada que o meu pai pudesse dizer ou fazer que me levasse a aceitar ajudar a minha mãe a fazer geleia.

O meu pai devolveu-me o olhar com a mesma firmeza. Ergueu a faca e sorriu. Um sorriso sujo, malicioso, que dizia que teria sido muito mais esperta se tivesse feito o que ele ordenara, porque agora ele ia divertir-se um pouco. Agarrou-me no pulso e apertou-o com força para eu não poder puxá-lo. Estudou a marca da dentada que eu deixara no meu antebraço, depois tocou com a ponta da faca na minha pele. Encolhi-me. Não queria fazê-lo. Sabia que o que quer que o meu pai estivesse a planear fazer seria pior se ele soubesse que eu estava com medo. E eu não estava com medo; não verdadeiramente, não da dor, de qualquer modo. Adquirira muita experiência em suportar a dor devido às minhas tatuagens. Pensando bem, creio que a razão pela qual me encolhi foi por não saber o que é que ele ia fazer. Há uma componente psicológica quando se está a tentar controlar uma pessoa que consegue ser tão poderosa como a dor física que se lhe inflige, e acho que este incidente é um bom exemplo.

O meu pai arrastou a faca pelo meu antebraço. Os cortes que fez não foram profundos. Apenas o suficiente para fazerem o sangue ascender à superfície. Lentamente, uniu as marcas dos dentes até formarem um *O* tosco.

Fez uma pausa, estudou a sua obra, depois desenhou três linhas curtas contíguas num dos lados do *O* e outras quatro do outro.

Quando terminou, levantou o meu braço para eu poder ver. O sangue escorreu-me pelo interior do braço e pingou do cotovelo.

— Vai ajudar a tua mãe. — Bateu suavemente com a ponta da faca na palavra que cortara no meu braço e sorriu novamente, como se tivesse todo o prazer em continuar a fazer aquilo durante tanto tempo quanto necessário se não cumprisse a sua ordem, portanto cumpri-a.

As cicatrizes foram-se tornando indistintas com o tempo, mas se souberem onde procurar, ainda conseguirão ler a palavra *NOW*^[16] no interior no meu antebraço direito.

As cicatrizes que o meu pai deixou na minha mãe, obviamente, foram muito mais profundas.

[16] Significa «já». (N.T.)

Fito a ágata que o meu pai deixou sobre o cepo. Não quero tocar-lhe. Este é exatamente o tipo de truques que ele costumava fazer quando me estava a ensinar a rastrear. Exatamente quando pensava que estava no meu melhor, antecipando alegremente o momento em que poderia disparar uma bala entre os seus pés, fazia algo para me confundir: varria o rasto com um ramo frondoso, ou usava um pau comprido para inclinar a erva nos locais onde queria que eu pensasse que passara, ou caminhava para trás, ou caminhava com os pés de lado para não deixar quaisquer marcas dos calcanhares ou das pontas dos pés. Cada vez que pensava que aprendera tudo o que havia para saber sobre rastrear uma pessoa em território selvagem, o meu pai inventava algo novo.

Agora é uma ágata. O facto de o meu pai ter estado a observar-me durante sabe-se lá quanto tempo, de ter conseguido aproximar-se sorratamente enquanto eu me aliviava e de ter deixado a ágata para eu encontrar é a prova de que, após treze anos numa cela de prisão de um metro e meio por três metros, é um homem do mato melhor do que eu algum dia serei. Não só é capaz de fugir de uma prisão de segurança máxima, como consegue fazer com que as pessoas que o procuram pensem que está numa área onde não está e, depois, atrair-me até aqui, sabendo que a nossa história comum me conduzirá a este lugar. Quando vim à procura do meu pai esta manhã, sabia que o encontraria.

O que não previ foi que ele me encontraria primeiro.

O Rambo está a latir como se pensasse que a pedra vai ganhar pernas e fugir. Vou dar-lha a cheirar, mas primeiro quero saber como é que o meu pai soube que a pessoa que entrara na vegetação para se aliviar era eu. Não me pareço nada com o que era antes. O cabelo negro que usava com uma ou duas tranças está agora cortado pelo ombro e é atravessado por tantas madeixas que é quase louro. Depois de ter tido duas filhas, a minha figura está mais cheia e arredondada. Nunca serei gorda, porque não tenho o tipo de corpo ou o metabolismo para tal, mas não sou tão magra como da última vez que me viu. Também cresci quatro ou cinco centímetros. O Rambo poderia ter sido uma pista, já que é da mesma raça que o cão que apareceu na nossa cumeeira, mas um cão malhado usado para caçar ursos a correr pelas florestas da Península Superior durante a época da caça ao urso não é propriamente uma raridade. A não ser que eu tenha dito o nome dele em voz alta, não sei como é que o meu pai poderia ter feito a ligação. E onde e como é que ele arranjou a ágata? Tudo isto tresanda mais do que os restos de carne que costumávamos atirar para o nosso fosso do lixo. Se o meu pai pensa que me vai atrair para uma versão adulta do nosso antigo jogo de rastrear, devia lembrar-se de que, das três últimas vezes que jogámos este jogo, eu ganhei.

Só que talvez o meu pai não tenha deixado a pedra em cima do cepo para se gabar de ser muito melhor do que eu a caçar e rastrear. Talvez seja uma provocação. Talvez seja um convite. *Não me esqueci de ti. Preocupo-me contigo. Quero ver-te uma última vez antes de desaparecer.*

Pego na ponta da minha camisa, agarro na ágata e seguro-a para o Rambo cheirar. O Rambo fareja o caminho sobre os paus e a vegetação até um lugar na estrada seis metros à frente da minha carrinha. Duas pegadas apontam para oeste. Marcas como as que poderiam ter sido feitas pelos sapatos de um guarda prisional morto. Vou até às traseiras da carrinha, meio à espera de que o meu pai salte dos arbustos e me agarre como costumava fazer quando eu caminhava de volta para a cabana depois de uma das suas histórias assustadoras na cabana de suor.

Atiro a pedra para o banco da frente, depois prendo o Rambo atrás e faço-lhe sinal para que se deite e

fique quieto. Não me esqueci da opinião do meu pai sobre cães. Tiro a chave da carrinha do porta-chaves e ponho-a num bolso, depois asseguro-me de que o meu telemóvel está em modo silencioso e enfi-o no outro. Normalmente, deixo as chaves na carrinha quando vou à caça (a Península Superior não está propriamente apinhada de ladrões de carros e, dessa forma, evita-se que as chaves façam ruído no bolso), mas não estou disposta a seguir o rasto que o meu pai me deixou para, no final, descobrir que me roubou a carrinha. Tranco a cabina como medida de segurança adicional e verifico a minha faca e a minha arma. A polícia diz que o meu pai está armado e é perigoso. Eu também.

Caminho pela estrada e, quatrocentos metros mais acima, as marcas viram para o caminho de acesso a uma das cabanas que queria investigar. Ignoro o caminho e faço um grande círculo para me poder aproximar diagonalmente pelas traseiras. Há menos camuflagem do que gostaria. Esta floresta é maioritariamente constituída por larícios e pinheiros-do-labrador, estreitos e descarnados e secos como palha, é impossível avançar sem fazer ruído. Por outro lado, se o meu pai estiver à minha espera no interior da cabana, já sabe que estou aqui.

A cabana é antiga e pequena e foi construída de uma forma tão recuada para o fundo da clareira que quase desaparece no meio da floresta. Musgo e caruma de pinheiro estendem um manto sobre o telhado. Flores amarelas altas e videiras esguias cobrem as laterais. Parece um chalé de contos de fadas, saído de um dos livros ilustrados das minhas filhas. Não o género de chalé que pertence a um inofensivo casal sem filhos ou a um pobre lenhador; é mais o género de chalé que pretende atrair crianças incautas para o seu interior. Presto especial atenção ao barracão no final do caminho de acesso à cabana, onde uma velha carrinha de caixa aberta está estacionada. Investigo debaixo da caixa da carrinha e em cima, nas vigas. O barracão está vazio.

Contorno os limites da clareira e circundo a cabana até à parte de trás. A única janela dá para um quarto pouco maior do que a cama, a cómoda e a cadeira que alguém conseguiu enfiar lá dentro. A cama repousa descaída no meio e não parece ter sido utilizada.

Dirijo-me para a lateral para investigar a janela seguinte. Os equipamentos da casa de banho estão manchados de ferrugem, as toalhas velhas. Uma única escova de dentes pende sobre o lavatório num suporte na parede. A água da sanita está castanha. Um anel escuro acima do nível da água indica que há já algum tempo que o autoclismo não é descarregado.

A janela seguinte dá para uma sala de estar que poderia ser gémea da sala de estar da casa dos meus avós: sofá desbotado às flores, cadeirões a condizer, mesinha de apoio de madeira com uma taça repleta de pinhas e pedacinhos de madeira e ágatas no centro, armário de canto com parte da frente de vidro a abarrotar de quinquilharia e saleiros e objetos de vidro da Grande Depressão[17]. Naperões amarelecidos nos braços e costas das cadeiras. Uma velha poltrona a precisar desesperadamente de voltar a ser estofada. Uma chávena de café e um jornal dobrado na mesa ao lado. A sala parece intacta. Se o meu pai está à espera no interior da cabana, não é aqui.

Dou a volta até à parte da frente da cabana e entro silenciosamente no alpendre. Fico imóvel, escuto, farejo o ar. Quando se caçam humanos, é aconselhável avançar lentamente.

Depois de muitos minutos de nada, tento abrir a porta. A maçaneta gira sem oposição, e eu entro na cabana.

Tinha quinze anos quando arrombei uma cabana pela primeira vez. Nessa altura, já desistira da escola e os tutores que o Estado me enviara, tal como os meus avós, não sabiam o que fazer comigo, portanto tinha muito tempo livre.

Quem me dera poder dizer que arrombei a cabana por necessidade (porque fui apanhada num

aguaceiro ou numa tempestade de neve, qualquer coisa), mas foi simplesmente uma brincadeira, uma ideia de alguma coisa para fazer que me surgiu num dia em que estava aborrecida. A cabana pertencia aos pais de um dos rapazes com quem andara na escola e que gostava de me causar problemas. Pensei que seria divertido inverter a situação e causar-lhe problemas a ele. Não planeava danificar nada; queria apenas deixar provas suficientes de que arrombara a cabana para que ele soubesse que o conseguia fazer. Na porta, havia um daqueles autocolantes que dizem «Esta propriedade é protegida por», mas a cabana dos meus avós tinha um autocolante igual, portanto sabia que o aviso não era real. O meu avô dizia que os autocolantes falsos funcionavam tão bem como os verdadeiros e saíam muito mais baratos do que instalar um sistema de segurança.

O meu plano era simples:

1. Calçar um par de luvas amarelas de borracha que tirara de debaixo do lava-louça da minha avó.
2. Usar a minha faca para forçar as dobradiças da porta da frente.
3. Abrir uma lata de qualquer coisa da cozinha e acender o fogão a lenha para cozinhar o conteúdo, porque preferia comida enlatada quente do que fria.
4. Deixar a lata no meio da sala de estar e colocar lá dentro o rato morto que trouxera da pilha de lenha dos meus avós.
5. Voltar a pôr a porta nas dobradiças e ir-me embora.

O rato estava fresco, portanto contava que deixasse a casa a apestar o suficiente para que, da próxima vez que alguém entrasse, o odor fosse a primeira coisa a atingi-lo. Encontrariam a lata com o rato morto lá dentro e saberiam que alguém arrombara a casa, mas não saberiam quem, graças às luvas. Depois de me ter lembrado da ideia do rato na lata, pensei que arrombaria todas as cabanas que pertenciam a todas as famílias de todos os miúdos que me causavam problemas, e esse seria o meu cartão de visita. A polícia pensaria que os arrombamentos eram aleatórios, mas, eventualmente, os meus torturadores descobririam a ligação e perceberiam que era eu. Contudo, não poderiam dizer nada sem apontar o dedo para si próprios, e eu achava que essa era a melhor parte do meu plano.

Porém, afinal, nem toda a gente é tão forreta como o meu avô era: os autocolantes de segurança eram verdadeiros. Estava sentada numa cadeira junto do fogão a lenha, a procurar numa pilha de *National Geographic* aquela com o artigo sobre os Vikings enquanto esperava que os feijões fervessem, quando o carro do xerife parou em frente da cabana com as luzes a piscar. Poderia ter-me esgueirado pelas traseiras (se não quisesse ser encontrada, não havia nenhum xerife no mundo que me conseguisse apanhar depois de eu desaparecer no meio da floresta), mas o adjunto do xerife que saiu do carro era o mesmo que me trouxera de volta nas duas vezes em que eu fugira de casa, e tínhamos desenvolvido uma certa relação.

— Não dispare! — gritei enquanto saía pela porta da frente com as mãos no ar, e ambos nos rimos. O adjunto do xerife obrigou-me a deixar tudo como encontrara, depois abriu a porta do carro como se eu fosse uma estrela de cinema e ele o meu motorista. Trocámos histórias de caça e pesca a caminho de casa, e foi muito divertido. Contei-lhe a história da queda do meu pai na toca do urso como se me tivesse acontecido a mim e ele ficou impressionado. Quando lhe perguntei se queria namorar comigo, porque parecíamos estar a dar-nos tão bem, disse-me que era casado e tinha dois filhos. Não consegui entender porque é que isso importava, mas ele garantiu que sim.

O adjunto do xerife levou-me para a esquadra. Aparentemente, invasão de domicílio era um crime mais sério do que fugir de casa. Tinha esperança de que me metesse na cela onde o meu pai estivera detido para poder ver como era, mas obrigou-me a sentar-me num banco comprido de madeira no *hall*

enquanto telefonava aos meus avós. Quando os meus avós chegaram, o adjunto do xerife lançou-se num longo sermão sobre como eu tinha sorte pelo facto de os proprietários da cabana não quererem apresentar queixa, mas que poderiam fazê-lo, e que, nesse caso, estaria verdadeiramente em apuros, e que tinha de obedecer à lei e respeitar a propriedade das pessoas para que nada deste género voltasse a acontecer. Não me importei. Estava apenas a fazer o seu trabalho. Mas quando continuou a dizer que devia pensar no que me aconteceria se não parasse de me comportar de forma tão irresponsável e me perguntou se queria acabar na prisão como o meu pai, fiquei feliz por não ser meu namorado. Decidi que, na primeira oportunidade que tivesse, arrombaria outra cabana para o contrariar. Talvez a sua.

Depois disso, o meu avô obrigou-me a trabalhar na loja a tempo inteiro. Até então, trabalhava só três dias por semana. Os meus avós tinham uma loja que combinava a venda de iscos e de bicicletas num antigo edifício de madeira na Main Street, ensanduichado entre uma agência imobiliária e a farmácia. As bicicletas estavam alinhadas na parte da frente da loja para se poderem ver ao passar no exterior e os tanques de iscos e frigoríficos cheios de vermes e minhocas estavam no fundo. Costumava pensar que o motivo pelo qual o meu avô escolhera vender iscos e bicicletas era a repetição melódica do *i* em ambas as palavras. Sei que muitos negócios na Península Superior vendem coisas que, normalmente, não pensaríamos que combinassem por ser tão difícil ganhar a vida a vender uma única coisa. Eu safo-me bastante bem a vender geleia e compota, mas isso é porque muitas das minhas vendas são feitas *online*.

O meu avô disse também que, como estava a trabalhar a tempo inteiro, tinha de pagar alojamento e refeições. Depois disso, se quisesse, poderia poupar o dinheiro que sobrava e comprar-lhe uma bicicleta a preço de custo. O meu avô vendera todas as bicicletas e demais coisas que as pessoas me tinham enviado muito antes disto, portanto fiquei feliz com a oportunidade de ter outra bicicleta. Desenhou três colunas num pedaço de papel com os títulos *Grossista*, *Retalhista* e *Lucro Líquido* e preencheu-as com exemplos de números para me mostrar como funcionava o negócio de retalho, o que se veio a revelar útil mais tarde, quando montei o meu próprio negócio.

A bicicleta que escolhi foi uma bicicleta de montanha *Schwinn Frontier* azul espelhada. Agradava-me o facto de poder andar com a bicicleta tanto na estrada como fora dela. Agora, sei que o meu avô poderia ter à venda bicicletas melhores e mais caras, mas ninguém iria conseguir ganhar a vida a vender bicicletas topo de gama na Península Superior, nem mesmo com um negócio paralelo de venda de iscos.

Cada vez que um cliente entrava na loja para comprar uma bicicleta, desviava-o para longe da minha. Não sabia que o meu avô podia encomendar outra igual se aquela se vendesse. Tenho consciência de que a maioria das pessoas considerará que, três anos volvidos, já deveria ter entendido melhor o funcionamento do sistema comercial, mas gostava de ver essas pessoas começarem do zero e apreciar como se saíam. Mesmo agora, confronto-me ocasionalmente com coisas que não conheço. Portanto, quando um dos rapazes da escola comprou a bicicleta para a qual eu estivera a poupar, pensei que era o fim. Levei a bicicleta pelo chão até à carrinha de caixa-aberta dos seus pais, deixei a bicicleta caída no passeio, sem os ajudar a carregá-la como era suposto fazer, e continuei a andar. Não tinha em mente nenhum destino em particular; sabia apenas que o meu avô me enganara, privando-me da bicicleta que queria comprar com as minhas poupanças, e, portanto, não iria regressar.

O meu avô encontrou-me algumas horas depois, bastante tempo após ter anoitecido. Se a minha mãe não estivesse no lugar do passageiro, provavelmente não teria entrado. Naturalmente, senti-me bastante estúpida depois de termos esclarecido tudo e o meu avô ter prometido encomendar outra bicicleta igual à que eu vendera. Naquela época, sentia-me estúpida muitas vezes.

Não estou a contar estas histórias para levar as pessoas a sentirem pena de mim. Deus sabe que estou farta disso. Quero simplesmente que as pessoas percebam porque é que, passado alguns anos, senti necessidade de recomeçar. Por vezes, uma pessoa pensa que quer uma coisa, mas, depois de a ter,

descobre que não era, de todo, o que queria. Foi o que aconteceu comigo depois de deixar o pântano. Pensei que poderia construir uma vida nova, ser feliz. Era astuta, jovem, estava pronta para abraçar o mundo lá fora, ávida por aprender. O problema era que as pessoas não estavam assim tão ávidas por me abraçarem a mim. Há um estigma associado com o facto de se ser descendente de um raptor, violador e assassino que é difícil de sacudir. Se as pessoas acham que estou a exagerar, deveriam pensar nisto: ter-me-iam recebido nos seus lares sabendo quem era o meu pai e o que ele fizera à minha mãe? Deixar-me-iam ser amiga dos seus filhos e filhas? Teriam confiado em mim para tomar conta das suas crianças? Mesmo que alguém responda afirmativamente a alguma destas questões, aposto que hesita antes de o fazer.

Felizmente, pouco depois de eu fazer dezoito anos, ambos os pais do meu pai faleceram no espaço de alguns meses e deixaram-me a casa onde o meu pai cresceu. Como era maior de idade, o advogado deles estava disposto a transferir a propriedade para mim sem contar à minha mãe ou aos meus avós. Assim que a documentação ficou pronta, fiz uma mala, disse-lhes que me ia mudar, mas não onde me poderiam encontrar, alterei o apelido para Eriksson, porque sempre adorara os Vikings e pensei que esta era a minha oportunidade para ser uma, e cortei o cabelo curto e pintei-o de louro. E, de um momento para o outro, a filha do pântano desapareceu.

A porta da cabana conduz diretamente à sala de estar. A sala é pequena, talvez três metros por três e sessenta, e o teto é tão baixo que poderia tocar-lhe se me pusesse em bicos de pés. Deixo a porta da frente aberta atrás de mim. Tenho um problema com espaços fechados que cheiram a humidade e a bolor.

A televisão está acesa com o som desligado. No ecrã, um locutor articula com os lábios as últimas novidades sobre a operação de busca do meu pai. Numa caixa por cima do ombro esquerdo do homem passam imagens de vídeo: um helicóptero a agitar a superfície de um pequeno lago, enquanto barcos-patrolha navegam em círculos. Na parte inferior do ecrã, numa faixa em movimento, lê-se: *Busca continua e FBI reforça equipa e Corpo de prisioneiro encontrado?*

Mantenho-me tão imóvel quanto possível, tentando sentir a oscilação de uma cortina, uma pequena inspiração, um deslocamento molecular que indique que não estou sozinha. Por baixo do bolor e do mofo, consigo cheirar *bacon*, ovos, café, o resíduo de fumo de uma arma disparada recentemente e o odor penetrante, intenso, metálico de sangue fresco.

Aguardo. Nenhum ruído. Nenhum movimento. O que quer que tenha acontecido terminou muito antes da minha chegada. aguardo um pouco mais, depois atravesso a sala de estar e paro à entrada da porta da cozinha.

Um homem nu jaz, de lado, entre a mesa e o fogão. Sangue e pedaços de cérebro salpicam o chão.

Stephen.

[17] No original, «*Depression glass*», um vidro claro ou translúcido que era distribuído gratuitamente ou com um custo muito baixo nos EUA e Canadá durante a Grande Depressão.

A CABANA

O bardo falou do tesouro dourado que a esposa do Viking trouxera ao seu abastado marido e do seu deleite perante tão bela criança que ele apenas vira sob a sua encantadora aparência diurna. Admirava bastante a sua natureza inflamada e dizia que cresceria para se tornar uma valente donzela escudeira ou Valquíria, capaz de se afirmar numa batalha. Seria do tipo que não pestanejaria se uma mão experiente lhe cortasse as sobrancelhas por brincadeira com uma espada afiada.

Todos os meses, este génio mostrava contornos cada vez mais nítidos; e, com o passar dos anos, a criança cresceu até se tornar quase uma mulher, e antes de alguém parecer notar, era uma donzela de dezasseis anos extraordinariamente bela. O cofre era esplêndido, mas o conteúdo não tinha qualquer valor.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

— Vai buscar o casaco — disse o meu pai no início de uma manhã, no inverno dos meus onze anos. Seria o meu último inverno no pântano, embora ainda não o soubesse. — Quero mostrar-te uma coisa.

A minha mãe ergueu o olhar do couro em que estava a trabalhar. Assim que se apercebeu de que o meu pai não estava a falar com ela, rapidamente voltou a baixar a cabeça. A tensão entre os meus pais era espessa como nevoeiro. Era assim desde que o meu pai tentara afogar a minha mãe.

— Ele vai matar-me — sussurrou-me a minha mãe pouco tempo depois, quando teve a certeza de que o meu pai não estava por perto. Pensei que talvez fosse verdade. A minha mãe não me pediu ajuda nem esperou que ficasse do seu lado contra o meu pai, e eu senti-me grata por isso. Se o meu pai quisesse realmente matar a minha mãe, não havia nada que eu pudesse fazer.

A minha mãe estava a trabalhar no couro de veado que o meu pai curtira. Para além de cozinhar e limpar, este era o seu principal trabalho de inverno. No último inverno, fizera uma bonita camisa de pele de veado com franjas para o meu pai. Este inverno, assim que tivesse pele de veado suficiente, faria uma para mim. O meu pai prometeu ornamentar a minha camisa com puas de porco-espinho, segundo o desenho que lhe fiz a carvão num pedaço de casca de bétula, porque já não tínhamos lápis nem papel. O meu pai era um artista talentoso. A camisa ia ficar muito mais bonita do que o meu desenho.

Vesti o equipamento de inverno e segui o meu pai para o exterior. As minhas luvas malhadas de pele de cria de veado ficavam-me demasiado pequenas, mas estava a tentar dar-lhes o máximo uso possível antes de ter de as atirar para a pilha da roupa descartada. Gostava que a minha mãe as tivesse feito maiores, mas ela disse que a minha cria era tão minúscula que foi o melhor que conseguiu fazer. Quando o meu pai matasse o seu veado nessa primavera, esperava que fosse uma corça prenha de gémeos.

O dia estava solarengo e frio. O sol refletido na neve brilhava tanto que tive de semicerrar os olhos. O meu pai chamava a esse tipo de tempo um degelo de janeiro, mas, hoje, não havia nada a derreter.

Sentámo-nos na orla do alpendre e apertámos as nossas raquetes de neve. Tínhamos tido muita neve nesse inverno e não era possível ir a lado nenhum sem elas. O meu pai fez as minhas raquetes de neve com ramos de amieiro e couro cru no inverno em que tinha nove anos. Ele usava um par de *Iversons* que tinham pertencido ao seu pai. Quando deixasse de ter idade para fazer caminhadas com raquetes de neve, o meu pai prometeu que mas daria.

Partimos a um ritmo enérgico. Agora que era quase tão alta como o meu pai, não tinha dificuldade em acompanhá-lo. Não perguntei onde íamos. O meu pai costumava surpreender-me com passeios-mistério, sobretudo para me ensinar a rastrear, mas há já algum tempo que não o fazia. Enquanto o seguia até à parte inferior da cumeeira, tentei adivinhar o nosso destino. Não era difícil. Na mochila que o meu pai carregava havia uma pequena cafeteira com tampa para derreter neve para fazer chá, seis biscoitos que estavam duros como pedras mas que amoleceriam depois de os embebermos, quatro fatias da mistura de carne de veado seca e mirtilos a que o meu pai chamava *pemmican* e um frasco de compota de mirtilo, portanto sabia que não regressaríamos a tempo do almoço. A espingarda do meu pai estava trancada na arrecadação e o Rambo estava preso no casebre da lenha, portanto não íamos caçar. Trazíamos bastões para caminhar na neve, o que significava que percorreríamos uma distância considerável. Não havia nada entre a nossa cumeeira e o rio exceto umas pequenas cumeeiras que eu já explorara e, de qualquer modo, não havia nada nelas que fosse merecedor de uma longa caminhada, portanto não poderia ser esse o nosso destino. Considerando tudo isto, era óbvio que estávamos a dirigir-nos para o rio. Ainda não sabia porquê. Vira o rio muitas vezes e em todas as estações. Só conseguia pensar que o meu pai encontrara algumas formações de gelo interessantes que queria mostrar-me. Se assim fosse, o esforço dificilmente parecia valer a pena.

Quando finalmente chegámos ao rio, esperei que o meu pai virasse, rio acima ou rio abaixo, e caminhasse paralelamente a ele até chegarmos a seja o que fosse que era suposto eu ver. Em vez disso, caminhou em frente sobre o gelo sem quebrar o ritmo. Isto *foi* uma surpresa. O Tahquamenon era rápido e tinha pelo menos trinta metros de largura, e, embora a maior parte do rio estivesse congelada, grandes segmentos do mesmo não estavam. Contudo, o meu pai caminhou resolutamente em direção ao outro lado, sem sequer olhar de relance para trás, como se estivesse a caminhar sobre terra firme. Só consegui ficar de pé na margem e observar. Normalmente, seguiria o meu pai para onde quer que me levasse, mas como é que ele poderia pensar que era seguro atravessar o rio? Desde que tinha idade suficiente para deambular pelo pântano sozinha, o meu pai advertira-me vezes sem conta que nunca me aventurasse a entrar no rio durante o inverno, por mais firme que o gelo parecesse. O gelo de rio não se assemelhava nada ao gelo de lago devido às correntes. Podia ser espesso nalguns lugares e fino noutros e, a não ser que se usasse um bastão para o gelo para testar a espessura, coisa que o meu pai não estava a fazer, não havia forma de saber. Se atravessasse o gelo e caísse num lago ou numa lagoa, ficaria gelada e molhada, mas não correria perigo grave, porque as lagoas e os lagos pantanosos eram normalmente pouco profundos. Mesmo que tivesse de nadar para chegar a um segmento onde o gelo fosse suficientemente forte para me pôr de pé em cima dele, conseguiria fazê-lo. Porém, se caísse no rio, a corrente arrastar-me-ia debaixo do gelo antes de eu conseguir inspirar para gritar por socorro, e nunca mais ninguém me veria ou ouviria falar de mim.

Isto fora o que o meu pai me ensinara. Contudo, agora, estava a fazer o contrário. Sempre pensara que o meu pai era tão poderoso que era quase indestrutível. Semelhante a um deus. Sabia que era humano, mortal, mas, se apenas metade das suas histórias fosse verdadeira, o meu pai entrara e saíra de muitas situações perigosas. Porém, nem sequer o meu pai poderia sobreviver a uma queda para o rio. E morte por afogamento não seria a minha escolha.

Mas talvez... talvez fosse esse o objetivo. O meu pai nunca fazia nada sem um propósito. Talvez fosse

para ver *isto* que me trouxera até ao rio. Sabia que tinha medo de me afogar. Também sabia que estava ansiosa por explorar o outro lado do rio; pedira-lhe que me levasse até ao outro lado na sua canoa muitas vezes. Não me tinha apercebido de que ele sabia como o é que pântano se tornara claustrofóbico para mim e o quanto eu ansiava por ver ou fazer algo novo, mas talvez soubesse. Fosse como fosse, juntou as duas coisas, o que eu mais queria e o que eu mais temia, e trouxe-me para o rio para que eu pudesse enfrentar o meu medo em vez de o manter dentro de mim e o deixar apodrecer.

Rapidamente, transpus os blocos de gelo que havia ao longo da margem e caminhei sobre o rio antes de poder mudar de ideias. Senti um baque no coração. Dentro das luvas, as minhas mãos estavam húmidas de suor. Pisei cuidadosamente o gelo, tentando recordar o caminho que o meu pai fizera para poder seguir exatamente os seus passos. O gelo movia-se para cima e para baixo enquanto caminhava, como se o rio estivesse a respirar, como se fosse um ser vivo e se sentisse ofendido com esta arrogante rapariga humana que se atrevia a caminhar sobre a sua superfície gelada. Imaginei o Espírito do Rio a erguer a sua mão gelada da água através de uma das muitas fendas no gelo e a agarrar o meu calcanhar e puxar-me para dentro. Vi-me a mim própria a olhar para trás debaixo do gelo, de cabelo a ondular e pulmões extenuados enquanto o Espírito do Rio me puxava para o fundo e para o fundo e para o fundo, com o olhar tão arregalado e aterrorizado como o da minha mãe.

Continuei a caminhar. A água castanha que corria velozmente nos espaços abertos provocava-me tonturas. Sentia a boca amarga do medo. Olhei para trás para ver quanto tinha avançado, depois olhei para o meu pai para ver quanto ainda me faltava e apercebi-me de que, agora, ficava tão distante fugir para uma zona segura numa direção como na outra. Queria parar, acenar alegremente ao meu pai para lhe mostrar como era corajosa e destemida. Em vez disso, corri, voando sobre o gelo tão depressa quanto uma pessoa calçada com raquetes de gelo conseguiria. O meu pai esticou a mão e ajudou-me a trepar a margem do rio para o meio das árvores. Curvei-me com as mãos nos joelhos até a minha respiração abrandar. A importância do que conseguira fazer era quase avassaladora. Tinha medo, mas o medo não me impedira de fazer o que queria fazer. Era *esta* a lição que o meu pai queria que eu aprendesse. O conhecimento encheu-me de poder. Abri os braços esticados e olhei para o céu e agradeci ao Grande Espírito pela sabedoria que deu ao meu pai.

Virámos para leste e caminhámos no sentido da corrente junto à margem. Eu era Erik, o Vermelho, ou o seu filho, Leif Eriksson, a pisar pela primeira vez as praias da Gronelândia ou da América do Norte. Cada árvore, cada arbusto, cada pedra, era uma pedra ou um arbusto ou uma árvore que eu nunca vira. Até o ar parecia diferente. Do nosso lado do rio, o pântano era essencialmente constituído por pradarias planas cobertas de água parada, apenas com uma ou outra cumeeira ocasional. Este lado era todo constituído por terra firme, com imponentes pinheiros-brancos, tão grandes que duas pessoas juntas não teriam conseguido abraçá-los. Havia madeira suficiente nesta floresta para construir mil cabanas como a nossa, lenha suficiente para manter quentes as famílias que nelas vivessem durante dezenas de anos. Indaguei-me por que motivo as pessoas que construíram a nossa cabana não a construíram aqui.

Enquanto caminhava com as raquetes de neve atrás do meu pai, senti-me capaz de caminhar durante quilómetros. Então, apercebi-me de que *podia* fazê-lo. Nada me impedia de caminhar para onde quisesse, pois já não estava limitada pela água. Não admirava que o pântano me parecesse pequeno.

Claro que também me apercebi de que, por maior que fosse a distância que caminhássemos, nalgum momento teríamos de dar a volta e caminhar a mesma distância para trás. Também teríamos de atravessar novamente o rio e, se não calculássemos devidamente o tempo da viagem de regresso, poderia já ter anoitecido quando tivéssemos de o fazer. Não fazia ideia de como conseguiríamos atravessar se isso acontecesse, mas não queria pensar nisso agora. O meu pai conseguira fazer-me atravessar o rio uma vez; conseguiria fazê-lo novamente. A única coisa que importava era que finalmente, *finalmente*, estava a ver

e a experienciar algo completamente novo.

O rio tornou-se mais largo. Ao longe, ouvi um rugido ténue. Inicialmente, o som era tão fraco que não tive a certeza se era real. Mas, gradualmente, o ruído tornou-se mais intenso. Parecia o ruído que o rio fazia quando o gelo se quebrava na primavera, só que não era primavera, e o rio estava completamente gelado. Queria perguntar o que significava o rugido, por que motivo estava a tornar-se tão intenso, porque é que a corrente estava a ficar mais forte, mas o meu pai estava a caminhar tão depressa que mal conseguia acompanhá-lo.

Chegámos a um local onde havia um cabo grosso, feito de fios de arame torcidos, pendurado sobre o rio. Do nosso lado, o cabo estava enrolado à volta de uma árvore. A casca crescera por cima do cabo, portanto percebi que o cabo estava ali há muito tempo. Imaginei que o cabo estivesse preso de forma semelhante do outro lado. Pendurado no cabo, a meio do rio, havia um letreiro. À exceção da palavra PERIGO, no topo, em letras grandes, as letras eram demasiado pequenas para ler. Não percebi porque é que alguém se daria ao trabalho de pendurar um sinal num lugar onde as únicas pessoas que poderiam lê-lo teriam de estar num barco. E qual era o perigo?

Continuámos a caminhar. A neve tornou-se escorregadia e molhada. As árvores estavam cobertas com o que parecia ser geada, mas, quando puxei um ramo, a cobertura não caiu como a geada deveria cair.

E, então, o rio desapareceu. É a única forma que encontro para descrever o que vi. Ao nosso lado, o rio fluía veloz e amplo. Alguns metros à frente, não havia nada senão céu. O rio simplesmente parava, como se tivesse sido cortado com uma faca. O rio que desaparecia, a geada que não era geada, o rugido que soava como um trovão mas nunca parava: senti-me como se tivesse saído do mundo real e entrado numa das histórias do meu pai.

O meu pai conduziu-me através de uma brecha entre as árvores na direção da ponta de um penhasco gelado. Por um instante aterrorizador, pensei que esperava que lhe desse a mão e saltasse, como nas lendas sobre guerreiros índios e donzelas proibidas de casar. Em vez disso, colocou-me as mãos sobre os ombros e, suavemente, virou-me para o outro lado.

Arquejei. A menos de cinquenta metros de onde nos encontrávamos, o rio explodia por cima do lado do penhasco, formando uma grandiosa parede de água castanha e dourada que se despenhava continuamente nas rochas em baixo. Pedços de gelo tão grandes como a nossa cabana obstruíam o rio no fundo. As partes laterais da catarata estavam congeladas, formando gigantescas colunas de gelo semelhantes aos pilares de uma catedral medieval. Mesmo à nossa frente, uma plataforma de madeira estendia-se sobre o topo das cataratas. Uma escadaria saía da plataforma, subia uma coluna íngreme e entrava na floresta. Vira fotografias das Cataratas do Niágara nas *Geographics*, mas isto superava tudo o que pudesse ter imaginado. Não fazia ideia de que, no nosso pântano, existia uma coisa assim (não importava que as nossas cataratas ficassem à distância de menos de um dia de caminhada).

Ficámos ali imóveis, a observar, durante muito tempo. O orvalho cobriu-me o cabelo, o rosto, as pestanas. Finalmente, o meu pai bateu-me suavemente no braço. Não queria ir embora, mas segui-o para o meio das árvores e sentei-me ao seu lado num tronco caído. Tal como tudo o resto nesta floresta mágica, o tronco era enorme (pelo menos três vezes maior do que o maior tronco caído que algumas vez vira).

O meu pai sorriu e fez um movimento expansivo com a mão.

— O que é que achas?

— É maravilhoso — foi tudo o que consegui dizer. Esperava que fosse suficiente. O ruído, os salpicos, o bater incessante da água: não tinha palavras para descrever a magnitude do que estava a pensar e a sentir.

— Isto é nosso, *Bangii-Agawaateyaa*. O rio, a terra, esta catarata, tudo nos pertence. Muito antes de o

homem branco chegar, o nosso povo pescava nestas águas e caçava nestas margens.

— E a plataforma de madeira? Também construímos isso?

O rosto do meu pai turvou-se. Desejei instantaneamente não ter colocado a questão, mas era demasiado tarde para a retirar.

— Do outro lado da catarata, há um lugar a que os homens brancos chamam «parque». Os homens brancos construíram as escadas e a plataforma para que as pessoas lhes dessem dinheiro para contemplarem a nossa catarata.

— Pensava que a plataforma talvez fosse para pescar.

O meu pai bateu palmas e riu-se às gargalhadas durante muito tempo. Normalmente, teria ficado satisfeita com a reação, mas não estava a tentar ser engraçada. Assim que as palavras saíram da minha boca, apercebi-me de que nestas águas não existiam peixes. O meu pai dissera-me que o nosso rio vazava para um grande lago chamado *Gitche Gumee* num lugar que os Ojúbua denominam *Ne-adikamegwaning* e as pessoas brancas denominam Whitefish Bay. Também sabia pelas *Geographics* que os salmões sobem o rio através de rápidos para desovarem nos rios do Pacífico Noroeste, mas nenhum peixe conseguiria nadar através disto.

As gargalhadas do meu pai ecoaram do outro lado, estridentes, como as de uma mulher ou de uma criança. O meu pai emudeceu, mas o eco das suas gargalhadas continuou. O meu coração bateu acelerado. *Nanabozho*, o brincalhão, tinha de ser, escondido do outro lado do rio, ampliando as gargalhadas do meu pai perante a minha tolice e atirando-as através da água para fazer troça de mim. Levantei-me rapidamente. Queria ver que aparência o velho mutante assumira hoje. O meu pai agarrou-me na mão e puxou-me para baixo. Levantei a cabeça de qualquer forma. Se *Nanabozho* estava de visita à floresta, eu tinha de ver.

Um novo som, semelhante a metal a tilintar, e duas pessoas desceram as escadas a correr. Não era o que eu esperava. Normalmente, *Nanabozho* aparecia como um coelho ou como uma raposa. Mas *Nanabozho* era filho de um pai espírito e de uma mãe humana, portanto, supunha que era possível conseguir assumir uma forma humana. Porém, a não ser que também se conseguisse dividir em dois, os humanos na plataforma tinham de ser reais.

Pessoas. As primeiras pessoas que alguma vez vira para além da minha mãe e do meu pai. Usavam chapéus e lenços e casacos, portanto não conseguia ter a certeza, mas, se tivesse de adivinhar, diria que eram um rapaz e uma rapariga.

Um rapaz e uma rapariga.

Crianças.

Mais vozes, com um tom mais grave, e outras duas pessoas desceram as escadas. Adultos. Um homem e uma mulher. A mãe e o pai das crianças.

Uma família.

Contive a respiração. Temia que, se deixasse sair o ar, o som viajasse através da água e os assustasse. O meu pai apertou-me o braço, advertindo-me para ficar quieta, mas não era preciso. Não queria chamar a atenção. Só queria olhar. Desejei que tivéssemos trazido a espingarda para poder observá-los através da mira.

A família falou, riu, brincou. Não conseguia entender o que diziam, mas conseguia perceber que se estavam a divertir. Quando o pai pegou, finalmente, na criança mais pequena e a sentou sobre os seus ombros, carregando-a escadas acima, as minhas pernas estavam rígidas de frio e o estômago roncava. A mãe seguiu atrás, mais lentamente, com a outra criança. Consegui ouvi-los a rir até muito depois de terem desaparecido.

O meu pai e eu ficámos agachados atrás do tronco durante muito tempo. Finalmente, ele levantou-se,

espreguiçou-se, abriu a mochila e dispôs o nosso almoço sobre o tronco. Normalmente, o meu pai teria acendido uma fogueira para fazer chá, mas não o fez, portanto comi neve para ajudar a empurrar os biscoitos da minha mãe.

Quando acabámos de comer, o meu pai voltou a colocar tudo na mochila e, sem dizer nada, virou-se para se ir embora. Enquanto caminhávamos de regresso à nossa cabana, não conseguia pensar em mais nada senão naquela família. Tínhamos estado tão próximos que sentia que podia ter-lhes atirado uma pedra e tê-los-ia atingido. Poderia certamente ter captado a sua atenção se tivesse disparado uma bala por cima das suas cabeças, para o meio das árvores. Indaguei-me sobre o que teria acontecido se o tivesse feito.

Desde então, estive nas Cataratas de Tahquamenon muitas vezes. As cataratas são sempre impressionantes: sessenta metros de largura, com uma queda vertical de quase quinze. Cento e noventa mil litros de água vertem sobre a borda cada segundo durante o degelo da primavera, fazendo das Cataratas de Tahquamenon as terceiras com mais volume de água a leste do Mississipi. Mais de quinhentas mil pessoas vindas de todo o mundo visitam as cataratas todos os anos. Por algum motivo, as cataratas são particularmente populares entre turistas japoneses. O parque tem um centro de visitantes, um restaurante/minicervejaria, casas de banhos públicas apetrechadas de sanitas com autoclismo e uma loja de lembranças onde vendo as minhas compotas e geleias. O caminho para as cataratas é pavimentado para facilitar a caminhada e a administração do parque instalou vedações de cedro ao longo das extremidades do penhasco para que as pessoas não caiam. Já morreram pessoas nas cataratas, como o homem que saltou para o remoinho no fundo para recuperar o ténis da namorada, mas isso não é culpa da administração do parque.

Eu e o Stephen levámos as miúdas até lá, no passado mês de março. Foi a primeira vez que voltei às cataratas durante o inverno. Pensando melhor, deveria ter previsto o que ia acontecer. Mas, na altura, estava simplesmente a pensar no quanto as miúdas iriam gostar de ver as cataratas pela primeira vez. O Stephen andava há algum tempo a insistir nesse passeio, mas eu queria esperar até que a Mari tivesse idade suficiente para apreciar o que estava a ver. Para além disso, são noventa e quatro degraus para descer até à plataforma de observação e outros noventa e quatro para subir, portanto não é aconselhável levar uma criança que seja necessário transportar ao colo.

Estava encostada ao parapeito da plataforma de observação, a observar o Stephen e as miúdas a rirem e a atirarem bolas de neve e, simplesmente, a desfrutarem do dia, quando me virei para olhar para o outro lado, para o lugar onde eu e o meu pai tínhamos estado há todos aqueles anos. Instantaneamente, voltei a ser a menina de onze anos, agachada atrás do tronco com o meu pai, a olhar para o outro lado das cataratas, para a plataforma onde estava agora com o Stephen e as minhas filhas. Foi então que percebi.

Nós éramos aquela família.

Senti-me esmagada por uma profunda tristeza por aquele meu eu de onze anos. Na maior parte do tempo, quando olho para trás, para a forma como fui criada, sou capaz de ver as coisas de forma bastante objetiva. Sim, era a filha de uma rapariga raptada e do seu raptor. Durante doze anos, vivi sem ver ou falar com nenhum outro ser humano senão os meus pais. Dito assim, soa bastante sinistro. Mas era essa a minha situação, o jogo que me calhara, e tinha de chamar as coisas pelo nome para poder seguir em frente, como costumava dizer a terapeuta que o tribunal me atribuíra. Como se a analogia significasse alguma coisa para uma criança de doze anos que nunca vira um baralho de cartas.

Contudo, enquanto estava ali de pé, encostada ao parapeito, a olhar para o outro lado das cataratas, para o fantasma do meu passado, quebrou-se-me o coração pela pobre criancinha selvagem que eu fora.

Uma menina que não fazia a menor ideia do que era o mundo lá fora, apesar das suas preciosas *National Geographics*. Uma criança que não sabia que uma bola saltava nem que, quando as pessoas se cumprimentavam esticando as mãos, isso se chamava um aperto de mão porque as mãos realmente se apertavam. Que não tinha consciência de que as vozes das pessoas eram distintas porque nunca ouvira ninguém falar exceto o seu pai e a sua mãe. Que não sabia nada sobre cultura moderna nem música popular nem tecnologia. Que se escondeu da primeira oportunidade que teve para contactar com o mundo exterior porque o pai lhe disse que o fizesse.

Também tive pena do meu pai. Ele sabia que eu estava inquieta. Tenho a certeza de que, mostrando-me o que considerava ser o maior tesouro do pântano, esperava conseguir convencer-me a ficar. Mas, depois de ter visto aquela família, tudo o que eu queria era partir.

Virei-me de costas para o parapeito e afastei-me sem dar qualquer explicação para as minhas lágrimas exceto que não me estava a sentir bem e que tínhamos de ir para casa sem a mínima demora. Naturalmente, as miúdas ficaram desiludidas. O Stephen colocou a Mari aos ombros e começou a subir as escadas sem contestar. Porém, enquanto seguia atrás, mais lentamente, com a Iris, consegui perceber que ele não acreditava em mim.

O homem nu que jaz no chão da cozinha da cabana não é o meu marido. A ideia de que pudesse ser o Stephen foi apenas um pensamento momentâneo, uma daquelas reações emocionais ilógicas que surgem na nossa mente nos primeiros segundos após uma surpresa ou um choque, e que são descartados de forma igualmente veloz.

O facto de o homem estar nu é perturbador. É fácil presumir que, quando o meu pai o surpreendeu, o homem não estava a preparar o pequeno-almoço nu. É igualmente fácil concluir que o homem morto não tem roupa porque o meu pai o obrigou a despi-la antes de o alvejar. Isto significa que não só o homem soube que estava prestes a morrer, como o meu pai o humilhou nos seus momentos finais. Mas, evidentemente, o meu pai sempre teve um lado sádico. Duvido que treze anos numa prisão de segurança máxima lhe tenham melhorado o temperamento.

O que me incomoda mais do que a forma como o meu pai matou o homem é que nem sequer tinha de o matar. Poderia tê-lo atado a uma cadeira, tê-lo amordaçado se não quisesse ouvir as suas objeções, preparado qualquer coisa para comer, mudado de roupa, dormido uma sesta, jogado às cartas, ouvido música e feito o que quisesse na cabana enquanto a equipa de busca vasculhava o pântano à sua procura, e, depois, seguido o seu caminho quando anoitecesse. Eventualmente, alguém teria encontrado o homem, talvez daqui a alguns dias, assim que a equipa de busca se apercebesse de que fora enganada e virasse a sua atenção para norte. Bastava que o homem fosse razoavelmente engenhoso para conseguir encontrar inúmeras formas de se libertar sozinho. Em vez disso, o meu pai obrigou-o a despir-se e a ajoelhar-se e a suplicar pela vida, para depois o alvejar na parte de trás da cabeça.

Pego no telemóvel. Não tem rede. Dígito 1-1-2 de qualquer forma. Por vezes, uma chamada ou uma mensagem consegue passar. Mas desta vez não. Em vez disso, surge no ecrã outro aviso de novas mensagens. Quatro mensagens do Stephen:

Onde tás?

Tás bem?

Liga-me.

Vem pra casa. Pf. Temos de falar

Leio novamente a primeira mensagem, depois baixo o olhar para o corpo do homem. Onde estou? Definitivamente, o Stephen não iria querer saber.

Atravesso a cozinha para tentar usar o telefone fixo. Não dá sinal de chamada. Saber se o homem não pagou a conta de telefone ou se o meu pai cortou a linha é irrelevante. Saio da cabana e caminho pela via de acesso à casa com o telefone na mão para tentar apanhar rede. Não me interessa procurar pegadas ou outros sinais de que o meu pai esteve aqui. Seja qual for o jogo que ele estiver a jogar, para mim acabou. Conduzirei a carrinha até um local com rede (farei todo o caminho até à esquadra da polícia e denunciarei o homicídio presencialmente se for necessário) e depois irei direta para casa, para junto do meu marido. A polícia não ficará feliz quando souber que fui à procura do meu pai, e o Stephen também não, mas esse é o menor dos meus problemas. Talvez o Stephen pense que seguir em frente será tão simples quanto ambos dizermos «Desculpa, amo-te», mas sei que não vai ser assim. Na sua mente haverá

sempre o conhecimento de que o pai da mulher com quem casou é um homem muito mau. O Stephen poderá fingir que nada mudou. Poderá até enganar-se a si próprio, convencendo-se de que isso é verdade. Mas nunca será realmente capaz de esquecer que metade da minha composição genética vem do meu pai. Provavelmente, está ao computador neste preciso momento, a ler tudo o que conseguir encontrar sobre O Rei do Pântano e a sua filha.

E, desta vez, quando os abutres dos meios de comunicação se precipitarem sobre mim para me desfazerem, será pior por causa das minhas filhas. Eu e o Stephen podemos tentar escudá-las da atenção, mas será como tentar conter uma cascata. A Mari provavelmente conseguirá lidar com a notoriedade. A Iris nem tanto. Independentemente disso, um dia, a Iris e a Mari saberão tudo sobre mim, sobre os avós e sobre a coisa desprezível que o avô fez à avó. Está tudo *online*, incluindo o artigo da revista *People* com aquela capa ridícula. Basta pesquisarem no Google.

Espero que, quando esse momento chegar, as minhas filhas percebam que tentei ser melhor mãe para elas do que a minha mãe foi para mim. Entendo que foi duro para a minha mãe depois de deixarmos o pântano. Regressou a um mundo que avançara sem ela. As crianças com quem andara na escola tinham crescido, tinham casado, tinham tido os seus próprios filhos, tinham-se mudado para longe. Sem a notoriedade que o seu rapto lhe trouxe, é difícil dizer como teria sido a vida da minha mãe. Imagino-a a casar assim que terminasse o liceu, a ter duas crianças muito seguidas, a viver numa *roulotte* nas traseiras da propriedade dos pais ou na cabana vazia de alguém, a lavar pratos e a limpar a casa e a preparar o jantar e a lavar a roupa, enquanto o marido distribuía *pizzas* ou cortava madeira. Não seria assim tão diferente da sua vida no pântano, se pensarmos bem nisso. Se acham que isto é cruel, têm de se lembrar que a minha mãe tinha apenas vinte e oito anos quando deixou o pântano. Poderia ter continuado a estudar, ter feito algo da vida. Entendo que o meu pai a raptou numa idade vulnerável; sei que existem danos terríveis em crianças que cresceram em cativeiro. A clausura atrofia-os no preciso momento das suas vidas em que deveriam estar a amadurecer, emocional e intelectualmente. Questionei-me muitas vezes se a boneca que a minha mãe me fez no meu quinto aniversário era, na verdade, para ela.

Mas as coisas também estavam a ser difíceis para mim. Não tinha amigos. Desistira da escola. Os meus avós odiavam-me, ou pelo menos agiam como se odiassem, e eu, sem dúvida, odiava-os pelo modo como me tratavam. Odiava o facto de a minha mãe ficar no quarto todo o dia e odiava o meu pai pelo que quer que lhe tivesse feito que a fazia ter medo de sair. Pensava no meu pai todos os dias. Sentia a sua falta. Amava-o. Desejava mais do que tudo que as coisas voltassem ao que eram antes de deixarmos o pântano. Não aos dias caóticos que precederam a nossa fuga, mas a quando era pequena, o único período da minha vida em que fui verdadeiramente feliz.

Soube que a minha mãe nunca seria o tipo de mãe de que eu precisava desesperadamente no dia em que a encontrei com um homem na cama. Não sei há quanto tempo se encontrava com ele. Essa poderia ter sido a primeira noite que ele passava com ela ou a centésima. Talvez ele a amasse. Talvez ela também o amasse. Talvez ela estivesse finalmente preparada para deixar o passado para trás. Se assim era, suponho que acabei com isso.

Tinha-me vestido e subido as escadas para ir à casa de banho. Havia duas camas individuais no quarto da minha mãe, mas, depois de semanas a partilhar a sua cama de infância, experimentara toda a proximidade que conseguia suportar e tinha-me mudado para o sofá da cave.

A porta da casa de banho estava fechada. Calculei que a minha mãe estivesse a usá-la, portanto fui até ao seu quarto para ir buscar alguma coisa para ler enquanto esperava que ela saísse. A minha mãe costumava passar muito tempo na casa de banho exterior quando eu era pequena, portanto esperava que demorasse. Costumava pensar que era por estar enjoada tantas vezes, mas, vendo bem, acho que era porque a casa de banho exterior era o único lugar na nossa cumeeira onde tinha a certeza de que ninguém

a incomodaria.

Parei à porta quando vi um homem deitado de lado na cama da minha mãe. Os cobertores estavam puxados para trás a expor a sua nudez e a cabeça estava apoiada no cotovelo. Sabia o que tinham estado a fazer. A maioria das crianças de catorze anos saberia. Quando se vive com a mãe e o pai numa cabana minúscula e se passa regularmente tempo com eles numa cabana de suor sem roupa vestida e temos carradas de fotografias nas *National Geographics* de homens primitivos nus para examinar, era preciso ser bastante idiota para não perceber o que significava aquele ranger das molas da cama.

O sorriso do homem desapareceu quando viu que era eu e não a minha mãe. Sentou-se direito rapidamente e puxou os cobertores para o colo. Coloquei um dedo sobre os lábios e saquei a minha faca. Sentei-me na cama, à sua frente, com a faca apontada às suas partes íntimas. O homem saltou da cama e levantou as mãos sobre a cabeça tão rapidamente que quase me ri. Brandi a faca na direção do monte de roupas no chão. Ele vasculhou-o, vestiu a camisa e as cuecas e as meias e as calças, pegou nas botas, e saiu em bicos de pés sem que nenhum de nós dissesse uma única palavra. Tudo isto demorou menos de um minuto. A minha mãe começou a chorar quando viu que ele se tinha ido embora. Tanto quanto sei, nunca mais voltou.

Depois disso, comecei a fazer planos para fugir. Desde que deixara o pântano, passava a noite na floresta sempre que me apetecia, mas desta vez era diferente. Mais calculado. Permanente. Enchi um saco de serapilheira com tudo aquilo de que precisaria para passar o verão, ou talvez mais tempo, na cabana e esgueirei-me para o Tahquamenon, onde roubei uma canoa. Pensei que iria pescar e caçar um pouco, talvez procurar o meu pai, e, de uma forma geral, simplesmente desfrutar de estar sozinha para variar. O assistente do xerife apanhou-me no dia seguinte com um barco-patrolha. Deveria ter calculado que uma canoa desaparecida e uma rapariga da floresta desaparecida conduziriam diretamente à nossa cabana.

Essa foi a primeira de muitas vezes que fugi. E, de certa forma, pode dizer-se que nunca mais parei de o fazer.

Um relâmpago, o ribombar de um trovão, e os chuviscos transformam-se em chuva. Ponho o telefone no bolso e subo o caminho a correr até à carrinha. O Rambo está invulgarmente silencioso. Normalmente, estaria a ladrar para me dizer que queria sair, independentemente de lhe ter dito que se deitasse atrás e ficasse quieto. O Rambo está tão bem treinado quanto um *Plott Hound* pode estar, mas qualquer raça tem os seus limites.

Saio do caminho e escondo-me atrás do maior pinheiro-do-labrador que consigo encontrar, o que não quer dizer muito. A árvore tem, talvez, uns vinte e cinco centímetros de diâmetro, no máximo. Fico de pé, absolutamente imóvel. Uma caçadora que use roupa camuflada, de costas contra uma árvore para quebrar o contorno, é quase invisível, desde que permaneça em silêncio. Não tenho roupa camuflada, mas, no que se refere a confundir-me com a paisagem e tornar-me uma com a floresta, tive mais experiência do que a maioria. Também tenho um excelente sentido de audição (muito melhor do que qualquer pessoa com quem tenha caçado, com a possível exceção do meu pai), o que costumava surpreender-me até ter tomado consciência de que também isso era uma consequência da forma como crescera. Sem rádio e televisão e tráfego e milhares de outros ruídos a que as pessoas são sujeitas diariamente, aprendi a discernir os sons mais ténues. Um rato a procurar comida entre a caruma de pinheiro. Uma única folha a cair na floresta. O bater quase inaudível das asas de uma coruja-das-neves.

Aguardo. Não ouço qualquer ganido a vir da carrinha, nenhum esgravatar de garras contra o metal. Assobio uma nota longa, seguida de três curtas. A primeira em tom grave, as duas seguintes ligeiramente mais agudas. O assobio ao qual o meu cão está treinado para responder não enganará um chapim, mas, se

o meu pai estiver a uma distância que lhe permita ouvir-me, o facto de terem passado treze anos desde que ouviu o assobio de um chapim deverá funcionar a meu favor.

Nada. Tiro a *Magnum* da parte de trás das calças de ganga e rastejo com a barriga no chão através da vegetação. A carrinha parece estar em baixo. Aproximo-me. Ambos os pneus no lado do condutor foram cortados.

Levanto-me e encho-me de coragem. Caminho até à carrinha e olho para a parte de trás. Está vazia. O Rambo desapareceu.

Deixo sair o ar dos pulmões. A trela do Rambo foi cortada, sem dúvida com a mesma faca que o meu pai roubou da cabana para cortar os pneus. Amaldiçoo a minha falta de perspicácia. Deveria ter percebido que o meu pai não me conduziria a esta cabana simplesmente porque queria voltar a ver-me. É um teste. Quer jogar ao nosso antigo jogo de rastrear uma última vez para provar, de uma vez por todas, que é melhor a caçar e a rastrear do que eu. *Ensinei-te tudo o que sabes. Agora vamos ver o que é que aprendeste.*

Levou o Rambo para que eu não tivesse outra opção senão segui-lo. Mais uma vez, já fez isto antes. Quando tinha nove ou dez anos e me tornara muito boa a rastrear, o meu pai inventou uma forma de tornar o jogo mais desafiante, elevando a fasquia. Se o encontrasse antes do final do tempo previsto, normalmente antes do pôr do sol, mas nem sempre, podia disparar sobre ele. Se não o encontrasse, o meu pai tirava-me algo que era importante para mim: a minha coleção de espigas de tabua, a minha camisa sobressalente, o terceiro conjunto de arco e flechas que fizera com salgueiros jovens e que realmente funcionava. As últimas três vezes que jogámos (não por coincidência, as últimas três vezes que ganhei), jogámos pelas minhas luvas de pele de cria de veado, a minha faca e o meu cão.

Dou a volta para examinar o outro lado da carrinha. Ambos os pneus do lado do passageiro estão igualmente vazios. Dois conjuntos de pegadas afastam-se obliquamente da carrinha, atravessando a estrada e entrando no meio das árvores, homem e cão. As marcas são tão fáceis de ver que poderiam estar pintadas com cores néon e ter setas a apontar a direcção. Se uma pessoa, a partir de cima, olhasse para baixo e desenhasse uma linha através das pegadas, a partir de onde eu estou, para extrapolar para onde o homem e o cão estão a viajar, a linha terminaria na minha casa.

O que significa que não estamos a jogar pelo meu cão. Estamos a jogar pela minha família.

A CABANA

Era, por vezes, como se Helga agisse por pura malvadez; pois, frequentemente, quando a sua mãe estava de pé na soleira da porta, ou entrava no quintal, sentava-se na borda do poço, agitava os braços e as pernas no ar e, subitamente, caía lá para dentro.

Aqui, pela sua natureza de sapo, conseguia mergulhar e submergir-se na água do poço fundo, até, finalmente, trepar as paredes como um gato e voltar a entrar no vestíbulo a escorrer água, para que as folhas verdes que estavam espalhadas pelo chão fossem arrastadas a rodopiar pelas correntes que dela jorravam.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

Durante semanas depois de o meu pai me levar a ver as cataratas, não consegui parar de pensar naquela família. Na forma como as crianças subiram e desceram as escadas a correr. Como os pais ficaram de pé com os braços em redor um do outro e sorriram, enquanto o rapaz e a rapariga atiravam bolas de neve e lutavam e riam. Não tinha a certeza se eram um rapaz e uma rapariga porque usavam lenços e chapéus e casacos, portanto, na minha cabeça, fiz com que fossem um de cada. Dei o nome de Cousteau ao rapaz porque tinha um chapéu vermelho como Jacques-Yves Cousteau nas fotografias da *National Geographic*, e o nome de Calypso à irmã, em homenagem ao barco do Cousteau. Antes de descobrir o artigo sobre o Cousteau, o Erik, o Vermelho, e o seu filho Leif Eriksson eram os meus exploradores preferidos. Mas eles navegaram apenas sobre a água, enquanto o Cousteau explorou o que havia por baixo. Sempre que tentava falar ao meu pai das descobertas do Cousteau, o meu pai dizia que um dia os deuses haviam de punir o Cousteau por se ter atrevido a ir a uma parte da Terra que o homem jamais deveria ver. Não conseguia perceber porque é que os deuses se haveriam de importar com isso. Eu teria gostado de saber o que havia no fundo do nosso pântano.

Eu, o Cousteau e a Calypso fazíamos tudo juntos. Fi-los mais velhos do que as crianças da plataforma, para que fossem melhor companhia e me pudessem ajudar nas minhas tarefas. Por vezes, inventava histórias: «Cousteau, Calypso e Helena nadam no Lago dos Castores». «Cousteau e Calypso vão à pesca no gelo com Helena». «Cousteau e Calypso ajudam Helena a apanhar uma tartaruga-mordedora». Não podia escrever as histórias porque não tínhamos lápis nem papel, portanto repetia as melhores na minha cabeça vezes sem conta, para não me esquecer. Sabia que os verdadeiros Cousteau e Calypso viviam com a mãe e o pai numa casa que tinha uma cozinha como as das *Geographics*. Poderia ter inventado histórias que acontecessem lá: «Cousteau, Calypso e Helena comem pipocas *Jiffy Pop* enquanto veem televisão no novo televisor *RCA* a cores», mas era mais fácil trazê-los para o meu mundo do que me imaginar no deles.

A minha mãe chamava ao Cousteau e à Calypso os meus amigos imaginários. Perguntava-se porque é que eu não brincava com a boneca que ela me fizera da mesma forma que brincava com eles. Mas era

demasiado tarde para isso, mesmo que quisesse fazê-lo (e não queria). A boneca continuava pendurada nas algemas, no casebre da lenha, mas não restava muito dela. Os ratos tinham acabado com a maior parte do enchimento e o *babygro* estava repleto de furos de setas.

O meu pai nunca disse uma palavra sobre aquela família (nem no caminho de regresso a casa das cataratas, nem nas semanas que se seguiram). No início, o seu silêncio incomodou-me. Tinha muitas questões. De onde vinha a família? Como chegaram às cataratas? Conduziram um carro ou foram a pé? Se foram a pé, deviam viver perto, porque as crianças eram demasiado pequenas para fazerem uma caminhada muito longa e não usavam raquetes de neve. Quais eram os nomes das crianças; não os que lhes dei, mas os verdadeiros? Quantos anos tinham? O que é que gostavam de comer? Iam à escola? Tinham um televisor? Ter-me-ão visto com o meu pai a observá-los do outro lado das cataratas? Estariam agora a interrogar-se sobre as mesmas coisas a meu respeito?

Gostaria de ter sabido pelo menos algumas das respostas. Pensei em encher a mochila de mantimentos para dois ou três dias e dirigir-me à linha de árvores enquanto o pântano estava congelado para ver se conseguia encontrar a casa deles. Ou, se não conseguisse encontrar aquela família, talvez encontrasse outra que fosse igualmente interessante. Sempre soubera que o mundo estava repleto de pessoas. Agora sabia que algumas delas não estavam muito longe.

Uma coisa era certa: não podia ficar no pântano para sempre. Não era só o facto de estarmos a ficar sem coisas. O meu pai era muito mais velho do que a minha mãe. Um dia, morreria. Eu e a minha mãe poderíamos sobreviver sozinhas desde que tivéssemos balas para a espingarda, mas, um dia, a minha mãe também morreria, e, então, o que é que eu faria? Não queria viver no pântano sozinha. Queria arranjar um companheiro. Havia um rapaz no artigo sobre os Yanomami que me parecia bem. Usava um macaco morto aos ombros, como se fosse uma capa, mais nada. Sabia que ele vivia noutra parte do mundo e que, provavelmente, nunca nos conheceríamos. Mas teriam de existir outros rapazes como ele, que vivessem mais perto, com quem eu pudesse formar uma dupla. Pensei que poderia encontrar um, trazê-lo comigo de volta para o pântano e constituir a minha própria família. Um menino e uma menina seria bom.

Até ver aquela família, não tinha a certeza de como tudo isto se poderia processar. Mas, agora, tinha ideias.

O meu pai saiu três vezes ao longo dessas semanas para matar o nosso veado da primavera e, de cada uma das vezes, voltou de mãos a abanar. O meu pai disse que não conseguira matar um veado porque a terra estava amaldiçoada. Disse que os deuses estavam a castigar-nos. Não disse porquê.

Na quarta vez, levou-me com ele. O meu pai achava que, se fosse eu a disparar, isso acabaria com a maldição. Não sabia se era verdade, mas, se isso significava que podia finalmente matar outro veado, estava disposta a alinhar de bom grado. Todos os anos, desde que matara o meu primeiro veado, perguntava ao meu pai se podia ir novamente à caça de veados, e, todos os anos, o meu pai dizia que não. Não percebia porque é que se dera a tanto trabalho para me ensinar a disparar se não ia deixar-me partilhar o trabalho de pôr carne de veado na nossa mesa.

O Cousteau e a Calypso ficaram em casa. O meu pai não gostava que pronunciasse os seus nomes nem que brincasse com eles. Por vezes, fazia-o intencionalmente, para o irritar, mas hoje não. Ultimamente, o meu pai estava sempre tão zangado por causa da maldição que estava a pensar mandá-los embora. («Cousteau e Calypso visitam os Yanomami na Floresta Tropical sem Helena»). O Rambo estava preso no casebre da lenha. O Rambo servia para fazer um urso sair da toca ou encurrular um guaxinim numa árvore, disse o meu pai, mas não servia para caçar veados, porque estes se assustam muito facilmente. Não conseguia perceber porque é que isso poderia ser um problema. Mesmo que o Rambo assustasse os

veados, podia persegui-los facilmente, já que conseguia correr por cima da camada de neve, enquanto as pernas finas dos veados a perfurariam. Depois, teríamos simplesmente de nos aproximar e disparar sobre um. Por vezes, perguntava-me se a única razão pela qual o meu pai criava tantas regras e restrições era porque podia.

Eu ia à frente porque levava a espingarda. Agradou-me o facto de isso significar que o meu pai tinha de me seguir até onde eu quisesse ir. Pensei na alcunha carinhosa que me pôs, *Bangii-Agawaateyaa*, e sorri. Já não era a sua Pequena Sombra.

Estava a dirigir-me para a cumeeira onde matei o meu primeiro veado porque essa cumeeira me trouxe sorte. E continuava a ter esperança de matar uma corça que estivesse prenha de gémeos.

Quando chegámos à toca de castor abandonada onde o meu pai costumava montar as armadilhas, fiz-lhe sinal para que se baixasse, depois tirei as luvas e agachei-me ao seu lado. Molhei o dedo para testar o vento e contei até cem para dar a qualquer veado que nos tivesse ouvido tempo para sossegar. Lentamente, levantei a cabeça.

Do outro lado da toca de castor, a meio caminho entre nós e o pântano de cedros onde era suposto estarem os veados, de pé, a descoberto, tão audaz e destemido quanto possam imaginar, havia um lobo. Era um macho, duas vezes maior do que um coiote e três vezes maior do que o meu cão, com uma cabeça gigantesca, uma testa larga, um peito forte e um colar de pelo espesso e negro. Nunca vira um lobo, só a pele no nosso barracão, mas não havia qualquer dúvida, era isso que ele era. Agora percebia porque é que o meu pai não conseguira matar um veado. A terra não estava amaldiçoada: simplesmente era o lar de um novo caçador.

O meu pai puxou-me a manga e apontou para a espingarda. *Dispara*, articulou com os lábios. Bateu suavemente com a mão no peito para me mostrar para onde devia disparar para não estragar a pele. Subi a espingarda tão cuidadosamente quanto sabia e observei através da mira. O lobo olhou para trás de forma serena, inteligente, como se soubesse que estávamos ali e não se importasse. Coloquei suavemente o dedo no gatilho. O lobo não se mexeu. Pensei nas histórias do meu pai. Como o *Gitche Manitou* enviou o lobo para fazer companhia ao Homem Original enquanto este caminhava pela Terra dando nomes às plantas e aos animais. Como, quando terminaram, o *Gitche Manitou* decretou que o *Mai'iiga* e o Homem deviam seguir caminhos separados, mas, nesse momento, já tinham passado tanto tempo juntos que eram tão próximos como irmãos. Como, para os *Anishinaabe*, matar um lobo era o mesmo que matar uma pessoa.

O meu pai apertou-me o braço. Consegui sentir-lhe o entusiasmo, a raiva, a impaciência. *Dispara*, teria sibilado se pudesse. Senti uma opressão no estômago. Pensei nas pilhas de peles no barracão. Como, por causa das armadilhas do meu pai, os castores que costumavam viver na toca atrás da qual estávamos agachados tinham desaparecido todos. Como o lobo era tão confiante que matar o *Mai'iigan* não seria diferente de matar o meu cão.

Baixei a espingarda. Ergui-me e bati palmas e gritei. O lobo olhou para trás durante mais um momento. Então, com dois grandiosos e lindíssimos saltos, fugiu a correr.

Sabia, quando decidi não disparar sobre o lobo, que acabaria no poço. Não sabia que o meu pai me arrancaria a espingarda das mãos e me bateria com ela no rosto com a extremidade com tanta força que aterrei de costas na neve. Também não esperava que me fizesse marchar para a cabana com uma arma apontada às costas como se fosse uma prisioneira. Gostaria de poder dizer que não me importei. Ainda assim, não conseguia ver o que poderia ter feito diferente. Não gostava de contrariar o meu pai. Sabia o quanto ele queria a pele daquele lobo. Mas o lobo também a queria.

Pensei nestas coisas enquanto me agachava sobre os calcanhares no escuro. Não conseguia sentar-me porque o meu pai enchera o fundo do poço com hastes e costelas de veados e vidro partido e pratos despedaçados: qualquer coisa que me ferisse ou cortasse se tentasse sentar-me. Quando era pequena, costumava conseguir aninhar-me de lado e deitar-me nas folhas caídas que havia no fundo. Por vezes, adormecia. Acho que foi por isso que o meu pai começou a encher o poço de entulho. Não era suposto o tempo de contemplação ser confortável.

O poço era fundo e estreito. A única forma de conseguir esticar completamente os braços era pô-los por cima da cabeça. Fazia isto sempre que as minhas mãos começavam a ficar dormentes. Teria tido de crescer mais dois metros para conseguir chegar à cobertura.

Não sabia que hora do dia era ou há quanto tempo estava no poço porque a tampa não deixava entrar nenhuma luz. O meu pai dizia que as pessoas que construíram a cabana tinham feito a tampa assim para que as crianças não caíssem lá dentro. Sabia apenas que o meu pai me manteria no poço tanto tempo quanto desejasse e que me deixaria sair quando estivesse disposto isso. Por vezes, pensava no que aconteceria se não o fizesse. Se a União Soviética lançasse uma bomba sobre os Estados Unidos, como as *Geographics* diziam que Nikita Khrushchev queria fazer, e a bomba matasse o meu pai e a minha mãe, o que me aconteceria? Tentava não pensar demasiado em coisas assim. Quando o fazia, tornava-se difícil respirar.

Estava muito cansada. As minhas mãos e pés estavam dormentes e os meus dentes batiam, mas parara de tremer, portanto isso era bom. O meu pai deixou-me ficar vestida desta vez, e isso ajudou. Os meus dentes da frente abanavam e a parte lateral do rosto doía-me. Mas o que verdadeiramente me preocupava era a perna. Cortei-a nalguma coisa afiada quando o meu pai me atirou para dentro do poço. Limpei o sangue com a ponta da camisa e ateí o meu lenço à volta dela, em cima, como um torniquete, mas não conseguia perceber se estava a funcionar. Tentei não pensar na época em que partilhara o poço com um rato.

— Estás bem?

Abri os olhos. A Calypso estava sentada no lugar da frente da canoa do meu pai. A canoa abanava suavemente na corrente. Era um dia solarengo e quente. Espigas de tabua curvavam-se e oscilavam na brisa. Sobre as nossas cabeças, um falcão desceu em voo picado e mergulhou na água. Ao longe, um tordo-sargento cantou. A canoa foi manobrada cuidadosamente para o meio dos juncos. O Cousteau ia sentado atrás.

— Anda connosco — disse a Calypso. — Vamos explorar. — Sorriu e esticou a mão na minha direção.

Quando me levantei, senti as pernas trémulas, como se não fossem aguentar manter-me em pé. Dei-lhe a mão e entrei cuidadosamente para a canoa. A canoa do meu pai era de dois lugares, portanto sentei-me no meio, entre eles, no chão. A canoa era feita de metal. O chão estava frio.

O Cousteau empurrou o remo contra a margem do rio e desatracou. A corrente estava muito forte. O Cousteau e a Calypso só tinham de manobrar. Enquanto flutuávamos rio abaixo, pensei no dia em que nos conhecemos. Estava feliz por eu, o Cousteau e a Calypso sermos amigos.

— Têm alguma coisa para comer? — Estava com muita fome.

— Claro. — A Calypso virou-se para trás e sorriu. Tinha uns dentes brancos e direitos. Os olhos eram azuis como os da minha mãe. O cabelo volumoso e escuro estava entrançado como o meu. Esticou o braço para o interior da mochila que tinha entre os pés e deu-me uma maçã. Era tão grande como os meus punhos juntos, uma *Wolf River*, chamava-lhe o meu pai, um dos três tipos de maçã que cresciam perto da nossa cabana. Dei uma dentada e o sumo escorreu-me pelo queixo.

Comi a maçã, sementes e tudo. A Calypso sorriu e deu-me outra. Desta vez, comi a maçã até ao caroço. Atirei o caroço para o rio para os peixes mordiscarem e passei os dedos pegajosos na água para os

limpar. A água estava muito fria, tal como as gotas que me salpicavam a cabeça quando o Cousteau mudava o remo de lado. Passámos por malmequeres-dos-brejos e lírios roxos, flores pincel-de-índio e lírios-laranja, erva-de-São-João e lírio-amarelo-dos-pântanos e plantas aquáticas e balsaminas. Nunca vira tanta cor. Flores que normalmente não desabrochavam juntas estavam todas as desabrochar ao mesmo tempo, como se o pântano estivesse a realizar um espetáculo para mim.

A corrente tornou-se mais forte. Quando chegámos ao letreiro de madeira pendurado no cabo que atravessava o rio, consegui ler tudo o que dizia: PERIGO. PROXIMIDADE DE RÁPIDOS. BARCOS A REMOS PROIBIDOS A PARTIR DESTE PONTO. Baixei a cabeça enquanto passávamos por baixo.

O rugido tornou-se mais intenso. Sabia que íamos transpor as cataratas. Vi a canoa inclinar-se para a frente quando alcançámos a extremidade, a cair através do vapor e do orvalho para desaparecer no remoinho do fundo. Sabia que ia afogar-me. Não tinha medo.

— O teu pai não te ama — disse o Cousteau, subitamente, atrás de mim. Consegui ouvi-lo perfeitamente, embora, da última vez que tinha estado tão próxima das cataratas, o meu pai e eu tivéssemos tido de gritar. — Ele só se ama a si próprio.

— É verdade — disse a Calypso. — O nosso pai ama-nos. Nunca nos meteria no poço.

Pensei no dia em que nos conhecemos. Em como o pai deles brincou com eles. Em como sorriu quando pegou na pequena Calypso e a carregou nos ombros a rir até ao topo das escadas. Sabia que estava a dizer a verdade.

Limpei os olhos com a manga do casaco. Não sabia porque é que os meus olhos estavam molhados. Eu nunca chorava.

— Está tudo bem. — A Calypso inclinou-se para a frente e agarrou-me nas mãos. — Não tenhas medo. Nós amamos-te.

— Estou tão cansada.

— Nós sabemos — disse o Cousteau. — Está tudo bem. Deita-te. Fecha os olhos. Nós cuidamos de ti. Sabia que isto também era verdade. E, portanto, assim fiz.

A minha mãe disse-me que estive no poço durante três dias. Nunca pensei que uma pessoa pudesse sobreviver tanto tempo sem comida e sem água, mas aparentemente pode. Disse que quando o meu pai finalmente afastou a tampa para o lado e fez descer a escada, eu estava demasiado fraca para subir, portanto ele teve de me pendurar ao ombro como um veado morto e carregar-me para o exterior. Disse também que quis arrastar a tampa e fazer descer comida e água para mim muitas vezes, mas o meu pai obrigou-a a ficar sentada na cadeira da cozinha com a espingarda apontada durante todo o tempo em que estive no poço, portanto não pôde fazê-lo.

A minha mãe disse que, depois de o meu pai me carregar para dentro da cabana, me deixou cair no chão ao lado do fogão a lenha como um saco de farinha e se foi embora. Ela pensou que eu estava morta. Puxou o colchão da cama deles e arrastou-o para a cozinha e rebolou-me para cima dele e cobriu-me com cobertores e despiu-se completamente e rastejou para debaixo dos cobertores e abraçou-me até eu ficar novamente quente. Se fez tudo isso, não me lembro. Lembro-me apenas de acordar a tremer no colchão, embora o meu rosto e as minhas mãos estivessem a arder. Rebolei para fora do colchão, vesti-me e cambaleei até à casa de banho exterior. Quando tentei urinar, não saiu quase nada.

No dia seguinte, o meu pai perguntou-me se aprendera a lição. Disse-lhe que sim. Não me parece que a lição que aprendi fosse a que ele me queria ensinar.

As marcas na estrada transmitem uma mensagem que é impossível não ver: *vou para tua casa. Apanha-me, para-me, salva-os; se conseguires.*

Destranco a carrinha. Encho os bolsos com todos os cartuchos de munições que estes conseguem conter e pego na *Ruger* do compartimento por cima da janela. Confiro a *Magnum*, ajusto a faca no cinto. O meu pai tem duas pistolas e a faca que tirou da cabana do homem. Eu tenho a minha pistola, a minha espingarda e a *Bowie* que trago comigo desde criança. Parece-me que estamos equilibrados.

Não consigo ter a certeza de que o meu pai sabe que tenho uma família, da mesma forma que não posso provar que sabe que vivo na propriedade onde ele cresceu. Mas tenho de presumir que sim. Consigo pensar em diversas formas de o ter descoberto. Os presidiários não podem aceder à Internet, mas o meu pai tem um advogado. Os advogados têm acesso a registos de impostos, registos de propriedade, certidões de casamento e de nascimento e de óbito. O meu pai pode ter obtido informação sobre as pessoas que viviam na propriedade dos seus pais a partir do advogado, sem que este sequer se apercebesse de que o meu pai o estava a manipular. Talvez o advogado tenha vigiado a minha casa, sob qualquer pretexto inocente, a pedido do meu pai. Se o advogado me viu e mencionou casualmente as tatuagens ao falar com o meu pai, ele teria percebido imediatamente que era eu. Interrogo-me (não pela primeira vez) se deveria ter removido completamente as tatuagens, independentemente de quão longo e dispendioso fosse o processo. Consigo ver agora que, para além do apelido, também deveria ter mudado o primeiro nome. Mas, como é que eu poderia saber que, nove anos depois, estas coisas colocariam a minha família em perigo? Não estava a fugir da lei nem do crime organizado, nem a esconder-me, como num programa de proteção de testemunhas. Era simplesmente uma jovem de dezoito anos a tentar começar do zero.

Há outra possibilidade para explicar como o meu pai sabe onde estou a viver, muito mais sinistra e diabólica do que a primeira. É possível que eu esteja a viver na propriedade dos seus pais porque o meu pai me pôs aqui. Talvez os seus pais originalmente o tenham designado *a ele* herdeiro no testamento, mas ele me tenha deixado a herança a mim para me poder localizar. Suponho que seja possível estar a dar demasiado crédito ao meu pai. Mas, se o meu pai planeou a sua fuga de forma a obrigar-me a vir procurá-lo nas condições impostas por ele, então estou disposta a admitir que o subestimei. Não voltarei a fazê-lo.

Volto a verificar o telefone. Ainda sem sinal. Envio uma mensagem ao Stephen a avisá-lo que saia de casa, rezando para que a mensagem consiga passar, e viro para oeste. Afasto-me do caminho que o meu pai espera que eu siga. Não há dúvidas de que poderia rastrear o meu pai se quisesse. Uma pessoa que se desloca através da floresta deixa sempre vestígios, por mais habilidosa que seja a ocultar o seu rasto. Galhos são quebrados. Terra é deslocada. Erva amolga-se ao ser pisada. Musgo esmaga-se sob os pés. Gravelha é prensada contra o chão. Botas apanham material do chão, que depois é transferido para outras superfícies: grãos de areia num tronco caído, pedaços de musgo numa rocha nua. Para além disso, o meu pai viaja com um cão. A não ser que esteja a transportar o Rambo ao colo ou ao ombro, o meu cão de três pernas deixará um rasto que é impossível não ver.

No entanto, mesmo que a chuva não estivesse a arrastar rapidamente todos os vestígios do percurso do meu pai, não vou rastreá-lo. Se me limitar a segui-lo até onde ele me levar, já perdi. Tenho de conseguir

um avanço sobre ele. O meu pai não sabe que as minhas filhas não estão em casa, mas eu sei que o meu marido está. Estamos a menos de oito quilómetros da minha casa. Cacei muitas vezes nesta zona e conheço-a bem. Entre esta estrada e a minha casa há dois pequenos riachos, um lago de castores e uma ravina íngreme, com um ribeiro de tamanho razoável no fundo que o meu pai terá de atravessar. O terreno mais elevado é essencialmente uma floresta secundária de choupos e pinheiros sem muita cobertura, o que significa que ele terá de se manter, tanto quanto possível, em terrenos mais baixos. Ao ritmo que a chuva está a cair, os riachos estão rapidamente a transformar-se em enxurradas. Se o meu pai quer atravessar o ribeiro no fundo da ravina antes de este se transformar num rio enfurecido, terá de se apressar.

O meu pai sabe tudo isto tão bem quanto eu, dos tempos em que deambulou por estas matas quando era mais novo. O que não sabe (o que não pode saber de maneira nenhuma, a não ser que tenha visto recentemente uma imagem de satélite da área, algo de que tenho de duvidar) é que, entre este ponto e a minha casa, há uma secção de floresta que foi completamente desmatada há três ou quatro anos. Também não sabe da existência da estrada acidentada que os madeireiros deixaram, que conduz quase até ao pântano atrás da minha casa.

Este é o seu primeiro erro.

Parto numa corrida ligeira. O meu pai tem, no máximo, quinze minutos de avanço sobre mim. Se fizer, em média, oito quilómetros por hora, face aos seus cinco, consigo ganhar vantagem e intercetá-lo. Imagino-o a abrir caminho por entre a vegetação, a subir e descer colinas e a caminhar através de riachos, enquanto eu quase nem sou. A esforçar-se tanto por encobrir o seu rasto e eu nem sequer o estou a seguir. Não faz ideia de que estou prestes a vencê-lo novamente. Não consegue imaginar outro resultado senão o que planeou porque, no seu universo, no qual ele é o sol e o resto de nós orbita à sua volta, as coisas só podem suceder da forma que ele decreta.

Mas eu já não sou a criança que o venerava e que ele manipulava e controlava. Pensar isso é o seu segundo erro.

Vou encontrá-lo e vou pará-lo. Pu-lo na prisão uma vez; posso fazê-lo novamente.

Tiro o telefone do bolso do casaco sem quebrar o ritmo e confiro as horas. Meia hora. Parece muito mais. Calculo que percorri metade do caminho até casa. Poderá ser mais, mas possivelmente é menos. É difícil perceber exatamente onde estou porque as árvores que normalmente usaria como pontos de referência desapareceram. Os pinheiros-do-labrador na cumeeira à minha direita não têm nada de notável, certamente nada que possa usar para avaliar o meu progresso, apenas as silvas que os madeireiros não se deram ao trabalho de cortar.

À minha esquerda, a terra é tão estéril que, em comparação, as árvores da direita parecem exuberantes. Não há nada mais feio do que uma floresta desmatada. Hectare atrás de hectare de pilhas de galhos espalhadas, marcas profundas de tratores florestais e cepos. Os turistas imaginam que toda a Península Superior é um território de natureza selvagem bela e imaculada, mas o que não sabem é que, a apenas algumas centenas de metros das principais autoestradas, grandes faixas de floresta foram reduzidas a pasta.

O Estado inteiro era uma extensão de magníficas florestas de pinheiro-branco e pinheiro-vermelho até ao final do século XIX, quando os barões da madeira reivindicaram as florestas primárias como suas e transportaram os troncos em jangadas através do Lago Michigan para construir Chicago. As árvores que os madeireiros cortam hoje em dia são todas de floresta secundária: bétula, choupo, carvalho, pinheiro-do-labrador. Quando estas desaparecerem, o solo ficará tão maltratado que nada crescerá senão musgo e

mirtilos.

Quando o meu pai e eu cortávamos lenha, cortávamos só as árvores maiores, e, dessas, apenas as que necessitávamos. Isto, na verdade, ajudava a floresta, pois dava às árvores mais pequenas espaço para crescerem. «Só quando a última árvore morrer e o último rio for envenenado e o último peixe for apanhado, o homem branco irá entender que não se pode comer dinheiro» era um dos ditados favoritos do meu pai. «Não herdamos a Terra dos nossos antepassados; pedimo-la emprestada aos nossos filhos» era outro. Costumava pensar que fora ele a inventá-los. Agora sei que são provérbios nativos americanos célebres. Seja como for, os nativos americanos entenderam o conceito de exploração florestal sustentável muito antes de existir uma palavra para isso.

Continuo a correr. Não há forma de ter a certeza se escolher a rota mais longa mas potencialmente mais rápida me permitirá ganhar vantagem sobre o meu pai. Mas sei que será renhido. Correr não é tão fácil como esperava. A estrada madeireira é uma estrada apenas de nome: acidentada, irregular e com inclinações tão íngremes em certos sítios que parece que estou a correr na parte lateral de um penhasco. Areia funda, pedras e raízes de árvores salientes, buracos tão grandes como lagos de patos. A minha respiração é irregular e os pulmões ardem. O meu cabelo e casaco estão encharcados de chuva e as botas e calças ensopadas até aos joelhos de chapinhar através das poças. A espingarda pendurada no meu ombro magoa-me as costas a cada passo que dou. Os músculos das pernas gritam-me que pare. Preciso desesperadamente de recuperar o fôlego, de descansar, de urinar. A única coisa que me faz continuar é saber o que acontecerá ao Stephen se não o fizer.

É nesse momento que, à minha direita, um cão ladra. Um latido pronunciado característico que qualquer dono de um *Plott Hound* reconheceria instantaneamente. Curvo-me para a frente com as mãos nos joelhos até a minha respiração abrandar. Esboço um sorriso rasgado.

A CABANA

A esposa do Viking olhou para a rapariga selvagem e irascível com grande tristeza; e quando a noite chegou, e a bela forma e temperamento da sua filha se alteraram, a esposa do Viking falou a Helga com eloquentes palavras da dor e profunda tristeza que havia no seu coração. O sapo horrendo, na sua monstruosa forma, ficou diante dela e ergueu os tristes olhos castanhos para o seu rosto, ouvindo as palavras e parecendo entendê-las com a inteligência de um ser humano.

— Tempos amargos chegarão para vós — disse a esposa do Viking — e será terrível também para mim. Teria sido melhor para vós se tivésseis sido deixada na estrada, com o vento frio da noite para vos embalar até adormecerdes. — E a esposa do Viking derramou lágrimas amargas, e afastou-se cheia de raiva e tristeza.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

Os dias e noites que passei no poço ensinaram-me três coisas: o meu pai não me amava; o meu pai faria o que quisesse sem qualquer consideração pela minha segurança ou pelos meus sentimentos; a minha mãe não era assim tão indiferente em relação a mim como eu pensava. Para mim, foram grandes ideias. Suficientemente grandes para que cada uma delas tenha requerido intensa e cuidadosa reflexão. Três dias volvidos, o Cousteau e a Calypso ainda estavam a tentar entender tudo.

Entretanto, aprendi que o aspeto positivo de quase morrer de hipotermia, que era como lhe chamava o artigo da *Geographic* sobre a expedição falhada de Scott ao Polo Sul em 1912, era este: desde que não se perdesse dedos das mãos nem dos pés devido às queimaduras do frio, quando se recuperava o calor, ficava-se bem. A parte do calor não foi divertida (muito mais dolorosa do que atingir o polegar com um martelo ou do que o coice de uma espingarda ou do que fazer uma grande tatuagem) e esperava sinceramente nunca mais ter de passar por nada assim. Por outro lado, agora sabia que era muito mais resistente do que pensava, e isso tinha de contar para alguma coisa.

Não sabia se o meu pai me tinha tirado do poço porque sabia que eu atingira o limite do que conseguia suportar ou se me quisera matar e calculara mal o tempo. O Cousteau e a Calypso defendiam a segunda hipótese. Talvez tivessem razão.

Sabia apenas que, quando abri os olhos, toda a gente estava zangada. O Cousteau e a Calypso estavam zangados com o meu pai devido ao que me fez. A minha mãe estava zangada com ele pela mesma razão. Também estava zangada comigo por enraivecer o meu pai ao ponto de me querer matar. O meu pai estava zangado comigo por me negar a matar o lobo e zangado com a minha mãe por me ajudar depois de ele me ter tirado do poço. Não me lembrava de a minha mãe rastejar para debaixo dos cobertores para me aquecer, mas havia uma contusão recente no seu rosto que provava que sim. E assim continuou. Era tanta a raiva que enchia a cabana que parecia não sobrar ar para respirar. O meu pai passava a maior parte do tempo sozinho no pântano, e isso ajudava. Não fazia ideia se continuava a tentar matar o nosso veado da

primavera ou se andava à caça do lobo. Não me interessava. Sabia apenas que, todas as noites, regressava mais zangado do que quando partira. Dizia que o simples facto de olhar para a minha mãe e para mim o irritava e que era por isso que se mantinha afastado. Não lhe disse que o Cousteau e a Calypso sentiam o mesmo em relação a ele.

Para além disso, tínhamos ficado sem sal. Quando a minha mãe descobriu que o sal acabara, atirou a embalagem vazia contra a parede e gritou que aquilo era a última gota, e porque é que o meu pai não fizera nada em relação a isso antes, e como é que era suposto ela cozinhar sem sal? Esperava que o meu pai a esbofeteasse por lhe gritar e responder, mas limitou-se a dizer-lhe que os Ojíbuas nunca usaram sal até ao homem branco chegar e que ela teria simplesmente de se acostumar a passar sem ele. Eu iria sentir a sua falta. Nem todos os alimentos silvestres que comíamos sabiam bem, mesmo depois de terem sido cozidos em várias mudas de águas. As raízes de bardana definitivamente exigiram algum tempo de habituação. E nunca gostei realmente de folhas de mostarda selvagem. O sal ajudava.

Na manhã seguinte, porém, tudo estava tranquilo. A minha mãe preparou os cereais de aveia quente que comemos ao pequeno-almoço sem dizer nada sobre o sal. Não gostei especialmente do sabor e consegui perceber, pela forma como o meu pai andou às voltas com a colher dentro da taça e deixou metade dos cereais quando se levantou, que ele também não. A minha mãe comeu a sua aveia como se não houvesse qualquer problema. Presumi que o fizera porque tinha uma provisão secreta de sal escondida algures na cabana, que estava a guardar só para si. Depois de o meu pai apertar as raquetes de neve, pendurar a espingarda ao ombro e sair para passar o dia no pântano, passei o resto da manhã e a maior parte da tarde à procura do sal. Procurei na arrecadação, na sala de estar e na cozinha. Achava que a minha mãe não iria esconder a sua provisão secreta no quarto que partilhava com o meu pai e sabia que não a esconderia no meu quarto. Embora tivesse sido um bom truque fazê-lo, e eu o fizesse se os papéis estivessem invertidos, a minha mãe não era assim tão astuta.

O único sítio onde faltava procurar era o armário por baixo das escadas. Desejei ter procurado no armário antes de ter começado a nevar e a cabana ter ficado escura. Quando era pequena, costumava fechar-me dentro do armário e fingir que era um submarino ou a toca de um urso ou um túmulo Viking, mas agora não gostava de espaços pequenos e escuros.

Ainda assim, queria aquele sal. Portanto, quando a minha mãe saiu para ir à casa de banho exterior, abri as cortinas da cozinha tanto quanto possível e encostei uma das cadeiras contra a porta do armário para que esta não se fechasse. Teria gostado de usar a lamparina a óleo para investigar o armário, mas não estávamos autorizadas a acendê-la quando o meu pai não estava em casa.

O armário era muito pequeno. Não sei o que as pessoas que construíram a nossa cabana costumavam guardar nele, mas, tanto quanto recordava, o armário sempre estivera vazio. Quando era pequena, cabia lá dentro folgadoamente, mas agora era tão grande que tive de me sentar com as costas contra a parede e os joelhos levantados até ao queixo. Fechei os olhos para que a escuridão me parecesse mais natural e apalpei rapidamente as paredes e a parte de trás das escadas. Fiquei com teias de aranha agarradas aos dedos. O pó fez-me espirrar. Estava à procura de uma tábuia solta ou de um buraco na madeira ou de um prego saliente que pudesse ser usado como suporte: qualquer lugar onde uma caixa ou um saco de sal se pudessem esconder.

No espaço entre uma das elevações da escada e a parede exterior, os meus dedos tocaram em papel. As pessoas que construíram a nossa cabana pregaram jornais nas paredes exteriores como isolamento contra o frio, mas isto não parecia ser jornal e, de qualquer forma, tínhamos usado todos os jornais como acendalha há muito tempo. Arranquei o papel, levei-o para a mesa e sentei-me com ele perto da janela. Estava enrolado num tubo e atado com um pedaço de cordel. Desapertei o nó e o papel abriu-se nas minhas mãos.

Era uma revista. Não uma *National Geographic*. A capa não era amarela e o papel era demasiado fino. Estava demasiado escuro para distinguir os pormenores, portanto abri a porta do fogão a lenha, enfiei uma lasca de cedro nas brasas até esta se incendiar e acendi a lamparina, depois retirei o pavio e coloquei-o no nosso lava-louça seco para não incendiar acidentalmente a cabana. Então, puxei a lamparina a óleo para mais perto de mim.

Impressa em grandes letras amarelas no topo da página, sobre um fundo cor-de-rosa, estava a palavra ‘TEEN[18]. Presumi que fosse o nome da revista. Havia uma rapariga na capa. Parecia ter sensivelmente a mesma idade que eu. Tinha cabelo louro comprido, embora estivesse solto e fosse encaracolado em vez de liso e entrançado como o meu. Vestia uma camisola cor de laranja, roxa, azul e amarela, com um padrão em ziguezague como as tatuagens das minhas pernas. ESTILOS ESTUDANTIS PASSAM O TESTE, dizia num dos lados da fotografia, e TRANSFORMAÇÕES MAGNÉTICAS: DICAS ATRATIVAS no outro. No interior da revista havia mais fotografias da mesma rapariga. Uma legenda por baixo de uma das fotografias dizia que o seu nome era Shannen Doherty e que era a estrela de uma série chamada *Beverly Hills, 90210*.

Virei-me para o índice: *SOS Terra: como podes ajudar; Dietas da moda: seguras ou perigosas?; Folheto destacável: agenda de moda; Os novos borrachos da TV; O Sr. certo: poderá ser errado para ti?; Adolescentes com SIDA: histórias comoventes*. Não fazia ideia do que significavam os títulos ou de quais eram os temas dos artigos. Folheei as páginas. *Estilos que estão na moda para a escola*, dizia a legenda por baixo de uma fotografia de um grupo de crianças junto a um autocarro amarelo. As crianças pareciam felizes. Nenhum anúncio de eletrodomésticos de cozinha que conseguisse ver; em vez disso, os anúncios eram de coisas chamadas «batom» e «lápiz eyeliner» e «blush», que, tanto quanto consegui perceber, eram o que as raparigas usavam para pintar os lábios de vermelho e as maçãs do rosto de cor-de-rosa e as pálpebras de azul. Não tinha a certeza do motivo pelo qual desejariam fazê-lo.

Encostei-me para trás, bati suavemente na mesa com os dedos, trínquei o nó do polegar, tentei pensar. Não fazia ideia de onde viera a revista, como chegara até aqui, há quanto tempo estava escondida no armário. Por que motivo alguém faria uma revista só sobre raparigas e rapazes.

Puxei a lamparina para mais perto de mim e folheei as páginas uma segunda vez. Tudo era descrito como «na moda» e «moderno» e «fixe». As crianças dançavam, ouviam música, faziam festas. As fotografias eram claras e coloridas. Os carros não se assemelhavam nada aos das *Geographics*. Eram elegantes e baixos como doninhas e não grandes e redondos e gordos como castores. Também tinham nomes. Gostei especialmente do carro amarelo a que a revista chamava *Mustang* porque tinha o mesmo nome que um cavalo. Presumi que fosse porque o carro andava muito depressa.

Lá fora, no alpendre, a minha mãe bateu com os pés ruidosamente para sacudir a neve das botas. Agarrei prontamente na revista para a tirar da mesa, mas parei. Não importava que a minha mãe me visse a olhar para ela. Não estava a fazer nada de errado.

— O que é que estás a fazer? — gritou enquanto fechava a porta atrás de si e sacudia a neve do cabelo. — Sabes bem que não podes acender a lamparina antes de o Jacob chegar a casa. — Pendurou o casaco no cabide junto à porta e apressou-se a atravessar a cozinha para apagar a lamparina, depois parou quando viu a revista. — Onde é que arranjaste isso? O que é que estás a fazer com isso? Isso é meu. Dá cá.

Esticou-se para agarrar na revista. Afastei-lhe a mão com uma palmada, pus-me de pé num salto e coloquei a mão sobre a minha faca. Era absurdo que esta revista pertencesse à minha mãe. Ela não tinha posses.

Ela deu um passo para trás e levantou as mãos.

— Por favor, Helena. Dá-ma. Se ma deres, deixo-te olhar para ela sempre que quiseres.

Como se ela pudesse impedir-me. Brandi a faca na direção da sua cadeira.

— Senta-te.

A minha mãe sentou-se. Sentei-me à sua frente, do outro lado da mesa. Pousei a faca na mesa e pus a revista entre nós.

— O que é isto? De onde é que veio?

— Posso tocar-lhe?

Assenti com a cabeça. Ela puxou a revista para si e virou lentamente as páginas. Parou numa fotografia de um rapaz de cabelo e olhos escuros.

— Neil Patrick Harris. — Suspirou. — Tinha uma queda *tão* grande por ele quando era da tua idade. Não fazes ideia. Continuo a achá-lo bonito. *O Menino Doutor* era o meu programa de televisão preferido. Também adorava o *Casa Cheia* e o *Já Tocou*.

Não gostei que a minha mãe soubesse coisas que eu não sabia. Não fazia ideia do que é que ela estava a falar, quem eram estas pessoas, porque é que a minha mãe estava a agir como se os conhecesse. Por que motivo parecia gostar tanto dos rapazes e raparigas da revista como eu gostava do Cousteau e da Calypso.

— Por favor não digas ao Jacob — disse ela. — Sabes o que ele vai fazer se descobrir isto.

Sabia exatamente o que o meu pai faria com a revista se soubesse da sua existência, principalmente se pensasse que a revista era importante para ela. Por alguma razão guardava as minhas *Geographics* preferidas debaixo da cama. Prometi que não diria nada, não porque quisesse proteger a minha mãe do meu pai, mas porque ainda não acabara de olhar para ela.

A minha mãe folheou as páginas uma segunda vez, depois virou a revista ao contrário e empurrou-a na minha direção.

— Olha. Estás a ver esta camisola cor-de-rosa? Eu tinha uma camisola assim. Usava-a tantas vezes que a minha mãe costumava dizer que, se me deixasse, dormia com ela vestida. E esta. — Regressou à capa. — A minha mãe ia comprar-me uma camisola assim quando fôssemos comprar roupa para a escola.

Era difícil imaginar a minha mãe como uma rapariga igual às da revista, a vestir aquelas roupas, a ir às compras, a ir à escola.

— Onde é que arranjaste isto? — perguntei novamente, porque a minha mãe ainda não respondera à minha questão.

— É... uma longa história. — Apertou os lábios como fazia quando o meu pai lhe fazia uma pergunta à qual não queria responder, como porque é que deixara o fogo apagar-se, ou por que motivo a sua camisa preferida continuava suja embora ela tivesse dito que a lavara, ou porque é que não reparara os buracos nas suas meias ou não trouxera mais água ou lenha, ou quando é que iria aprender a fazer biscoitos decentes.

— Então é melhor começares. — Mantive o olhar fixo no dela como o meu pai fazia, para que percebesse que não ia aceitar o silêncio como resposta. Isto ia ser interessante. A minha mãe nunca contava histórias.

Ela afastou o olhar e mordeu os lábios. Finalmente suspirou.

— Tinha dezasseis anos quando o teu pai me disse que ia ter um bebé — começou. — O teu pai queria que eu fizesse as fraldas e as roupas de bebé de que tu ias precisar com as cortinas e cobertores que tínhamos na cabana. Mas eu não sabia coser. — Sorriu para si própria como se o facto de não saber coser fosse engraçado. Ou como se estivesse a inventar esta história. — Consegui cortar um cobertor em fraldas usando uma das facas dele, mas nunca conseguiria fazer roupas para ti sem tesouras nem agulhas nem fio. E continuávamos a precisar de alfinetes para prender as fraldas. O teu pai saiu daqui furioso quando lhe disse... sabes como ele fica. Esteve fora muito tempo. Quando voltou, disse que íamos às

compras. Era a primeira vez que saía do pântano desde... desde que me trouxe para cá, por isso fiquei muito entusiasmada. Fomos a uma grande loja chamada *Kmart* e comprámos tudo o que ias precisar. Enquanto estávamos na fila para pagar, vi esta revista. Sabia que o teu pai nunca me deixaria comprá-la, portanto, quando não estava a olhar, enrolei-a e escondi-a debaixo da camisa. Quando voltámos para a cabana, escondi-a no armário enquanto ele estava a descarregar as coisas que comprámos. Está lá desde essa altura.

A minha mãe abanou a cabeça como se não conseguisse acreditar que algum dia fora tão corajosa. Se não fosse pela revista em cima da mesa entre nós, eu também não teria acreditado. Imaginei-a a ir até ao armário quando o meu pai e eu não estávamos, a tirar a revista do esconderijo, a levá-la para a mesa da cozinha ou lá para fora, para o alpendre das traseiras, se estivesse sol, a ler as histórias e a olhar para as fotografias quando era suposto estar a cozinhar e a limpar. Era difícil acreditar que fazia isto desde antes de eu nascer e que eu e o meu pai nunca a tínhamos apanhado. Que esta revista era da mesma idade do que eu.

Uma ideia começou a formar-se. Olhei para a data na capa da revista. Se a minha mãe roubou esta revista quando estava grávida de mim e eu tinha quase doze anos, então esta revista também tinha quase doze anos. Isso queria dizer que a rapariga da capa já não era uma rapariga: era uma mulher adulta como a minha mãe. Tal como o resto das crianças.

Admito, fiquei desiludida. Gostava mais quando estes rapazes e raparigas eram da minha idade. Percebia o conceito de datas e anos, claro, e porque é que os acontecimentos importantes tinham o número do ano associado para que as pessoas pudessem saber qual veio primeiro e qual veio depois. Mas nunca pensara realmente sobre o número do ano em que eu nascera nem em que ano era agora. A minha mãe mantinha um registo das semanas e dos meses no calendário que desenhara com carvão na parede da nossa cozinha, mas sempre me interessara mais saber como estaria o tempo em determinado dia e conhecer as estações.

Apercebi-me, nesse momento, de que os números dos meus anos também eram importantes. Subtraí as datas das *Geographics* à data do ano em curso e senti-me como se o meu pai me tivesse dado um soco no estômago. *As Geographics tinham cinquenta anos.* Eram muito mais velhas que a revista '*Teen*. Mais velhas do que a minha mãe. Mais velhas até do que o meu pai. Os meus irmãos e irmãs Yanomami já não eram crianças; eram velhos e velhas. O rapaz com a tatuagem da fila dupla de pontos nas maçãs do rosto, cuja fotografia mostrara ao meu pai para que me pudesse fazer uma igual, já não era um rapaz; era um homem velho como o meu pai. O Cousteau (o verdadeiro Jacques-Yves Cousteau) era um homem adulto nas fotografias das *Geographics*, o que significava que agora deveria ser muito velho. Talvez até estivesse morto.

Olhei para a minha mãe, sentada no outro lado da mesa, à minha frente, a sorrir como se estivesse feliz por eu ter encontrado a sua revista, porque agora poderíamos lê-la juntas, e eu só conseguia pensar: *mentirosa*. Confiara nas *Geographics*. Confiara na minha mãe. Ela sabia que as *Geographics* tinham cinquenta anos, no entanto deixara que eu acreditasse que tudo o que elas diziam que estava a acontecer no presente era atual e verdadeiro. A televisão a cores e o velcro e a vacina para a poliomielite não eram invenções recentes. Os soviéticos não tinham acabado de enviar a cadela Laika para o espaço no *Sputnik 2* como o primeiro ser vivo a orbitar à volta da Terra. Porque é que me fizera isto? Porque é que me mentira? Que mais é que não me estava a contar?

Agarrei na revista da mesa e enrolei-a e enfiei-a no bolso de trás. Depois disto, nunca mais lha devolveria.

No exterior, houve um ruído. Parecia a motosserra do meu pai, mas era quase de noite e o meu pai não cortaria lenha à noite. Corri para a janela. Uma pequena luz amarela vinha da linha de árvores na nossa

direção. Parecia uma estrela amarela, mas estava a mover-se e estava perto do chão.

A minha mãe veio até à janela e ficou de pé ao meu lado. O ruído tornou-se mais forte. Fez uma concha com as mãos contra o vidro para poder ver.

— É uma mota de neve — disse ela quando finalmente desviou o olhar, com a voz maravilhada. — Vem aí alguém.

[18] Abreviatura de «*teenager*», que significa «adolescente». (N.T.)

O Rambo não volta a ladrar, mas uma vez foi suficiente. A minha estratégia compensou. Não só recuperei terreno em relação ao meu pai, como o latido do Rambo prova que ele não está muito longe. Imaginem o segmento de quatrocentos metros de estrada entre o local onde começava o rasto do meu pai e a estrada madeireira por onde estou a correr como a base de um triângulo isósceles. A minha casa é o vértice superior e os caminhos que eu e o meu pai estamos a percorrer são os lados. Quanto mais nos aproximarmos da minha casa, mais rapidamente os nossos caminhos convergirão.

Poderia identificar mais precisamente a sua localização se o Rambo ladrasse uma segunda vez, mas, francamente, surpreende-me até que tenha conseguido ladrar. Suponho que as calças que o meu pai roubou ao homem que assassinou não vinham com um cinto. Quando vivíamos na cabana, o meu pai costumava apertar o seu cinto à volta do focinho do meu cão como se fosse um açaimo quando estávamos a caçar e o meu pai não queria que ladrasse, ou quando o Rambo estava preso no casebre da lenha e o meu pai se cansava de o ouvir a pedir para ser solto. Por vezes, o meu pai colocava o açaimo ao Rambo sem nenhum motivo que eu conseguisse identificar e deixava-o posto durante muito mais tempo do que eu achava que deveria. Li que um dos sinais de que uma pessoa poderá tornar-se um terrorista ou um assassino em série quando crescer é ter sido cruel com os animais quando era criança. Não tenho a certeza do que significa se continuar a ser cruel enquanto adulta.

Protejo os olhos da chuva e examino a crista da cumeeira, meio à espera de que a cabeça do meu pai espreite sobre o topo a qualquer instante. Movo-me para fora da estrada e para o meio das árvores. A caruma de pinheiro molhada abafa os meus passos. Sacudo a chuva do cabelo e faço deslizar a *Ruger* do ombro, segurando a espingarda com o cano apontado para baixo para poder levantá-la ao primeiro sinal de perigo. A colina é íngreme. Subo tão rápida e silenciosamente quanto consigo. Normalmente utilizaria as árvores rasteiras como apoios, mas os pinheiros-do-labrador são quebradiços e não posso arriscar o som de um ramo a estalar.

Aproximo-me do topo, deito-me de barriga para baixo e rastejo o resto do caminho utilizando os pés e cotovelos, tal como o meu pai me ensinou. Monto o bipé da *Ruger* e observo através da mira.

Nada.

Giro lentamente para norte e para sul, depois examino o outro lado da ravina em busca de movimento. É o movimento que denuncia uma pessoa. Se estiverem a fugir de alguém pela floresta, o melhor a fazer é esconderem-se o mais rapidamente possível e permanecerem absolutamente imóveis. Perscruto uma segunda vez todos os esconderijos concebíveis, para o caso de o meu pai ter feito o Rambo latir propositadamente para me fazer sair da toca, depois arrumo a *Ruger* e desço cautelosamente a cumeeira e começo a subir a seguinte.

Repito o processo mais duas vezes antes de chegar ao topo da quarta cumeeira e tenho vontade de celebrar. No fundo do declive, não mais de quinze metros abaixo de mim e quarenta e cinco metros para sul, a caminhar resolutamente pelo meio de um riacho cuja profundidade normalmente estaria pouco acima do tornozelo mas que agora lhe chega quase aos joelhos, está o meu pai.

O meu pai.

Encontrei-o. Ultrapassei-o. Fui mais esperta do que ele em todos os aspetos.

Monto a *Ruger* uma última vez e observo o meu pai através da mira. Evidentemente, parece mais velho

do que recordo. Parece mais magro. As roupas do homem morto pendem folgadamente do seu esqueleto. O cabelo e a barba estão grisalhos e a pele enrugada e pálida. Na fotografia que a polícia pôs a circular, o meu pai parece tão desalinhado e tresloucado como o Charles Manson. Presumi que tinham escolhido a fotografia mais intimidante que conseguiram encontrar para que não houvesse dúvidas de que o meu pai é perigoso. Ao vivo, parece ainda pior: maçãs do rosto tão encovadas como as de um cadáver, olhos afundados tão profundamente nas órbitas que parece o *wendigo* das suas velhas histórias da cabana de suor. Agora que estou a vê-lo pela primeira vez enquanto adulta, apercebo-me exatamente de quão desequilibrado parece. Suponho que, para a minha mãe, sempre pareceu.

O meu pai leva o meu cão quase estrangulado, com a ponta cortada da trela enrolada várias vezes à volta da mão esquerda. Transporta uma *Glock* na direita. Imagino que a arma do outro guarda esteja debaixo do casaco, na parte de trás das calças de ganga. O Rambo trota ao seu lado facilmente pela margem do riacho. Não é a primeira vez que me admiro da facilidade com que o meu cão se desloca com apenas três pernas. A veterinária que o tratou depois do incidente com o urso disse-me que muitos caçadores teriam abatido um cão ferido com tanta gravidade. Interpretei isso como a sua forma de me dizer que, caso não pudesse pagar a cirurgia necessária para o tratar, ela compreenderia. A maioria das pessoas que vive na Península Superior já tem dificuldades que cheguem para cuidar da família, quanto mais para pagar uma operação dispendiosa a um animal, por mais que queira fazê-lo. Notei que ficou feliz quando lhe disse que preferia desistir de caçar ursos do que desistir do meu cão.

Sigo o rasto do meu pai através da mira enquanto ele avança na minha direção, ignorando o que o espera. Costumava imaginar-me a matá-lo quando era criança, não porque quisesse fazê-lo, mas porque ele semeara a ideia na minha mente ao mudar as regras do nosso jogo de rastrear. Observava-o durante muito tempo depois de o encontrar, pensando em como seria baleá-lo em vez de balear uma árvore. Como é que matar o meu pai me faria sentir. O que diria a minha mãe quando descobrisse que, agora, era eu a chefe da nossa família.

Enquanto o observo a caminhar cada vez mais próximo, penso novamente em matá-lo; desta vez a sério. A esta distância e com este ângulo poderia abatê-lo facilmente. Disparar uma bala que lhe atravessasse o coração ou a cabeça, e o jogo terminaria sem que ele se apercebesse, sequer, de que eu vencera. Poderia baleá-lo no ventre. Fazê-lo esvair-se em sangue, lenta e dolorosamente, como vingança pelo que fez à minha mãe. Poderia baleá-lo no ombro ou no joelho. Feri-lo com gravidade suficiente para que não pudesse ir a lado nenhum sem uma maca. Ir para casa, telefonar à polícia assim que tivesse rede e dizer-lhes onde o poderiam ir buscar.

Tantas escolhas.

Quando vivíamos na cabana, eu e o meu pai costumávamos jogar um jogo de adivinhar em que ele escondia numa mão um objeto pequeno do qual sabia que eu gostaria (um pedaço de quartzo branco liso ou um ovo de tordo-americano intacto) e eu tinha de escolher qual a mão que continha o tesouro. Se adivinhasse corretamente, podia ficar com ele. Se não, o meu pai atirava o tesouro para o nosso fosso do lixo. Lembro-me de me esforçar tanto por racionalizar a escolha. Se o meu pai tinha o tesouro na mão direita da última vez que jogámos, isso significava que desta vez o tesouro estaria na esquerda? Ou tê-lo-ia na mão direita novamente para me enganar? Talvez várias vezes? Nessa época, não entendia que a razão e a lógica não tinham nada a ver com o resultado. Independentemente da mão que escolhesse, as probabilidades de adivinhar corretamente mantinham-se inalteradas.

Isto é diferente. Desta vez não *existe* escolha errada. Destrovo a patilha de segurança. Coloco suavemente o dedo no gatilho e sustenho a respiração e conto até dez.

E disparo.

Da primeira vez que disparei sobre o meu pai fiquei aterrorizada. Continuo abismada por me ter deixado fazê-lo. Tento imaginar-me a colocar uma arma nas mãos da Iris e a dizer-lhe para apontar para mim e premir o gatilho (e, ah, sim, assegura-te de falhar) e simplesmente não consigo. Também duvido que alguma vez ponderasse fazer uma coisa assim com a Mari, por mais pontaria que ela venha a revelar ter. É imprudente ao ponto de ser suicida. E, contudo, foi exatamente o que o meu pai fez.

Aconteceu no verão dos meus dez anos. Não jogávamos o nosso jogo de rastrear no inverno porque, depois de haver neve no chão, seguir o rasto do meu pai seria demasiado fácil, e não jogávamos no final do outono nem no início da primavera, depois de as folhas caírem ou antes de as árvores rebentarem, pela mesma razão. Só quando a folhagem era exuberante e densa se tornava um verdadeiro desafio seguir o rasto de uma pessoa pela floresta, dizia o meu pai. Esta é também a época do ano em que os insetos estão no seu pior. É preciso admirar o autocontrolo que deve ter sido necessário para ficar sentado no pântano durante horas enquanto esperava que eu o encontrasse, com enxames de insetos a picá-lo, mas o meu pai resistiu à vontade de os esmagar ou até mesmo de estremecer.

O meu pai explicou-me as novas regras do jogo ao pequeno-almoço. Depois de o encontrar, tinha duas opções. Poderia disparar para a árvore atrás da qual ele estivesse escondido, ou para o seu lado ou por cima da sua cabeça, ou poderia disparar para a terra perto dos seus pés.

Se não o encontrasse (ou pior, se ficasse demasiado assustada para disparar quando o fizesse), teria de abdicar de algo importante para mim. Começaríamos com a edição da *National Geographic* com as fotografias dos Vikings que eu escondera debaixo da minha cama. Não sei como é que o meu pai soube que estava ali.

O meu pai levou-me na sua canoa para uma cumeeira onde eu nunca estivera. Vendou-me os olhos para tornar mais difícil avaliar a distância que tínhamos percorrido e o tempo que passara, e também para não conseguir ver em que direção ele partia quando chegássemos. Estava muito nervosa. Não queria balear o meu pai. Mas queria conservar a minha *Geographic*. Pensei muito nas minhas duas opções. Disparar para a terra seria mais fácil e mais seguro do que disparar para uma árvore, porque a bala enterrar-se-ia na areia e seria menos provável que fizesse ricochete e me ferisse a mim ou ao meu pai. Para além disso, se falhasse o tiro para a terra e atingisse acidentalmente o meu pai, baleá-lo na perna ou no pé seria muito menos traumático do que baleá-lo no peito ou na cabeça.

Mas disparar para a terra era o disparo do covarde, e eu não era nenhuma covarde.

— Fica aqui — disse o meu pai enquanto a canoa roçava na margem. — Conta até mil e depois podes tirar a venda.

A canoa oscilou quando saiu. Ouvei chapinhar enquanto ele caminhava na direção da margem, um restolhar enquanto abria caminho através da vegetação (araruta e tabua, provavelmente) e depois nada. Só conseguia ouvir o vento a mover-se através dos pinheiros que o meu nariz já me dissera que cresciam nesta cumeeira e o som semelhante ao ruído de papel das folhas de choupo a chocarem umas contra as outras na brisa. A água estava tranquila e o sol batia calidamente na minha cabeça. A luz parecia ligeiramente mais quente no meu lado direito do que no esquerdo, o que significava que a canoa estava virada para norte. Não tinha a certeza de como é que isto iria ajudar-me, mas era bom saber. A *Remington* repousava pesadamente nos meus joelhos. Debaixo da venda, estava a começar a suar.

Subitamente, apercebi-me de que estivera tão ocupada a reunir pistas sobre o que me rodeava que me esquecera de contar. Decidi começar em quinhentos para compensar o tempo perdido. A questão era, o meu pai esperaria que contasse até mil como me indicara, ou esperaria que tirasse a venda antes de terminar a contagem e comesse a procurá-lo mais cedo? Era difícil saber. Na maior parte do tempo, fazia exatamente o que o meu pai me dizia para fazer, porque havia sempre algum castigo no final se não

o fizesse. Mas isto era diferente. A finalidade de rastrear o meu pai era aprender a ser mais astuta do que ele. Desonestidade e embustes faziam parte do jogo.

Tirei a venda e apertei-a à volta da testa para manter o suor afastado dos olhos e desci da canoa. O rasto do meu pai era fácil de seguir. Conseguia ver claramente o local onde abrira caminho para atravessar uma parcela com capim (não ararutas e tabuas como supusera) e subira para a margem. A desordem na caruma dos pinheiros na clareira que atravessou antes de desaparecer entre os fetos do outro lado também era claramente visível. Presumi que o facto de conseguir seguir o rasto do meu pai tão facilmente significava que me tornara muito boa a rastrear. Olhando para trás, tenho a certeza de que deixou um rasto fácil nesse dia porque queria que o jogo chegasse ao final e, para que isso acontecesse, tinha de garantir que o encontrava.

Quase perdi o rasto no topo da cumeeira, onde as pegadas terminavam numa rocha lisa e nua. Então, vi um minúsculo monte de areia onde não deveria estar. Apanhei o rasto do outro lado e segui-o até à ponta de um pequeno penhasco. Fetos dobrados e pedras soltas mostravam o local onde o meu pai descera. Segui o rasto através da mira da *Remington* e encontrei o meu pai agachado sobre os tornozelos, atrás de uma faia, a trinta metros de distância.

Fiz um sorriso rasgado. Os deuses estavam verdadeiramente a sorrir-me nesse dia. Não só encontrara o meu pai, como, para além disso, as condições para disparar eram praticamente perfeitas. Estava numa posição elevada. Não havia vento. O sol estava nas minhas costas, e embora isso significasse que o meu pai conseguiria ver a minha silhueta contra o sol se casualmente saísse de trás da árvore e se virasse para olhar para cima, também significava que conseguiria vê-lo claramente quando disparasse e seria menos provável falhar.

Escondi-me atrás de um grande pinheiro-vermelho e segurei a *Remington* junto de mim enquanto ponderava o próximo passo. A *Remington* era quase tão alta quanto eu. Deitei-me com a barriga no chão e empurrei-a à minha frente até ficar em melhor posição para disparar, debaixo de um arbusto. Apoiei a *Remington* contra o ombro e olhei através da mira. O meu pai não se movera.

Coloquei suavemente o dedo no gatilho. Sentia o estômago oprimido. Imaginei o estampido da espingarda, a cabeça do meu pai a saltar repentinamente de surpresa. Vi-o a sair de trás da árvore e a subir a colina para me bater suavemente na cabeça e felicitar-me por ter disparado. Ou talvez baixasse o olhar, desalentado, enquanto o ombro ficava vermelho, e arremettesse colina acima como um rinoceronte ferido. As minhas mãos tremeram. Não entendia porque é que tinha de disparar sobre ele. Porque é que o meu pai mudara as regras do nosso jogo. Porque é que pegara em algo que era divertido e o transformara em algo perigoso e assustador. Desejei que as coisas pudessem permanecer sempre iguais.

E, com esse pensamento, entendi. As coisas tinham de mudar porque *eu* estava a mudar. Estava a crescer. Esta era a minha iniciação, a minha oportunidade para provar que seria um membro digno da nossa tribo. Para um homem Yanomami, a coragem era valorizada acima de tudo. Era por este motivo que combatiam constantemente outras tribos e roubavam as mulheres uns dos outros e combatiam até à morte mesmo que estivessem cravejados de setas, em vez de desistirem e serem estigmatizados como cobardes. De acordo com a *Geographic*, quase metade dos homens Yanomami já matara um homem.

Apoiei a *Remington* com mais segurança contra o ombro. As minhas mãos já não tremiam. É impossível descrever a mistura de terror e euforia que senti quando premi o gatilho. Imagino que seja semelhante ao que uma pessoa sente quando salta de um avião ou se atira de um penhasco, ou ao que uma cirurgiã cardíaca sente quando faz o primeiro corte. Já não era a menina que adorava e admirava o pai e esperava tornar-se igual a ele um dia. Era sua igual.

Depois disso, mal podia esperar pela oportunidade de disparar sobre ele novamente.

O estampido da espingarda e o estalido do ramo por cima da cabeça do meu pai são quase simultâneos. O ramo cai no riacho mesmo à sua frente. A mesma jogada que acabou com o nosso último jogo de rastrear e caçar.

O meu pai fica paralisado. Olha para cima, para o local de onde partiu o disparo, com a boca aberta, como se não conseguisse acreditar que o venci novamente, muito menos da mesma forma. Abana a cabeça e ergue os braços de lado em sinal de rendição. A trela do Rambo está enrolada à volta da sua mão esquerda. A *Glock* pende da direita.

Mantenho o dedo no gatilho. Só porque um homem parece vencido não significa que esteja pronto para desistir. Especialmente quando esse homem é tão diabólico e manipulador como o meu pai.

— Jacob. — O nome parece estrangeiro na minha língua.

— *Bangii-Agawaateyaa*.

Arrepio-me, e não devido à chuva. *Bangii-Agawaateyaa*. Pequena Sombra. O nome que me pôs quando era criança. O nome que não ouvira proferido desde então. Não consigo sequer começar a articular a forma como estas palavras, saídas da boca do meu pai após todos estes anos, me fazem sentir. Toda a raiva e ódio e ressentimento aos quais me tenho estado a agarrar há mais de uma década evaporam-se, gelo num fogão a lenha. Sinto como se uma parte de mim que nem sequer sabia que estava partida estivesse agora inteira. Sou inundada por memórias: o meu pai a ensinar-me a rastrear, a caçar, a caminhar com raquetes de neve, a nadar. A afiar a minha faca e a esfolar um coelho e a abotoar a camisa e a apertar os sapatos. A nomear os pássaros, os insetos, as plantas, os animais. A partilhar os intermináveis segredos do pântano: um conjunto de ovos de sapo a flutuar na água tranquila do lago debaixo de um ramo suspenso, a toca de uma raposa escavada profundamente na areia na encosta de uma colina.

Tudo aquilo que sei sobre o pântano que é digno de se saber, foi este homem que me ensinou.

Seguro na *Ruger* com mais firmeza.

— Larga as armas.

O meu pai olha para mim durante muito tempo antes de lançar a *Glock* para o meio dos arbustos. Saca a *Bowie* do interior da bota direita e atira a faca a seguir à pistola.

— Devagar — digo, enquanto ele coloca a mão atrás das costas para alcançar a segunda pistola. Se os papéis estivessem invertidos, este seria o momento em que faria a minha jogada. Sacaria rapidamente a minha arma, empurrá-la-ia contra a cabeça do Rambo e usaria o afeto da minha adversária pelo seu cão para a desarmar.

O meu pai tira a segunda *Glock* de trás das costas lentamente, como ordenei. O seu braço recua como se fosse atirá-la mas, em vez de a soltar quando o braço chega ao topo, baixa-se sobre um joelho e dispara.

Não na direção do Rambo.

Na minha.

A bala atinge violentamente o meu ombro. Durante um breve instante, sinto apenas o choque. *Ele baleou-me*. Deliberadamente e sem pensar nas consequências exceto em abater-me.

Não o venci. Não salvei a minha família. Não ganhei, porque, mais uma vez, o meu pai mudou as regras do nosso jogo.

Então, o meu ombro explode. Alguém enfiou uma barra de dinamite dentro de mim e fê-la rebentar. Fui atingida por um taco de basebol e atravessada por um atizador em brasa. Fui atropelada por um autocarro. Coloco a mão sobre a ferida, caio no chão e contorço-me enquanto a dor me inunda em vagas. O sangue jorra entre os meus dedos. *Agarra na Ruger*, diz o meu cérebro às minhas mãos. *Baleia-o como*

ele te baleou. As minhas mãos não respondem.

O meu pai sobe a cumeeira e fica de pé ao meu lado a olhar para baixo. A *Glock* está apontada ao meu peito.

Quão incredivelmente estúpida sou. Pensei que estava a ser estratégica quando atingi o ramo em vez dele. Como se revelarão trágicas as consequências da minha decisão. A verdade é que não *queria* matar o meu pai. Amo-o, embora ele não me ame. Usou o meu amor por ele contra mim.

Sustenho a respiração enquanto espero que o meu pai acabe comigo. Olha para baixo durante muito tempo, depois enfia a *Glock* na parte de trás das calças de ganga e pontapeia a *Ruger* pelo outro lado da cumeeira abaixo. Vira-me de barriga para cima e tira-me a *Magnum*. Não sei como é que soube que a tinha comigo, mas soube. Saca um par de algemas do bolso de trás (sem dúvida as mesmas que tinha postas quando fugiu da prisão) e puxa-me os braços para a frente apesar do meu ombro ferido e fecha as algemas sobre os meus pulsos. O meu corpo inteiro treme com o esforço de não gritar.

Dá um passo para trás, ofegante.

— E é *assim* — diz, olhando para baixo com um sorriso rasgado triunfante — que se vence alguém a caçar e a rastrear.

A CABANA

No início do outono, o Viking regressou novamente a casa carregado de espólio e trazendo consigo prisioneiros. Entre eles estava um jovem padre cristão, um daqueles que desprezava os deuses do Norte. Nas profundas caves de pedra do castelo, o jovem padre cristão foi enclausurado e as suas mãos e pés atados com tiras de casca de árvore.

A esposa do Viking achou-o tão bonito quanto Baldur e o seu sofrimento causou-lhe piedade; mas Helga disse que deveriam apertar cordas aos seus tornozelos e amarrá-las às caudas de animais selvagens.

— Eu soltaria os cães para o perseguirem — disse ela — pelo pântano e através da charneca. Urra! Isso seria um espetáculo para os deuses, e ainda melhor seria seguir a perseguição.

Mas o Viking não permitiria que o jovem padre cristão falecesse de tal morte, especialmente sendo ele o renegado e aquele que desprezava os grandes deuses. O Viking decidira oferecê-lo em sacrifício na pedra-de-sangue que havia no bosque. Pela primeira vez, um homem seria ali sacrificado.

Helga suplicou que a autorizassem a salpicar as pessoas que lá se reunissem com o sangue do padre. Afiou a sua faca resplandecente; e quando um dos grandiosos cães selvagens que se passeavam pelo castelo do Viking em grande número saltou na sua direção, enfiou violentamente a faca no seu flanco, meramente, como disse, para comprovar o seu fio.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

— Vem aí alguém — disse a minha mãe novamente enquanto estávamos juntas, de pé, à janela da cozinha, como se não conseguisse acreditar nas suas próprias palavras a não ser que as dissesse duas vezes.

Também fiquei surpreendida. O meu pai era sempre tão cauteloso para não chamar a atenção para a nossa cabana: cortava a lenha na parte inferior da cumeeira para que o som da motosserra não se propagasse; disparava a espingarda apenas quando era necessário para obtermos a carne de veado de que necessitávamos; nunca deixava o pântano para nos reabastecer de provisões, embora estivéssemos a ficar sem coisas que teria sido bom ter; escondeu-se daquela família para que não os conduzíssemos acidentalmente até à nossa cabana; realizava exercícios práticos para que a minha mãe e eu soubéssemos o que fazer caso alguém aparecesse na cumeeira. Era difícil acreditar que, depois de tudo isso, alguém realmente aparecesse.

Pressionei o nariz contra o vidro e observei o farol da mota de neve balouçar-se e ziguezaguear na nossa direção. Estava demasiado escuro para discernir os pormenores, mas eu sabia como era uma mota de neve. Ou melhor, sabia como era uma mota de neve cinquenta anos antes. Continuava com dificuldade em entender a enormidade do engano da minha mãe.

A minha mãe abanou a cabeça lentamente, como se estivesse a acordar de um longo sono. Fechou bruscamente as cortinas e agarrou-me na mão.

— Rápido. Temos de nos esconder.

Esconder onde?, quis dizer. Sabia que era o que o meu pai queria. Também sabia o que nos faria se não seguíssemos as suas instruções. Mas era demasiado tarde para correr para o pântano e rebolar na lama para nos camuflarmos, embora o pântano não estivesse congelado. Quem quer que estivesse a conduzir a mota de neve já vira a nossa cabana. Estava a vir exatamente na nossa direção. Havia fogo no fogão a lenha, fumo a sair da chaminé, lenha no casebre da lenha, pegadas na neve. Dentro de casa, os nossos casacos estavam pendurados junto à porta, os pratos estavam dispostos na mesa, o guisado de coelho fervia no nosso fogão a lenha. E o Rambo?

Rambo.

Agarrei no meu casaco e corri para o casebre da lenha. O Rambo estava a ganir e a puxar a corrente com tanta força que tive medo que se asfixiasse. Desapertei a coleira e soltei-o, depois agachei-me entre uma fila de lenha e a parede do casebre para observar por entre as ripas. O tom do motor mudou quando a mota de neve começou a subir a nossa cumeeira. Alguns momentos depois, a mota passou pela minha linha de visão numa nuvem de neve e fumo do escape. Corri para o outro lado do casebre da lenha, trepei para cima de uma pilha de madeira e agachei-me com a faca preparada, como o meu pai me ensinou. A mota de neve parou mesmo abaixo de mim. O ruído era tão alto que os meus ouvidos continuaram a ressoar muito depois de o condutor ter desligado o motor.

— Olá, pequenino. — O condutor assobiou e bateu com a mão na perna enquanto o Rambo ladrava e corria em círculos. Não consegui ver-lhe o rosto porque tinha um capacete do mesmo género que os mergulhadores de alto mar usavam (ou melhor, do mesmo género que os mergulhadores de alto mar usavam *antigamente*), mas consegui perceber que era um homem pela voz. — Anda cá, pequenino. Anda. Está tudo bem. Não te vou fazer mal.

O Rambo parou de ladrar e correu para ele a abanar a cauda, pousando o queixo no joelho do homem. O homem tirou uma luva e coçou o Rambo atrás da orelha. Interroguei-me como saberia que era ali que o meu cão gostava de ser coçado.

— Lindo menino. És um cão muito lindo. És, não és? Pois és. — Nunca ouvira ninguém falar tanto com um cão.

O homem afastou o Rambo para o lado e desceu da mota de neve. Vestia calças pretas grossas e um casaco preto com uma risca ao longo das mangas num tom de verde que eu nunca vira. A mota de neve tinha a mesma risca colorida de lado com as palavras ARTIC CAT escritas em letras brancas. Tirou o capacete e deixou-o no assento. O homem tinha cabelo amarelo como a minha mãe e uma grande barba frondosa como um Viking. Era mais alto do que o meu pai, e mais novo. A sua roupa fez um som de restolhar parecido com o som de folhas secas quando começou a caminhar. Não conseguia imaginar que fossem boas para caçar, mas pareciam quentes.

O homem subiu os degraus do nosso alpendre e bateu à porta com os nós dos dedos.

— Olá! Está alguém em casa? — Aguardou, depois bateu novamente à porta. Não tinha a certeza do que é que ele estava à espera. — Olá!

A porta da cabana abriu-se e a minha mãe saiu. Não consegui ver a sua expressão porque estava à contraluz. Consegui ver que tinha as mãos a tremer.

— Desculpe incomodá-la — disse o homem —, mas posso usar o vosso telefone? Separei-me do meu grupo e perdi o trilho.

— O nosso telefone — disse a minha mãe suavemente.

— Se não se importar. A bateria do meu telemóvel morreu.

— O senhor tem um telemóvel. — A minha mãe riu-se. Não fazia ideia do motivo.

— Hum, sim. Certo. Portanto, se eu pudesse usar o seu para dizer aos meus amigos que estou bem, seria ótimo. O meu nome é John, já agora. John Laukkanen. — O homem sorriu e esticou a mão.

A minha mãe fez um som sufocado, depois agarrou-lhe a mão como uma pessoa a afogar-se se agarra a uma corda de salvamento. Continuou a agarrar-lhe na mão muito depois de as mãos pararem de subir e descer.

— Eu sei quem tu és. — Ela olhou de relance pelo quintal, depois puxou o homem para dentro rapidamente.

Fiquei a fitar a cabana muito tempo depois de a porta se fechar. Mais mentiras. Mais embustes. Mais enganar. A minha mãe conhecia este homem. Ele veio vê-la enquanto o meu pai não estava. Não sabia o que é que o homem e a minha mãe estavam a fazer dentro da nossa cabana, mas sabia que estava errado. Embainhei a minha faca e desci da pilha de lenha. A mota de neve estava agachada no nosso quintal como um grande urso-negro. Queria bater-lhe nos quadris e afugentá-la. Chamar o meu pai para vir com a sua espingarda e dar-lhe um tiro. Atravessei o alpendre das traseiras em bicos de pés e espreitei através de uma frincha nas cortinas. A minha mãe e o homem estavam de pé no meio da cozinha. A minha mãe estava a falar e a abanar as mãos. Não consegui ouvir o que estava a dizer. Parecia assustada e entusiasmada. Estava constantemente a olhar de soslaio para a porta, como se temesse que o meu pai a atravessasse a qualquer momento. Eu desejava que o fizesse.

O homem parecia simplesmente assustado. A minha mãe continuou a falar e a gesticular até que, finalmente, ele assentiu com a cabeça. Lentamente, como se não quisesse fazer o que a minha mãe lhe estava a pedir, mas tivesse de o fazer, como eu fiz quando o meu pai me disse que tinha de ajudar a minha mãe a fazer geleia. A minha mãe riu-se e esticou-se em bicos de pés e pôs os braços à volta do pescoço do homem e beijou-lhe a face. As maçãs do rosto do homem ficaram vermelhas. A minha mãe pousou a cabeça no seu ombro. Os ombros dela abanaram. Não consegui perceber se estava a rir ou a chorar. Pouco depois, o homem pôs os braços em redor da minha mãe e bateu-lhe suavemente nas costas com a mão e manteve-a próxima dele.

Baixei-me sobre os tornozelos na neve. As minhas maçãs do rosto ardiavam. Sabia o que significava um beijo. Um beijo significava que se amava a pessoa que se estava a beijar. Era por isso que a minha mãe nunca beijava o meu pai. Não conseguia acreditar que a minha mãe tinha beijado este homem, este estranho, depois de o ter levado para dentro da nossa cabana enquanto o meu pai não estava. Sabia o que o meu pai lhes faria se aqui estivesse. Saquei a minha faca. Atravessei sorradeira e silenciosamente o alpendre e abri a porta com um empurrão.

— Helena! — gritou a minha mãe. O homem e a minha mãe separaram-se enquanto o ar frio varria a cabana. O rosto dela estava corado. — Pensava que estavas... Não interessa. Despacha-te. Fecha a porta.

Deixei a porta aberta.

— Tens de te ir embora — disse ao homem, tão severamente quanto consegui. — Já! — Brandi a minha faca para que soubesse que não estava a brincar. Usá-la-ia se fosse necessário.

O homem recuou, pôs as mãos no ar.

— Uau. Calma. Pousa a faca. Está tudo bem. Não te vou fazer mal. — A falar comigo como se eu fosse o meu cão.

Tornei a expressão no meu rosto tão dura quanto a do meu pai e dei um passo em frente.

— Tens de ir. *Já*. Antes que o meu pai volte.

O rosto da minha mãe empalideceu quando mencionei o meu pai, como deveria. Não sabia em que é que ela estava a pensar quando trouxe este homem para dentro da nossa cabana, de que forma pensou que isto poderia acabar.

Ela afundou-se numa cadeira.

— Helena, por favor. Não estás a perceber. Este homem é nosso amigo.

— Nosso amigo? *Nosso* amigo? Eu vi-te a beijá-lo. *Eu vi-vos*.

— Tu viste... Oh, Helena. Não, não: eu só estava a agradecer ao John porque ele vai levar-nos daqui.

Pousa a faca. Temos de nos despachar.

Olhei para a minha mãe: entusiasmada, esperançosa, feliz, como se fosse o melhor dia da sua vida porque este homem tinha aparecido na nossa cumeeira. Só conseguia pensar que estava louca. Sabia que ela não gostava de viver no pântano, mas será que pensaria realmente que se poderia ir embora agora, com o frio e a escuridão? Subir para a mota de neve atrás deste estranho e deixá-lo levá-la daqui sem autorização do meu pai? Não conseguia perceber porque é que ela pensaria, nem que fosse por um segundo, que eu concordaria com tal plano.

— Por favor, Helena. Eu sei que estás assustada...

Definitivamente, não estava.

—... e que tudo isto é muito confuso.

Não estava nem um pouco confusa.

— Mas tens de confiar em mim.

Confiar nela? A revista no meu bolso de trás ardia como brasas.

— Helena, por favor. Vou explicar-te tudo, prometo. Mas temos de nos desp...

Parou de falar quando os passos do meu pai ressoaram através do alpendre.

— O que é que se passa aqui? — rugiu enquanto irrompia pela cozinha. Avaliou a situação num instante e moveu a espingarda entre o homem e a minha mãe como se não conseguisse decidir qual deles matar primeiro.

O homem levantou as mãos.

— Por favor. Não quero problemas...

— Cala-te! Senta-te.

O homem caiu numa das cadeiras da cozinha como se tivesse sido empurrado.

— Olhe, por favor. Não há nenhuma necessidade da arma. Só queria usar o vosso telefone. Perdi-me. A sua... hum, esposa deixou-me entrar e...

— Eu disse *cala-te*. — O meu pai girou sobre o tornozelo e bateu violentamente com a extremidade da espingarda no ventre do homem. O homem arquejou e caiu da cadeira e rebolou pelo chão, gemendo e agarrando-se ao estômago.

— Não! — gritou a minha mãe, e cobriu o rosto.

O meu pai deu-me a espingarda.

— Se ele se mexer, dispara. — Pôs-se de pé diante da minha mãe e puxou o punho para trás. O homem pôs-se de joelhos, rastejou na direção do meu pai, agarrou-lhe no tornozelo. Sabia que devia disparar. Não queria premir o gatilho.

— Deixa-a em paz! — gritou o homem. — Eu sei quem tu és. *Sei o que fizeste*.

O meu pai ficou paralisado, rodopiou para trás. Havia um artigo numa das *Geographics* que descrevia o rosto de uma pessoa como estando «negro de raiva». O meu pai estava assim agora. Suficientemente zangado para nos matar a todos.

Rugiu como um urso-negro ferido, avançou sobre o homem, pontapeou-o no rim. O homem gritou e caiu com o rosto no chão. O meu pai agarrou no pulso esquerdo do homem e pôs o pé sobre o seu

cotovelo, depois torceu o braço do homem mais e mais para cima, atrás das costas, até o osso estalar. O grito do homem encheu a cabana, misturado com o da minha mãe, com o meu próprio.

O meu pai agarrou no homem pelo braço partido e puxou-o até o levantar. O homem gritou novamente.

— Por favor! Não! Oh, meu Deus... não! Para! Por favor! — gritou enquanto o meu pai o fazia marchar através do quintal para o casebre da lenha. A minha mãe soluçava. As minhas mãos tremiam. Olhei para baixo e apercebi-me de que ainda estava a segurar na espingarda. A espingarda estava apontada à minha mãe. A minha mãe estava a olhar para mim como se pensasse que ia disparar. Não lhe disse que a patilha de segurança da espingarda estava travada.

O meu pai voltou a entrar na cabana. Tinha o casaco ensanguentado e os nós dos dedos vermelhos. Tirou-me a espingarda das mãos trémulas e trancou-a na arrecadação. Esperei na cozinha com a minha mãe. Não tinha a certeza do que ele queria que eu fizesse.

Quando regressou, a sua expressão estava calma, como se não tivesse acontecido nada, como se este fosse um dia normal e não tivesse acabado de partir o braço da primeira pessoa que aparecera na nossa cumeeira. Isto poderia significar uma de duas coisas: esgotara a sua raiva ou estava só a começar.

— Vai para o teu quarto, Helena.

Corri pelas escadas acima. Atrás de mim, ouvi o som de um punho a embater na carne. A minha mãe gritou. Fechei a porta.

Muito tempo depois de a cabana estar mergulhada no silêncio, permaneci deitada na cama com os braços atrás da cabeça fitando o teto. As memórias atulhavam os meus sonhos.

Eu e o meu pai estávamos a nadar no lago dos castores. Ele estava a ensinar-me a boiar de costas. O sol estava quente e a água fria. Estava deitada de costas sobre a água com os braços esticados para o lado. O meu pai estava de pé ao meu lado. A água chegava-lhe até à cintura. As mãos do meu pai estavam debaixo das minhas costas a manter-me à superfície, embora mal as conseguisse sentir.

— Pernas para cima — disse ele quando os meus pés começaram a descair. — Estômago para fora. Arqueia as costas. — Empurrei o estômago para fora e curvei os ombros para trás tanto quanto consegui. O meu rosto mergulhou na água. Cuspi, comecei a afundar-me. O meu pai agarrou-me, levantou-me. Tentei novamente. Mais tarde, depois de aprender a boiar, tornou-se tão fácil que era difícil lembrar-me de quando não sabia fazê-lo.

O meu pai estava a ajudar-me a colocar o isco no meu anzol. O anzol era muito afiado. A primeira vez que agarrei num anzol da caixa de material de pesca do meu pai, ficou preso ao meu polegar. Doeu, mas não tanto como quando o meu pai o puxou para o tirar. Depois disso, tive o cuidado de agarrar o anzol apenas pela curva do topo. A nossa lata de iscos estava cheia de minhocas. Desenterrávamos as minhocas do solo húmido na parte inferior da nossa cumeeira. Vasculhei entre a terra que havia na lata e tirei uma. A minhoca estava escorregadia e húmida. O meu pai mostrou-me como enfiar o anzol no meio da minhoca e enrolá-la à volta do anzol e voltar a espetá-lo na sua cauda e cabeça.

— Não dói — disse ele quando lhe perguntei o que é que as minhocas sentiam quando fazíamos isto. — As minhocas não conseguem sentir nada. — Se isto era verdade, perguntei, então porque é que a minhoca se contorcia e agitava? O meu pai sorriu. Disse que era bom que eu estivesse a aprender a pensar pela minha cabeça e bateu-me suavemente na cabeça.

O meu pai e eu estávamos sentados na cabana de suor. O meu pai estava a contar mais uma vez a história de quando caíra na toca do urso. Desta vez, reparei que, sempre que o meu pai contava a história, alterava os pormenores para tornar a história mais empolgante. O buraco era mais fundo, o meu pai caía mais longe, era mais difícil trepar para sair, o urso começava a acordar quando o meu pai aterrava de

costas, o pescoço da cria estava partido. Consegui perceber que, embora fosse importante dizer sempre a verdade, quando se conta uma história não faz mal alterar os factos para tornar a história mais interessante. Esperava tornar-me uma contadora de histórias tão boa quanto ele quando crescesse.

Levantei-me e atravessei o quarto até à janela e olhei para o exterior através do quintal iluminado pela lua. O Rambo andava de um lado para o outro no barracão. A mota de neve estava por baixo de mim. O homem no casebre da lenha estava em silêncio.

Amara o meu pai quando era mais pequena. Ainda o amava. O Cousteau e a Calypso diziam que o meu pai era um homem mau. Sei que eles se importavam comigo, mas não conseguia acreditar que isso fosse verdade.

De manhã, o meu pai cozinhou o pequeno-almoço enquanto a minha mãe ficou na cama. Os cereais de aveia que preparou estavam moles e insípidos. Era difícil acreditar que, ontem, aquilo que mais me preocupava era não ter sal. Agora, apenas conseguia pensar na traição da minha mãe. Não apenas na mentira que contara sobre as *Geographics*, mas na forma como traíra o meu pai. Sabia que ele lhe batera por trazer o homem para dentro da nossa cabana e era por isso que ela ainda estava na cama. Não gostava quando o meu pai batia na minha mãe, mas havia momentos como agora em que ela merecia. O meu pai disse que, como a minha mãe estava sozinha na nossa cabana com outro homem, isso significava que a minha mãe cometera algo chamado adultério, e, quando uma mulher Ojíbuá cometia adultério, o seu marido tinha o direito de a mutilar ou até de a matar como entendesse. A minha mãe não era nativa americana, mas, como era esposa do meu pai, tinha de viver de acordo com as suas regras. Sabia que ela merecia ser castigada, mas, mesmo assim, fiquei feliz por não ter dito ao meu pai que a vi beijar o homem.

Lavei as nossas tigelas de cereais e a panela com água fria e um punhado de areia e levei uma caneca de chicória quente ao homem que estava no casebre da lenha como o meu pai ordenou. A manhã estava solarenga e clara. A mota de neve parecia maior à luz do dia, brilhante e negra e tão cintilante como a neve acabada de cair, com um para-brisas da cor do fumo da madeira e aquela extraordinária risca verde. Não era nada como as fotografias das *Geographics*. Deixei a caneca no degrau do alpendre e peguei no capacete. Era mais pesado do que estava à espera, com um pedaço de vidro escuro curvo à frente, em forma de escudo. No interior, o forro era espesso e macio. Pus o capacete na cabeça e sentei-me no assento com uma perna de cada lado como o homem fizera e fingi que estava a conduzir. Costumava desejar que tivéssemos uma mota de neve. Se tivéssemos tido uma mota de neve, poderíamos ter verificado as nossas linhas de pesca no gelo em metade do tempo que demorava caminhar de buraco em buraco com raquetes de neve. Perguntei ao meu pai uma vez se podíamos comerciar algumas das suas peles para arranjar uma. Isso levou a um longo sermão sobre como os costumes indígenas eram melhores do que as invenções dos homens brancos, e como mais depressa nem sempre significava melhor. Mas eu achava que, se os membros do nosso povo tivessem tido motas de neve antigamente, as teriam usado.

Desci da mota de neve e peguei na caneca e atravessei o quintal até ao casebre da lenha. A chicória já não estava a fumegar. O homem estava algemado ao poste do canto. Tinha o cabelo ensanguentado e o rosto inchado. O casaco e as calças tinham desaparecido. Vestia roupa interior térmica como a que o meu pai e eu usávamos no inverno e mais nada. Empurrara os pés para o meio das aparas e da serradura para os manter quentes, embora eu conseguisse ver os dedos dos pés de fora. Os braços estavam algemados por cima da cabeça. Os olhos estavam fechados e a barba repousava no peito. Agora não se parecia muito com um Viking.

Parei à entrada da porta. Não tinha a certeza do motivo. Este era o meu casebre da lenha, a minha

cabana, a minha cumeeira. Tinha todo o direito de estar aqui. Este homem é que não pertencia aqui. Acho que tive medo de entrar porque não queria estar sozinha com o homem e, possivelmente, cometer adultério. Fora o meu pai a dizer-me que lhe trouxesse uma chávena de chicória, mas adultério era um conceito novo. Não tinha a certeza de como funcionava.

— Tens sede? — Uma pergunta óbvia, mas não sabia o que mais dizer.

O homem abriu um olho. O outro estava fechado do inchaço. O meu pai dizia-me frequentemente que, se eu alguma vez estivesse numa situação em que tivesse de fazer alguém prisioneiro, independentemente do quanto tivesse de lhe bater, deveria sempre certificar-me de que o deixava com um olho bom para que conseguisse ver-me chegar e antecipar o que eu lhe poderia fazer, de forma a não perder a minha vantagem psicológica. Quando o homem me viu de pé à entrada da porta, moveu-se, sobressaltado, para tão longe quanto as algemas lho permitiram, portanto pude comprovar que o que o meu pai dizia era verdade.

— Trouxe-te alguma coisa para beber. — Ajoelhei-me na serradura e levantei a chávena até aos seus lábios, depois saquei o biscoito que escondera no bolso do casaco e parti-o em pedaços e dei-lho. Sentir os seus bigodes nos meus dedos e a sua respiração contra a minha pele fez-me arrepiar. Nunca estivera tão próxima de um homem que não fosse o meu pai. Pensei novamente sobre o adultério e sacudi as migalhas que caíram no peito do homem.

O homem tinha melhor aspeto depois de terminar, embora não muito. Um corte sobre o olho estava a sangrar e o lado esquerdo do rosto estava inchado e roxo onde o meu pai lhe batera. O braço partido esticado sobre a cabeça iria ser um problema. Vira animais morrer por menos.

— A tua mãe está bem? — perguntou.

— Sim, está bem. — Não lhe disse que o braço esquerdo da minha mãe estava partido como o seu. «Um par a combinar», disse o meu pai nessa manhã quando me contou que, na noite anterior, torcera o braço da minha mãe atrás das costas, da mesma forma que fizera ao homem.

— O teu pai é louco. — O homem esticou o queixo para apontar para o casebre da lenha, para as algemas, para a sua falta de roupa.

Não gostei quando disse isto. O homem não conhecia o meu pai. Não tinha o direito de dizer coisas más sobre ele.

— Não devias ter vindo — disse eu friamente. — Devias ter-nos deixado em paz. — Subitamente, tive de saber. — Como é que nos encontraste? — A pergunta não saiu como pretendia. Soava como se eu achasse que estávamos perdidos.

— Estava a conduzir por um trilho com dois amigos e virei no sítio errado. Tínhamos estado a beber — disse ele, como se isso fosse algum tipo de explicação. — Uísque. Cerveja. Não interessa. Conduzi durante muito tempo à procura de uma marca do trilho. Então, vi o fumo da vossa cabana. Não sabia que esta cabana... que a tua mãe...

— O que é que tem a minha mãe? — Não me importava com a gravidade dos ferimentos do homem. Se dissesse que viera até aqui porque estava apaixonado pela minha mãe, iria bater-lhe no braço partido.

— Não sabia que a tua mãe tinha estado aqui este tempo todo. Que, passados todos estes anos, alguém finalmente a tinha encontrado e que o teu pai... — Parou e olhou para mim de forma estranha. — Meu Deus. Não sabes.

— Não sei o quê?

— Que a tua mãe... o teu pai...

— Eu o quê? — perguntou o meu pai.

O homem encolheu-se enquanto a sombra do meu pai enchia a entrada da porta. Fechou o seu olho bom e começou a lamuriar-se.

— Vai para dentro, Helena — disse o meu pai. — A tua mãe precisa de ti.

Agarrei na caneca vazia e pus-me de pé num salto e passei pelo meu pai a correr na direção da cabana. Enxaguei a chávena e coloquei-a no lava-louça seco, depois fiquei de pé à janela da cozinha durante muito tempo, a observar através das ripas do casebre da lenha enquanto o meu pai esmurrava e pontapeava o homem e este gritava e berrava. Indaguei-me sobre o que é que o homem me iria dizer.

Sinto o ombro a latejar. Não faço ideia de qual é a gravidade do meu ferimento. É possível que a bala apenas me tenha arranhado o ombro e que uns pontos resolvam a situação. É igualmente possível que o ferimento seja muito pior. Se a bala atingiu uma artéria, irei esvair-me em sangue. Se atingiu um dos nervos principais, poderei perder a funcionalidade do braço. Por agora, tudo o que sei é que dói. Muito.

Se este fosse o típico disparo acidental, estaria agora nas traseiras de uma ambulância a caminho do hospital enquanto os paramédicos tentavam estabilizar-me, e não sentada no chão com as costas contra uma árvore. As portas abrir-se-iam de rompante quando chegássemos, os auxiliares sairiam a correr e far-me-iam deslizar para o interior. Os médicos tratariam o ferimento, dar-me-iam algo para parar a dor.

Mas este disparo não foi nenhum acidente.

Depois de o meu pai me balear e algemar, arrastou-me pelos ombros até um grande pinheiro-vermelho e puxou-me para cima e apoiou-me contra ele. Nem sequer quero tentar descrever o que senti.

O Rambo desapareceu. Acho que gritei «Casa!» quando o meu pai arremeteu colina acima para me desarmar, mas é difícil saber se efetivamente gritei o comando ou se apenas pensei. Aqueles primeiros segundos depois de o meu pai me ter baleado são uma névoa.

Pestanejo. Obrigo os meus pensamentos a afastarem-se da dor. Tento manter-me concentrada. Que tola fui ao pensar que o meu pai se renderia. Deveria tê-lo matado quando tive oportunidade. Da próxima vez, irei fazê-lo.

O meu pai está sentado no chão com as costas contra um tronco. Tem a minha *Magnum* na mão. A minha faca está pendurada no meu cinto à sua cintura. O meu telemóvel morreu, e não estou a falar da bateria. Depois de o meu pai ter encontrado o *iPhone* que o Stephen me deu no nosso último aniversário de casamento, atirou-o ao ar e deu-lhe um tiro.

O meu pai está descontraído, completamente à vontade, e porque é que não haveria de estar? Tem todos os trunfos, eu não tenho nenhum.

— Não te queria magoar — diz ele. — Tu obrigaste-me.

Típico de um narcisista. O que quer que aconteça, a culpa é sempre da outra pessoa.

— Não te devias ter ido embora — continua quando eu não respondo. — Arruinaste tudo.

Gostaria de assinalar que não tive culpa pela forma como as nossas vidas se desmoronaram. Se o meu pai fosse capaz da mais pequena lógica, dir-lhe-ia que a vida que ele imaginou sempre fora inalcançável, que a sua ilusão de conseguir construir uma vida no pântano de acordo com os seus desejos e preferências terminou no momento em que fui concebida. Fui a fissura na sua armadura, o seu calcanhar de Aquiles. O meu pai educou-me e moldou-me para me tornar numa versão de si próprio, mas, ao fazê-lo, lançou as sementes da sua própria ruína. O meu pai conseguiu controlar a minha mãe. Nunca conseguiu controlar-me a mim.

— Está morta — disse eu. — A mãe.

Não sei porque é que lhe estou a dizer isto. Nem sequer consigo dizer com segurança como é que a minha mãe morreu. O que sei é apenas o que li nos jornais: que morreu inesperadamente aos quarenta e três anos na sua casa. Pareceu-me um local apropriado para ela falecer. Quando vivia com os meus avós, aquelas quatro paredes cor-de-rosa do quarto, pintadas com borboletas e arco-íris e unicórnios, quase me asfixiavam. Sempre que o ruído e a agitação do mundo para lá do pântano se tornavam demasiado

intensos para mim, tinha de ir lá para fora. Desde que conseguisse erguer o olhar e ver o movimento das árvores, ficava bem. A minha mãe era o oposto. Olhando para trás, creio que passava tanto tempo no quarto depois de deixarmos o pântano porque esse fora o último local onde se sentira segura.

O meu pai resfolega.

— A tua mãe foi uma desilusão. Desejei muitas vezes ter levado a outra.

— A outra? — A outra rapariga com que ela estava a brincar naquele dia? Destrói-me por dentro ouvi-lo falar de forma tão desapaixonada do rapto da minha mãe. Penso no dia em que a raptou, como ela acreditou na sua história sobre o cão, como se deve ter sentido aterrorizada quando se apercebeu de que o meu pai queria fazer-lhe mal. Deve ter havido um momento enquanto o estava a ajudar a procurar o cão inexistente em que se apercebeu de que ele não estava a dizer a verdade. *Tenho de ir para casa*, teria dito. Provavelmente mais do que uma vez. *Os meus pais devem andar à minha procura*. Timidamente, estava a pedir autorização, pois nessa época as meninas pequenas não eram ensinadas a ser assertivas como são agora. Talvez o meu pai tenha prometido comprar-lhe um gelado se ela o ajudasse a procurar durante mais algum tempo. Talvez a tenha tentado com um passeio de canoa. O meu pai consegue ser convincente quando isso serve o seu propósito.

O que quer que a minha mãe estivesse a pensar ou a sentir, a partir do momento em que entrou na canoa dele, estava condenada. Ao longo dos primeiros quilómetros para leste de Newberry, o rio Tahquamenon desliza através de bosques de madeiras duras e é relativamente estreito. Talvez a minha mãe tenha pensado em saltar da canoa e nadar até à margem quando se apercebeu de que estava em perigo. Talvez tenha sustido a respiração de cada vez que saíam de uma curva, pensando que passariam por um pescador ou por uma família e que poderia gritar por ajuda. Mas, assim que o rio se abriu para a área pantanosa, deve ter percebido que não tinha hipótese. Para mim, o pântano é lindo, mas, para a minha mãe, as intermináveis gramíneas oscilantes devem ter parecido tão desoladoras quanto a lua. Ter-se-á apercebido nessa altura de que não *existia* nenhum cão? De que o meu pai a enganara? De que jamais voltaria a ver a sua amiga, a sua casa, o seu quarto, a sua roupa, os seus brinquedos, livros e filmes nem os seus pais? Terá chorado? Gritado? Resistido? Ou terá deslizado para aquele estado de fuga dissociativa que foi o seu refúgio ao longo dos catorze anos seguintes? A minha mãe nunca partilhou os pormenores desse dia, portanto só posso fazer suposições.

— Planeaste isto desde o início — digo, à medida que começo a entender. — Atacaste os guardas no Troço de Seney porque sabias que viria à tua procura se fugisses perto da minha casa. Fizeste-me refém porque queres que te leve de carro até ao Canadá e te deixe lá. — Obviamente há a questão dos quatro pneus furados da minha carrinha, mas tenho a certeza de que o meu pai planeou uma forma de contornar isso.

Ele sorri. É o mesmo sorriso que costumava fazer quando me estava a ensinar a rastrear. Não quando eu acertava. Quando eu errava.

— Quase. Não me vais deixar na fronteira, *Bangii-Agawaateyaa*. Tu vens comigo. Vamos ser uma família. Tu. Eu. As tuas filhas.

O tempo abranda enquanto assimilo as suas palavras. O meu pai tem de saber que nunca irei buscar as minhas filhas e fugir com ele voluntariamente, quer eu seja ou não seja fisicamente capaz de formar palavras e frases para lhe dizer. Morrerei antes disso, e de bom grado. Não acredito que o quis voltar a ver. Que alguma vez amei este homem. Um homem que mata tão facilmente como respira. Que pensa que, simplesmente porque quer uma coisa, deve tê-la. A minha mãe. A nossa cabana. *As minhas filhas*.

— Sim, as tuas filhas — diz ele, como se conseguisse ver diretamente o interior da minha cabeça. — Naturalmente não achaste que partiríamos sem elas?

Partiríamos? *Nós*? Mas não existe nenhum nós. Isto é totalmente sobre ele. Sempre foi. Penso em como

a minha mãe e eu fazíamos tudo segundo as preferências do meu pai sem nos apercebermos de que era isso que estávamos a fazer: a comer o que e quando ele dizia que podíamos comer; a vestir o que ele ordenava; a levantar-nos e a deitar-nos à hora que ele decretava. Nunca sujeitarei a Mari e a Iris a esse tipo de controlo. E o Stephen? Onde é que o meu pai pensa que o meu marido vai ficar no meio disto tudo? O Stephen iria até ao fim do mundo para encontrar as filhas. Qualquer progenitor normal o faria. Não há qualquer outra forma de isto terminar senão terrivelmente.

Depois, há o facto de o meu pai saber que tenho duas filhas. Está preso há treze anos e não tivemos qualquer contacto durante esse período. Não sou um desses pais que fazem crónicas da vida dos seus filhos *online* e, mesmo que o fizesse, os presidiários não têm acesso à Internet. Sou discreta, não faço nada que me exponha à opinião pública por motivos que nesta altura devem ser óbvios para qualquer pessoa que conheça a minha história. Ganho a vida a vender compota e geleia caseiras, pelo amor de Deus. E, contudo, de alguma forma, o meu pai sabe da minha família.

Ou não saberá?

— O que é que te leva a pensar que tenho filhos?

O meu pai mete a mão no bolso do casaco do homem morto e saca uma cópia usada da revista *Traverse*. Reconheço a capa. O meu coração desaba. Ele atira a revista para os meus pés. A revista abre-se na fotografia de mim, do Stephen e das miúdas, de pé diante do velho ácer marcado por um relâmpago que se ergue junto do caminho de acesso à nossa casa. A árvore é singular, principalmente quando se encontra junto do caminho de acesso à casa onde se cresceu. O artigo não nomeia as minhas filhas, não é necessário. A fotografia disse ao meu pai tudo o que ele precisava de saber.

O Stephen ficou tão orgulhoso com a publicação do artigo. Organizou a entrevista há uns dois anos, depois de a economia entrar em colapso e os preços do combustível subirem e o turismo decair e as vendas das compotas se tornarem fracas. Ver o meu nome e fotografia numa revista era praticamente a última coisa que eu queria, mas não consegui pensar num motivo para dizer que não ao Stephen sem lhe contar a verdade. Ele disse que a publicidade iria impulsionar as minhas vendas *online*, e tinha razão quanto a isso: depois da publicação do artigo comecei a receber encomendas de naturais do Michigan residentes em locais tão distantes como a Flórida ou a Califórnia.

Pensei sinceramente que, se apagasse o meu rasto suficientemente bem, o artigo não seria um problema. Talvez isto soe ingénuo, mas é mais fácil do que possam pensar reinventarmo-nos na Península Superior. As cidades podem ficar a uma distância de apenas cinquenta a oitenta quilómetros umas das outras, mas cada uma delas é um mundo à parte. As pessoas são reservadas, não só porque os habitantes da Península Superior são naturalmente independentes e autossuficientes, mas porque têm de o ser. Quando temos de conduzir oitenta quilómetros para ir a um *Kmart* ou ao cinema, aprendemos a estar satisfeitos com o que temos à nossa volta.

Toda a gente sabia da existência do Rei do Pântano e da sua filha. Mas, quando me mudei de Newberry para Grand Marais, não me parecia nada com a criança selvagem de doze anos que saíra nas fotografias dos jornais. Crescera, cortara o cabelo, pintara-o de louro, mudara de apelido. Até usava maquilhagem em público para ocultar as minhas tatuagens. Tanto quanto toda a gente sabia, eu era apenas a mulher que comprara a velha casa dos Holbrook, e eu não tinha nenhum problema com isso.

Se tivesse pensado que, um dia, uma cópia da revista iria parar à biblioteca da prisão e à cela do meu pai, nunca teria concordado em fazer a reportagem. Na fotografia, os rostos das minhas filhas estão esbatidos. Quantas vezes o meu pai terá passado os dedos sobre as fotografias delas enquanto conspirava e sonhava? A ideia de ele se fazer passar por um avô dedicado para com as minhas filhas... brincar com elas, fazer-lhes cócegas, contar-lhes histórias... simplesmente não é concebível para mim.

— Conta-me, as tuas filhas ajudam-te a fazer geleia e compota? — Inclina-se para mais perto de mim e

pressiona a *Magnum* contra o meu peito. Consigo sentir o cheiro do *bacon* que o homem morto estava a cozinhar para o pequeno-almoço no hálito do meu pai. — Pensaste que te podias esconder de mim? Mudar de nome? Negares que sou teu pai? Estás a viver na minha *terra*, Helena. Achaste mesmo que não te iria encontrar?

— Não lhes faças mal. Faço tudo o que quiseres, desde que não envolva a minha família.

— Não estás em posição de fazer exigências, Pequena Sombra.

Não há nenhuma calidez quando profere a alcunha carinhosa, nenhum brilho no olhar. Talvez o charme que recordo da minha infância tenha sido aniquilado pelos anos na prisão. Talvez nunca tenha existido. As memórias podem ser traiçoeiras, principalmente as da infância. A Iris conta uma história com absoluta convicção sobre algo que acha que aconteceu, embora eu saiba que não é verdade. Talvez o homem que recordo nunca tenha existido. Talvez as coisas que julgo que aconteceram nunca tenham ocorrido.

— Não vais conseguir sair impune disto — não consigo evitar dizer.

Ele ri-se. Não é um som agradável.

— É possível uma pessoa sair impune de qualquer coisa. Tu, mais do que ninguém, devias saber disso.

Retrocedo na minha mente até ao meu último dia no pântano. Temo que seja verdade.

Ele brande a *Magnum* na direção da minha casa e levanta-se.

— Está na hora de irmos andando.

Empurro o corpo para me pôr de pé, usando a árvore para me equilibrar. Começo a caminhar. Pai e filha, juntos novamente.

A CABANA

Mas havia uma altura do dia que refreava Helga. Era o crepúsculo vespertino; quando essa hora chegava, tornava-se tranquila e atenciosa, e permitia que a aconselhassem e conduzissem; então, também, um sentimento secreto parecia atraí-la para a sua mãe.

A esposa do Viking colocava-a no colo e esquecia a sua forma horrenda enquanto olhava para os seus olhos tristes.

— Poderia desejar que permanecêsseis sempre a minha filha-sapo muda, pois sois demasiado terrível quando estais vestida em forma de beleza. Nem por uma vez, para o meu senhor e marido, uma palavra atravessou os meus lábios sobre o que tenho de sofrer por causa de vós; o meu coração está cheio de dor por vós.

Então a miserável forma tremeu; foi como se as palavras tivessem tocado num laço invisível entre corpo e alma, pois grandes lágrimas lhe repousavam nos olhos.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

Pensei no homem no casebre da lenha todo o resto daquele dia. Indaguei-me sobre o que é que me iria dizer sobre o meu pai e a minha mãe que eu não sabia. Deveria ser importante, pois o meu pai espancara o homem por quase mo ter revelado. Quis esgueirar-me até ao casebre da lenha muitas vezes para lhe perguntar, mas o meu pai manteve-se próximo da cabana, a transportar água e a cortar lenha e a afiar a sua motosserra, portanto não consegui.

Passei todo o dia dentro da cabana. Foi sem dúvida o dia mais longo, mais monótono, menos emocionante e mais aborrecido da minha vida. Pior do que o dia em que o meu pai me fez ajudar a minha mãe a fazer geleia. Não queria cuidar da minha mãe, embora lamentasse o seu braço partido. Queria correr pela linha de armadilhas, examinar os nossos buracos de pesca no gelo, acompanhar o meu pai quando fosse matar o nosso veado da primavera, embora estivesse chateada com ele por partir o braço da minha mãe: qualquer coisa exceto ficar na cabana. Parecia que estava a ser castigada, e não fizera nada de errado.

Ainda assim, fiz tudo o que o meu pai e a minha mãe me disseram, e fi-lo alegremente e sem reclamar, na esperança de que isto fizesse toda a gente ficar novamente feliz e de que as coisas voltassem ao normal. Lavei a louça, varri o chão, cortei um naco congelado de carne de veado em pedaços com a machadinha e pu-lo no fogão a cozer como a minha mãe me indicou. Levei-lhe uma chávena de chá de milefólio sempre que pediu e levei-lhe uma tigela de sobras de sopa de coelho para o almoço. Ajudei-a a sentar-se direita para beber e comer e fui buscar um recipiente à cozinha para ela urinar e esvaziei o recipiente na casa de banho exterior quando ela acabou. O meu pai disse que o chá de milefólio ajudaria a estancar a hemorragia, embora não parecesse estar a funcionar. A faixa que ele lhe fez para o braço partido com um dos nossos panos da cozinha estava manchada e com crostas. Os lençóis também. Tê-los-

ia lavado se conseguisse.

Sinceramente, não me apercebera de quanto trabalho ela fazia até ter de fazer tudo sozinha. Estava de pé num banquinho de apoio, debruçada sobre o fogão a lenha, a tentar decidir se a carne de veado que estava a preparar para o jantar estava pronta para comer («Espeta um garfo na carne e faz de conta que o garfo é uma extensão dos teus dentes», disse a minha mãe quando lhe perguntei como é que era suposto saber quando é que a carne estava cozinhada), quando o meu pai abriu a porta das traseiras e enfiou a cabeça no interior.

— Anda — disse ele.

Desloquei a panela para o fundo do fogão e vesti, satisfeita, o equipamento de inverno. Era quase de noite. O dia estivera solarengo e claro, mas agora as nuvens estavam a acumular-se e a temperatura a descer e o vento a aumentar como se fosse nevar. Sentia-me como um prisioneiro libertado da prisão, ou um animal do jardim zoológico libertado na natureza depois de uma vida inteira em cativeiro. Enquanto seguia o meu pai através do quintal, tive vontade de saltitar mas, para evitá-lo, o máximo que podia fazer era inspirar profundamente o ar gelado.

O meu pai levava na mão a sua faca preferida, uma *KA-BAR* de dezoito centímetros com lâmina de aço-carbono e um cabo envolto em couro, como as que os Marines norte-americanos usavam durante a Segunda Guerra Mundial, embora ele tivesse arranjado a sua quando estava no Exército. A *KA-BAR* é uma excelente faca de combate, útil para abrir latas e cavar trincheiras e cortar madeira ou arame ou cabo, bem como para lutar corpo a corpo, embora eu preferisse a minha *Bowie*.

Então, vi que estávamos a ir para o casebre da lenha. As cicatrizes no meu antebraço arrepiaram-se. Não sabia o que é que o meu pai estava a planear fazer ao homem, mas conseguia supor.

Quando entrámos, o homem recuou, sobressaltado, para tão longe quanto as algemas lho permitiram. O meu pai agachou-se sobre os tornozelos diante do homem e atirou a sua faca de uma mão para a outra, deixando o homem observá-lo durante muito tempo enquanto sorria, como se soubesse o que ia fazer mas não conseguisse decidir por onde começar. Fitou o rosto do homem demoradamente, depois deixou o olhar deslizar lentamente pelo peito do homem até à virilha. Parecia que o homem ia vomitar. Até eu me senti enjoada.

Subitamente, o meu pai agarrou na camisola do homem e enfiou a faca através do tecido. Rasgou a camisola do pescoço até à cintura, depois tocou no peito do homem com a ponta da faca. O homem guinchou de medo. O meu pai pressionou com mais força. A faca perfurou a pele. O homem uivou. Quando o meu pai começou a cortar letras no peito do homem, o homem gritou.

O meu pai trabalhou nas tatuagens do homem durante muito tempo. Foi assim que o meu pai lhes chamou, embora as palavras cortadas no seu peito não me parecessem muito tatuagens.

O meu pai parou quando o homem desmaiou. Levantou-se e dirigiu-se para o exterior e limpou as mãos e a faca na neve. Enquanto caminhávamos de volta para a cabana, senti a cabeça atordoada e os joelhos fracos.

Quando contei à minha mãe acerca das tatuagens do homem, ela levantou a blusa e mostrou-me as palavras que o meu pai escrevera nela: *Vadia. Puta*. Não sabia o que é que as palavras significavam, mas ela disse que eram más.

Na manhã seguinte o meu pai foi para o pântano para matar o nosso veado da primavera sem antes torturar o homem no casebre da lenha. Disse que precisávamos da carne mais do que nunca, agora que tínhamos mais uma boca para alimentar. Mas o meu pai não lhe dava nada para comer. Para além disso, tínhamos vegetais suficientes no armazém subterrâneo para durarem até ao regresso dos patos e dos

gansos, para além das latas e outras provisões alimentares que havia na arrecadação.

Pensei que o meu pai estava apenas a fingir ir caçar, que na verdade estava escondido nalgum local próximo para me vigiar e ver se eu fazia o que ele me ordenara quando ele não estava. Era responsável pelo homem enquanto ele estava fora. Era suposto dar-lhe uma chávena de chicória quente de manhã e outra à noite, e mais nada. Não conseguia entender como é que ele conseguiria sobreviver só a chicória. O meu pai disse que era esse o objetivo.

O meu pai chamava ao homem *O Caçador*, embora eu soubesse que o seu nome era John. A minha mãe disse-me que o apelido do Caçador se escrevia como se pronunciava, *Lauk-ka-nen*, com todas as sílabas acentuadas da mesma forma. Tive de dizer duas vezes antes de acertar. Ela disse que os apelidos finlandeses poderiam parecer difíceis de pronunciar devido a todas as consoantes e vogais duplas, mas na verdade não eram. Ao contrário do inglês, onde algumas letras são mudas, como o *b* em *dumb*[19] ou o *w* em *sword*[20], o finlandês escreve-se quase exatamente como se fala.

A minha mãe disse que ela e o Caçador tinham crescido na mesma cidade, num lugar chamado Newberry, e que ela andava na escola com o seu irmão mais novo antes de o meu pai a ter trazido para o pântano. Disse que tivera uma grande queda pelo irmão mais novo do Caçador, embora nunca lho tivesse dito. Pensei no rapaz na revista *Teen* com três nomes, Neil Patrick Harris, por quem a minha mãe também queria cair. Parecia uma coisa estranha para se fazer por uma pessoa.

A minha mãe disse-me que o seu apelido era Harju, que também era finlandês, algo que eu não sabia. Disse que os seus avós se tinham mudado da Finlândia para o Michigan pouco depois de casarem para trabalharem nas minas de cobre. Sabia pelos mapas das *Geographics* que a Finlândia era por vezes incluída como parte da Escandinávia, juntamente com a Dinamarca, a Suécia e a Noruega, e que os escandinavos descendiam dos Vikings. Isto significava que a minha mãe era Viking, e eu também, o que me deixou muito feliz.

Não me conseguia lembrar da última vez que a minha mãe falara tanto. Agora sabia o seu apelido, embora, subitamente, me tivesse apercebido de que não sabia o meu. Talvez não tivesse nenhum, em cujo caso decidi que queria ser chamada «Helena, a Valente». Sabia que a minha mãe era Viking e que eu também era Viking. Teria gostado de saber mais, mas a minha mãe disse que estava cansada de falar e fechou os olhos.

Vesti o casaco e fui para o casebre da lenha. Esperava que o Caçador me contasse mais sobre a cidade onde ele e a minha mãe tinham crescido. Interrogava-me sobre se lá viveriam outros Vikings. Também me interrogava sobre o que é que eu não sabia acerca da minha mãe e do meu pai.

O casebre da lenha cheirava muito mal. Os cortes no peito de o Caçador estavam inchados e vermelhos. O seu peito estava besuntado de castanho, como se o meu pai tivesse enchido as tatuagens do Caçador com excremento em vez de fuligem.

— Ajuda-me — sussurrou o Caçador. Inicialmente, pensei que estava a sussurrar por temer que o meu pai ouvisse. Então, vi a contusão escura na sua garganta. Percebia agora porque é que ontem à noite o Caçador parara subitamente de gritar. — Por favor. Preciso de sair daqui. Vai buscar a chave das algemas. Ajuda-me.

Abanei a cabeça. Não gostava do que o meu pai estava a fazer ao Caçador, mas também sabia o que me faria se ajudasse o Caçador a fugir.

— Não posso. O meu pai tem a chave. Leva sempre a chave com ele no porta-chaves.

— Então corta a argola e tira-a da viga. Serra a viga com a motosserra do teu pai. Tem de haver alguma coisa que possas fazer. *Por favor*. Tens de me ajudar. Eu tenho família.

Abanei novamente a cabeça. O Caçador não fazia ideia daquilo que estava a pedir. Não podia soltar a argola, mesmo que quisesse. A argola de ferro e o poste onde estava presa eram muito fortes. O meu pai

dizia que as pessoas que construíram a cabana tinham feito a argola e o poste desta forma para poderem amarrar o seu touro dentro do casebre da lenha e que, nessa época, o casebre da lenha estava cheio de palha em vez de madeira. Quando lhe perguntei se isso significava que o nosso casebre da lenha antigamente era um casebre do touro ou um casebre da palha, riu-se. E, embora tivesse observado o meu pai a usar a motosserra muitas vezes, nunca a usara.

— Helena, o teu pai é um homem mau. Devia estar na prisão pelo que fez.

— O que é que ele fez?

O Caçador olhou de soslaio na direção da porta e estremeceu como se temesse que o meu pai ouvisse, o que era ridículo porque havia grandes frinchas nas ripas e, se o meu pai estivesse escondido no exterior a ouvir, tê-lo-íamos visto. Olhou para mim durante muito tempo.

— Quando a tua mãe era menina — começou finalmente —, sensivelmente da mesma idade que tu, o teu pai levou-a. Roubou-a à família e trouxe-a para aqui, embora ela não quisesse vir. Raptou-a. Entendes o que significa rapto?

Assenti com a cabeça. Os Yanonami raptavam frequentemente meninas e mulheres de outras tribos para serem suas esposas.

— As pessoas procuraram-na por todo o lado. Continuam a procurá-la. A tua mãe quer voltar para a família dela. E o teu pai devia estar na prisão pelo que fez. Por favor. Tens de me ajudar a fugir. Se fizeres isso, prometo que, quando me for embora, levo-te a ti e à tua mãe na mota de neve comigo.

Não sabia o que dizer. Não gostei que o Caçador tivesse dito que o meu pai devia estar na prisão, como em Alcatraz ou na Bastilha ou na Ilha do Diabo ou na Torre de Londres. Também não entendia porque é que ele parecia achar que o rapto era uma coisa errada. Como é que era suposto um homem arranjar uma esposa se não fosse assim?

— Pergunta à tua mãe se não acreditas em mim — disse, enquanto eu me erguia e começava a caminhar de volta para a cabana. — Ela vai dizer-te que estou a dizer a verdade.

Preparei uma chávena de chá de milefólio para a minha mãe e levei-lha ao quarto. Enquanto ela bebia, contei-lhe tudo o que o Caçador dissera. Quando terminei, ficou em silêncio durante tanto tempo que pensei que adormecera. Finalmente, assenti com a cabeça.

— É verdade. O teu pai raptou-me quando era menina. Estava a brincar com a minha amiga na casa abandonada do chefe da estação junto à linha do comboio quando o teu pai nos encontrou. Disse que tinha perdido o cão e perguntou se tínhamos visto um *Cockapoo* castanho pequenino por ali. Quando lhe dissemos que não, perguntou se o podíamos ajudar a procurar. Mas era um embuste. O teu pai conduziu-me até ao rio. Meteu-me na canoa dele e trouxe-me para a cabana e acorrentou-me no casebre da lenha. Quando chorava, batia-me. Quando lhe implorava que me deixasse ir embora, deixava de me dar comida. Quando mais lutava, pior se tornava, portanto, passado algum tempo, comecei a fazer tudo o que ele mandava. Não sabia o que mais fazer.

Puxou um canto do cobertor e limpou os olhos.

— O teu pai é um homem mau, Helena. Tentou afogar-me. Meteu-te no poço. Partiu o braço do John e o meu. *Raptou-me*.

— Mas os Yanomami levam mulheres das outras tribos para serem suas esposas. Não percebo porque é que raptar é errado.

— Como é que te sentirias se alguém viesse à nossa cabana e te levasse sem te perguntar se querias ir? E se isso significasse que nunca mais poderias voltar a caçar e pescar nem a passear pelo pântano? Se alguém te fizesse isso, o que é que tu farias?

— Matava-os — disse sem hesitar. E percebi.

Quando o meu pai regressou do pântano nessa tarde, assegurei-me de que estava ocupada na cozinha para não ter de o ver espancar e torturar o Caçador. No entanto, ainda assim, consegui ouvi-lo a gritar e berrar.

— Ele vai matar-me — disse o Caçador muito mais tarde, quando lhe levei a chicória da noite. Tinha o rosto tão pisado e inchado que quase não conseguia falar. — Leva a mota de neve. Amanhã, assim que o teu pai sair. Leva a tua mãe. Manda alguém para me vir buscar.

— Não posso. O meu pai tem a chave da mota de neve.

— Há uma chave extra no compartimento da parte de trás. Numa caixa metálica, presa no topo. A mota de neve não é difícil de conduzir. Eu ensino-te. Por favor. Vai buscar ajuda. Antes que seja tarde demais.

— Está bem — disse eu, não pelo facto de o Caçador querer que eu o fizesse, nem por acreditar que o meu pai era um homem mau que devia estar na prisão como a minha mãe e o Caçador diziam, mas porque o Caçador iria morrer se não o fizesse.

Sentei-me de pernas cruzadas na serradura e ouvi atentamente enquanto ele me dizia tudo o que eu precisava de saber. Demorou muito tempo. O Caçador estava com muitas dores. Acho que o meu pai lhe partira o maxilar.

Os dois dias seguintes seguiram um padrão. Preparei o pequeno-almoço para mim e para o meu pai. Passei o resto do dia a transportar água e a manter o lume aceso e a cozinhar e a limpar enquanto o meu pai deambulava pelo pântano. Fingi que estava tudo como devia estar. Que a minha mãe e o Caçador não estavam a morrer, que o meu pai não era um homem mau. Tentei concentrar-me nas coisas boas que recordava de quando era pequena, como o modo como o meu pai me deu as tábuas e os pregos de que precisava para construir o meu redil para patos, embora seguramente soubesse que os patos selvagens não podem ser mantidos em cativeiro como as galinhas; como me chamava Helga, *a Destemida*, como eu lhe pedira depois de ler o artigo sobre os Vikings; a forma como me carregava aos ombros quando era pequena enquanto vagueávamos pelo pântano.

Na terceira manhã, o Cousteau e a Calypso convocaram uma *powwow*^[21]. A minha mãe estava no quarto. O Caçador estava no casebre da lenha. O Rambo estava no barracão. O meu pai estava no pântano. Nós os três estávamos sentados à índio na sala de estar sobre o meu tapete de pele de urso.

— Tens de te ir embora — disse o Cousteau.

— Já — acrescentou a Calypso. — Antes que o teu pai volte.

Não tinha tanta certeza. Se partisse sem a autorização do meu pai, jamais poderia regressar.

— E a minha mãe? — perguntei, pensando no seu braço partido e em como tinha de a ajudar a sentar-se direita para comer e beber. — Ela não consegue andar na mota de neve. Não vai conseguir segurar-se.

— A tua mãe pode sentar-se à tua frente — disse a Calypso. — Podes pôr os braços à volta dela para chegar ao guiador e mantê-la direita enquanto conduzes.

— E o Caçador?

O Cousteau e a Calypso abanaram a cabeça.

— Está demasiado fraco para se sentar atrás de ti — disse o Cousteau.

— Tem o braço partido — acrescentou a Calypso.

— Não quero deixá-lo aqui. Vocês sabem o que é que o meu pai vai fazer se regressar e o Caçador estiver aqui e a minha mãe e eu tivermos desaparecido.

— O Caçador quer que te vás embora — disse a Calypso. — Ele próprio disse isso. Se não quisesse que te fosses embora, não te teria dito como conduzir a mota de neve.

— E o Rambo?

— O Rambo pode correr atrás. Mas tens de ir. Já. Hoje. Antes que o teu pai regresse.

Mordi o lábio. Não percebia porque é que era tão difícil decidir-me. Sabia que a minha mãe e o Caçador não conseguiriam viver muito mais tempo. Vira suficientes mortes de animais para conhecer os sinais. Se eu e a minha mãe não deixássemos o pântano hoje, muito provavelmente, ela jamais o faria.

O Cousteau e a Calypso disseram que sabiam uma história que me ajudaria a decidir. Disseram que, quando eu era muito pequena, a minha mãe me contava esta história. A história chamava-se um conto de fadas. Isto significava que, embora a história não fosse real, tinha uma moral, como as lendas índias do meu pai. Disseram que a minha mãe adorava contos de fadas quando era criança. Tinha um livro de histórias escrito por um homem chamado Hans Christian Andersen, e outro por dois homens que se autodenominavam os Irmãos Grimm. Disseram que a minha mãe me contava estes contos de fadas quando eu era bebé. O seu preferido chamava-se *A filha do rei do pântano* porque a recordava de si própria.

A história era sobre uma linda princesa egípcia e um ogre terrível chamado O Rei do Pântano e a sua filha, que se chamava Helga, que era eu. Quando a Helga era bebé, uma cegonha encontrou-a a dormir num nenúfar e levou-a para o castelo do Viking porque a esposa do Viking não tinha filhos e sempre quisera um bebé. A esposa do Viking amava a pequena Helga, embora, durante o dia, ela fosse uma criança selvagem e difícil. A Helga amava o pai adotivo e amava a vida Viking. Podia disparar setas e andar a cavalo e era tão habilidosa com a sua faca como qualquer homem.

— Como eu.

— Como tu.

Durante o dia, a Helga era bela como a sua mãe, mas tinha uma natureza malvada e selvagem como o seu verdadeiro pai. Porém, à noite, era doce e gentil como a mãe, embora o corpo assumisse a forma de um horrível sapo.

— Não acho os sapos horríveis — disse eu.

— A questão não é essa — disse o Cousteau. — Ouve só.

Contaram-me como a filha do Rei do Pântano teve problemas com a sua natureza dual; como, por vezes, queria fazer o que estava certo, e, outras vezes, não queria.

— Mas como é que ela sabe qual é a sua verdadeira natureza? — perguntei. — Como é que ela sabe se tem um coração bom ou mau?

— Tem um coração bom — disse a Calypso com convicção. — Ela prova isso quando salva o padre que o seu pai capturou.

— Como é que ela faz isso?

— Ouve só. — A Calypso fechou os olhos.

Isso queria dizer que ia contar uma história longa. O meu pai fazia a mesma coisa. Dizia que fechar os olhos o ajudava a lembrar-se das palavras porque, nesse momento, conseguia ver a história na sua cabeça.

— Certo dia, o Viking regressou a casa de uma longa viagem trazendo consigo um prisioneiro, um padre cristão — começou a Calypso. — Meteu o padre no calabouço para o sacrificar em honra dos deuses Vikings no dia seguinte, na floresta. Nessa noite, o enrugado sapo repousava num canto sozinho. Um profundo silêncio reinava a toda a volta. De vez em quando, ouvia-se um suspiro abafado proveniente do mais profundo da sua alma: a alma da Helga. Parecia estar a sofrer, como se uma nova vida estivesse a nascer no seu coração.

— Deu um passo em frente e escutou, depois avançou novamente e agarrou com as mãos desajeitadas

na pesada tranca que atravessava a porta. Suavemente, e com muita dificuldade, retirou o ferrolho de ferro da porta fechada da cave e esgueirou-se para junto do prisioneiro. Ele estava a dormir. Ela tocou-lhe com a mão fria e húmida e, quando ele acordou e vislumbrou aquela forma horrível, estremeceu como se tivesse visto uma aparição malévola. Ela puxou a sua faca, cortou as amarras que lhe confinavam pés e mãos e fez-lhe sinal para que a seguisse.

A história era-me familiar. Eles disseram-me que, antigamente, conhecia esta história. Se assim era, tinha-a esquecido.

— Não te lembras mesmo? — perguntou a Calypso.

Abanei a cabeça. Não percebia porque é que eles se lembravam da história da minha mãe e eu não.

— O sapo enrugado conduziu o padre através uma galeria comprida, oculta por cortinas, até aos estábulos, e apontou para um cavalo. O padre subiu para o cavalo e ela também saltou para a sua frente e agarrou-se firmemente à crina do animal. Cavalgaram para lá da densa floresta, atravessaram a charneca e voltaram a entrar num bosque sem caminho. O prisioneiro esqueceu a sua forma horrível, sabendo que a misericórdia de Deus operava através dos espíritos da escuridão. Rezou e cantou canções sagradas, o que a fez tremer. Ela levantou-se e quis parar e saltar do cavalo, mas o padre cristão agarrou-a firmemente com toda a sua força e depois cantou uma canção de devoção, como se isto pudesse libertá-la do feitiço malvado que a fizera assumir a aparência de um sapo.

A Calypso tinha razão. Realmente eu *ouvira* esta história antes. Memórias que não sabia que possuía rodopiaram em remoinho, como a ondulação de um lago nas margens da minha consciência, e tornaram-se nítidas. A minha mãe a cantar para mim quando era bebé, a sussurrar-me, a embalar-me nos braços. A beijar-me. A abraçar-me. A contar-me histórias.

— Deixa-me contar a próxima parte — disse o Cousteau. — A próxima parte é a minha preferida.

A Calypso assentiu com a cabeça.

Gostava do facto de o Cousteau e a Calypso nunca discordarem.

— O cavalo continuou a galopar de forma mais selvagem do que antes — começou o Cousteau, a abanar os braços com grande entusiasmo para indicar como o cavalo corria. Os seus olhos brilhavam e dançavam. Os seus olhos eram castanhos como os meus, embora o cabelo fosse amarelo como o da minha mãe, enquanto o cabelo da Calypso era castanho e os olhos azuis.

— O céu pintou-se de vermelho, o primeiro raio de sol atravessou as nuvens e, perante a inundação brilhante de luz do sol, o sapo transformou-se. Era a Helga novamente, jovem e bela, mas com um espírito malvado demoníaco. O padre tinha agora nos braços uma jovem e bela mulher, e a visão horrorizou-o. O padre parou o cavalo e saltou do seu dorso. Pensou que se tratava de um novo feitiço. Mas a Helga também saltou do cavalo e ficou de pé no chão. A pequena roupa da criança chegava-lhe apenas ao joelho. A Helga puxou bruscamente a faca afiada do seu cinto e lançou-se como um relâmpago sobre o atónito padre. «Deixai-me chegar a vós!», gritou. «Deixai-me chegar a vós, que enfiarei esta faca no vosso corpo. Vós sois pálido como cinzas, escravo imberbe». Pulou para cima dele. Lutaram um contra o outro num intenso combate, mas era como se um poder invisível tivesse sido concedido ao cristão na luta. Ele agarrou-a firmemente e o velho carvalho sob o qual se encontravam pareceu ajudá-lo, pois as raízes soltas no chão ficaram enredadas nos pés da donzela e seguraram-nos firmemente. Então, ele falou com ela com palavras gentis acerca do ato de amor que ela fizera por ele durante a noite, quando lhe aparecera na forma de um sapo horrendo para soltar as suas amarras e o conduzir de volta à vida e à luz; e disse-lhe que ela estava presa por grilhões mais apertados do que ele estivera e que também poderia recuperar a vida e a luz através dele. Ela baixou os braços e olhou de soslaio para ele com maçãs do rosto pálidas e expressão de estupefação.

Eu também estava estupefacta. Esta história não era nada como aquelas que o meu pai contava.

— A Helga e o padre cavalgaram para lá da floresta densa, atravessaram a charneca e voltaram a entrar numa floresta sem caminho — continuou o Cousteau. — Aqui, quase ao anoitecer, depararam-se com ladrões. «Onde roubastes vós essa bela donzela?» gritaram os ladrões, agarrando no cavalo pelas rédeas e puxando os dois cavaleiros do seu dorso. O padre nada tinha para se defender senão a faca que tirara à Helga, e com esta atacou-os à direita e à esquerda. Um dos ladrões ergueu o seu machado contra ele, mas o jovem padre desviou-se com um salto e evitou o golpe, que caiu com grande força no pescoço do cavalo, de tal forma que o sangue irrompeu e o animal desabou no chão. Então a Helga pareceu subitamente despertar do seu longo e profundo devaneio; atirou-se prontamente sobre o animal moribundo. O padre colocou-se diante dela para a defender e escudar, mas um dos ladrões fez descer o machado de ferro com tamanha força sobre a cabeça do cristão que esta ficou desfeita em pedaços. Sangue e miolos espalharam-se em redor, e ele tombou morto no chão.

— Então os ladrões agarraram na bela Helga pelos braços brancos e a cintura esguia, mas, nesse momento, o sol pôs-se e, quando o seu último raio desapareceu, ela transformou-se num sapo. Uma boca branca esverdeada espraizou-se pelo seu rosto; os braços tornaram-se finos e viscosos, enquanto grandes mãos com dedos unidos por membranas se estendiam como leques. Os ladrões, aterrorizados, soltaram-na, e ela ficou de pé no meio deles, um monstro horrível.

— Os sapos não são...

A Calypso pôs um dedo sobre os lábios.

— A lua cheia já subira — continuou o Cousteau — e brilhava em todo o seu radiante esplendor sobre a Terra, quando, do matagal, em forma de sapo, saiu a rastejar a pobre Helga. Ficou de pé, imóvel, junto ao cadáver do padre cristão e à carcaça do cavalo morto. Olhou para eles com olhos que pareciam chorar e da cabeça do sapo saiu um coaxar, como quando uma criança irrompe em lágrimas.

— Portanto estás a ver, a sua natureza má é forte — disse a Calypso —, mas a sua natureza boa é mais forte. É isto que a história ensina. Vais deixar a tua natureza boa vencer? Vais levar a tua mãe para longe daqui?

Assenti com a cabeça. As minhas pernas estavam rígidas de estar sentada. Levantámo-nos e esticámo-nos e fomos para a cozinha para ir buscar o casaco da minha mãe que estava no cabide junto à porta, bem como as suas botas, chapéu e luvas.

— Vamo-nos embora? — perguntou a minha mãe enquanto eu pousava os agasalhos na cama.

— Vamos — disse-lhe. A Calypso pôs o braço atrás dos ombros da minha mãe e ajudou-a a sentar-se direita. O Cousteau moveu as suas pernas para o lado da cama. Eu ajoelhei-me no chão e calcei-lhe as botas, depois enfiei o braço bom na manga do casaco e apertei-o, puxando o fecho sobre a faixa.

— Consegues pôr-te de pé?

— Vou tentar. — Pôs a mão direita na cama e empurrou. Não aconteceu nada. Coloquei o seu braço em redor do meu pescoço e pus o meu outro braço à volta da sua cintura e puxei-a para que se pusesse de pé. Ela vacilou, mas ficou de pé.

— Temos de nos despachar — disse eu.

O meu pai só regressaria várias horas depois, se não matasse um veado hoje. Voltaria muito mais cedo se o fizesse.

Ajudei a minha mãe a chegar à cozinha. Estava tão fraca que não sabia como iríamos conseguir pô-la na mota de neve, embora não lhe tenha dito isso.

— Desculpa, Helena — disse ela entre estertores. Tinha o rosto lívido. — Tenho de me sentar. É só um minuto.

Queria dizer-lhe que poderia descansar depois de estar na mota de neve, que o meu pai poderia estar a caminho de casa nesse momento, que cada minuto que perdêssemos poderia fazer toda a diferença, mas

não quis assustá-la. Puxei uma cadeira.

— Fica aqui. Eu volto já. — Como se ela conseguisse ir a algum lado sem nós.

Eu, o Cousteau e a Calypso pusemo-nos de pé no alpendre e olhámos para lá do quintal. Não havia sinal do meu pai.

— Percebes? — perguntou o Cousteau enquanto descíamos os degraus do alpendre e atravessávamos o quintal até ao casebre da lenha. — Sabes o que tens de fazer? O padre sacrificou-se para que a Helga se pudesse salvar.

— Tens de te salvar a ti e à tua mãe — disse a Calypso. — Seria isto que o Caçador te diria se pudesse.

Parámos à porta. O casebre da lenha cheirava tão mal como o hálito de um *wendigo*. Urina e fezes; morte e decadência. O braço partido do Caçador estava inchado e negro. A sua camisola estava rasgada e o peito tão coberto de sangue e pus que já não conseguia ler as palavras que o meu pai escrevera. A cabeça pendia para um lado. Os olhos estavam fechados e a respiração era ténue e irregular.

Entrei. Queria agradecer ao Caçador pelo que fez por mim e pela minha mãe. Por nos trazer a mota de neve para podermos deixar o pântano, por me dar a oportunidade de devolver a minha mãe aos seus pais, por me dizer a verdade sobre a minha mãe e o meu pai.

Disse o seu nome. Não o nome que o meu pai lhe chamava, mas o seu verdadeiro nome.

Não respondeu.

Olhei para trás na direção da entrada da porta. O Cousteau e a Calypso assentiram com a cabeça. A Calypso estava a chorar.

Pensei novamente nas coisas que o meu pai faria ao Caçador quando regressasse e descobrisse que a minha mãe e eu tínhamos desaparecido. Desembainhei a minha faca.

Lembrei-me de me colocar de lado.

[19] Mudo. (N.T.)

[20] Espada. (N.T.)

[21] Reunião dos povos nativos da América do Norte. (N.T.)

A chuva parou. Estou a tentar perceber se posso usar isso a meu favor. Tenho consciência de que o que estou a dizer soa desesperado. Isso é porque estou desesperada. O meu pai assassinou quatro homens em vinte e quatro horas. A não ser que descubra uma forma de o parar, o meu marido será o quinto.

Estamos a menos de um quilómetro e meio da minha casa. Mesmo à nossa frente, está o lago dos castores. Para lá dele, o pântano, o prado coberto de ervas que delimita a nossa propriedade e a cerca metálica que rodeia o quintal das traseiras que era suposto manter a minha família em segurança e os predadores afastados.

Vou à frente. O meu pai controla-me por trás com a minha *Magnum*. As pistolas que tirou aos guardas prisionais mortos estão enfiadas na cintura das suas calças de ganga. Analisei as minhas opções uma dúzia de vezes, o que não demorou muito tempo, porque não tenho muitas. Não posso indicar mal o caminho e conduzir o meu pai para longe da minha casa, porque o meu pai sabe exatamente para onde ir. Não consigo dominá-lo e agarrar numa das três pistolas, porque fui algemada e baleada.

Existe apenas uma opção que, possivelmente, poderia funcionar. O trilho de veado que estamos a seguir abraça a beira de um penhasco elevado. No fundo, há o riacho que drena o lago dos castores. Assim que chegarmos a um local que esteja relativamente livre de árvores, vou atirar-me de lá. Tem de ser num local com uma ladeira íngreme onde caia até lá abaixo, para que, ao ver-me deitada imóvel no riacho no fundo, o meu pai conclua que estou demasiado ferida para subir ou morta e prossiga sem mim.

Atirar-me de cabeça de um penhasco e rebolar colina abaixo com um ombro ferido irá doer. Muito. Mas, para conseguir enganar o meu pai, a queda tem de parecer real. Algo grande e dramático. Algo que envolva risco genuíno. Uma situação em que eu possa realmente morrer. O meu pai nunca suspeitará de que se trata de um embuste porque não consegue imaginar que alguém esteja disposto a sacrificar-se a si próprio pela sua família.

A ideia de o meu pai continuar até à minha casa enquanto eu me finjo de morta no fundo de um penhasco pode soar contraintuitiva, mas é a única forma de me separar dele em que consigo pensar. O trilho de veado que estamos a seguir vai pelo caminho mais longo, em redor do pântano por trás da minha casa. Assim que o meu pai desaparecer de vista, atravesso o riacho e subo a ladeira do lado oposto, corto pelo pântano por baixo do lago de castores, dou a volta novamente até ao trilho, saindo à frente do meu pai, preparo a emboscada e faço o que tiver de fazer. Não quero magoar o meu pai, mas foi ele que provocou isto. Alterou as regras do nosso jogo quando me baleou. Agora não há regras.

Se o meu pai não continuar até à minha casa e decidir, em vez disso, seguir-me até ao fundo do penhasco com a intenção de me tirar do rio e me arrastar colina acima e me forçar a prosseguir como sua prisioneira, estarei preparada. Farei um gancho com os braços em redor do seu pescoço e asfixiá-lo-ei com as algemas; puxá-lo-ei para o riacho comigo e afogar-me-ei com ele se essa for a única forma de o travar.

Mas aposto que não chegará a isso. Sei como o meu pai pensa. O seu narcisismo vai trabalhar agora a meu favor. Um narcisista consegue alterar o seu plano quando as circunstâncias se alteram, mas não consegue alterar o seu objetivo final. O meu pai quer possuir as minhas filhas ainda mais do que me quer a mim. Ao deixar o pântano, escolhi a minha mãe em vez dele. Ao escolhê-la, desiludi-o. Raptar as minhas filhas dá-lhe outra oportunidade. Pode moldá-las e configurá-las e coagi-las para que se tornem em

versões novas e melhoradas da filha que o traiu. E tudo isto significa que o meu pai irá atrás das minhas filhas com ou sem mim.

Espero eu.

Tropeço uma vez para preparar o cenário. Caio de joelhos e estico os braços para me agarrar, embora tenha algemas, porque é isso que faria uma pessoa que não está a pensar com clareza. A dor que irradia pelo meu ombro quando as mãos batem no chão faz-me arquejar. Grito, enrolo-me numa bola, fico quieta. Poderia ter abafado a minha reação se tivesse de o fazer (o meu pai treinou-me bem no que se refere a suportar a dor), mas quero que pense que atingi o meu limite e estou pronta para ceder.

Ele pontapeia-me nas costelas e vira-me de barriga para cima.

— Levanta-te.

Não me mexo.

— Levanta-te. — Agarra-me pelas algemas e puxa-me para me pôr de pé. Grito novamente. Desta vez, o grito é real. Recordo todos os seus atos de crueldade passados: esmagar-me o polegar para me ensinar a ser mais cuidadosa, torturar o Caçador sem qualquer motivo exceto o facto de poder fazê-lo, algemar-me no casebre da lenha quando eu era criança por se cansar de que eu o seguisse ou fizesse perguntas. De forma alguma deixarei este homem aproximar-se do meu marido ou das minhas filhas.

— Agora anda.

Caminho e examino o trilho em busca do melhor local para realizar a minha jogada. Todas as árvores e pedras invocam uma memória. O terreno pantanoso onde a Iris apanhou um ramo primaveril de trílhos e lírios-do-vale. O local onde a Mari encontrou, debaixo de uma pedra, um tritão-de-barriga-vermelha. O afloramento rochoso onde eu e o Stephen partilhámos uma garrafa de vinho no primeiro aniversário do nosso casamento e observámos o sol a pôr-se sobre o lago dos castores.

Tropeço na raiz de uma árvore. Duas vezes é suficiente para estabelecer um padrão. Mais do que isso e o meu pai ficará desconfiado.

Uma brecha nas árvores mais adiante parece promissora. A ladeira é mais íngreme do que eu gostaria, trinta metros até ao fundo e com um ângulo de cerca de sessenta graus, mas está coberta de fetos e não de pinheiros. Duvido que consiga encontrar algo melhor.

Tropeço em nada, depois cambaleio até à beira como se estivesse a tentar evitar cair e atiro-me. De cabeça. Que pessoa no seu perfeito juízo faria algo assim?

O meu ombro ferido embate violentamente no chão. Mordo o lábio. Deixo os braços e pernas soltos enquanto desço aos tropeções mais e mais para baixo.

Demoro mais do que esperava a chegar ao fundo. Finalmente, despenho-me num monte de ramos que a corrente juntou, com o rosto a centímetros da água, e mantenho-me quieta. Tento não pensar na dor enquanto espero para ouvir sons que anunciem a presença do meu pai. Lembro-me a mim própria de que estou a fazer isto pela minha família.

Tudo permanece tranquilo. Quando o instinto me diz que esperei tempo suficiente, ergo a cabeça o suficiente para investigar o topo do penhasco.

O meu plano funcionou. O meu pai desapareceu.

Sento-me direita. A dor que irradia pelo meu ombro faz-me ofegar. Caio para trás, fecho os olhos, tento respirar, sento-me novamente direita, mais lentamente. Abro o fecho do casaco e retiro-o cuidadosamente do meu ombro ferido. A boa notícia é que parece que a bala do meu pai só arranhou a pele. A má notícia é que perdi *muito* sangue.

— Estás bem?

A Calypso está sentada na margem do riacho ao lado do irmão. Estão exatamente como me lembro deles. O Cousteau continua a usar o gorro vermelho. Os olhos da Calypso estão tão azuis como um dia de verão. Envergam botas de trabalho e macacões e camisas de flanela porque, agora tenho consciência disso, na altura em que os criei essa era o único tipo de roupa que eu conhecia. Recordo como costumava inventar histórias sobre as nossas aventuras.

O Cousteau levanta-se e estende-me a mão.

— Anda. Tens de te despachar. O teu pai está a fugir.

— Tu consegues — diz a Calypso. — Nós ajudamos-te.

Levanto-me com esforço e avalio as imediações. O riacho não é largo, não tem mais de seis metros, mas a julgar pelo ângulo das ladeiras de cada um dos lados, o meio é profundo, possivelmente acima da minha cabeça. Se não tivesse algemas, conseguiria facilmente atravessar a nado, mas, como estou, não consigo sequer esticar os braços para me equilibrar. «Helena afoga-se porque não consegue nadar com algemas» não é uma história que gostasse de contar.

— Por aqui. — O Cousteau conduz-me no sentido da corrente até um cedro caído que atravessa o riacho. É uma boa ideia. Entro na água pelo lado do tronco virado contra a corrente, apoiando-me contra o tronco para não ser arrastada. Ramos partidos e folhas caídas cobrem o fundo. Os ramos são escorregadios. Avanço com calma; pouso os pés cuidadosamente. O tronco desloca-se devido ao meu peso quando me encosto a ele. Tento não pensar no que acontecerá se se soltar.

Um lampejo de memória. Eu e o meu pai estávamos na sua canoa. Era muito pequena, talvez dois ou três anos. Ao sairmos de uma curva do rio, debrucei-me para o lado para tentar apanhar uma folha ou um ramo ou o que quer que fosse que me chamou a atenção, e caí à água. Abri a boca para gritar e só engoli água. Lembro-me de olhar para cima, de ver a luz do sol refratada pela água sobre a minha cabeça. Instintivamente, pontapeei a água, mantendo a boca fechada, embora pouco depois sentisse que os pulmões iam explodir.

Então o meu pai agarrou-me pelo casaco. Levantou-me da água e puxou-me para dentro da canoa, depois remou rapidamente na direção de um banco de areia. Encostou a canoa, saltou para o exterior e arrastou-a para a margem, depois despiu-me e tirou a camisa e esfregou-me o corpo todo para me aquecer. Quando os meus dentes pararam de bater, torceu a minha roupa e estendeu-a sobre a areia e abraçou-me no colo e contou-me histórias até as minhas roupas secarem.

Desta vez, estou por minha conta.

Continuo a andar, um passo cuidadoso após outro, até finalmente conseguir chegar ao outro lado. Quando subo para a margem do riacho e olho para cima, a ladeira que assoma sobre a minha cabeça parece tão intimidante como o Evereste. Começo a trepar, avançando de lado e cautelosamente entre os seixos soltos de calcário, prendendo as algemas sobre um cepo ou um ramo quando preciso de descansar, ultrapassando a exaustão e a dor, pedindo ao meu corpo que funcione de forma independente do meu cérebro, à procura daquele estado de transe que os corredores de fundo usam para prosseguirem muito depois de os seus corpos lhes gritarem para parar.

Entretanto, o Cousteau e a Calypso correm à frente como macacos.

— Tu consegues — incentivam-me eles, sempre que penso que não consigo.

Finalmente, chego ao topo. Atiro uma perna para cima e rebolo até ficar deitada com as costas no chão, ofegante. Recupero o fôlego e levanto-me. Olho em redor à espera de que o Cousteau e a Calypso me felicitem pelo meu esforço hercúleo, mas estou sozinha.

A CABANA

Helga ajoelhou-se junto do corpo do padre cristão e da carcaça do cavalo morto. Pensou na esposa do Viking na charneca selvagem, nos olhos gentis da sua mãe adotiva, e nas lágrimas que ela derramara pela pobre filha-sapo.

Olhou para as estrelas cintilantes e pensou no esplendor que brilhara na testa do homem morto, enquanto ela fugia com ele pelo bosque e pelo pântano.

Diz-se que as gotas da chuva podem criar um buraco na pedra mais dura, e que as ondas do mar podem amaciar e arredondar as pontas ásperas das rochas; assim o orvalho da misericórdia caiu sobre Helga, suavizando o que era duro e amaciando o que era áspero no seu carácter.

Estes efeitos ainda não tinham aparecido; ela própria não estava consciente deles; da mesma forma que a semente no colo da terra não sabe que, quando o orvalho refrescante e os raios cálidos do sol caem sobre ela, contém dentro de si o poder através do qual irá florir e desabrochar.

Hans Christian Andersen,
A FILHA DO REI DO PÂNTANO

Saí do casebre da lenha e dirigi-me à cabana. As minhas mãos tremiam. Não queria deixar o Caçador pendurado nas algemas. Um cadáver deveria ser lavado, preparado, vestido com roupa bonita e envolvido em casca de bétula antes de ser enterrado na floresta numa campá rasa. Um padre ou um curandeiro deveriam falar com a pessoa morta para facilitar a sua passagem deste mundo para o seguinte, e oferecer tabaco aos espíritos. Esperava que o meu pai cuidasse do Caçador segundo a tradição índia e que não atirasse o corpo para o fosso do lixo.

— Gasolina — disse o Cousteau. — Tens de encher o depósito da mota de neve, para não ficares sem gasolina.

— Ele tem razão — disse a Calypso. — Não sabes durante quanto tempo o Caçador conduziu antes de cá chegar. O depósito pode estar quase vazio.

Senti que deveria ter sido eu a pensar nisso, mas as coisas estavam a acontecer tão depressa que era difícil saber o que fazer. Fiquei feliz pelo facto de o Cousteau e a Calypso estarem ali para me ajudar. Empurrei a mota de neve até ao nosso depósito de gasolina. O meu pai controlava a quantidade de gasolina de que dispúnhamos mergulhando um pau comprido através de um buraco no topo do depósito e desenhando uma linha no exterior que mostrava quanta gasolina restava. Não iria ficar feliz por ver que eu ter tirado alguma sem lhe pedir.

— Achas que é o tipo certo? — Desejei ter pensado em perguntar isso ao Caçador enquanto tivera oportunidade.

— A mota de neve soa como uma motosserra — disse o Cousteau. — Usa a mistura da motosserra.

O meu pai cortava a gasolina para a motosserra com meio litro de óleo para cada quatro litros de gasolina, portanto verti o óleo na nossa grande lata de metal vermelha e enchi-a até cima com gasolina do

bocal, depois pus tanta mistura no depósito da mota de neve quanto era possível.

— Volta a encher a lata — disse a Calypso. — Ata-a à parte de trás da mota, para o caso de ser preciso. Nunca se sabe.

Corri até ao barracão para ir buscar um pedaço de corda, regressei a correr, atei a lata de gasolina à mota de neve e empurrei-a até tão perto dos degraus das traseiras quanto consegui. O Cousteau e a Calypso esperaram no alpendre enquanto eu entrava. A minha mãe continuava sentada à mesa. A sua cabeça repousava no braço e os olhos estavam fechados. Tinha o cabelo desgrenhado e molhado. Inicialmente, pensei que estava morta. Depois, ergueu a cabeça. Tinha a testa franzida da dor e o rosto lívido. Começou a levantar-se, cambaleou, voltou a sentar-se. Levá-la até à mota de neve iria ser mais difícil do que tinha pensado.

Coloquei o seu braço bom sobre o meu ombro e agarrei-lhe no pulso, depois deslizei o meu braço esquerdo em redor da sua cintura e puxei-a para que se levantasse. A julgar pelo ângulo do sol, era quase meio-dia. Nesta época do ano, estaria completamente escuro no final do jantar. Esperava que seis horas fossem suficientes.

Dei uma última olhadela à cozinha: à nossa mesa, ao fogão a lenha, à roupa interior do meu pai a secar nos fios por cima dele, ao armário das tartes onde guardávamos os pratos porque a minha mãe nunca fazia tartes, às prateleiras repletas de geleia e compota. Pensei em preparar uma mochila com comida para a viagem, mas o Cousteau e a Calypso abanaram a cabeça.

Começámos a descer os degraus. Tinha medo de que a minha mãe caísse e eu nunca fosse capaz de voltar a levantá-la, portanto o Cousteau e a Calypso puseram-se um de cada lado para a agarrar se isso acontecesse. Demorou muito tempo a levá-la até à mota de neve. Assim que se sentou nela, apressei-me a dar a volta até ao outro lado para lhe pôr uma perna de cada lado.

— Acham que devia atá-la? — A minha mãe estava tão vacilante que mal se conseguia sentar.

— Mal não pode fazer — disse a Calypso.

— Mas despacha-te — disse o Cousteau.

Como se não estivesse já a trabalhar o mais depressa que conseguia.

Corri até ao barracão para ir buscar outro pedaço de corda, regressei a correr, enrolei-a em redor da cintura da minha mãe e atei as pontas à volta dos punhos do guiador. Pus o capacete do Caçador. Era muito pesado. O vidro era tão escuro que mal conseguia ver. Tirei-o e coloquei-o na minha mãe, depois dei a volta até à parte de trás da mota de neve, abri o compartimento e encontrei a chave extra. O Caçador disse que a mota de neve tinha uma coisa chamada arranque eléctrico e que a única coisa que eu tinha de fazer era girar a chave. Disse que, se o motor não arrancasse imediatamente, o que poderia acontecer porque a mota de neve estivera parada durante vários dias e os dias e as noites tinham estado muito frios, deveria largar a chave rapidamente para não queimar o motor de arranque e depois continuar a fazer isso até o motor começar a funcionar. Esperava que não fosse tão complicado como soava.

Apertei-me entre a minha mãe e a lata de gasolina e estiquei os braços à volta dela para agarrar os punhos do guiador. Depois de duas tentativas, o motor voltou à vida com um rugido. Inclinei-me para o lado para conseguir ver para lá da minha mãe e libertei suavemente o travão e acelerei. A máquina deu um salto para a frente. Reduzi o acelerador e a máquina abrandou, exatamente como o Caçador dissera que faria. Acelerei novamente e a mota de neve saltou novamente para a frente. Conduzi lentamente uma vez em redor do quintal para me habituar à máquina, depois reduzi o acelerador e segui o trilho que o Caçador deixara na encosta da nossa cumeeira.

— Estás bem? — gritei quando prossegui para o pântano. A minha mãe não respondeu. Não sabia se não me conseguia ouvir por causa do capacete ou porque o barulho do motor era muito alto. Havia outra possibilidade para explicar o facto de a minha mãe não responder, mas não queria pensar nisso.

Acelerei tanto quanto era possível. O vento picava-me as maçãs do rosto, chicoteava-me o cabelo. A extraordinária velocidade fez-me querer gritar. Olhei de relance por cima do ombro. O Rambo corria facilmente atrás de nós. O medidor que o Caçador tinha dito que me indicaria a velocidade a que estava a ir apontava para o número vinte. Não fazia ideia de que o Rambo conseguia correr tão depressa.

Pensei nos meus avós enquanto conduzia. Indaguei-me sobre como seriam. O Caçador disse que nunca tinham parado de procurar a minha mãe e que ficariam entusiasmados por voltar a vê-la. Pensei se gostaria deles, sobre o que pensariam de mim. Se tivessem um carro, como seria ir dar uma volta nele. Se um dia faria uma viagem com eles de comboio, ou de autocarro, ou de avião. Sempre quisera visitar os Yanomami ao Brasil.

Então, alguma coisa passou junto da minha cabeça com um zumbido. Ao mesmo tempo, um estampido brusco ecoou através do pântano.

— Helena! — gritou o meu pai. A sua voz soou tão zangada e áspera que consegui ouvi-lo claramente por cima do ruído da máquina. — Volta aqui imediatamente!

Abrandei. Em retrospectiva, deveria ter acelerado e nunca mais ter olhado para trás, mas não tinha o hábito de desobedecer ao meu pai.

— Continua — disse a minha mãe, subitamente alerta. — Despacha-te! Não pares!

Parei, olhei para trás. Vi a silhueta do meu pai a contraluz no topo da nossa cumeeira, com os pés afastados como um colosso: espingarda preparada, cabelo preto comprido a esvoaçar à volta da cabeça como as serpentes da Medusa. A espingarda estava apontada para mim.

Disparou uma segunda vez. Outro tiro de aviso, porque se o meu pai tivesse querido atingir-me, tê-lo-ia feito. Apercebi-me nesse momento de que parar fora um erro. Mas não podia voltar para trás. Se o fizesse, quase de certeza que o meu pai mataria a minha mãe e possivelmente a mim. Mas, se lhe desobedecesse e continuasse a conduzir para longe, uma bala através das minhas costas matar-nos-ia às duas.

O meu pai disparou uma terceira vez. O Rambo ganiu. Saltei da mota de neve e corri para trás, para o local onde o Rambo uivara e caíra pesadamente na neve. Passei as mãos sobre a sua cabeça, os seus flancos, o seu peito. Vi que o meu pai atingira o meu lindo cão na pata.

Ouviu-se outro tiro. A minha mãe gritou e caiu sobre o guiador, com um buraco de bala no ombro.

A *Remington* tinha quatro cartuchos mais um na câmara. Restava mais um tiro ao meu pai antes de ter de a recarregar.

Levantei-me. As lágrimas escorriam-me pela face. O meu pai odiava ver-me chorar, mas não me importava.

Porém, em vez de troçar de mim pelas minhas lágrimas como eu esperava, o meu pai sorriu. Até hoje consigo ver a sua expressão. Presunçosa. Fria. Insensível. Tão seguro de que ganhara. Apontou a espingarda para mim, depois para o Rambo, depois para mim, e para o Rambo novamente, a brincar comigo da mesma forma que fizera com a minha mãe e o Caçador, e percebi que não importava qual de nós atingia primeiro. De uma forma ou de outra, o meu pai ia matar-nos a todos.

Ajoelhei-me. Coloquei o Rambo nos meus braços e enterrei o meu rosto no seu pelo e esperei pela bala que acabaria com a minha vida.

O Rambo tremeu, rosnou, afastou-se. Ergueu-se com dificuldades sobre as três patas que lhe restavam e começou a coxear na direção do meu pai. Assobiei para que regressasse. O Rambo continuou. O meu pai riu-se.

Pus-me de pé com um salto e abri os braços.

— Seu sacana! — gritei. Não sabia o que significava a palavra, mas o meu pai esculpiu-a no peito do Caçador, portanto sabia que era algo mau. — Seu imbecil! Seu filho da puta! — Estava a cuspir todas as

palavras de que me conseguia lembrar. — Estás à espera de quê? *Dá-me um tiro!*

O meu pai riu-se novamente. Segurou na *Remington* apontada ao meu cão lutador enquanto o Rambo coxeava cada vez mais próximo dele. O Rambo mostrou os dentes e rosnou. Coxeou mais depressa até estar a dirigir-se para o meu pai num ritmo de quase corrida, a ladrar como se estivesse prestes a atirar-se a um lobo ou um urso.

Percebi. O Rambo estava a distrair o meu pai para eu poder fugir. Iria proteger-me, ou morrer a tentar.

Corri para a mota de neve e saltei para cima dela e estiquei os braços à volta da minha mãe e acelerei muito. Não sabia se a minha mãe estava viva, se conseguiríamos fugir, se o meu pai nos atingiria a ambas. Mas, tal como o Rambo, tinha de tentar.

Enquanto avançávamos a toda a velocidade através do pântano gelado, o vento secou-me as lágrimas. Atrás de nós ouvi outro tiro.

O Rambo ganiu uma vez e calou-se.

O tiro ecoou na minha cabeça até muito depois de o verdadeiro eco ter desaparecido. Conduzi tão depressa quanto me atrevi, cega pelas lágrimas, com a garganta tão apertada que mal conseguia respirar. Não conseguia ver mais nada senão o meu cão deitado aos pés do meu pai na neve. O Cousteau e a Calypso e o Caçador e a minha mãe tinham razão. O meu pai era um homem mau. Não havia qualquer razão para ele abater o meu cão a tiro. Desejei que me tivesse disparado a mim. Desejei ter esperado mais tempo depois de ele ter ido para o pântano antes de ter posto a mota de neve a trabalhar, ter conduzido mais depressa, não ter parado quando ele me disse para o fazer. Se tivesse feito qualquer uma destas coisas, o meu cão estaria vivo e o meu pai não teria dado um tiro à minha mãe.

A minha mãe não se mexera nem falara desde que o meu pai disparara contra ela. Sabia que estava viva porque os meus braços estavam a envolvê-la e o seu corpo estava quente, mas não sabia durante quanto tempo aguentaria. A única coisa que podia fazer era conduzir: para longe do pântano, para longe do meu pai.

Em direção a quê, não sabia.

Estava a seguir o trilho que o Caçador deixara porque fora isso que ele me dissera para fazer. O que queria realmente era encontrar o Cousteau e a Calypso. Os verdadeiros Cousteau e Calypso, não aqueles que inventei depois de ter visto aquela família. Sabia que viviam perto. Tinha a certeza de que os pais deles nos ajudariam.

Há muito que deixara o pântano e estava agora a conduzir por entre as árvores: as mesmas árvores que costumava querer explorar quando fitava demoradamente o horizonte na sua direção. Estava muito escuro. Desejei que o Caçador me tivesse dito como acender o farol da mota de neve. Ou talvez o tivesse feito e eu me tivesse esquecido. Havia muitas coisas para recordar: *Acelera quando estiveres a atravessar neve seca profunda. Se a mota de neve puxar para a direita, desloca o teu peso para a esquerda. Se puxar para a esquerda, desloca o teu peso para a direita. Quando estiveres a subir uma colina, inclina-te para a frente e desloca o teu peso para a retaguarda do assento para que a mota de neve não se vire. Ou podes conduzir com um joelho no assento e o outro pé na grade lateral. Inclina-te para trás quando estiveres a descer uma colina. Desloca o teu peso e inclina-te no sentido das curvas.* E por aí adiante.

A mota de neve era muito pesada. Conduzi-la era mais difícil do que o Caçador fizera parecer. O Caçador disse que, no sítio de onde ele vinha, até as crianças conduziam motas de neve, mas, se isso era verdade, então as crianças finlandesas deviam ser muito fortes. Uma vez conduzi para fora do trilho e fiquei presa. Duas vezes quase capotámos.

Tinha muito medo. Não do bosque ou da escuridão. A essas coisas estava habituada. Era medo do desconhecido, de todas as coisas más que poderiam acontecer. Tinha medo de que a mota de neve ficasse sem gasolina e de que eu e a minha mãe tivéssemos de passar a noite na floresta sem comida nem abrigo. Tinha medo de chocar contra uma árvore e destruir o motor. Tinha medo de que acabássemos tão perdidas e desesperadas como o Caçador.

Tinha medo de que a minha mãe morresse.

Conduzi durante muito tempo. Finalmente, o trilho acabou. Desci com a mota de neve uma colina íngreme até ao meio de uma clareira comprida e estreita e parei. Olhei para a esquerda e para a direita. Nada. Nenhuma pessoa, nenhuma cidade chamada Newberry, nenhuns avós à procura da minha mãe como o Caçador prometera que haveria.

Quatro rastos atravessavam o comprimento da clareira, dois de um lado e dois do outro. Não conseguia perceber quais pertenciam ao Caçador. Preocupava-me o que aconteceria se seguisse pelo caminho errado. Pensei no jogo de adivinhar que o meu pai e eu costumávamos jogar em que tinha duas escolhas. Talvez não importasse o caminho que seguisse. Talvez sim.

Olhei para o céu. *Por favor. Ajudem-me. Estou perdida. Não sei o que fazer.*

Fechei os olhos e rezei como nunca rezara antes. Quando abri os olhos, havia uma pequena luz amarela ao longe. A luz estava ao nível do chão e era muito brilhante. Uma mota de neve.

— Obrigada — sussurrei. Houve momentos em que me interrogara se os deuses eram reais, como quando o meu pai me meteu no poço e eles se mantiveram em silêncio, ou quando ele espancou a minha mãe e o Caçador e os deuses não intervieram, mas agora sabia a verdade. Prometi jamais voltar a duvidar.

À medida que a mota de neve se aproximava, a luz transformou-se em duas. Subitamente, houve um som de buzina terrível, como o grasnar de um ganso, mas mais alto, como um bando inteiro de gansos zangados.

Fechei os olhos e pus as mãos sobre os ouvidos até que, finalmente, a buzina parou. Houve um estrondo como se uma porta se tivesse aberto e fechado, depois vozes.

— Não as vi! — gritou um homem. — Juro! Estavam paradas no meio da estrada com os faróis desligados!

— Podias tê-las matado! — gritou uma mulher.

— Estou a dizer-te que não as vi! O que é que estás a fazer? — gritou na minha direção. — Porque é que paraste?

Abri os olhos e fiz um sorriso rasgado. Um homem e uma mulher. O pai e a mãe do Cousteau e da Calypso. Encontrei-os.

Quando a polícia seguiu o trilho que eu deixara para salvar o Caçador, o meu pai tinha desaparecido. O Caçador continuava pendurado nas algemas no casebre da lenha. Toda a gente presumiu que o meu pai o matara, porque é que não haveria de ser assim? Ninguém pensaria, nem por um segundo, que uma criança de doze anos poderia ter feito algo semelhante. Não quando tinham um raptor e violador a quem responsabilizar pelo assassinato.

Depois de a ideia de que o meu pai matara o Caçador se ter estabelecido, deixei que se mantivesse. Podia não ser conhecedora dos costumes do mundo exterior, mas percebia o suficiente para saber que confessar o assassinato do Caçador não mudaria nada e apenas arruinaria a minha própria vida. O meu pai era um homem mau. Iria para a prisão durante muito tempo. Toda a gente dizia isso. Eu tinha toda a vida à minha frente. O meu pai perdera o direito à sua.

Dito isto, garanto-vos que paguei pelo meu crime. Matar uma pessoa muda-nos. Não importa quantos animais baleámos, armadilhámos, esfolámos, esventrámos, comemos. Matar uma pessoa é diferente. Depois de termos tirado a vida a outro ser humano, nunca mais somos os mesmos. O Caçador estava vivo, e depois já não estava, e foram minhas as mãos que o fizeram. Penso nisto sempre que escovo o cabelo da Iris, ou aperto a Mari na cadeirinha de bebé, ou mexo uma panela de geleia no fogão, ou passo as mãos pelo peito do meu marido; olho para as minhas mãos a fazerem estas coisas normais, quotidianas, e penso: *foram estas as mãos que o fizeram. Estas mãos tiraram a vida a outra pessoa.* Odeio o meu pai por me ter colocado numa posição em que tive de fazer essa escolha.

Continuo a não conseguir entender como é que o meu pai pode matar com tanta facilidade e sem remorsos. Penso no Caçador todos os dias. Tinha uma esposa e três filhos. Sempre que olho para as minhas filhas, penso no que seria para elas terem crescido sem o pai. Depois de deixarmos o pântano, quis dizer à viúva do Caçador que lamentava o que acontecera ao seu marido. Que agradecia o sacrifício que ele fizera por mim e pela minha mãe. Pensei que lhe podia dizer quando a visse no tribunal no dia da sentença do meu pai, mas, nessa altura, ela processara os meus avós para receber a sua parte do dinheiro que eles estavam a fazer com a venda dos direitos da nossa história aos tabloides, portanto os meus avós não me deixaram. No final, teve direito a uma grande indemnização, e isso fez-me sentir melhor. Embora, como resmungou o meu avô, não houvesse dinheiro nenhum do mundo que trouxesse de volta o seu marido.

Nem o meu cão. Às vezes, começo a chorar (o que, como provavelmente já sabem neste momento, é algo que raramente faço) e é porque penso no Rambo. Nunca perderei o meu pai por tê-lo abatido a tiro. Revi na minha cabeça os acontecimentos que conduziram àquele dia mais vezes do que consigo contar, tentando perceber em que situações poderia ter agido de forma diferente se soubesse como as coisas iam suceder. A mais óbvia é quando o Caçador me pediu ajuda na manhã depois de o meu pai o ter algemado no casebre da lenha. Se tivesse feito o que ele queria antes de o meu pai o ter espancado e torturado até estar demasiado fraco para partir, o mais provável era que atualmente estivesse vivo.

Mas a morte do Caçador não foi culpa minha. Ele estava no lugar errado à hora errada, tal como qualquer pessoa que é morta num acidente de trânsito, ou num tiroteio em massa, ou num atentado suicida. Foi o Caçador que decidiu ir andar de mota de neve bêbado, não eu. Foi ele que se perdeu e depois tomou uma série de decisões que, em última instância, o conduziram à nossa cumeeira: virar à esquerda em vez de à direita, contornar este conjunto de árvores e não aquele, conduzir até ao nosso quintal para pedir ajuda quando viu o fumo da nossa cabana. Evidentemente, quando decidiu fazer-se à estrada depois de ter estado a beber com os amigos, não fazia ideia de que pagaria por essa decisão com a vida. No entanto, a decisão foi sua.

Tal como quando a minha mãe e a amiga decidiram explorar a casa abandonada junto à linha do comboio. Enquanto ela e a amiga corriam pelos quartos vazios, tenho a certeza de que não fazia ideia de que, no final do dia, passariam catorze anos antes de voltar a ver a sua família. Naturalmente, teriam brincado noutro local se tivessem sabido. Mas não sabiam.

Da mesma forma, duvido que, quando o meu pai me levou para ver as Cataratas de Tahquamenon, fizesse alguma ideia de que estava a desencadear os acontecimentos que, em última instância, conduziram à perda da sua família. Tal como, quando decidi deixar o pântano, não fazia ideia de que as coisas correriam tão mal para mim e para a minha mãe. Honestamente, pensei que partir seria tão simples como conduzir para longe. Não previ que o meu pai daria um tiro à minha mãe e ao meu cão. Que a última coisa que veria antes de conduzir para o meu futuro incerto seria o Rambo deitado imóvel na neve aos pés do meu pai.

Se tivesse sabido tudo isto antes de acontecer, teria feito as coisas de forma diferente? Evidentemente.

Mas temos de aceitar a responsabilidade pelas nossas decisões, mesmo quando elas não resultam como queríamos.

Coisas más acontecem. Os aviões despenham-se, os comboios descarrilam, as pessoas morrem em inundações e terremotos e tornados. Condutores de motas de neve perdem-se. Cães são abatidos a tiro. E meninas pequenas são raptadas.

Desato a correr. O chão firme torna-se um lodaçal. O lodaçal transforma-se em pântano. Protejo os olhos contra a chuva e examino o lado oposto do lago. Não há sinal do meu pai. Se eu consegui passar-lhe à frente ou se ele já está em minha casa é impossível de saber.

Viro para oeste rumo ao pântano, dirigindo-me para um emaranhado de amieiros perto do final do trilho, onde os veados gostam de se agrupar. Mexo-me rapidamente, pulando de montículo de erva em montículo de erva, numa tentativa de me manter em áreas de turfa seca, fortes o suficiente para aguentarem o meu peso. Uma pessoa que não conheça o pântano tão bem como eu não seria capaz de identificar os perigos que para mim são tão óbvios quanto os sinais de trânsito: áreas de limo fino de aparência sólida, o suficiente para caminhar, mas que se convertem em areia movediça; charcos profundos de água que podem engolir uma pessoa num instante. *Grandes bolhas negras ergueram-se do lodo*, diz o conto de fadas da minha mãe, *e, com elas se esfumaram quaisquer vestígios da princesa*.

Quando chego ao mato de amieiros, caio de barriga e rastejo o resto do caminho usando os pés e um cotovelo. O solo está molhado, a lama pejada de rastros. Nenhum deles recente. Nenhum deles humano. É possível que o meu pai tenha abandonado o trilho quando ficou alagado e tenha atalhado por corta-mato. É possível que já esteja em minha casa, que tenha entrado à socapa pela porta dos fundos, porque a casa nunca está trancada, que suba pelo corredor, e obrigue o Stephen a entregar-lhe a chave do *Cherokee* para que possa ir atrás das nossas meninas, e que desapare contra o meu marido quando o Stephen se recusar a revelar-lhe o seu paradeiro.

Estremeço. Afasto tais imagens e deito-me no lugar mais lamacento que consigo encontrar. Rebolo até cobrir cada centímetro de mim, depois percorro o trilho com a água pelo joelho, para não deixar pegadas, enquanto procuro o melhor lugar para montar a emboscada.

Um tronco coberto de musgo, estendido no trilho, parece grande o suficiente para me esconder atrás. A maneira como se afunda no meio diz-me que está bem podre. O meu pai saberá evitar pisá-lo. Terá de lhe passar por cima. Quando o fizer, vou estar a postos.

Parto um ramo afiado de pinheiro e estico-me ao longo do lado oposto do tronco, o ouvido colado ao chão e a lança improvisada ao meu lado. Sinto os passos do meu pai antes de os ouvir: vibrações fracas no solo encharcado sob o trilho. Os tremores são tão leves que qualquer outra pessoa poderia pensar ser o bater do próprio coração, se é que chegava a senti-los. Abraço o tronco e seguro-o com mais força.

Os passos param. Espero. Se o meu pai suspeitar que está a ser conduzido a uma armadilha, ou dá meia-volta e me deixa deitada na lama ou se debruça sobre o tronco e me dá um tiro. Contenho a respiração até os passos voltarem a arrancar. Não consigo dizer se se estão a afastar ou a aproximar de mim.

Então uma bota aterra no meu ombro. Rebolo debaixo dela e ergo-me com celeridade. Lanço-me sobre ele e uso toda a minha força para espetar a lança na barriga do meu pai.

A lança parte-se.

O meu pai arranca-me o que resta da minha arma inútil das mãos e descarta-a. Ergue o braço e aponta-me a *Magnum*. Lanço-me às suas pernas. Ele cambaleia e estica os braços para não se desequilibrar. A *Magnum* cai e eu tento agarrá-la. O meu pai dá-lhe um pontapé para o charco de água ao lado do trilho e planta a bota sobre as minhas mãos algemadas. Sem hesitação, pego na bota e levanto-lhe o pé do chão.

O meu pai cai ao meu lado. Rebolamos numa luta corpo a corpo. Deito-lhe os braços por cima da cabeça. A corrente das algemas pressiona-lhe a garganta. Puxo para trás o máximo que posso. Ele engasga-se, desembainha a minha faca da cintura e esfaqueia tudo o que está ao seu alcance: os meus braços, pernas, rins, o meu rosto.

Eu puxo mais forte. As *Glocks* na parte de trás das calças de ganga do meu pai pressionam-me o estômago. Se conseguisse pegar numa, poderia acabar com tudo num instante, mas com os braços algemados ao redor do pescoço dele, não sou capaz. Em paralelo, comigo a pressioná-lo por trás e a sufocá-lo com as algemas, ele não pode pegar na *Glock* e acabar comigo. Estamos tão presos como dois alces com os chifres presos um no outro. Imagino a minha família a percorrer o trilho daqui a uns dias ou semanas e a encontrar os nossos corpos em decomposição congelados num último abraço. Eu puxo com mais força.

Então um cão ladra. O Rambo vem a correr pelo trilho vindo da direção de minha casa, as patas enérgicas, as orelhas a bater.

— Ataca! — grito.

O Rambo corre e aperta as mandíbulas em volta da perna do meu pai, puxando e grunhindo. O meu pai ruge, apunhalando o Rambo com a faca.

O Rambo morde com mais força. Rasga, arranca, fragmenta. O meu pai grita e rebola e eu rebolo com ele. No momento em que o meu pai se agarra ao estômago, recuo os braços e pego numa das *Glocks* que empurro contra as costas do meu pai.

— Espera! — ordeno ao Rambo.

O Rambo petrifica. Ele mantém o controlo sobre a perna do meu pai, mas há uma mudança no seu comportamento. Ele já não é um animal a despedaçar uma presa; ele é um servo a obedecer ao seu mestre. É preciso uma raça especial e muito treino para que um cão reaja assim no calor da batalha. Vi cães inferiores tão superados pela sede de sangue ao rasgarem um alce ou um urso que lhes arruinam completamente a pele.

O meu pai não se mexe quando me ajoelho em cima dele. Ele sabe bem que não deve fazê-lo.

— A faca — digo.

Ele atira a minha faca para o charco de água ao lado do trilho.

Eu levanto-me.

— Levanta-te — ordeno.

O meu pai está de pé, coloca as mãos sobre a cabeça e vira-se para mim.

— Senta-te. — Aceno em direção ao tronco.

O meu pai obedece. O olhar derrotado no seu rosto vale bem quase tudo aquilo pelo qual passei. Não escondo o desagrado.

— Achaste mesmo que eu me ia embora contigo? Que te deixava chegar perto das minhas meninas?

O meu pai não responde.

— A chave das algemas. Atira-a para cá.

Leva a mão ao interior do casaco e deita a chave para a água atrás da minha faca. Um ato de desafio inútil. Algemada ou não, ainda consigo disparar.

— Tivemos uma boa vida, *Bangii-Agawaateyaa* — diz ele. — Naquele dia, fomos ver as cataratas. Na noite em que vimos o carcaju. Lembras-te, *Bangii-Agawaateyaa*?

Quero que ele pare de dizer o meu nome. Sei que só está a fazer isso para tentar controlar a situação do modo como sempre faz, mesmo que saiba que está perdido. Agora que me evocou a memória, não posso deixar de o ver. Foi depois de caçar o meu primeiro veado, mas antes de o Rambo chegar ao nosso cume, teria aí uns sete ou oito anos. Tinha acordado de um sono profundo com o coração acelerado. Tinha

ouvido um barulho lá fora. Parecia um bebé a chorar, como eu imaginava que um bebé poderia chorar, só que mais alto. Era mais como um grito. Como nada que eu tivesse ouvido antes. Não fazia ideia do que era. Os animais podem fazer sons terríveis, especialmente quando estão a acasalar, mas se aquilo era um animal, não sabia qual era.

Então o meu pai apareceu na entrada. Veio até à minha cama e enrolou o cobertor nos meus ombros e levou-me até à janela. No quintal, vi uma sombra, uma silhueta no luar.

— O que é? — sussurrei.

— *Gwiingwa'aage*.

— Carcaju.

Apertei o cobertor com mais força. Os carcajus são extremamente ferozes, dizia com frequência o meu pai, e comem qualquer coisa: esquilos, castores, porcos-espinhos, veados e alces doentes ou feridos. Talvez até uma menina pequena.

O *Gwiingwa'aage* entrou no quintal. Tinha o cabelo comprido, preto e desgrenhado. Recuei. O *Gwiingwa'aage* ergueu a cabeça, olhou para a janela e gritou.

Eu gritei e corri para a cama. O meu pai pegou num cobertor e colocou-o sobre mim, então estendeu-se ao meu lado em cima da colcha e abraçou-me enquanto me contava uma história engraçada sobre o carcaju e o seu irmão mais velho, o Bear. Depois disso, o grito do carcaju já não era assustador.

Agora sei que os avistamentos de carcajus no Michigan são extremamente raros. Alguns dizem que os animais nunca viveram no Estado, não importa que o Michigan seja apelidado de Estado Carcaju. Mas as memórias nem sempre são sobre factos. Às vezes, são sobre sentimentos. O meu pai tinha dado um nome ao meu medo, e eu já não sentia medo.

Olho para o meu pai. Eu entendo que ele fez coisas terríveis. Ele poderia passar uma centena de vidas na prisão e as escalas da justiça nunca seriam equilibradas. Mas naquela noite, ele era apenas um pai, e ele era meu.

— Tudo bem — diz ele. — Ganhaste. Acabou-se. Vou sair agora. Prometo que não me aproximo de ti ou da tua família.

Ele estende as mãos, as palmas das mãos e levanta-se. Mantenho a *Glock* apontada ao seu peito. Poderia deixá-lo ir. Deus sabe que não quero magoá-lo. Eu amo-o, apesar de tudo o que ele fez. Quando fui buscá-lo esta manhã pensei que queria devolvê-lo à prisão, e quero. Mas também percebo que o meu vínculo com o meu pai pesa mais do que jamais imaginei. Talvez o verdadeiro motivo pelo qual fui atrás dele foi porque queria vê-lo uma última vez antes de desaparecer. Agora que já vi, talvez seja o suficiente. Ele promete que se vai afastar. Ele diz que acabou. Talvez tenha acabado.

Exceto que as suas promessas não significam nada. Penso em como um *wendigo* nunca está satisfeito depois de matar e procura constantemente novas vítimas. Em como cada vez que ele come, cresce, então nunca pode estar cheio. Em como se as pessoas não o tivessem matado, toda a aldeia teria sido destruída.

Alivio o gatilho.

O meu pai ri.

— Não vais disparar, *Bangii-Agawaateyaa*. — Sorri, dá um passo na minha direção.

Bangii-Agawaateyaa. Pequena Sombra. Lembrando-me de como o segui em todos os lugares a que ele foi. De como, enquanto sua sombra, eu lhe pertencia. De como sem ele, eu não existo.

Ele vira-se e afasta-se. Leva a mão atrás das costas e tira a segunda *Glock* do cinto e coloca-a na parte da frente das calças. O seu andar ostenta bazófia. Como se realmente acreditasse que eu o vou deixar ir.

Assobio duas notas baixas. O Rambo olha para cima, em tensão. Pronto para fazer o que eu ordenar.

Dou um piparote com a mão.

O Rambo atira-se a ladrar para o meu pai. O meu pai vira-se, agarra na *Glock*, dispara. O tiro erra o

alvo. O Rambo salta e aperta os dentes ao redor do pulso do meu pai. A *Glock* cai.

O meu pai bate violentamente o punho contra o flanco do Rambo. O Rambo afrouxa a mandíbula. O meu pai atinge-o novamente e vira-se para mim. Eu estou no chão. No último segundo, protejo a cabeça com os braços enquanto ele me bate. Deslizo as algemas sobre a cabeça dele e até à cintura, prendendo-lhe os braços de lado, quando caímos no chão. Agarro na *Glock*, e aponto-lha às costas, posicionando o cano de tal forma que a bala que eu dispare o matará a ele e não a mim.

De repente, o corpo dele fica bambo, como se soubesse que chegara o fim e que só há uma maneira de isto acabar.

— *Manajiwin* — sussurra-me ao ouvido.

Respeito. É a segunda vez na minha vida que ele o diz. Sinto que um sentimento de paz me lava. Já não sou a sombra do meu pai. Sou seu par. Estou livre.

— Tens de o fazer — diz o Cousteau.

— Tudo bem — diz a Calypso. — Nós entendemos.

Assinto. Matar o meu pai é a coisa certa a fazer. É a única coisa que posso fazer. Tenho de matá-lo pela minha família, pela minha mãe. Porque eu sou a filha do pântano.

— Eu também te amo — sussurro e puxo o gatilho.

A bala que matou o meu pai raspou o mesmo ombro onde o meu pai já me tinha atingido, o que, considerando as alternativas, acaba por ser uma coisa boa. Os últimos meses teriam sido bem piores se ambos os meus braços tivessem sido afetados. Ainda assim, a minha recuperação não tem sido pera doce. Cirurgia, fisioterapia, mais cirurgia, mais fisioterapia. Aparentemente, o ombro é um lugar terrível para levar um tiro. Os médicos dizem que não há nenhuma razão para eu não recuperar o pleno uso do braço esquerdo. Entretanto, o Stephen e as miúdas já se acostumaram a abraços de um só braço.

Juntos, estamos sentados em círculo ao redor da campa da minha mãe. Está um belo dia de primavera. O sol brilhante, as nuvens rápidas, o canto dos pássaros. Um monte de malmequeres-dos-brejos e lírios roxos repousa em cima da lápide modesta da minha mãe. As netas a quem dei o nome das suas duas flores favoritas estão sentadas aos seus pés.

As flores foram ideia minha. Vir aqui foi ideia do Stephen. Ele diz que já é hora de que as meninas saibam mais sobre a avó e que ficarão mais impressionadas estando sentadas em volta do túmulo enquanto lhes conto histórias sobre a minha mãe. Eu não tenho assim tanta certeza. Mas o terapeuta conjugal que andamos a consultar diz que ambas as partes precisam de estar dispostas a comprometer-se para que o casamento funcione, por isso aqui estamos.

O Stephen estica-se por cima da sepultura da minha mãe e aperta-me a mão.

— Pronta?

Aceno com a cabeça. É difícil saber por onde começar. Penso sobre como terá sido para a minha mãe criar-me. Sobre todas as coisas que ela fez por mim a que não dei valor na época. Quando tentou tornar especial o meu quinto aniversário. Quando me aqueceu depois de o meu pai me ter castigado no poço. Penso em como deve ter sido difícil para ela criar uma criança que era um eco do homem que a tinha raptado. Uma criança que ela temia verdadeira e visceralmente.

Eu podia contar às minhas filhas sobre o dia em que matei o meu primeiro veado, ou a vez em que o meu pai me levou a ver as cataratas, ou a vez em que vi o lobo, mas essas histórias são mais sobre o meu pai do que sobre a minha mãe. E enquanto olho para os rostos inocentes e expectantes das minhas filhas, percebo que todas as histórias da minha infância que possivelmente lhes possa contar também têm um lado sombrio.

O Stephen balança a cabeça de maneira encorajadora.

— Quando eu tinha cinco anos — começo eu —, a minha mãe fez-me um bolo. Algures nas pilhas de latas e sacos de arroz e farinha da arrecadação, ela encontrou um pacote de mistura para bolos. De chocolate com açúcar granulado multicolor.

— O meu preferido! — exclama a Iris.

— Pef-ido — repete a Mari.

Falo-lhes do ovo de pato, da gordura de urso e da boneca que a minha mãe me fez como presente e acabo aí a história. Não lhes digo o que fiz com a boneca. Ou como a minha reação insensível ao presente extraordinário da minha mãe lhe deve ter dilacerado o coração.

— Conta-lhes o resto da história — diz o Cousteau. — Sobre a faca e sobre o coelho. — Ele e a irmã estão sentados silenciosamente atrás das minhas filhas. Desde que o meu pai morreu, eles têm aparecido cada vez mais.

Abano a cabeça e sorrio ao lembrar-me do resto daquele dia e como terminou com a primeira vez que o meu pai me reconheceu com *manajiwín*. Respeito.

A Iris retribui-me o sorriso; acha que estou a sorrir para ela.

— Mais! — exclamam ela e a Mari.

Eu abano a cabeça e recordo. Um dia vou contar às minhas filhas tudo sobre a minha infância, mas hoje não.

Arrumamos os cobertores e dirigimo-nos para o carro. A Mari e a Iris vão à frente. O Stephen corre atrás delas. Desde a fuga do meu pai, ele raramente perde as miúdas de vista.

Fico para trás. O Cousteau e a Calypso caminham ao meu lado. A Calypso dá-me a mão.

— A Helga entendeu tudo agora — sussurra ela, a sua respiração tão macia como as espigas de tabua contra a minha orelha. — Ela ergueu-se acima da Terra através de um mar de som e pensamento, e ao redor e dentro dela havia uma luz e uma música impossível de se expressar por palavras. O sol explodiu em toda a sua glória e a forma do sapo desapareceu nos seus raios e a linda donzela manifestou-se em toda a sua beleza. O corpo do sapo desfez-se em pó, e uma flor de lótus apareceu no lugar onde a Helga tinha estado.

As últimas palavras do conto de fadas da minha mãe. Penso em como o conto me indicou o que é que eu tinha de fazer. Em como a história da minha mãe acabou por nos salvar a ambas. Em como o meu pai pode ser o motivo pelo qual eu existo, mas a minha mãe é a razão pela qual estou viva.

Penso no meu pai. Quando o médico legista me perguntou o que é que eu queria fazer com o corpo dele, o meu primeiro pensamento foi para o que ele teria desejado. Então pensei em como toda a sua vida tinha sido exclusivamente governada pelos próprios desejos, e pensei que talvez eu fizesse o contrário. No final, escolhi a opção mais prática e menos cara. E mais não digo. Há um *site* de fãs dedicado às façanhas do meu pai que surgiu pouco depois da sua morte. Nem posso imaginar o que os «Pantanosos» fariam se soubessem onde é que o meu pai está enterrado. Tentei várias vezes interditar o *site*, mas o FBI alega que desde que os fãs do meu pai não infrinjam nenhuma lei, não há nada que possa ser feito.

O Stephen apanha as miúdas e espera que eu me aproxime.

— Obrigado por fazeres isto — diz ele e pega-me na mão. — Eu sei que é difícil para ti.

— Estou bem — minto eu.

Penso em como o terapeuta conjugal também diz que um bom casamento precisa de ser construído com base na honestidade e na confiança. Eu estou a trabalhar nisso.

Chegamos ao topo de uma pequena colina. Na parte inferior, um carro está estacionado à frente do nosso *Cherokee*. Uma carrinha de notícias está logo atrás. Uma jornalista e um operador de câmara aguardam.

O Stephen olha para mim e suspira. Eu encolho os ombros. Após se ter espalhado a notícia de que a filha do Rei do Pântano tinha matado o pai, os meios de comunicação têm sido implacáveis. Nós não demos nem uma única entrevista e treinámos as meninas para não dizerem uma palavra a ninguém que empunhasse um bloco de notas ou um microfone, mas isso não impede que as pessoas tirem fotografias.

Abano a cabeça quando começamos a descer a colina e a jornalista tira uma caneta do bolso e dá um passo na minha direção. Ela não sabe, mas já escrevi tudo o que pude recordar da minha infância num diário que permanece escondido debaixo da nossa cama, minha e do Stephen. Chamei à minha história «A Cabana», e dedico o diário às minhas filhas na primeira página, como se de um livro real se tratasse. Um dia deixá-las-ei lê-lo. Elas precisam de conhecer a história delas. De onde vêm. Quem são. Um dia também vou deixar o Stephen lê-lo.

Eu poderia vender o diário por um monte de dinheiro. *A People*, o *National Enquirer* e o *New York Times* ofereceram-se muitas vezes para comprar a minha história. Todos dizem que, como os meus pais já

morreram e eu sou a única que sabe o que aconteceu, é meu dever contar a história dos meus progenitores; devo-lho a eles.

Mas eu nunca a vou vender. Porque esta não é a história deles. É a nossa.

Agradecimentos

Um romancista tem uma ideia. A ideia transforma-se em história e, por fim, a história faz-se livro graças à ajuda das seguintes pessoas criativas, talentosas, incrivelmente perspicazes e trabalhadoras:

Ivan Held e Sally Kim, diretor e diretora editorial da Putnam. Vocês tornaram isto possível. Obrigada. Profundamente, verdadeiramente.

Mark Tavani, o meu editor. Adorei trabalhar contigo, o teu bom olho e ideias incríveis excederam as minhas expectativas.

A equipa da Putnam: Alexis Welby, Ashley McClay, Helen Richard, a equipa de produção, o departamento de arte e todo o departamento de vendas e promoção. Obrigado por fazerem um livro tão lindo!

Jeff Kleinman, o meu maravilhoso agente. É difícil dizer o que os últimos dezassete anos significaram para mim e para a minha carreira. Fizeste de mim a escritora que hoje sou.

Molly Jaffa, a minha talentosa e incansável agente de direitos internacionais. Kelly Mustian, Sandra Kring e Todd Allen, os meus primeiros leitores. Vocês aplaudiram quando a escrita estava a funcionar e aguentaram-se quando não estava. Não o teria conseguido sem vocês.

David Morrell. O tua clareza e coração generoso fizeram toda a diferença.

Christopher e Shar Graham, Katie e John Masters, Lynette Ecklund, Steve Lehto, Kelly e Robert Meister, Linda e Gary Ciochetto, Kathleen Bostick e Leith Gallaher (desaparecido, mas não esquecido), Dan Johnson, Rebecca Cantrell, Elizabeth Letts, Jon Clinch, Sachin Waikar, Tina Wald, Tim e Adele Woskobochnik e Christy, Darcy Chan, Keith Cronin, Jessica Keener, Renee Rosen, Julie Kramer, Carla Buckley, Mark Bastable, Tasha Alexander, Lauren Baratz-Logsted, Rachel Elizabeth Cole, Lynn Sinclair, Danielle Younge-Ullman, Dorothy McIntosh, Helen Dowdell, Melanie Benjamin, Sara Gruen, Harry Hunsicker, J. H. Bográn, Maggie Dana, Rebecca Drake, Mary Kennedy, Bryan Smith, Joe Moore, Susan Henderson e tantos outros amigos maravilhosos que me protegem e animam. É uma honra conhecer-vos.

A minha família, pelo vosso amor e apoio, e sobretudo, um enorme e sincero «Obrigada» ao meu marido, Roger. A tua fé inabalável na minha capacidade de escrever este livro significa muito mais do que sou capaz de exprimir.